

SHNAIDER ALVES SANTOS

CONSIDERAÇÕES SOBRE AS ESPECIFICIDADES NA
ESTRUTURAÇÃO DA PSICOSE DO ADULTO E DA
INFÂNCIA

Dissertação apresentada ao programa de Pós-graduação em Psicologia da Universidade Federal de Uberlândia, para obtenção do título de Mestre em Psicologia.

Área de concentração: Psicologia Aplicada.
Eixo: Psicologia da Subjetividade.

Orientador: Professor Dr. João Luiz Leitão Paravidini.

UBERLÂNDIA – MG
2005

Shnaider Alves Santos

Considerações sobre as especificidades na estruturação da psicose do adulto e da infância.

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-graduação em Psicologia Aplicada da Universidade Federal de Uberlândia, para obtenção do título de Mestre.

Área de concentração: Psicologia Aplicada –
Eixo: Psicologia da Subjetividade.

Banca Examinadora:

Uberlândia, 28 de março de 2005.

Prof. Dr. João Luiz Leitão Paravidini – UFU

Prof. Dr. Lazslo Antonio Ávila – FAMERP

Prof.^a Dra. Maria Lúcia Castilho Romera – UFU

A Cristo que, felizmente, dividiu a
(minha) História.

Ao Euripedes, encantadoramente
companheiro e incentivador em todos os
momentos.

AGRADECIMENTOS

À Dona Marly, ao “seu” Irani e ao Júnior, que me possibilitaram um nome e um lugar na estrutura de parentesco.

Aos meus sogros, pela acolhida.

À minha igreja, pela paciência e carinho nestes últimos tempos.

Ao João Luiz, por ter me dado segurança com sua leitura perspicaz e por ter me ajudado a escrever meu nome no trabalho.

Aos colegas e amigos dos grupos de estudos da Clínica Freudiana, que têm me suportado e me dado suporte por meio de nossas discussões profícuas.

A quem primeiro me conduziu ao gosto e respeito pelos textos de Freud e à escuta da psicose, Maria Lúcia.

Ao Christiano, querido amigo e incentivador.

Aos meus analisandos, que constantemente me ensinam a ouvir.

Aos profissionais dos CAPS, pela boa vontade com que me acolheram.

Aos que, mesmo em meio ao sofrimento, dispuseram-se, de boa vontade, a contar, para mim, suas histórias.

SUMÁRIO

CAPÍTULO I	08
1. INTRODUÇÃO	09
1.1 Do sujeito moderno ao sujeito do desejo	09
1.2 Psicose e constituição da subjetividade	14
1.3 O estruturalismo, a estrutura e o sujeito	18
1.3.1 <i>Lacan e a lingüística</i>	26
1.3.2 <i>Lacan e as idéias de Claude Lévi-Strauss</i>	29
1.3.3 <i>Lacan, a estrutura e o sujeito</i>	32
1.4 A estrutura, o sujeito e a psicose	36
1.4.1 <i>A constituição do sujeito</i>	37
1.4.2 <i>Sobre as estruturas clínicas</i>	46
1.4.3 <i>A estruturação da psicose</i>	50
1.5 A criança e a estrutura	53
CAPÍTULO II	69
2. OBJETIVOS	70
2.1 Objetivo Geral	70
2.2 Objetivos específicos	70
CAPÍTULO III	71
3. METODOLOGIA	72
3.1 Procedimentos.....	72
CAPÍTULO IV	74
4. ANÁLISE DOS RESULTADOS	75
4.1 Caso 1 – Rafael.....	75
4.2 Caso 2 – Angélica	85
4.3 Caso 3 – Marcelo	96
CAPÍTULO V	108
5. DISCUSSÃO DOS RESULTADOS	109
CAPÍTULO VI	116
6. CONSIDERAÇÕES FINAIS	117
CAPÍTULO VII	119
7. REFERÊNCIA BIBLIOGRÁFICA	120
ANEXOS	126

RESUMO

Este trabalho de pesquisa busca elaborar algumas considerações sobre as especificidades da estruturação da psicose da infância e do adulto. Para tanto, baseia-se nas conceituações de Lacan acerca do sujeito, estrutura e Outro. Discute-se a forma de apreensão do sujeito e da psicose desenvolvida por este autor que entende o sujeito estruturado pela linguagem que o antecede. Sendo assim, sua estruturação subjetiva define-se na relação com o Grande Outro e o outro semelhante e diz respeito à maneira como esse sujeito responde às questões advindas do simbólico que o causa a partir do desejo. Uma outra premissa fundamental, baseia-se na noção de que a psicose é uma resposta do sujeito às palavras que vêm do Outro, é uma maneira singular de estabelecimento de laço com a linguagem e, por isso, não pode ser tomada da mesma forma que outros quadros clínicos. Essa estrutura subjetiva é apresentada, neste trabalho, como um paradigma da constituição do sujeito. Desta forma, a presente pesquisa intenta especificar os modos de estruturação da psicose da infância e do adulto, tendo como norteadores os três registros – real, simbólico e imaginário. Foram realizadas entrevistas abertas com pais de crianças que apresentam um quadro de psicose, bem como adultos com essa problemática. Por meio da análise das entrevistas foi, possível construir, em cada caso, hipóteses sobre a presença de modos de funcionamento psíquico específicos dos sujeitos e seus pais, bem como a forma de captação do sujeito pelo Outro. Foram analisados 3 casos: 2 crianças e 1 adulto. Empregou-se o método psicanalítico tanto para a realização das entrevistas, como para análise dos resultados encontrados. Nas análises das entrevistas, foram apresentadas e discutidas as histórias de vida dos pais e dos sujeitos, descrevendo os fatores determinantes da insurgência da psicose nesses casos. Conclui-se que, embora haja, segundo a literatura psicanalítica, um mecanismo que especifica de forma geral a psicose, esta apresenta algumas especificidades nas crianças. Observou-se que real, simbólico e imaginário não se articulam da mesma forma na criança psicótica e no adulto psicótico. A falha precoce no simbólico não permite à criança constituir-se, impossibilitando a intricação dos registros. A psicose do adulto, confirmada no momento do surto, traz a particularidade de permitir ao sujeito uma certa amarração dos registros, inexistente na criança psicótica.

Palavras-chave: Estrutura, psicanálise, psicose da infância, psicopatologia, sujeito.

ABSTRACT

This work aims at discussing upon the features of child and adulthood psychosis structure. It is based on Lacan's considerations about the subject, the structure and the Other. The author understands the subject as structured through/by language, which precedes the subject. Therefore, this work discusses the way the subject and the psychosis is apprehended. The subjective structure is defined in relation to the Big Other and the similar other and can be determined by the way this subject responds to the issues derived from the symbolic, being the last the cause of the first through desire. Another fundamental presupposition is that psychosis is a subject's response to the words that come from the Other, it is a singular way to establish a language bond, hence, psychosis cannot be viewed the same way as other clinic cases. Such a subjective structure is presented here as a paradigm of the subject constitution. Based on the three registers Lacan divided – real, symbolic and imaginary -, this research intends to study how psychosis is structured, considering childhood and adulthood. We have interviewed both psychotic children's parents and adults. Thus, due to the analysis of the interviews, we have established, in each case, hypothesis about specific ways of the subjects' and parents' psychic work as well as the way the subject is apprehended by the Other. Three cases have been analysed: two children and an adult. The psychoanalytical method was applied both with the interviews and for the analysis of the results. The analysis of the interviews presented the subjects' and the parents' life stories and described some determinant factors to the manifestation of psychosis appearance in these cases. We could conclude that, despite a general mechanism already described in the psychoanalysis literature, psychosis presents some specific traits in children. Real, symbolic and imaginary are not articulated the same way in the psychotic child and adult. The precocious hole in the symbolic register does not allow the child to constitute him/herself, what makes the articulation of the three registers impossible. Adult psychosis, which can be determined through onset, on the other hand, might allow the subject a certain entangling of the three registers, something impossible in children.

Keywords: Structure; Psychoanalysis; Childhood psychosis; Psychopathology; Subject.

CAPÍTULO I**1. INTRODUÇÃO**

1.1. Do sujeito moderno ao sujeito do desejo

A psicanálise, fundada por Freud em fins de séc. XIX, traz consigo um rompimento com o pensamento moderno. Lacan (1965) nos dirá que o sujeito sobre o qual a psicanálise se debruça é o sujeito da ciência, possibilitado pela modernidade.

Se, como indica Garcia-Roza (2002), a psicanálise não implica continuidade epistemológica alguma com os saberes anteriores a ela, de certa forma, está ligada a eles arqueologicamente. Isso significa dizer que alguns elementos desses saberes tornaram-se pré-condição ao surgimento da psicanálise.

Pretendemos, assim, evidenciar que todo um saber construído pelo homem e que o lançou em um momento da história a que chamamos modernidade, foi o que, também, permitiu a Freud assentar suas bases conceituais acerca da noção de inconsciente e do sujeito que o habita.

A concepção de homem cunhada pela modernidade carrega consigo características que permitirão à ciência seu avanço e, dentro dela, a captura da loucura como uma doença cujo saber se encontrará nas mãos da psiquiatria. Essa forma de a subjetividade se apresentar, faz sua entrada na ciência carregada pelo saber psiquiátrico. O que era, desde sempre, passa a existir como patologia na história moderna do homem. Caberá à psicanálise, em seu percurso, estabelecer uma noção de constituição da subjetividade que tomará a loucura como um paradigma.

Baseado nas concepções de Zygmunt Bauman (1999), no texto “Modernidade e ambivalência”, Luis Cláudio Figueiredo (2003) apresenta sua idéia a respeito da era moderna. Explica Figueiredo (2003) que, em primeiro lugar, a modernidade se caracteriza por uma distinção, na qual, de um lado, se colocam a cultura e a organização política – o que poderíamos chamar de ordem – e, por outro, a natureza, os fluxos, a diversidade – denominada de caos. A ordem será vivida como uma tarefa de purificação, em que a classificação e a identificação dos entes no mundo serão fundamentais para a civilização.

Aponta Figueiredo (2003) que os procedimentos segregadores advindos das classificações geraram inúmeras dicotomias, bem conhecidas hoje, a saber: a divisão entre sujeito e objeto, indivíduo e sociedade, natureza e cultura, mente e corpo. A ciência que nasce com a modernidade ou por causa da modernidade será uma ciência que tem por certo a apreensão do real a partir da neutralidade, imparcialidade de quem a observa. Assim, o real

estará posto, dado, bastando ao homem descrevê-lo. Porém, o avanço da ordenação moderna acarretará uma produção de ambigüidade, pois quanto mais se procura a pureza mais se produz a mistura, portanto, mais desordem tende a aparecer. A psicanálise, de certa maneira, trará, com suas idéias, uma desordem ao sujeito moderno, postulando a sua divisão e incompletude.

Figueiredo nos esclarece que:

“[...] ocorre, portanto e paradoxalmente, uma descoberta indesejada de *contingência* como fruto da procura metódica da ordem e da necessidade; como a desordem é recorrente, o programa reflexivo da modernidade se consolida e aprofunda.” (FIGUEIREDO, 2003, p.13, grifo do autor).

A modernidade constitui um sujeito reflexivo capaz de sustentar uma linguagem de auto-referência subjetiva, criando um discurso universalisante sobre si, porém elevando-o à categoria de indivíduo que o deixou longe de suas questões como sujeito do desejo. À ciência e ao sujeito modernos coube a tarefa de dar sentido ao mundo produzindo um não-sentido, este como um dos produtos associados ao exercício das atividades humanas.

Um novo discurso, então, parece nascer no século XVII, o da ciência. Discurso que se desenvolverá lentamente, mas que determinará a civilização moderna e científica. Menciona Julien (2002) que a tentativa de objetivação fez aparecer a alienação mais profunda do sujeito de hoje, alcançado pela ciência e pela tecnologia. Diante do livre mercado de bens, migração de questões antes outorgadas ao Estado, o homem moderno se esquece da interrogação acerca de seu ser. O enigma do desejo silencia-se em preocupações técnicas de “autoconservação, de promoção burocrática e de rendimentos cifrados.” (JULIEN, 2002, p.30).

A era moderna se traduzirá pelo traumático, ou seja, pelos fracassos da razão bem como da classificação. Aquilo que “escapa, destroça e instiga os poderes da ordem [...]” (FIGUEIREDO, 2003, p.14) se define como traumático, inclusive, as “paixões da alma” ou o afetivo. No mundo moderno, parece haver um não lugar para o afeto, posto ser ambivalente, portanto, fora da ordem. O que caracteriza o ser, ou o que lhe dá garantias de sua existência, será o rechaço de qualquer coisa que possa demonstrar sua ambigüidade, sua incerteza. Daí ser a certeza cartesiana o paradigma da modernidade: “penso, logo sou.” O que caracterizará o homem moderno será sua certeza sobre si.

É, pois, como considera Santos (2001), na trilha do advento da ciência que o sujeito será declarado livre e igual a todos. As revoluções inglesa, francesa e americana

acabaram por fundar a modernidade, destituindo o poder monárquico detentor e centralizador, no qual não se separavam os negócios políticos dos assuntos religiosos. Com a fundação do Estado Moderno, a religião passou, então, a ser um assunto privado e delegado ao pai de família que doravante teria o dever de conduzir seus filhos e esposa.

Assim, nasce o indivíduo sob a égide da liberdade, da igualdade, da fraternidade. Deus será uma crença privada, e a ciência promoverá a generalização do homem. A autora citada acrescenta:

A modernidade elevou o Homem à dignidade de valor central da ideologia individualista, que governa nossa maneira de conceber o sujeito e o laço social. O homem é também um objeto científico ou racional, pois, quando dizemos o Homem, abstraímos toda particularidade, sentimento ou desejo em proveito de uma representação universal. (SANTOS, 2001, p.137).

A psicanálise romperá com tal discurso uma vez que introduz o conceito de desejo. No mundo moderno, apesar de cada vez mais se instalar o indivíduo com suas próprias necessidades e privacidades, o desejo, tal como Freud o postulou, não poderá ser reconhecido. A modernidade não reconhece a diferença, portanto, será um mundo dos homens, que exclui a mulher, pois traz a diferença dos sexos, a criança com sua sexualidade e o louco com seu inconsciente “a céu aberto”.

Freud (1918), de forma genial, nos advertirá que aquilo que não foi simbolizado retorna no real. Ou seja, a diferença do ser, sua incompletude e falta, seu desamparo, seu desejo, não podendo ser reconhecido, simbolizado, retornará no real em forma de gozo capitalista e sintomas no corpo.

A modernidade traz a destituição do Rei, grande e soberano Pai, confinando tal função ao pai de família. Daí as tentativas de Freud em descrever a subjetividade por meio dos mitos do complexo de Édipo e Totem e Tabu.

A ciência nasce como discurso no século XVII, desenvolve-se e determina a civilização moderna científica (JULIEN, 2002). A unificação da ciência é correlata ao desenvolvimento do capitalismo, que cria a lei de mercado, inclusive, o mercado do saber. Os fenômenos não são mais tratados como obras da vontade divina, mas são passíveis de explicações lógicas e objetivas.

A psicanálise criada por Freud vem apontar esse sujeito como perpassado pela diferença e pelo desejo, um sujeito cindido pela linguagem que o constitui. Freud nunca deixou de se interrogar acerca daquilo que era desprezado pela razão e pela ciência moderna. Tanto assim que ergue seu edifício teórico sobre os seus estudos dos sonhos, atos falhos e

chistes. Freud sempre buscou uma verdade para além da verdade objetiva apregoada em seu tempo, qual seja: a verdade do sujeito. A loucura, também rechaçada nos tempos de Freud, seria portadora para este de uma verdade.

Porém, mesmo Freud, na tentativa de que sua invenção fosse aceita nesse mundo da ciência, acaba por tentar capturá-la dentro do parâmetro científico de sua época. A psicanálise não se curvou a esse desejo de Freud que parece ter compreendido o corte, a ruptura que esse novo saber trazia consigo. Em “A história do movimento psicanalítico” (1914), Freud descreve sua descoberta como a terceira ferida narcísica feita à humanidade. Demonstrou, com isso, que sua criação muito mais do que dar continuidade ao saber científico vigente, corta-o, subverte-o. Todavia, que ruptura promove a psicanálise para a modernidade? E que corte faz a psicanálise quando, tal como Freud, nos rendemos a ela? O corte veiculado pelo advento da psicanálise faz emergir a divisão do sujeito ou a divisão do psiquismo humano naquilo que é da ordem do consciente e do que é da ordem inconsciente cuja verdade é veiculada no discurso.

Como afirmamos acima, o paradigma da modernidade advém de Descartes, numa formulação original: “penso, logo sou.” O *cogito* cartesiano apregoa o eu como o lugar da verdade do homem, como entidade integradora, totalizadora. O eu, para a ciência moderna, é senhor de seus atos científicos, de seus pensamentos e de “sua casa”.

Lacan, relendo Freud, subverte a sentença cartesiana e afirma: “penso onde não sou, logo, sou onde não penso.” (LACAN, 1957, p.521). Assim, o humano, para Freud e também para Lacan, está irremediavelmente sentenciado, não à totalidade, mas à divisão de seu psiquismo, a um saber que o transpassa, a uma verdade que deflagra seu desejo cada vez que, falando, não sabe o que está dizendo. A estrutura do sujeito como estrutura de linguagem se faz a partir e pela divisão do psiquismo, que, aliás, é o que funda o humano. Freud nos assinala que a pulsão deve alcançar representação em nosso aparelho psíquico e, possuindo um representante psíquico, ela também terá como lei repetir-se, posto não haver objeto que possa satisfazê-la. O desejo nasce assim: porque sempre nos sobra um resto, impossível de representar, é que o desejo como falta pode ser fundado. Nossa ilusão de completude, de totalidade, bem como de governantes de nossas ações, tudo isso é função do eu, função de consistência essencial à nossa vida, mas que encobre nossa verdade de sujeito.

O sujeito da psicanálise, sujeito do desejo, apresenta-se, portanto, irreparavelmente cortado pelo inconsciente, pela palavra que veicula o estranho que há em nós. Isso se refere a *unheimlich* – o estranho e ao mesmo tempo familiar. Em alemão “não

doméstico”, não de casa, não da casa do eu. Aliás, *unheimlich* é expressão tão cara a Freud em seu maravilhoso texto de 1919 – O ‘Estranho’.

Como dissemos, a psicanálise nasce num contexto moderno, no discurso da modernidade, e é sobre esse sujeito moderno que lança sua luz. Esse sujeito constitui-se enlaçado nas redes dos discursos do nascimento da ciência, portanto, um sujeito escravo do saber universal (SANTOS, 2001). Desse saber estão excluídas a singularidade e a subjetividade, embora haja uma grande apologia ao indivíduo. Para a ciência moderna, a subjetividade apresenta-se como um entrave ao seu progresso. A realidade existe e não depende de quem a enuncia. Assim, para a ciência, a realidade está posta, dada, bastando ao homem apreendê-la. Nesse rechaço da subjetividade, há a produção de um gozo que advém do saber científico e da fantasia de que o homem pode alcançar a verdade única, um saber sobre si, no qual a ciência é a grande produtora desses ideais. A ciência moderna é onipotente, tem status de Deus e pode, portanto, traçar o destino dos homens.

Acontece que, como seres de linguagem, tudo o que construímos, nós o fazemos pela e por meio da linguagem. Então, toda a realidade será por ela construída. Não pode haver uma separação tão clara entre o sujeito e objeto. Se o objeto da ciência é um objeto real, temos a ilusão de que também o objeto de satisfação da pulsão o é. Com a psicanálise, somos confrontados com o fato de que o objeto de satisfação do homem não pode ser encontrado, posto estar perdido desde sempre, pois esse é o preço que se paga para advir como sujeito ao mundo.

Não há objeto real para a pulsão. Ele será construído na interface da realidade psíquica e realidade social. Toda necessidade biológica tem, fatalmente, que ser posta em palavras, criando uma demanda endereçada ao Outro, o que possibilita o surgimento da falta, do desejo como o que falta. Logo, quem fala diz mais ou menos o que quer, podendo dizer também o que não quer. Quem fala nem sempre sabe o que está dizendo. Entre os seres humanos há sempre um desencontro, um mal-entendido, laços sociais inevitáveis. Então é que a satisfação não está garantida, pois necessitará de estruturas sociais e discursivas a fim de encontrar uma satisfação provisória.

A psicanálise se debruça sobre o modo de constituição do sujeito e, como prática clínica – de onde, aliás, nasce toda a teorização –, caminha no sentido do reconhecimento do desejo pelo sujeito. Nesse sentido, tanto o surgimento do desejo quanto seu reconhecimento pressupõe o Outro. Assim, a constituição do sujeito se dará sob a égide de sua relação com o Outro. Para Lacan, em diversos momentos de sua obra, esse Outro poderá ser tanto a mãe que cuida de sua cria, banhando-lhe com significações, quanto a cultura das mais diversas épocas.

Ao sujeito, que antes lançava sua pulsão para seu próprio corpo, buscando satisfação imediata para suas necessidades – narcisismo –, será preciso que o outro da relação possibilite que essa mesma pulsão alcance outros destinos para além da relação entre eles e também para além do corpo. Tal fato só poderá se dar mediante um corte proporcionado pela inclusão de um terceiro nessa relação que chamaríamos narcísica. Entendemos que a subjetividade só pode ser constituída assim, em todas as épocas. Os vários quadros e molduras modificam-se em diversas culturas. O que importou a Freud e importa também aos psicanalistas de hoje é ouvir o sujeito que se vela, ao mesmo tempo em que se desvela no discurso da certeza.

1.2. Psicose e constituição da subjetividade

O interesse da psicanálise pela psicose está intrinsecamente ligado à estruturação do sujeito humano e, assim, é parte substancial de seu arcabouço teórico. Tanto em sua análise do “caso Schreber” (1911) como em “o Homem dos Lobos”(1919), Freud empreende um grande esforço a fim de conceituar o adoecimento psíquico e, por conseguinte, a especificidade da loucura.

Como objetivamos no início, a loucura é definitivamente carregada para dentro do saber científico moderno pelos braços da Psiquiatria. Um novo saber classificatório passa a operar como consequência mesma do sujeito moderno. A razão e desrazão serão colocadas em campos opostos, e o louco portará tudo o que a modernidade procura rechaçar. Não pretendemos aqui traçar um percurso do conceito de loucura, mas apenas mostrar que será nos restos abolidos pela modernidade que Freud encontrará os vestígios para a construção de seu corpo teórico.

O saber científico elevou a loucura à condição de uma doença que, mais do que ser curada, deveria ser domada (GARCIA-ROZA, 2002). Dessa forma, o interesse da psiquiatria não era propriamente uma verdade que o sujeito em sua loucura pudesse proferir, mas, sim, a possibilidade de um quadro classificatório que servisse para segregar, de um lado, os loucos e, de outro, os sãos. A loucura, que parece ter sido desde sempre, passa a se definir por sintomatologias que possam especificá-la. A psicose se constitui, então, como a loucura em sua forma mais radical. Saggese preceitua que: “Psicose é a expressão moderna que qualifica diversos tipos de comportamentos de sujeitos que, através das épocas, foram reconhecidos por diversas denominações, a mais emblemática delas os qualificados como *loucos*.” (SAGGESE, 2001, p.13, grifo do autor).

A psicanálise se interessa pela psicose desde seus primórdios. Freud, sempre atento à fala do sujeito logo vislumbrou na loucura um saber sobre todos os sujeitos. No estudo que empreende das memórias do Presidente Schreber nos informa o seguinte:

A investigação psicanalítica da paranóia seria completamente impossível se os próprios pacientes não possuíssem a particularidade de revelar (de forma distorcida, é verdade) exatamente aquelas coisas que outros neuróticos mantêm escondidas como um segredo. (FREUD, 1911, p.23).

Parece-nos que Freud tinha em mente o fato de que na psicose o sujeito diz, então, daquilo que na neurose fora esquecido pela ação do recalque. Em outro momento desse mesmo caso, Freud afirma o seguinte: “Compete ao futuro decidir se existe mais delírio em minha teoria do que eu gostaria de admitir, ou se há mais verdade no delírio de Schreber do que outras pessoas estão, por enquanto, preparadas para acreditar.” (FREUD, 1911, p.104).

Para Freud, o delírio desvela uma verdade, possui um sentido. À psicanálise interessa a verdade do sujeito, e essa verdade não é produzida pela consciência e muito menos por um questionamento racional. Ela se desvela na presença das falhas do discurso. Com Lacan, o sujeito é consequência do corte que o significante imprime sobre o corpo, o real do corpo. A descoberta do inconsciente proporcionou uma compreensão acerca do corpo, para além do fisiológico, lançando-o nas malhas do significante. Para a psicanálise, a loucura não poderá ser vista como um distúrbio de neurotransmissores ou qualquer “defeito” bioquímico. Ela é tecida no seio, no seio de um desejo.

A esse respeito, Saggese evidencia o seguinte:

Lacan vai reconhecer na produção freudiana uma genial antecipação da lingüística moderna, o que lhe permite formular que *o inconsciente é estruturado como uma linguagem*. Essa fórmula abre novas possibilidades para o desenvolvimento da psicanálise e para a noção de sujeito, compreendida no seu arcabouço teórico. (SAGGESE, 2001, p.31, grifo do autor).

Baseando-se na lingüística estrutural fundada por Saussure (1995), Lacan (1957) afirma que o significante – que juntamente com o significado formam o signo lingüístico – não possui uma relação hermética com o significado, mas que desliza, sendo uma associação sempre provisória, costurada pelo que chamou de ponto-de-estofa. Dessa associação entre significante e significado, mantida pelo ponto-de-estofa ou metáfora paterna, advém a significação. Essa amarração é que detém o contínuo deslizamento da significação, o que permite o aparecimento de sentido dentro do discurso. O que queremos assinalar é que a

significação não está posta *a priori*, pois o sentido nasce da associação entre significantes, havendo entre eles uma costura mesma, algo que nos permite uma comunicação mínima.

O psicótico é aquele que, pela falta de um suporte que o prenda ao processo simbólico, uma âncora que impeça o deslizamento contínuo do significante sobre o significado, estabelece uma relação particular com a linguagem. O delírio funciona como construção, ou tentativa de reconstrução do significante primordial. Ao psicótico nada mais resta que tentar reproduzir pela metáfora delirante aquilo que não foi possível no simbólico. Isso implica um esforço do sujeito de readquirir uma forma de revelar sua verdade singular. Para Freud e Lacan, o delírio é uma forma de se enunciar a verdade, por isso, ele deverá ser ouvido.

Muito mais do que entender a loucura como desrazão ou ainda genialidade, a psicanálise faz dela um paradigma para sua conceituação da constituição do sujeito. Em “Formulações sobre a causalidade psíquica”, Lacan nos dá uma boa pista a esse respeito:

Assim, longe de a loucura ser um fato contingente das fragilidades de seu organismo, ela é virtualidade permanente de uma falha aberta em sua essência. Longe de ser para a liberdade “um insulto”, ela é sua mais fiel companheira, e acompanha seu movimento como uma sombra. E o ser do homem não apenas não pode ser compreendido sem a loucura, como não seria o ser do homem se não trouxesse em si a loucura como limite de sua liberdade. E, para romper essa colocação severa com o humor de nossa juventude, é realmente verdade que, como escrevêramos numa fórmula lapidar na parede de nossa sala de plantão, “Não fica louco quem quer.” (LACAN, 1946, p.177).

Em outro momento de sua obra, Lacan nos parece mais preciso quanto a tomar a psicose como um paradigma dentro da constituição do sujeito:

[...] mais uma vez o que parece eminente é justamente aquilo por meio do qual isso nos abre também essa estrutura psicótica como sendo algo onde devemos sentir-nos em casa. Se não somos capazes de perceber que há um certo grau, não arcaico, a pôr de lado em algum lugar do nascimento, mas estrutural, no nível do qual os desejos são propriamente falando loucos; se, para nós, o sujeito não inclui em sua definição, em sua articulação primeira, a possibilidade da estrutura psicótica, nunca seremos mais que alienistas. (LACAN, 1961-62, p.299).

Com a psicose, somos constantemente lembrados do real que nos acomete, estamos em casa, mas estranhemos a casa, pois esta foi, para os neuróticos, esquecida. Na psicose, há a experiência de ruptura do laço social com o Outro, transportando o sujeito para uma condição trágica, posto ser ele tomado pelo impossível de suportar – o real. A psicose nos dá notícia desse irremediável a que estamos submetidos: fomos tomados por um Outro que nos alienou ao seu desejo. Todos nós tivemos que nascer duas vezes: biológica e

simbolicamente. Nos dois casos, precisamos de um Outro/outro que nos dê vida. Tanto aquele Outro primordial – que, em nossa cultura, chamamos de mãe – quanto o Outro como lugar simbólico portador da lei. Qual é essa lei? A que possibilita ao homem acender ao mundo como sujeito. Uma lei que diz à mãe: “Não incorporarás novamente a teu filho, pois dele não poderás fazer um contigo”. O Outro do neurótico, sendo barrado, está recalcado, embutido, pois é mudo. Na psicose, já que o Outro não é barrado, ele se faz consistente. Ele inunda o sujeito com sua presença maciça, que ameaça, pois se faz ouvir mesmo que não se queira. “O outro do psicótico, por carecer do significante da lei, é um outro absoluto ao qual o sujeito está submetido.” (QUINET, 1997, p.17).

Em Estruturalismo e Psicanálise, Moustafa Safouan escreve a respeito da Lei: “A revolução que a Psicanálise introduz em matéria de ética reside nesta afirmação: o Bem supremo não existe, a Mãe é proibida.” (SAFOUAN, 1968, p. 47).

E continua:

A mãe é proibida porque a satisfação do desejo da mãe significa o fim e a abolição de todo o mundo do pedido: ou o sujeito aceita essa renúncia, essa Dívida que não contraiu, e o desejo, a partir da falta que assim se enraíza, estará em condições de se dirigir para o objeto, de encontrar-se com o pedido em que o sujeito põe sua fé, de se fazer reconhecer enfim – e a Lei não tem no fundo outro sentido senão o da preferência que se deve dar a outra mulher [outro objeto] que não seja a mãe. (SAFOUAN, 1968, p.52).

Portanto, se nascemos duas vezes, na psicose temos um não nascimento no simbólico, ficando o corpo impedido de ser banhado nas águas do significante. Ele estará imerso no real, preso do lado de fora da ordem simbólica.

Assim, se na leitura que faz Lacan de Freud ele busca especificar mecanismos preponderantes na psicose, como estruturas subjetivas, nem por isso deixa de vislumbrar nela a possibilidade de compreender a noção de constituição do sujeito. Isso não denota que todos os sujeitos sejam loucos, mas, sim, que a verdade vivida com dor na psicose é uma verdade estrutural de cada sujeito. Como sugere Saggese (2001), Lacan tenta lançar luz às principais questões levantadas por Freud acerca do inconsciente e da psicose, quais sejam: que mecanismo torna possível a perda da realidade; a reconstrução dessa realidade por meio do delírio; e aquilo sobre o qual este projeto versará – o processo de desencadeamento do fenômeno psicótico. Incluímos, aqui, as especificidades da psicose da infância.

Lacan irá trabalhar no sentido de dar um maior rigor aos conceitos freudianos por intermédio de sua interlocução com as ciências de sua época. Seus questionamentos, por vezes, tiveram a psicose como ponto de partida. Pretendemos, então, traçar o percurso que

Lacan empreendeu no sentido de tentar reler a obra de Freud com base nas contribuições advindas dos estruturalistas.

1.3. O estruturalismo, a estrutura e o sujeito da psicanálise

Indicamos, há pouco, que Freud, imerso em uma época na qual o paradigma de ciência vigente era o das ciências naturais, acaba por tentar, pelo menos nos primeiros anos, transformar sua jovem criação – a psicanálise - em ciência com base na neurologia. Graças à sua genialidade, percebeu que o nascimento mesmo de sua invenção trazia em si um rompimento com o pensamento vigente.

Lacan, vivendo a efervescência de um tempo de grandes construções intelectuais, tempo de contestações dos moldes, inclusive da psiquiatria, também desejou dar um estatuto científico à psicanálise. Entendia que esta deveria dialogar com outras áreas do saber, tais como a lingüística, a antropologia, a filosofia e, inclusive, a matemática. Tomará destas disciplinas alguns conceitos que, seguramente, já não poderão mais ser lidos da mesma forma, pois Lacan produzirá transformações, dilaceramentos que possibilitarão a construção de seu corpo teórico.

Personagem polêmica e controvertida, Lacan, com tais leituras, certamente, ganhará vários críticos em todas as áreas, exatamente por fazer com os conceitos de outrem aquilo que parecia lhe servir para ler Freud. Aliás, nesse ponto é que se justifica, pois entende que Freud, como um grande pensador e descobridor, foi também um antecipador de idéias e conceitos difíceis de ser acompanhados e lidos por aqueles de seu tempo e também os da primeira geração de analistas depois dele.

Lacan, redigindo um prefácio para os Escritos, “De um desígnio”, esclarece-nos acerca de seu retorno a Freud: “O efeito de verdade, que se desvela no inconsciente e no sintoma, exige do saber uma disciplina inflexível para seguir seu contorno, pois esse contorno vai no sentido inverso ao de intuições muito cômodas para sua segurança.” (LACAN, 1966, p.367, grifo nosso).

O inconsciente para Lacan é um lugar de saber que o sujeito veicula, mas ao mesmo tempo ignora. É um saber, pois que leva o sujeito a dizer sem que esse saiba de fato o que está dizendo, além de fazê-lo repetir seu dito em outro tempo. Como seguir seu contorno sem lançar mão de uma escuta inflexível, no sentido de dar à fala, mais especialmente ao significante, seu lugar por excelência? Como seguir seu contorno sem lançar mão disciplinadamente daquilo que Freud nos deixou em suas três grandes obras inaugurais: A

interpretação dos sonhos (1900), A psicopatologia da vida cotidiana (1901), Os chistes e sua relação com o inconsciente (1905)?

Quando Lacan aborda o conceito de inconsciente, mostra que, se há uma ciência piloto, esta será a lingüística da qual podemos adotar conceitos visando à construção e ao resgate do corpo teórico psicanalítico. Nos primeiros anos de seu edifício teórico – aquele a que convencionamos chamar de Campo da Linguagem¹ – no qual a grande sentença será: “o inconsciente é estruturado como linguagem”, Lacan não afirma que o inconsciente é linguagem, mas que há regras estruturais comuns ao inconsciente e à linguagem. Isso possibilitou um avanço na psicanálise, pois nos apresenta um dinamismo do inconsciente que é estruturado, dando-nos condições de concebê-lo como uma cadeia de significantes que deslizam e não como um depósito de coisas dadas e concluídas.

O passo de Lacan no sentido de dar um contorno formal à psicanálise foi encontrando nas formalizações sobre o homem, aparentemente, fora da psicanálise, seu veículo de acesso à obra freudiana. Especialmente dois modelos: aquele ligado à lingüística que pôde restituir à fala seu lugar na experiência analítica; e aquele ligado à antropologia, que pôde postular o simbólico também como uma experiência eminentemente humana para além do real e imaginário.

Mais adiante nesse mesmo texto, Lacan pontua que:

Nosso retorno a Freud tem um sentido completamente diferente por dizer respeito à topologia do sujeito, a qual só se elucida numa segunda volta sobre si mesma. Tudo deve ser redito numa outra face para que se feche o que ela encerra, que certamente não é o saber absoluto, mas a posição de onde o saber pode revolver efeitos de verdade. (LACAN, 1966, p.369).

Isso quer dizer que somente o sujeito, numa dada posição frente ao seu dito e tomado por este, é que um certo efeito de verdade poderá transpassá-lo para além desse dito, proporcionando o surgimento de um dizer que é de outro lugar – do inconsciente.

O retorno a Freud não é, pois, um retorno a um mesmo lugar, uma vez que o ponto de partida se faz atravessado por todo um contexto histórico que diz respeito tanto à psicanálise quanto a qualquer outro campo. Re-torno que promoveu uma nova ruptura, um novo descentramento no saber, inclusive, psicanalítico. O retorno de Lacan, nesse aspecto, foi

¹ O outro momento lógico pontuado por alguns autores é o Campo do Gozo com a máxima: “a relação sexual não existe”. Esse momento marca a conceituação mais rigorosa acerca do real, denunciando um furo no simbólico incapaz de abarcar toda a estrutura do sujeito.

freudiano, porque possibilitou que o caráter disruptivo do método psicanalítico se apresentasse novamente.

Mesmo com todas as tentativas de Freud de se fazer reconhecer ou demonstrar a importância de sua descoberta, foi um profeta sem honra ou, no mínimo, pouco compreendido. Isso, devido, talvez, ao fato de que, para se retornar ao sentido da sua obra, fosse necessário, primeiramente, constatar o descentramento em relação aos outros saberes vigentes, inclusive o do sujeito em relação a si mesmo. Em segundo lugar, parece-nos, dado o caráter por vezes antecipatório da obra, que se fez preciso aguardar que outras áreas se fundassem a fim de que o retorno ao texto freudiano se realizasse. A descoberta da psicanálise abriu possibilidades a um movimento em direção a novos saberes e esses saberes sobre o homem, posteriores a Freud, seriam usados para se retornar. Esse percurso parece acontecer cada vez que grandes homens promovem grandes feitos ainda incompreensíveis por suas épocas.

Maфра nos diz que:

Não é tão difícil dimensionar que uma descoberta como a de Freud precisasse de tempo para operar sua inscrição. Por mais que os adeptos da Psicanálise e mesmo os primeiros analistas ent vissem a gravidade do que com ela se anunciava, a sofisticação com que Freud enuncia tamanha insurgência, até então latente na cultura, exigia refazer as lentes especulativas legisladas pela Filosofia e pelo *Cogito* cartesiano. (MAFRA, 2000, p.130).

Será por volta da década de 1950 que o sentido da letra de Freud será estabelecido dentro de um contexto profundamente fecundo na história do saber no mundo ocidental. O contexto a que estamos nos referindo denominou-se o fenômeno estruturalista. Ele se funda na França e reúne grandes pensadores ao seu redor. Jacques Lacan será um deles. Após sua tese de doutorado, na qual se apresenta como psiquiatra e não psicanalista, é tomado pelos avanços antropológicos e lingüísticos de seu tempo.

Nas leituras sobre o estruturalismo, tivemos a impressão de que se tratava de alguns estruturalismos, e por essa razão, pareceu-nos relevante pesquisar qual de fato é a noção de estrutura para Lacan e com qual se trabalha, quando se faz um diagnóstico estrutural, ponto capital para este trabalho. Parece óbvia essa colocação, mas há noções sobre inconsciente, sobre sujeito, invariabilidade etc. que para caberem na psicanálise tiveram que ser “antropofagizadas” por Lacan. Aliás, Souza utiliza a mesma expressão para dizer das apropriações lacanianas que se fizeram pelas suas incursões a outros lugares do conhecimento:

Esses lugares seriam freqüentados através de uma “lógica elástica” ou mesmo com um tipo de “leitura em diagonal”, já bastante conhecido dos matemáticos. De sua parte, quando os visitou, tomou seus textos produzindo dilaceramentos ou, talvez, realizando mesmo uma certa antropofagia. Eles eram geralmente apropriados por partes, em pedaços, e se transformavam num novo texto. (SOUZA, 2004, p. 15).

Nossa idéia é exatamente discorrer sobre as pedras básicas postuladas pelos ditos estruturalistas para, em seguida, procurarmos mostrar em quais dessas pedras Lacan se assentou a fim de elaborar sua teoria.

O estruturalismo foi um grande movimento que acabou por envolver vários pensadores de vários campos, que nos parece terem usado o método estruturalista, cada qual, de certa forma, a seu modo.

Deleuze (1980) chega a discutir o fato de que pensadores diferentes sejam tidos como estruturalistas. Ressalta Deleuze que, na verdade, o importante é a extrema diversidade de seus campos e problemas. Embora em domínios diferentes, alguns dos grandes nomes do último século estiveram ligados ao movimento estruturalista, a saber: Jakobson na lingüística; Lévi-Strauss na antropologia; Lacan na psicanálise; Foucault na filosofia; Althusser no marxismo; e Barthes na crítica literária.

Dosse (1993) aponta o êxito obtido pelo estruturalismo nos anos 1950 e 60 bem como a adesão dos intelectuais da época. Como método, trazia consigo um rigor capaz de ocasionar progressos decisivos para a ciência. Informa-nos o autor: “O estruturalismo constitui um momento particular da história do pensamento suscetível de ser qualificado como o tempo forte da consciência crítica.” (DOSSE, 1993, p.13). A razão para o grande sucesso dessa corrente esteve no fato de garantir um lugar aos saberes marginalizados nas instituições que detinham o saber da época, levando as ciências sociais a um grande avanço.

Para termos uma idéia da enorme influência do estruturalismo sobre o pensamento ocidental, Dosse (1993) nos dá notícia de uma pesquisa de opinião realizada na França em 1981. A pergunta era: “Quais são os três intelectuais vivos, de ambos os sexos e de língua francesa, cujos escritos lhe parece exercerem, em profundidade, a maior influência sobre a evolução das idéias, das letras, das artes, das ciências, etc?” As respostas foram: 1º Claude Lévi-Strauss; 2º Raymond Aron; 3º Michel Foucault e, em 4º, Jacques Lacan (DOSSE, 1993, p.15). Todos, de alguma forma, ligados ao movimento estruturalista.

O termo estrutura, segundo o Dicionário de Trévoux citado por François Dosse, quer dizer “maneira como um edifício é construído.” (TRÉVOUX, 1771 apud DOSSE, 1992, p.15). Embora tomado da arquitetura, expande-se para outras áreas, sendo usado para descrever “a maneira como as partes integrantes de um ser concreto organizam-se numa

totalidade.” (DOSSE, 1992, p.15). O marco inaugural do estruturalismo, como método, dar-se-á com Saussure em seu “Curso de Linguística geral” (1995), obra póstuma, na qual o termo empregado não será especificamente estrutura, mas sistema. Na verdade, o uso mesmo do termo estruturalismo virá com a escola de Praga, especialmente com Jakobson.

Lepargneur define assim o estruturalismo:

O estruturalismo é profundamente procura de inteligibilidade. É um modo de afirmar a inteligibilidade profunda do que existe e de afirmar uma fé na capacidade da razão humana de atingir algo dessa inteligibilidade. O estruturalismo lingüístico nasceu quando Ferdinand de Saussure pretendeu atingir leis gerais do funcionamento de uma língua. O estruturalismo etnológico nasceu quando Claude Lévi-Strauss pretendeu atingir leis gerais do funcionamento de certas estruturas culturais, especificamente aqueles que regem os sistemas de parentesco ou as que regem a produção dos mitos em culturas arcaicas. (LEPARGNEUR, 1972, p.5-6).

Como podemos perceber, o estruturalismo buscou um lugar para as disciplinas humanas, porém, apesar de trazer para o cerne das discussões a questão da verdade dada, o real apreensível postulado pelas ciências naturais, ele visou à apreensão de leis, embora simbólicas, mas gerais do funcionamento das estruturas de linguagem, estruturas culturais e estruturas do sujeito. A crítica sobre o estruturalismo se deu, portanto, pelo fato de ser um método que, em certa medida, devido ao ideal de formalização, tendia a esvaziar a ação humana de sua individualidade. O indivíduo passa a ser comandado pelas leis da estrutura, assujeitado a ela de certa forma. Apesar de transitar entre o singular e o universal, apresentando leis de funcionamento da estrutura, a tônica parece ser o simbólico como elemento universal regendo tal estrutura.

Além dessa definição geral, desejamos mesmo que de forma resumida, indicar alguns critérios que nos façam reconhecer o estruturalismo. Deleuze (1980), transformando a pergunta “o que é o estruturalismo” em outra “em que se pode reconhecer o estruturalismo”, assinala aquilo que chama de “os critérios formais” de reconhecimento.

A estrutura só existe porque há linguagem e, portanto, o simbólico será o primeiro critério contado, além do real e imaginário. A ordem simbólica, primeiro dos critérios, é o que especifica a linguagem, o que podemos entender que divide o ser humano, mais especificamente, o que possibilita a passagem natureza – cultura. Nesse texto, Deleuze considera que o real se caracteriza por ser da ordem do um, posto carregar consigo o ideal de apreensão do verdadeiro; o imaginário da ordem do dois em um, logo, da imagem. É a imagem dupla do espelho. O simbólico é que permite, a partir do três, a circulação das posições dentro da estrutura. O simbólico trata de “uma combinatória referente a elementos formais que, em si mesmos não têm nem forma, nem significação, nem representação, nem

modelo funcional hipotético, nem inteligibilidade por detrás das aparências.” (DELEUZE, 1980, p.275).

Pelo fato de o elemento simbólico não remeter, *a priori*, nem a conteúdos existentes nem a imaginários, eles apontam para um sentido que, na verdade, advém de uma posição. Esse é o segundo critério estabelecido por Deleuze (1980), qual seja, o local ou de posição.

Uma das revoluções exercidas por Saussure (1995) no estudo da língua está exatamente no fato de que o valor do signo lingüístico é tributário de uma relação de diferença estabelecida dentro do sistema. Ao contrário das concepções da época, segundo as quais a língua se constituía num conjunto de nomenclaturas que davam nomes aos objetos existentes, o valor do signo está, sim, no fato que depende da posição para que o significado possa aparecer e ainda de sua posição em relação aos outros signos. O valor do signo lingüístico é de pura dependência posicional. Isso se entrelaça ao terceiro critério do texto, chamado de o diferencial e o singular, pois essa pura diferença é propiciadora de novos rearranjos que podem determinar toda uma diferença na estrutura, assinalando uma singularidade de relações. Explica Deleuze (1980) que toda estrutura possui dois aspectos importantes que se traduzem por ser um sistema de relações diferenciais em que os elementos se determinam de forma recíproca e por ser um sistema de singularidades justamente como produto dessas relações que, por essa singularidade, traça o espaço da estrutura. Se toda estrutura é uma multiplicidade, a questão “há estrutura em qualquer domínio? Deve pois, ser assim precisada: podemos, neste ou naquele domínio, extrair elementos simbólicos, relações diferenciais e pontos singulares que lhe são próprios?” (DELEUZE, 1980, p.281).

E responde:

Os elementos simbólicos encarnam-se nos seres e objetos reais do domínio considerado; as relações diferenciais atualizam-se nas relações reais entre esses seres; as singularidades são outros tantos lugares na estrutura, que distribuem os papéis ou atitudes imaginárias dos seres ou objetos que vêm ocupá-los. (DELEUZE, 1980, p.281).

O que importa é descobrir em cada domínio as relações estabelecidas. Essa noção parece ter auxiliado Lacan na leitura que faz do mito de Édipo, uma vez que o estabelece não como forma imaginária universal, mas como modo de articulação de elementos tomados a partir das suas relações diferenciais, que, por sua vez, só poderiam ser apreendidos por meio da posição dos outros elementos da estrutura. Sobre esse tema, nós voltaremos mais adiante, quando abordarmos a constituição do sujeito para a psicanálise.

A estrutura será necessariamente inconsciente. Mas as relações entre os elementos simbólicos poderão atualizar-se. Antes, porém, de nos determos nesse quarto critério chamado por Deleuze (1980) – o diferenciante, a diferenciação –, uma palavra sobre os elementos simbólicos parece-nos necessária. Em que consistem eles? Constituem-se em elementos invariáveis, comuns a toda estrutura. Se nos detivermos ao modelo lingüístico, podemos tomar dele os fonemas – menores unidades lingüísticas – comuns às línguas, mas que, todavia, se apresentam também como valor diferenciador dentro da estrutura. Tais fonemas funcionariam como diferenciadores na estrutura, por serem unidades básicas das línguas. Lacan também nos apresenta elementos simbólicos mínimos que compõem a estrutura do sujeito em psicanálise, a saber: o sujeito, o Outro, o desejo, a Lei.

Como relatamos, embora as estruturas sejam inconscientes, elas se atualizam. O que é atual, declara o autor “é aquilo em que a estrutura se encarna, ou antes, aquilo que ela constitui encarnando-se.” (DELEUZE, 1980, p.283). São as relações entre os elementos que se atualizam. Assim, o valor diferenciador da estrutura está no fato de que seus elementos estabelecem relações presentes ou passadas, diferenciando-se no tempo e espaço. A estrutura é um sistema de relações diferenciais, mas ela também diferencia “os seres e as funções nas quais ela se atualiza.” (DELEUZE, 1980, p.285).

O quinto critério denominado serial estabelece que, por consequência do caráter diferenciador, a estrutura não é estática, apresentando uma dinâmica que só pode ser definida em, no mínimo, duas séries. Os elementos simbólicos, sustenta Deleuze (1980), tomados nas suas relações diferenciais, organizam-se em séries. Significa dizer que os elementos de uma série estão também referidos à outra, formada por outros elementos simbólicos e outras relações.

No Seminário sobre “A carta roubada” (1966), Lacan, comentando o conto de Edgar Allan Poe, esclarece-nos que tal conto tem uma estrutura organizada em duas séries, duas cenas que se relacionam entre si. A primeira é constituída pelo rei, a rainha, o ministro e a carta, que é roubada pelo ministro e que pode comprometer a rainha, caso o rei venha saber de seu conteúdo. Como um deslocamento da primeira cena, temos a segunda, na qual os personagens envolvidos são a polícia, o ministro, o detetive Dupin e a carta roubada, que será recuperada sem que cheguemos a saber qual o seu verdadeiro teor. Lacan utiliza esse conto para mostrar que é em torno do significante, termo que toma da lingüística, que as séries se estruturam. A ordem simbólica determina os lugares simbólicos que os sujeitos ocupam. O que permite às cenas uma conexão. Na verdade, é a carta roubada, que em si não significa nada, mas é significante, o que possibilita as relações entre os sujeitos, bem como a circulação

dos papéis. Esse significante permite a construção de uma nova série, na qual as posições se alteram de algum modo.

Por semelhante modo poderíamos evocar, como faz Deleuze (1980), o caso descrito por Freud, “O homem dos Ratos” (1909). Nele se desdobram duas séries, duas cenas nas quais quatro termos estão relacionados segundo uma ordem de lugares em relação, entretanto, com um outro que rege as cenas. Os elementos constituintes tanto da cena paterna quanto da cena do filho são a dívida, uma mulher rica, uma mulher pobre e o sujeito. O elemento simbólico dívida, assim como a carta roubada, é o que faz circular os outros elementos da estrutura. Ao modo de uma “casa vazia” - sexto critério –, esse elemento simbólico é o que distribui as diferenças, fazendo “variar as relações diferenciais com seus deslocamentos, o objeto = x constitui o diferenciador da própria diferença.” (DELEUZE, 1980, p.293).

Nas palavras do autor:

Com efeito, é em relação a ele que a variedade dos termos e a variação das relações diferenciais são determinadas de cada vez. As duas séries de uma estrutura são sempre divergentes (em virtude das leis da diferenciação). Mas este objeto singular é o ponto de convergência das séries divergentes enquanto tais. (DELEUZE, 1980, p.291).

A estrutura comporta um elemento terceiro, como mostramos, a ordem simbólica, que, além de organizador de relações, é também um elemento com propriedades distintas dos outros, pois, ao mesmo tempo em que organiza a estrutura, apresenta-se como contraditório. Nisso reside o caráter paradoxal da estrutura. Justamente pelo fato de os elementos simbólicos estabelecerem uma relação de pura diferença, como definimos acima, é que há a necessidade do elemento organizador, que, em si mesmo, carregue a contradição, para que a estrutura tenha um mínimo de estabilidade.

Para uma compreensão do nível estrutural, precisamos localizar um elemento que garanta aos outros uma nitidez. Freire, citando as idéias de Miller acerca da pura diferença dos elementos da estrutura, aponta que:

[...] se um elemento não é idêntico nem a si mesmo, então a noção de verdade fica abolida, posto que o verdadeiro é uma noção intimamente ligada ao princípio de identidade, ao permitir a substituição dos idênticos entre si. A pura diferença, portanto, ao abolir a verdade e a identidade, ameaça dessa forma a própria possibilidade de se usar a língua sem produzir uma enorme confusão e mistura entre os termos, na medida em que, se não há identidade, então também não se pode minimamente sustentar a distinção entre um termo e outro da língua. (FREIRE, 2001, p.54).

O elemento organizador, mas que traz em si a contração de todo o sistema, é, para Lacan, o falo simbólico, mais especificamente, a função fálica portada pelo pai simbólico. Este objeto = x, que em si não comporta significação alguma, mas que permite ao sujeito situar-se na partilha dos sexos, constitui-se em um objeto contraditório, paradoxal, pois não é portado por ninguém, ao mesmo tempo em que é reconhecido no pai simbólico. Queremos enfatizar, com isso, que é à medida que esse objeto desliza de uma série à outra, fazendo circular as posições dos sujeitos em cena, que um mínimo de ordem é estabelecido na estrutura. O pai como aquele que opera na estrutura para a psicanálise é, ao mesmo tempo o portador do falo, porém, para que haja, então, possibilidade de estruturação do sujeito, é, também, o pai morto, o qual pode garantir o funcionamento da estrutura². Assim, a função da casa vazia surge exatamente porque permite o desdobramento estrutural das séries.

Com a descrição desses pontos gerais, podemos indicar, aqui, um certo percurso de Lacan pela teoria dos ditos estruturalistas. Pretendemos, agora, focar os conceitos de alguns deles transportados por Lacan para o seio da psicanálise.

1.3.1. Lacan e a lingüística

O movimento estruturalista, como afirmamos, toma sua base da lingüística de Saussure, cujos postulados acabam por revolucionar a abordagem da língua, mostrando que esta constitui um sistema no seio do qual os signos se combinam e evoluem de uma feição que se impõe aos atores e segundo leis que lhes escapam.

De Saussure, Lacan toma a teoria do signo e do valor lingüístico para formalizar sua leitura de Freud fundada na primazia do significante.

Saussure (1995) promoveu uma revolução no estudo das línguas à medida que introduziu a dimensão sincrônica. Até a elaboração de suas idéias, a língua só era estudada em seu caráter histórico, segundo as transformações morfológicas e gramaticais a que a língua estava submetida ao longo do tempo. Essa forma de estudo da língua é denominada diacrônica. O estudo desse autor postula que a apreensão das significações de uma palavra não pode ser reduzida ao estudo somente histórico, mas depende de um sistema de leis da

² Fazemos aqui uma alusão ao mito freudiano descrito em “Totem e Tabu”, segundo o qual o pai na condição daquele que detinha o poder sobre todas as mulheres, podendo gozar com todas elas, causava uma impossibilidade aos filhos. À medida que esses filhos se rebelam e matam o pai, têm, não a possibilidade de gozar com todas as mulheres, assim como o pai, porém, de se situarem na partilha dos sexos. Isso nos permite dizer que a contradição está no fato de que ao mesmo tempo em que havia ao menos um não castrado, com a rebelião, institui-se uma Lei a que todos estão sujeitos, porém que só pôde ser enunciada com a morte o pai tirano. A lei, a partir de então, traduz-se em “todos são castrados”.

língua. Sendo assim, a significação para Saussure deveria ser apreendida com base nas relações dos elementos. Saussure (1995) procura estabelecer as propriedades lógicas das línguas. Assim, postula que a linguagem se constitui na língua mais a fala, restringindo-se ao estudo da língua.

Concebe a língua composta por signos lingüísticos que só podem adquirir valor das relações de oposição que estabelecem entre si. Assim, o novo signo lingüístico é concebido como uma entidade psíquica de duas faces: um significante e um significado. O signo lingüístico é concebido por Saussure (1995) como uma unidade dentro da comunicação responsável pela própria existência humana. (SOUZA, 2004).

A nova forma de definir o signo postula que este se traduz em uma entidade psíquica de duas faces, como referimos, na qual os termos se apresentam numa relação de associação entre a imagem acústica do signo e o conceito. A imagem acústica não é apenas e tão somente o som material, mas, sobretudo, uma marca psíquica que se liga a um conceito. O signo lingüístico, segundo este autor, não liga uma coisa a um nome, mas um conceito a uma imagem acústica:

O signo lingüístico une não uma coisa e uma palavra, mas um conceito e uma imagem acústica. Esta não é o som material, coisa puramente física, mas a impressão (*empreinte*) psíquica desse som, a representação que dele nos dá o testemunho de nossos sentidos; tal imagem é sensorial e, se chegamos a chamá-la “material”, é somente neste sentido, e por oposição ao outro termo da associação, o conceito, geralmente mais abstrato. (SAUSSURE, 1995, p.80).

Além dessa diferenciação que Saussure estabelece em relação aos estudos anteriores, segundo os quais a língua era uma nomenclatura, uma “lista de termos que correspondem a outras tantas coisas” (SAUSSURE, 1995, p.79), descreve também dois princípios fundamentais referentes ao signo lingüístico, que são: a arbitrariedade do signo e o valor do signo.

O arbitrário do signo designa exatamente o fato de que não há elo necessário entre os elementos do signo, entre significante e significado. Não há, a rigor, nada intrínseco ao significante que o una ao significado, embora devamos entender que, ao sujeito falante, não é dado o direito de mudar os signos. Isso pode sim, acontecer ao longo do tempo e por uma ação, não de um indivíduo, mas pelo uso da língua. Assim temos, de tempos em tempos, palavras que são acrescentadas à nossa língua, fato corroborado pelo uso comunitário dos signos. Há, sim, uma lei, que, perpassando todo sujeito, o submete a essa associação entre os elementos do signo, sob a pena de não se fazer entender. A ligação dos termos, segundo o autor, não mantém nenhuma relação natural com a realidade.

A segunda propriedade postula que o signo lingüístico não possui valor algum, *a priori*, porém seu valor se dá exatamente porque, numa seqüência linear e temporal, o signo relaciona-se a outros, advindo daí uma significação. O valor resulta de uma relação ligada à posição de cada signo dentro do sistema da língua. Esse conceito é crucial para a psicanálise, pois postula que o sentido daquilo que o sujeito fala só advém da associação entre todos os elementos de seu dizer e retroativamente. Assim, da mesma forma, os elementos estruturais do sujeito não possuem valor separadamente, mas, na linearidade e espacialidade a que estão submetidos.

Esclarecido isso, queremos ressaltar que Lacan (1957) promove uma subversão do signo lingüístico quando inverte a representação deste por Saussure. Este assim o denota: significado sobre significante, escrevendo uma barra entre eles, demonstrando uma certa correspondência dos termos, uma unidade do signo. Lacan o escreve assim: significante sobre significado, asseverando que a barra representa uma certa autonomia do significante em relação ao significado e que, além disso, representa duas ordens distintas que resistem à significação. Lacan quebra a unidade do signo e define uma autonomia do significante sobre o significado, que é ela própria produtora de sentido. Essa diferença talvez se deva ao fato de que Saussure estudando a língua e pondo de lado a fala como ato individual, não reconhece o sujeito. Lacan, ao contrário, e até mesmo pela psicanálise, utiliza a estrutura como modelo, mas nela insere o sujeito com sua singularidade, mesmo que traga seu atravessamento irremediável pela ordem simbólica. A autonomia do significante em relação ao significado para Lacan, se dá porque, mesmo sendo os processos languageiros inconscientes e estando o sujeito submetido a eles, quando fala, enuncia uma verdade singular, própria, mesmo que se utilize de leis universais da linguagem.

Contudo, Lacan não se restringiu aos postulados de Saussure, indo buscar em outro lingüista, Roman Jakobson (1988), que, estudando as afasias, sustenta que falar, na verdade, implica efetuar duas séries de operações, quais sejam, selecionar no léxico um certo número de unidades lingüísticas e, ao mesmo tempo, combinar essas unidades escolhidas. Assim, o discurso opera segundo dois eixos que chamou de eixo metafórico – da seleção – e o eixo metonímico – da combinação. Como já sabemos, isso estará em aproximação com os processos descritos por Freud em “A Interpretação dos sonhos” (1900), a condensação e o deslocamento, mecanismos próprios do processo primário e que estão presentes nos sonhos, nos atos falhos, nos sintomas, nos chistes.

Como vemos, munido desses conceitos, Lacan pôde imprimir sua leitura do inconsciente freudiano como sendo regido por leis que o aproximavam das leis da linguagem

e que, como já relatamos, lançava fora a idéia do inconsciente como sede de instintos, num caos e, portanto, sem ordenação.

Lacan, numa entrevista concedida em 1966, informa-nos o seguinte:

Quando realiza uma análise do inconsciente, a qualquer nível, Freud sempre faz uma análise do tipo lingüístico. Freud havia inventado a Lingüística, antes que esta nascesse. O senhor me pergunta em que me distinguia de Freud: nisto, no fato de que eu conheço a Lingüística ele não a conhecia e, portanto, não podia saber que o que fazia era Lingüística, e a única diferença entre sua posição e a minha se baseia no fato de que eu, abrindo um livro seu, em seguida posso dizer: isto é Lingüística. Posso dizê-lo porque a Lingüística apareceu alguns anos depois da Psicanálise. Saussure a começou pouco depois de que Freud, na “Interpretação dos Sonhos”, tivesse escrito um verdadeiro tratado de Lingüística. Esta é a minha distância de Freud. (LACAN, 1966 apud MAFRA, 2000, p.173).

É bom, entretanto, que não nos enganemos, pois o que da lingüística interessa a Lacan nada mais é do que apreender, por meio dela, as leis de regência do inconsciente. O pilar sobre o qual sempre esteve assentada a psicanálise a faz distanciar-se da lingüística. A clínica parece-nos o divisor de águas, e Lacan deixou isso claro, pois era a clínica que exigia dele uma conceituação mais rigorosa tirada de outros campos do saber. Assim, apesar de a lingüística constituir-se em um campo de interlocução valioso, seus objetos de investigação se distinguem nitidamente dos da psicanálise.

1.3.2. Lacan e as idéias de Claude Lévi-Strauss

Nos anos de 1950, as análises de Lévi-Strauss dos sistemas de parentesco possibilitaram pensar que o homem, encarado como ser pensante, social, de linguagem, poderia enfim, ser objeto da ciência. Para Lévi-Strauss, a estrutura possui uma organização lógica implícita, um fundamento objetivo aquém da consciência e do pensamento – estruturas inconscientes. Então, o estruturalismo straussiano visará pôr em evidência essas estruturas inconscientes.

Para Lévi-Strauss, far-se-á necessário atingir a estrutura inconsciente, elementar, subjacente a cada instituição, independente do costume, ou lugar, a fim de obter uma interpretação válida para outros costumes, outras civilizações. Em outras palavras, os estruturalistas trabalham com a noção de elemento invariável, ou seja, em qualquer sociedade existem estruturas elementares universais que garantem a condição do animal homem tornar-se humano.

O que interessa a Lévi-Strauss (1982) é o acontecimento originário que promove a passagem determinante da natureza à cultura. Suas observações e estudos permitem-lhe

construir a hipótese de que dois fatos teriam sido fundamentais para essa dita passagem. O primeiro deles foi a interdição das relações sexuais entre membros de um mesmo clã, ou seja, a proibição do incesto, “comportamento imutável para além da diversidade das sociedades humanas.” (DOSSE, 1993, p.40). O segundo fato, obtido como consequência, foi a regulamentação das trocas de mulheres entre as comunidades. Dá um grande passo em relação às abordagens tradicionais, nas quais tal fato era tomado em termos morais e não no plano da possibilidade da vida social. Além disso, promove uma desbiologização do fenômeno da proibição do incesto e, também, permite outro olhar para tal fato, porquanto, até aquele momento, essa proibição era vista como uma resposta à consangüinidade. A proibição do incesto “exprime a passagem do fato natural da consangüinidade ao fato cultural da aliança.” (DOSSE, 1993, p.70).

Dosse afirma que “Lévi-Strauss realiza nesse ponto um importante deslocamento, ao romper com o naturalismo que cercava a noção de proibição do incesto e ao fazer desta a pedra de toque da passagem da natureza para a cultura.” (DOSSE, 1993, p.41). Assim, o fato social nasce desse sistema de trocas fundado pela interdição.

Estabeleceu, então, um número limitado de prática matrimoniais possíveis, ao que chamou de estruturas elementares de parentesco. Segundo Dosse (1993), Lévi-Strauss empreende uma análise em termos de filiação pela qual sugere que a união dos sexos constitui-se em uma transação que envolve a sociedade. A proibição do incesto é um fato positivo e não negativo, visto que é criador do social. O sistema de parentesco, tal como o signo lingüístico, constitui-se um sistema arbitrário.

Acerca das estruturas elementares de parentesco, Lévi-Strauss define o seguinte:

Entendemos por estruturas elementares de parentesco os sistemas nos quais a nomenclatura permite determinar imediatamente o círculo dos parentes e os dos aliados, isto é, os sistemas que prescrevem o casamento com um certo tipo de parente. Ou, se preferirmos, os sistemas que, embora definindo todos os membros do grupo como parentes, dividem-nos em duas categorias, dos cônjuges possíveis e a dos cônjuges proibidos. (LÉVI-STRAUSS, 1982, p.19).

Com esses postulados, Lévi-Strauss dá à função simbólica a capacidade de regular e organizar as relações humanas. Na verdade, rompe com a idéia de que haveria um momento na história do homem, dito primitivo, que teria evoluído para um pensamento civilizado. A fundação das relações humanas, ou melhor, o humano, traduz-se em algo diverso do animal. Não pode ser entendido como uma evolução, mas como um rompimento. As estruturas de parentesco são equivalentes às estruturas da linguagem, e a lei simbólica é o que permite ao homem participar de diferentes relações reguladas pela própria estrutura simbólica.

Outro conceito de muita importância que Lévi-Strauss traz para o seio da antropologia é a de “eficácia simbólica”. Partindo de suas observações de comunidades indígenas da América Central e do Sul, de rituais xamânicos quando do parto das mulheres, constatou que tais rituais tinham o “poder” de intervir nesse ato a fim de que tudo desse certo. Apreende, então, que essa intervenção tem tanto um valor de mito individual quanto um valor de mito social, daí sua eficácia. Mediante isso, compreendeu que a linguagem intervém sobre o organismo, sobre o corpo do humano.

Certamente, Lacan é tomado pelas idéias de Claude Lévi-Strauss em sua releitura de Freud bem como seu modelo de estrutura. Assim, tanto as estruturas de parentesco quanto a intervenção que faz o simbólico sobre o real do corpo vão ser de grande impacto na obra lacaniana. Entretanto, e talvez até por consequência dessa primazia simbólica, primazia da linguagem, a influência mais marcante será no que diz respeito à definição de inconsciente estabelecida por este antropólogo. Informa Dosse (1993) que o inconsciente definido por Lévi-Strauss não é considerado como sede de particularidades ou de uma história puramente individual, mas ele é a própria função simbólica.

Dosse expõe que, em seu conceito de estruturas inconscientes, se reencontra “o predomínio concedido à invariante sobre as variações, à forma sobre o conteúdo, ao significante sobre o significado, próprio do paradigma estrutural.” (DOSSE, 1993, p.139).

O inconsciente descrito desse modo formal, mesmo que auxilie Lacan a valorizar o teor simbólico dos conceitos freudianos, acaba por distanciar-se dele ao mesmo tempo, pois deixa de fora o singular ligado ao sujeito. Essa concepção, como podemos perceber, provoca um debate entre a psicanálise freudiana e a antropologia straussiana. Entretanto, não é nosso objetivo nos determos nesse ponto, pois o que nos importa é apresentar a especificidade da noção estrutural em Lacan, mesmo que, inicialmente, se aproxime tanto das noções da lingüística quanto das da antropologia, afasta-se delas, de certa forma, para fundar sua leitura de Freud.

Simanke descreve assim o dilema enfrentado por Lacan:

Onde encontrar um lugar, numa tal concepção do inconsciente, para a atividade irrecusável de um sujeito que só se define pelo desejo, este será o dilema enfrentado por Lacan durante toda a etapa estruturalista de seu percurso – e mesmo depois, sempre que se vir atraído por outros tipos de formalismos, lógico ou matemático, por exemplo. (SIMANKE, 2002, p.430).

Como pudemos ver, a reviravolta exercida na antropologia pelas contribuições de Claude Lévi-Strauss também foram decisivas na construção do pensamento de Lacan, que

incorpora noções da antropologia estrutural. Lévi-Strauss carrega, definitivamente, para dentro da antropologia a noção de inconsciente. É fato que não se tratará, exatamente do inconsciente freudiano, e, por isso, caberá a Lacan, de certa maneira, diminuir a distância, subvertendo os conceitos da antropologia e fazendo da psicanálise uma psicanálise estrutural. Depois da junção genial que promove Lacan entre a lingüística de Saussure, a antropologia de Lévi-Strauss com a psicanálise, ficamos tentados, quando lemos Freud, a acreditar que ele foi estruturalista antes da invenção mesmo do estruturalismo. Mas é preciso cuidado com a genialidade tanto de Freud quanto de Lacan.

O dilema de Lacan sempre estará presente em sua obra, pois quanto mais enxerga a possibilidade de formalizar a psicanálise, mais perde de vista o sujeito que, como ele mesmo assinalou ao longo de sua obra, não pode ser formalizado, porque, ao ser captado, se esvaece. “O sujeito da Psicanálise não é o sujeito que fala, nem aquele que se engana ao falar, mas aquele que emerge quando uma palavra foi lançada para além de toda intenção.” (NASIO apud CHECCHINATO, 1988, p.12).

Se Lacan se viu às voltas com a necessidade de ler certos conceitos freudianos à luz das formulações sobre o simbólico, isso irá lançá-lo, por vezes, em um risco fatal para o sujeito da psicanálise. Tanto rigor formal exigido pela estrutura deixa de fora o que de novidade, invenção e criação pode promover o sujeito.

1.3.3. Lacan, a estrutura e o sujeito

Embora os primeiros movimentos de Lacan apontem para uma tentativa de elevar a psicanálise a uma ciência, ele parece caminhar, à medida que evolui em seu pensamento, em direção a um modelo metafórico capaz de dar conta das especificidades do sujeito. A construção de seu arcabouço teórico só pôde se dar, à medida que Lacan, tomado pelas idéias de seu tempo, lança mão do registro do simbólico, como já vimos, um dos três termos postulados pelos estruturalistas. Isso lhe permitiu sublinhar tudo o que, em Freud, não poderia ser explicado ou retomado sem tal referência.

Como salientamos, o método estruturalista foi um movimento que obteve adesão de vários intelectuais de diferentes campos das ciências humanas. Mas, embora Lacan, em determinado momento, tenha se aproximado desse método, no decorrer de seu percurso, parece-nos ter se distanciado dele. Na verdade, Lacan aproxima-se das idéias de Saussure sobre o signo lingüístico, de Jakobson sobre os eixos da linguagem e de Lévi-Strauss sobre a ordem simbólica, fundada a partir da proibição do incesto, porque isso lhe serviu como

instrumento para responder às indagações advindas tanto da clínica quanto da sua leitura da obra de Freud. Ao que parece, Lacan avizinha-se do estruturalismo porque este, postulando a ordem simbólica e a estruturação da linguagem, pôde ajudá-lo a pensar, também, a estruturação do inconsciente. O estruturalismo foi tomado como instrumento que tornou possível fundamentar a dimensão simbólica dentro do corpo teórico da psicanálise.

A noção de estrutura, em Lacan, foi sendo construída, e não nos parece estar nem acabada, nem se constitui numa noção homogênea ao longo de seu ensino. O que pretendemos mostrar, entretanto, é que tal noção tem uma aproximação inseparável, pelo menos como a apreendemos, com a noção de linguagem.

Acerca de Lacan ser ou não um estruturalista, Miller alega o seguinte:

[...] Lacan é estruturalista, mas um estruturalista radical, pois se ocupa da conjunção entre a estrutura e o sujeito, enquanto a própria questão não existe para os estruturalistas, fica reduzida, é zero. Lacan, ao contrário, tentou elaborar qual é o estatuto do sujeito compatível com a idéia de estrutura. (MILLER, 2002, p.24).

O problema que, possivelmente, Lacan encontrou foi que a análise estruturalista tende a deixar de lado a história do homem e esvaziar a ação humana de sua individualidade, como já sugerimos. Como seria possível uma psicanálise na qual o homem é destituído de sua história singular? É claro que, em Lacan, em vez de indivíduo temos o sujeito “historicizado” pelo Outro – dada sua condição de humano –, mas com uma certa responsabilidade de se fazer sujeito da própria história.

Mais adiante no texto citado, o autor continua: “[...] Lacan não é de modo algum estruturalista, pois a estrutura dos estruturalistas é uma estrutura coerente e completa [...], enquanto que a estrutura lacaniana é fundamentalmente antinômica e incompleta.” (MILLER, 2002, p.24).

A partir do recurso à noção de simbólico, Lacan pôde redefinir conceitos cruciais em Freud, que sem esse registro perderiam seu sentido. A noção de castração e Édipo, a de falta fundamental do objeto, por exemplo, foram alguns deles. O Édipo e a castração, aliás, se tornariam conceitos insustentáveis se não tivessem sido lidos por Lacan como momentos lógicos da estruturação do sujeito, ao invés de serem tomados, exclusivamente sob a ótica imaginária, encenados na família ocidental, tendo fixas as pessoas e não suas funções.

Lançar mão da ordem simbólica permitiu a Lacan diferenciar o lugar do outro – pequeno outro – especular, o semelhante, do lugar do Outro – grande Outro simbólico –, ambos participantes da constituição da estrutura do sujeito. Elaborar a noção de que a estruturação da subjetividade se dá a partir e pelo outro, tanto o semelhante como o Outro da

linguagem, foi um avanço para a clínica e a teoria psicanalítica. Distinguiu, então, a constituição do eu a partir da relação especular com o outro semelhante e a constituição do sujeito em relação ao grande Outro, lugar da lei simbólica, aliás, de onde lhe vem sua verdade. Souza objetiva que: “Isso quer dizer que o grande Outro [A] adquire, em sua condição mais irreduzível, a função de um lugar, tornando-se equivalente à própria noção de estrutura.” (SOUZA, 2004, p.33).

Lacan, em “A instância da letra no inconsciente ou a razão desde Freud” (1957), texto no qual subverte de certa forma o algoritmo saussuriano, afirma que a experiência analítica descobre no inconsciente uma estrutura de linguagem pelo fato de que a linguagem, “com sua estrutura, preexiste à entrada de cada sujeito num momento de seu desenvolvimento mental.” (LACAN, 1957, p.498). A estrutura preexiste ao sujeito, mas é ela também a única construção possível deste frente ao real de seu desamparo. O sujeito apresenta-se como objeto dessa estrutura, porém tem que ser dela, ao mesmo tempo, seu sujeito.

Apesar do uso dos conceitos tirados de Saussure, como adiantamos acima, sobre estes Lacan (1957) promove uma intervenção. Destaca ele, no texto citado, que não podemos sustentar a ilusão de que o significante represente o significado, pois que o significante não possui uma relação necessária com o significado, mas contingencial. Dá, assim, a supremacia ao significante, mais especialmente à cadeia significante, que, com seu caráter de “pura diferença”, produz o sentido. Ele persiste em que “é na cadeia do significante que o sentido insiste, mas que nenhum dos elementos da cadeia consiste na significação de que é capaz nesse mesmo momento.” (LACAN, 1957, p.506).

O significante importa a Lacan uma vez que faz surgir o sujeito nos espaços da cadeia. A significação não é dada pela associação entre significante e um significado, porque o sujeito é o lugar da significação, pois o significante só opera por se encontrar presente no sujeito.

Assim, para, definitivamente, demonstrar que a estrutura lacaniana está intimamente relacionada à estrutura de linguagem, reproduzimos as palavras de Lacan parafraseando um texto bíblico, que diz que “a letra mata, mas o espírito vivifica³”:

É fato que a letra mata, dizem, enquanto o espírito vivifica. Não discordamos disso, já que tendo tido que saudar aqui, em algum ponto, uma nobre vítima do erro de procurar na letra, mas também indagamos como, sem a letra, o espírito viveria. No entanto, as pretensões do espírito continuariam irreduzíveis, se a letra não houvesse comprovado produzir todos os seus efeitos de verdade no homem, sem que o espírito

³ Essas palavras são pronunciadas por Paulo, o apóstolo, na 2ª carta aos Coríntios 3:6.

tenha que se intrometer minimamente nisso. Essa revelação foi a Freud que ela se fez, e ele deu a sua descoberta o nome de inconsciente. (LACAN, 1957, p.512).

A linguagem é estruturante, porquanto, só pela linguagem, acendemos à condição humana, o que pressupõe uma perda. Parece-nos verdade que a letra mata, pois a letra, o significante, mata o “natural” do homem, sulca no real as suas marcas. Mas, ao contrário do que enuncia Lacan, o espírito como aquele que dá o sopro de vida, parece-nos imprescindível. Se usarmos a metáfora da criação humana, vamos verificar que é verdade o fato de que a palavra de Deus tenha sido primeiramente enunciada sobre o barro. Portanto, a letra dá forma ao ser. Todavia também é verdade que o Espírito sopra-lhe a vida nas narinas fazendo-o sujeito e dando-lhe, assim, a palavra. A palavra que, enunciada pelo sujeito, lhe diz de sua verdade.

Miller (2002) considera que, na estrutura postulada por Lacan, o único dado inicial é o grande Outro, a estrutura de linguagem que preexiste ao sujeito. A estrutura de Lacan captura um ser biológico nas malhas da linguagem. Assevera o autor que, sendo o homem um ser vivo o é, no entanto, diferenciado, pois é um ser vivo que fala, diferenciação que traz conseqüências fundamentais para este ser, no nível de seu corpo. O corpo do sujeito é, necessariamente, submetido ao significante que vem do grande Outro. Isso promove uma falta na estrutura de Lacan. Não uma falta como erro, mas como condição mesma de existência da subjetividade. A fim de que o sujeito apareça, torna-se imprescindível que o corpo seja mortificado pela palavra. Assim, o sujeito estrutura-se a partir e pela perda de objetos.

Podemos constatar que a noção de estrutura em lingüística, como evidencia Leite, “remete à noção de um sistema constituído de unidades formais opositivas e delimita um campo pela exclusão preliminar de toda relação que um sujeito entretém com sua palavra.” (LEITE, 1984, p.48). Será exatamente esse espaço deixado de fora o que constitui o espaço específico do campo psicanalítico e, por conseguinte, da especificidade da estrutura em psicanálise.

A estrutura interessa à psicanálise desde que inclua o sujeito, e isso quer dizer que nosso campo se estabelece na relação desse sujeito com sua palavra, portanto na relação do sujeito como sua palavra singular. É pela palavra que o sujeito põe em cena o real que o acomete. Dito de outro modo, é na e pela palavra que o sujeito põe em cena a falta que o funda. Portanto, na estrutura em psicanálise, estão incluídos o real e o sujeito, exatamente aquilo segregado na estrutura dos estruturalistas. A estrutura para Lacan está ligada aos três registros, simbólico, real e imaginário, nos quais o sujeito se vê constituído, mas se constitui.

A estrutura lacaniana remete ao fato de que há um buraco no simbólico e, portanto, “enquanto referido fundamentalmente ao real que a estrutura se constrói, sendo que o real se define como o estritamente impensável, instituído pelo fato de haver inconsciente enquanto efeito da linguagem.” (LEITE, 1984, p.52).

É sobre esse real que a psicose nos dá notícias de forma irremediável.

Dito isso, passamos agora para a noção de estruturas subjetivas, das quais nos interessa a psicose nas suas especificidades.

1.4. A estrutura, o sujeito e a psicose

Vimos que Lacan, influenciado pelo rigor estruturalista e pela sua releitura de Freud, elabora um conceito e uma noção de estrutura que lhe permitem aproximar o inconsciente às leis da linguagem e o sujeito não só como operado pela estrutura, mas também como operador desta.

Essa estrutura de linguagem que antecede ao sujeito assegura-lhe a entrada no mundo, dando-lhe um lugar, um nome. Lacan nos declara que o “sujeito, se pode parecer servo da linguagem, o é ainda mais de um discurso em cujo movimento universal seu lugar já está inscrito em seu nascimento, nem que seja sob a forma de seu nome próprio.” (LACAN, 1957, p.498). Esse discurso que definiremos como discurso do Outro é o que permite à subjetividade sua constituição e ao ser, ascender à condição de humano.

Freud, nos primórdios de suas investigações acerca dos mecanismos específicos da histeria, acaba por se defrontar com questões cujo alcance não se estendiam apenas às patologias, mas, e sobretudo, à forma do ser humano constituir-se. A nosso ver, todo o empenho de Freud em sua construção teórica traduz-se na tentativa de responder à questão de como nosso psiquismo funciona ou ainda, como o psiquismo, a subjetividade se constituem. Para a psicanálise, será necessário um Outro que permita ao sujeito inscrever-se na linguagem e, em se inscrevendo, constituir sua subjetividade e, portanto, seu aparelho psíquico.

Lacan, apesar de viver constantemente na “corda bamba” de seu desejo de formalização, como indicamos há pouco, traz para o seio da psicanálise uma concepção radical sobre a subjetividade. Como sugere Fink:

O psicanalista Lacan acredita que o conceito de subjetividade é indispensável e explora o que significa ser um sujeito, como alguém se torna um sujeito, as condições responsáveis pelo fracasso em tornar-se um sujeito (levando à psicose), e as ferramentas à disposição do analista para causar uma “precipitação de subjetividade.” (FINK, 1998, p.9).

Assim, queremos apresentar, a partir de Freud e Lacan, como a psicanálise apreende a constituição do sujeito que, ao ser enredado nas malhas dos significantes advindos do discurso do Outro, posiciona-se, de um modo ou de outro, frente a essa palavra que lhe foi endereçada. Essa dupla posição do sujeito é o pretendemos desdobrar a seguir.

1.4.1. A constituição do sujeito

Com a psicanálise, aprendemos que a estruturação da organização psíquica do sujeito se dá sob a égide da trama familiar. A esse drama, impossível a alguém escapar, Freud dá o nome de Édipo, que é a maneira épica de referência ao desejo, à gerência da falta a que o humano está submetido desde sempre. A leitura que faz Freud desse mito, que tem para nós um valor estrutural, é uma tentativa de resolver os impasses a que todos estamos submetidos.

Os amores edipianos assentam-se na relação do sujeito com o Outro, e essa relação é vetor de ordem à medida que organiza, de uma dada forma, a economia do desejo. Essa estruturação fundamental constitui uma etapa decisiva no psiquismo, apresentando a particularidade de imprimir no sujeito marcas essenciais que o acompanharão pela vida.

O humano deverá, necessariamente, ser tomado nessa estrutura edípica, que não é senão um lugar no desejo de um Outro que possa acolher sua insuficiência biológica e firmá-lo com suas imagens e suas palavras. Posto não ter outro caminho possível para sua constituição, essa estrutura que se coloca entre o necessário e possível é o que dá um lugar ao sujeito. Esclarece Safouan:

[...] há apenas uma única via através da qual a mãe introduz o filho na ordem simbólica, um único sentido que ele pode receber nela, aquele que lhe cabe pela castração materna, na medida em que ele represente o que ela perdeu, nomeadamente o falus [...] (SAFOUAN, 1970, p.60-61).

O sujeito virá, então, marcado por essa falta, que é a sua própria, de organismo desadaptado, e pela do Outro que o acolhe desse lugar mesmo chamado pela psicanálise de desejo, o que cava uma hiância que poderá permitir o surgimento do sujeito do desejo. Assim, o Édipo “é uma estrutura segundo a qual se ordena o desejo na medida em que constitua um efeito da relação do ser humano [...] com a linguagem” (SAFOUAN, 1970, p.11), e, como tal, tem a função de inscrever o não-sentido, caracterizado pela desadaptação desse corpo real, no seio de um desejo. Não resta ao sujeito, senão, ser enredado nas redes do desejo do Outro. O Édipo caracteriza-se por tornar possível ao sujeito sombrear a falta que o acomete como condição mesma de sua humanidade.

Cabas afirma o seguinte:

Em primeiro lugar, Lacan reconhece a capacidade que tem o Édipo de *sombrear*, isto é, obscurecer a estrutura de rede, de relações. Com isto, cabe pensar que o Édipo encobre uma estrutura latente de maior peso. Em segundo lugar, subordina o Édipo à estrutura familiar ainda que não reduza esta à forma conhecida da família ocidental. Em última instância, o Édipo, enquanto sombreia a rede de relações, varia segundo a estruturação social dessa rede de relações; estruturação social que pode assumir as formas da organização do clã, familiar, tribal, coletiva ou outras. (CABAS, 1982, p.103, grifo do autor).

Esse drama familiar deve ser interpretado, pois que tenta dar conta de dilemas inerentes ao homem. O autor acima considera o Édipo como um discurso, dado que nenhum ser humano está livre de se haver com três dilemas básicos, a saber: a necessidade de todo humano de ser filho – dilema da identificação; a necessidade de ser sexual – dilema da libido; e a necessidade de estar inscrito num grupo para o exercício dessa sexualidade – dilema do modelo. (CABAS, 1982). Assim sendo, haveria um registro desse mito em um nível imaginário, ou seja, a disposição em imagens das figuras de pai e mãe, cujos conteúdos remeteriam para questões concernentes ao registro simbólico. A contribuição de Lacan será decisiva no sentido de resgatar em Freud essa interpretação simbólica do complexo edípico, tão vulgarizado e limitado às tradicionais interpretações de amor à mãe e ódio ao pai, expressões fantasmadas de conflitos que inserem todo ser humano no mundo.

O complexo de Édipo assim entendido caracteriza-se por ser universal, não porque a família o seja, mas porque tais dilemas descritos acima perpassam todo ser humano e só poderão ser respondidos em um dado cenário, ou seja, em uma dada relação estabelecida necessariamente com um Outro. Portanto, quer seja o outro tomado em sua dimensão imaginária, quer em sua dimensão simbólica, será sempre este o lugar ao qual o sujeito se reportará a fim de responder a tais questões. Aqui cabe um parêntesis a fim de situarmos a tripartição estrutural, ou os três registros real-simbólico-imaginário (RSI), estabelecida por Lacan desde 1953. Dessa forma, impossível nos será pensar a estruturação do sujeito para Lacan sem levarmos em conta esses três registros, lembrando que, mais do que uma hierarquia entre eles, o que há é um entrelaçamento, chamado nó borromeano devido à sua forma de amarração, na qual, ao se desatar um dos elos, todos os outros se desatam. A estrutura, para Lacan, passa a ser tomada pela articulação do sujeito ou da falta que caracteriza esse sujeito a esses três registros.

Guimarães nos explica:

O nó traz então para Lacan com sua borromeaneidade a possibilidade de escrever a mediatização na estrutura do falante de um elemento, encarnando sua própria impossibilidade – um impossível de ser tocado ou de ser visto. O nó construído em torno de um vazio marcado em suas transformações pelos lugares da ausência, vem esclarecer também como um furo, um buraco, um vazio preserva, apesar disto, um papel organizador. (GUIMARÃES, 2004, p. 33).

Em Freud, o real será aquilo que surge nas vivências cujo teor ultrapasse nossa capacidade de representação psíquica (JORGE, 2000). Portanto, podemos afirmar que o real freudiano é a pulsão antes mesmo de ser representada, ou pulsão propriamente dita – *Vorstellungsrepräsentanz*. O real é o trauma, aquilo que não pode de maneira alguma ser representado pelo sujeito, impossível de ser simbolizado, o não senso. O real é o que não se inscreve e, ao não se inscrever, retorna sempre ao mesmo lugar. Esta será a realidade própria da psicose, à medida que nela se articulam os significantes foracluídos do simbólico. Nas palavras de Saggese:

A psicose é um campo privilegiado para apreender os efeitos do real. [...] O fenômeno [alucinação] resulta [...] de algo que fica fora da simbolização mas que está longe de cessar de manifestar-se. Só que essas manifestações, por não estarem inscritas na ordem simbólica, não produzem sentido, não havendo possibilidade da sua instalação no jogo do desejo, guiado pelo significante fálico. (SAGGESE, 2001, p.51).

O Simbólico terá seu lugar a partir do real e se constituirá como o campo da linguagem, logo, do duplo sentido, do significante, do desejo como metonímia, que se realiza sempre alhures. No simbólico, tudo desliza: “as palavras substituem as coisas e substituem-se as palavras por outras.” (GUIMARÃES, 2004, p.31). É o lugar da representação e, portanto, do deslizamento da cadeia significante, da palavra cujo sentido será sempre contingencial. O simbólico é a palavra que dá corpo ao real do corpo.

Quanto ao Imaginário, este será da ordem do sentido, com a função, pois, de dar consistência, de manter juntos os três registros. Podemos dizer que é o real posto em imagens garantindo a unicidade, a unidade.

É importante termos em mente que, no cerne dessa conceituação dos registros, está a noção da falta de objeto tão cara a Freud e também a Lacan. Ao ser humano falta algo pela sua condição mesma de desamparo. E porque temos a crença de que nos falta algo, lançamos mão de objetos que possam responder a essa falta. Jorge expressará assim tal déia:

É nesse ponto que entra em jogo o regime **imaginário** da estrutura, isto é, aquele que pretende estabilizar de modo definitivo a escolha objetal que, de outro modo, permaneceria impossível (regime real) ou incerta e lábil (regime simbólico). Esse regime imaginário também vem alterar o anterior e produz uma afirmação que não

só recusa a negação do real originário (como o faz o simbólico), como também recusa a fugacidade e a precariedade da existência do objeto contingencialmente instaurado pelo regime simbólico: *o objeto enquanto imaginário é aquele que não cessa de se escrever, ele se alça à categoria do necessário*. (JORGE, 2000, p. 146, grifo do autor).

Exposto isso, Édipo seria uma operação que comporta um nível imaginário da ordem do objeto necessário – as fantasias de sedução, de origem e a fantasia da castração⁴ –, mas também um nível simbólico expresso pelos dilemas descritos acima. Portanto, nesse complexo, há um entrelaçamento do real, do simbólico e do imaginário tendo como primeiro operador a mãe ou aquele que poderá exercer essa função.

Ora, Freud aponta para o que chamou de desamparo (*Hilflosigkeit*) a que a cria humana está submetida ao nascer. É fato que, ao contrário de outros filhotes, o do homem vem ao mundo em uma condição de inteira dependência frente a um outro. Se tomarmos como exemplo a cria de qualquer animal, vamos perceber que, após poucas horas de vida, este ao menos se mantém de pé, pois está neurologicamente apto a isso. Ao contrário, a cria do homem nasce biológica e simbolicamente prematura. Sem os cuidados do outro certamente morrerá. E mais, mesmo que apresente uma prontidão neurológica, isso não bastará, é o significado que esse outro atribui a esse corpo que o fará humano.

Parece certo, então, que esse corpo, *a priori*, com todas as suas urgências e necessidades, portanto, corpo imerso no real, deverá ser tomado pela mãe para além desse real, para banhá-lo com imagens e palavras. Em outros termos, é preciso que a mãe “imaginarize” e simbolize o corpo biológico.

Sem o saber, é isso que quase toda as mãe – ou quem cuida – faz. Dá corpo ao seu bebê, constrói-lhe um corpo pulsional, erógeno. E ninguém duvida de que ela assim o faz lançando-lhe palavras, endereçando-lhe projetos e desejos. Mesmo que, rigorosamente falando, seu bebê não a entenda, isso não deve, nesse momento, importar muito, pois para fazer de seu filhote um sujeito ela deve ter a crença de que como mãe entende todos os seus choros e, assim, interpretá-los com seus próprios desejos, com seu próprio código. Onde havia estímulos a extirpar e necessidades a atender, agora há projetos, palavras e olhares que antecipam aquilo que ele ainda não é. Diferente da mãe que não fala a seu bebê porque têm a certeza de que este não a entende. Não fala para ele, não fala dele e não fala com ele. Apenas o limpa, dá-lhe de comer, deixa-o dormir, tudo no nível da necessidade. Esse bebê, apesar de

⁴ Referimo-nos aqui às fantasias descritas por Freud da sedução por um adulto, da cena primária e da castração, que respectivamente, segundo Cabas (1982) são a maneira fantasmada do sujeito responder à sua filiação, à sua identificação e ao modelo de exercício de sua sexualidade, como já acentuamos.

toda condição biológica, não pode ser inscrito no registro da palavra, no registro do simbólico. Por isso não chora, não fala, não pede, não demanda e não deseja.

A relação mãe-filho, tanto no que tange aos cuidados básicos quanto à dependência do amor, estabelece o campo da narcisação primária, bem como da constituição do eu.

Como comenta Sobrinho (1988), essa primeira relação mãe-filho deve ser considerada segundo duas vertentes – a vertente da necessidade e a vertente do desejo –, sendo ambas relacionadas ao desamparo da criança advindo da sua prematuração tanto física quanto simbólica. Portanto, como já esclarecemos, diante de um bebê que não fala, não pode expressar suas necessidades, pode apenas chorar, inquietar-se, sua mãe terá de mediatizar suas exigências corporais. O desejo desse bebê será mediado pela palavra do Outro.

A prematuridade é preenchida quando a mãe satisfaz a criança. É por intermédio da palavra que o desejo da mãe se veicula, transformando as exigências de satisfação de necessidade em demandas de amor, carinho, atenção por parte da criança.

No texto “Uma introdução ao narcisismo” (1914), Freud propõe a constituição do eu a partir de sua tomada como objeto da pulsão. O narcisismo seria o organizador das pulsões parciais, possibilitando a passagem do auto-erotismo para o investimento libidinal em um objeto no mundo externo. Freud põe assim, em relevo, a posição dos pais na constituição do narcisismo dos filhos: “Se prestarmos atenção à atitude de pais afetuosos para com os filhos, temos de reconhecer que ela é uma revivescência e reprodução de seu próprio narcisismo, que de há muito abandonaram.” (FREUD, 1914, p.107). E continua: “Assim eles se acham sob a compulsão de atribuir todas as perfeições ao filho [...] Ele será mais uma vez realmente o centro e o âmago da criação – ‘Sua Majestade o Bebê’, como outrora nós mesmos nos imaginávamos.” (FREUD, 1914, p.108).

O narcisismo primário representa, de algum modo, uma certa onipotência que se cria no encontro entre o narcisismo nascente do bebê e o narcisismo renascente dos pais. Nesse terreno, inscrever-se-ão as imagens, palavras e votos dos pais.

Jerusalinsky (1999) evidencia o fato de que as determinações simbólicas advindas do Outro primordial capturam o corpo da criança na cadeia significante, isto é, no discurso. Funções que poderiam ser tomadas como ligadas a um campo do desenvolvimento fisiológico, tais como adaptação, hábitos, reflexos, integração do ego, esquema corporal e outros, estarão submetidas a um ordenamento simbólico operado por um Outro, que capturará esse corpo real, biológico, a uma posição imaginária.

Lacan (1949), com base nos textos de Freud, abre uma nova perspectiva acerca da constituição do eu por meio da noção de estágio espelho. Parte da observação feita pela psicologia comparada, qual seja, o fato de o bebê, por volta dos seis meses de idade, reagir jubilarmente diante da percepção de sua própria imagem refletida no espelho, reação contrastante com a de alguns outros mamíferos. A que deve essa resposta e que conseqüências tem no desenvolvimento psíquico do ser humano é exatamente o que buscará responder a partir da noção de narcisismo e identificação primordial.

Em seu primeiro ano de seminário, Lacan (1953-54) faz uma aproximação do estágio do espelho a um certo esquema óptico. Ele assegura que “[...] a só vista da forma total do corpo humano dá ao sujeito um domínio imaginário do seu corpo, prematuro em relação ao domínio real.” (LACAN, 1953-54, p.96). Essa posição que o sujeito comporta em relação à sua imagem depende de seu lugar na ordem simbólica: “Quer dizer que, na relação do imaginário e do real, e na constituição do mundo tal como ela resulta disso, tudo depende da situação do sujeito. [...] essencialmente caracterizada pelo seu lugar no mundo simbólico [...]” (LACAN, 1953-54, p.97).

Lacan pensa que o ser humano tem, *a posteriori*, uma representação fantasmática do corpo, na qual este aparece fragmentado e que continuará a se expressar durante toda a vida, nos sonhos, delírios e alucinações. Esse domínio imaginário apreendido pela criança põe termo a essa vivência.

A imagem de seu próprio corpo, refletida no espelho, surpreende o bebê, porque lhe dá uma gestalt que nada mais é que uma imagem antecipatória da coordenação e integração que ainda não possui. Lacan vai mais além, já que, nessa identificação com a imago que não é mais do que a promessa daquilo que virá a ser, há uma ilusão, pois o sujeito se identifica com algo que, a rigor, não é. Acredita ser o que o espelho lhe mostra ou, para sermos claros – pois o espelho é uma metáfora –, identifica-se com o olhar da mãe, com aquilo que crê ser seu desejo, do qual procurará aproximar-se pelo resto da vida. No seio da teoria lacaniana, esse momento abrange o registro do imaginário, mas prenuncia o estatuto simbólico do sujeito.

O estágio do espelho é o que, mediante a constituição de uma imagem do eu, permite uma intricação dos três registros. Assim, a instância que surge desse momento do sujeito enlaçado ao outro – o Eu Ideal – caracteriza-se por ser da ordem do imaginário, contemplando todos os ideais narcísicos parentais. É um ideal que a criança passa a buscar, posto ser aquilo que apreende no olhar do outro. Como explicamos, o imaginário apresenta-se precisamente para dar consistência à estrutura que de outro modo estaria ou à mercê do não

senso ou do deslizamento contínuo. Essa constituição do eu possibilita uma certa intricação dos registros, cuja amarração se dará com a função paterna.

O reconhecimento de si, no estádio do espelho, além de possibilitar o reconhecimento de um corpo unificado, aliena o sujeito ao desejo materno. O bebê, durante algum tempo, identificar-se-á com o objeto de desejo da mãe, ao tentar ser aquilo que julga faltar a ela. Lacan chamará o que falta à mãe de *fa-lus*.

Em seu Seminário 4 – A relação de objeto – Lacan assim preceitua:

A relação da criança com a mãe, que é uma relação de amor, abre a porta para o que se chama habitualmente, por não se saber articulá-lo, a relação indiferenciada primeira. [...] Trata-se de que a criança inclua a si mesma na relação como objeto do amor da mãe. Trata-se de que ela aprenda o seguinte: que ela traz prazer à mãe. [...] Este é o fundo sobre o qual se exerce tudo o que se desenvolve entre a mãe e ela. (LACAN, 1956-57, p.229).

A identificação pela qual a criança se faz desejo do desejo da mãe é facilitada pela relação fusional, cuja dialética é a do ser ou não ser o falo. Nessa relação fusional, entretanto, deve estar presente um terceiro, que no momento propício, fará sua entrada. O simbólico da mãe é o que o veicula. Quando essa relação não inclui, de maneira alguma, o terceiro, ela é patológica. A mãe como aquela que antes estava sempre presente e lhe satisfazia todas as necessidades, agora se ausenta, e essa ausência é mais intensamente sentida pela criança. As idas e vindas da mãe é que deverão indicar à criança o lugar de um terceiro no desejo, possibilitando, assim, a interdição dessa relação que busca fazer de dois apenas um.

Nesse processo de simbolização, há a mediação do terceiro que, intervindo junto à mãe e à criança, introduz uma lei de proibição da reintegração da criança pela mãe, bem como da criança como objeto de uso da mãe. Nas palavras de Quinet, “O Édipo é o preço que se paga para advir como sujeito da linguagem [...]” (QUINET, 1997, p.15).

Doravante, o desejo institui-se, condenado a nunca se satisfazer, senão a se realizar na cadeia significativa. No processo, temos um primeiro momento a que denominamos de alienação ao desejo do Outro, no qual a criança se constitui como objeto de gozo do Outro e, um segundo momento – a separação –, no qual tanto criança quanto mãe, perpassadas pela Lei da proibição do incesto, à qual Lacan chamará de metáfora paterna, separam-se, tornando possível a constituição dessa criança como sujeito da linguagem, sujeito do desejo. Portanto, a função paterna, intervindo sobre a relação da mãe com seu bebê, consolida a amarração dos registros intrincados desde o estádio do espelho.

A alienação e a separação são operadores em um momento lógico da constituição do sujeito no qual podemos situar a dependência deste em relação ao Outro. Desse modo, em

um primeiro momento, podemos dizer que só há um lugar possível ao sujeito, precisamente este que preexiste à sua entrada na linguagem, qual seja, o campo do Outro. Essa operação que estabelece uma relação do ser com a linguagem, Lacan a formula segundo a lógica da reunião. Portanto, se temos dois conjuntos, no caso dois campos – o do sujeito e do Outro –, a reunião representará os elementos de um ou de outro campo, o que, posteriormente, permitirá uma interseção entre os elementos de um e outro.

A possibilidade de existência do sujeito sustenta-se pela sua reunião ao Outro, operação que não representa o sujeito por inteiro. Antes de sua entrada nessa operação, o ser se caracteriza por não-ser, pois fracassa em seu desenvolvimento, uma vez que só existe se tiver um lugar na linguagem. Nessa alienação necessária, entretanto, o Outro não poderá abarcar tudo do sujeito, que perde parte do seu ser como condição mesma de existir.

A reunião permite-nos pensar que "[...] há elementos que só pertencem a um dos conjuntos, ao mesmo tempo em que dois só podem – uma vez reunidos – subsistir juntos, os dois conjuntos sendo automaticamente perdidos se, uma vez reunidos, se tentar separá-los." (FERNANDES, 2000, p.57). Na alienação, o ser encerra-se em um significante do campo do Outro, que é a condição de existência do sujeito. Mas esse significante, como sugere Lacan, petrifica-o:

O significante produzindo-se no campo do Outro faz surgir o sujeito de sua significação. Mas ele só funciona como significante reduzindo o sujeito em instância a não ser mais do que um significante, petrificando-o pelo mesmo movimento com que o chama a funcionar, a falar, como sujeito. (LACAN, 1964, p.197).

Em outro momento, ele assegura que:

A alienação [...] condena o sujeito a só aparecer nessa divisão que venho, me parece, de articular suficientemente ao dizer que se ele aparece de um lado como sentido, produzido pelo significante, do outro ele aparece como *afânise* [desaparecimento]. (LACAN, 1964, p.199).

Não resta ao ser senão se inserir no campo do Outro, da linguagem, o que o faz encontrar uma significação de si, o que, paradoxalmente, poderíamos, como força de expressão, afirmar que o condena, o escraviza no sentido do Outro. Para que possa deslizar, sem que esse sujeito permaneça petrificado no sentido exclusivo do Outro, deverá constituir seu desejo a partir das vacilações desse Outro. Esse momento lógico caracteriza a separação, na qual a falta do Outro é captada pelo sujeito.

Lacan explica-nos:

Que o sujeito como tal está na incerteza em razão de ser dividido pelo efeito da linguagem, é o que lhes ensino [...] Pelo efeito de fala, o sujeito se realiza sempre no Outro, mas ele aí já não persegue mais que uma metade de si mesmo. Ele só achará seu desejo sempre mais dividido, pulverizado, na destacável metonímia da fala. O efeito de linguagem está o tempo todo misturado com o fato [...] de que o sujeito só é sujeito por ser assujeitamento ao campo do Outro, o sujeito provém de seu assujeitamento sincrônico a esse campo do Outro. É por isso que ele precisa sair disso, tirar-se disso, e no *tirar-se disso*, no fim, ele saberá que o Outro real tem, tanto quanto ele, que se tirar disso, que se safar disso. (LACAN, 1964, p.178, grifo do autor).

A separação surge da interseção de duas faltas e é uma operação que relaciona o sujeito com o desejo do Outro. O sujeito encontra no discurso do Outro uma falta, um para-
além que faz deslizar seu lugar de único objeto tamponador da falta e, ao mesmo tempo em que faz ressignificar sua própria falta, seu desaparecimento como ser devido à alienação.

Nas palavras de Vorcaro:

O sujeito encontra uma falta no Outro, na intimação que o Outro, por seu discurso, lhe faz. Nos intervalos do discurso do Outro, há cortes entre os significantes, cortes que fazem parte da própria estrutura do significante. É daí que desliza o desejo do Outro, apreendido pelo sujeito naquilo que não cola, nas faltas do discurso do Outro, apresentando o enigma do desejo do Outro. (VORCARO, 1999, p.25).

Como podemos ver, é necessário que, no discurso proferido pelo Outro sobre o sujeito, apareçam falhas que permitam um questionamento do desejo e de seu lugar nesse desejo. A fim de dar sentido a essa falta, o sujeito lança mão da falta que o antecede no momento da alienação. A autora acima informa-nos:

[...] o sujeito traz a falta antecedente do próprio desaparecimento de seu ser, que ele vem agora situar no ponto da falta do Outro. Portanto, desde que esteja concernido pelo campo da linguagem, o primeiro objeto que propõe a esse desejo materno, cujo objeto é desconhecido, é sua própria perda [...] (VORCARO, 1999, p.25).

Se, na alienação, aproximada à operação matemática da reunião, o sujeito não tem escolha, ou seu ser ou o Outro, na separação e, portanto, na operação de interseção, este separando-se de seu lugar prévio, deixa de se ligar ao significante que o petrifica. Na intersecção entre a falta do Outro e a falta do sujeito, o desejo constitui-se fazendo operar esse resto que nem sujeito nem Outro podem representar. Assim, a reunião do campo do sujeito ao campo do Outro engendra uma perda, pois se o sujeito tenta se encontrar no Outro, só o faz na condição de parte perdida, como objeto que vem suturar a falta do Outro. Só resta ao sujeito estar petrificado ao significante que representa o desejo do Outro, perdendo, pois, uma parte

de seu ser, que, como falta, deverá passar pelo desfiladeiro da cadeia significante, única possibilidade de reencontro desse resto perdido.

“A bolsa ou a vida!” é a ameaça do assaltante que Lacan (1964) utiliza para nos falar dessas operações. O ser ou o Outro. Se o sujeito escolhe a bolsa perde as duas. Se escolher a vida perde a bolsa que carrega o gozo. Esse gozo que advém do fato de ser único objeto no desejo do Outro. Escolhendo a vida, o sujeito ganha a possibilidade de fazer passar pela palavra aquilo que perdeu.

A psicose nos lembra a dramaticidade dessa escolha, pois nela o sujeito escolhendo a bolsa perde as duas. Permanece na petrificação do significante primordial advindo do Outro.

1.4.2. Sobre as estruturas clínicas

As formulações trazidas para o centro da psicanálise, buscadas a partir do exercício clínico e teórico de Lacan, não foram sem conseqüências para a prática da análise e para a condução do tratamento. Mais uma vez o rigor de Lacan o fez ler nas linhas de Freud certas especificidades do sujeito em relação à estrutura.

Como pudemos ver, o ser só é sujeito à medida que algo possa fundar as condições necessárias ao seu advento. Uma palavra vinda do Outro deve alcançar o sujeito, porém, alcançando-o, deverá ser esquecida, dividindo, assim, o sujeito e fundando o inconsciente.

Com Lacan, temos a máxima de que o inconsciente é estruturado como uma linguagem, o que redimensiona toda uma concepção do inconsciente como sede de instintos, caos ou alguma espécie de lado encoberto do humano. Temos, então, que o inconsciente possui uma materialidade, qual seja, apresenta-se nos ditos que veiculam um dizer sobre o sujeito. Lacan enfatizará: “Meu enunciado, isto é, que o inconsciente tem uma estrutura de linguagem, não pode de nenhum outro modo entender-se de outra forma, a não ser [...] QUE A LINGUAGEM É CONDIÇÃO DO INCONSCIENTE.” (LACAN, 1969 apud LEITE, 2001, p.35, grifo do autor).

Falar em sujeito é, portanto, evidenciar o que o distingue dos animais: a linguagem e o inconsciente como prerrogativas do humano. Haverá sempre, por parte do sujeito, uma dada relação com a linguagem que o apreende e diz de sua divisão necessária, pois algo sobre si lhe escapa, causando uma suspensão de suas certezas. Essa divisão, essa clivagem que a inserção do sujeito na linguagem promove será sempre vivida com dor.

Sendo assim, o sujeito, ante essa relação com a linguagem é chamado a posicionar-se. E o adoecimento psíquico, no qual o sujeito se vê imbricado será a forma deste posicionar-se frente a essa palavra que lhe é endereçada, mas também que o causa.

Nesse ponto mesmo é que o sujeito se defronta com o irremediável a que está submetido, ou seja, embora tenha de portar uma palavra que seja singular e que julga vir de si mesmo, constata, por vezes, que é esta palavra que o porta.

Essa posição do sujeito é ao que visará Lacan em seu exercício clínico, bem como em sua construção diagnóstica, imprescindível para a análise. Estabelecer uma diferenciação quanto à direção do tratamento foi crucial para a consolidação de seu pensamento. Esse, aliás, era um dos pontos de seu retorno a Freud.

Para Lacan, existe uma especificidade nas formas de adoecimento psíquico que não podem coabitar em um mesmo sujeito, pois este se posiciona de forma diversa frente ao Outro que preexiste a ele. Assim, Lacan, buscando em Freud um ancoradouro, postula as estruturas subjetivas distintas entre si e com mecanismos específicos em cada uma delas.

Em nosso entendimento, essas estruturas apresentam-se como as formas de constituição do sujeito frente ao Outro. São as respostas do sujeito ante sua encruzilhada necessária, a saber, como o sujeito se enlaça ao Outro, como faz laço com o Outro. A grande questão que se apresenta na direção do tratamento e no diagnóstico que fazemos poderia ser traduzida da seguinte forma: o que faz o sujeito com a palavra que lhe foi endereçada? E qual é essa palavra endereçada a esse sujeito e com a qual tem que se haver?

As estruturas clínicas correspondem ao modo particular de articulação dos três registros – real simbólico e imaginário – atados pela lei da castração. A neurose, psicose e perversão são estruturas nas quais os registros, embora comuns, revelam o sujeito enlaçado de forma distinta. Cada uma dessas estruturas mostra uma posição, uma condição do sujeito frente ao significante de forma diferenciada. Como assevera Souza “[...] não há um trânsito livre entre uma condição e outra [...]” (SOUZA, 1999, p.77).

E continua:

É fato, todo analista o observa, é próprio da nossa condição subjetiva – de nossa precária condição – fixarmo-nos num determinado modo de funcionamento, insistindo num determinado modelo econômico, aferrarmo-nos a uma certa posição na existência. Fixação, insistência e apego que, apesar de serem construídos, apesar de serem ficções, nos fixam, nos constroem. Fixam em nós um modo de ser tão monótono e idêntico, tão compulsivamente o mesmo, tão repetitivo, que acabam por engendrar em nós uma identidade, um nome, um destino. (SOUZA, 1999, p.77-78).

Assim, como declara a autora acima, “todo analista o observa”, todo analista procura ouvir. Então, entendemos que, em psicanálise, não teorizamos conceitos que antecipam os avatares da clínica. Ao contrário, o que da clínica podemos pensar, *a posteriori*, nos dá ensejo à teorização. A teoria apresenta-se, então, como um só depois do exercício clínico. Sendo assim, as estruturas enunciadas por Lacan, a saber – neurose, psicose e perversão –, são clínicas, posto que só são detectáveis pelo discurso, entendido aqui como o que faz laço social, proferido por um sujeito – analisando – a um interlocutor – analista – em um contexto singular. Nessas condições, e tendo como veículo a transferência, o psicanalista procurará se responder como esse sujeito que fala estabelece seu laço como o Outro, ou ainda, como a castração, como verdade essencial do ser foi tomada pelo sujeito. Na clínica, o divisor de águas que permite a distinção dessas estruturas nem sempre se apresenta tão claramente, exigindo uma escuta “livremente flutuante” que nos possa nortear no trabalho.

O analista ocupa um lugar, não geográfico, porém um lugar sempre em relação a outro lugar. Será nos desdobramentos de cada estrutura clínica que o analista norteará esse lugar de enlace da pulsão. Sua conduta, interpretação e escuta estarão sendo permeadas pelas estruturas clínicas, estas servindo apenas de bússola para as intervenções.

É preciso que se esclareça que a concepção de estrutura em psicanálise é específica e, segundo alguns autores, permanece em debate. Nós, de nossa parte, pretendemos, a partir de nossos casos clínicos, discutir algumas questões relativas à estrutura psicótica na infância.

A noção de estrutura em psicanálise difere da estrutura tal qual os estruturalistas as definem. Como já observamos, Lacan incluirá o sujeito nessa noção. Segundo Rappaport:

1. *a estrutura em psicanálise não está distanciada da experiência*. A estrutura não é um modelo intermediário; está inserida na experiência mesma.
2. *a estrutura é efeito de linguagem*. Ou seja, a linguagem é sua causa. O homem habita a linguagem, que preexiste a ele.
3. *a estrutura se inscreve no real*; se prende no vivente. (RAPPAPORT, 1992, p.91, grifo do autor).

Esta última afirmação refere-se ao fato de que nem tudo pode ser alcançado pelo simbólico, pois algo fica fora da ordem simbólica, um buraco indizível. Pois, mesmo a linguagem sendo condição do inconsciente, não se pode dizer tudo. As estruturas clínicas aludem ao modo como cada sujeito lida com o seu “buraco”. Na psicose, temos um sujeito, especialmente em situação de surto, aprisionado ao buraco do real. O que parece sustentá-lo, de alguma maneira, é o enlace com a imagem do outro.

A escola estruturalista parte da hipótese de relações estabelecidas entre os elementos da estrutura, na qual interessam as relações entre estes e não suas propriedades ou os próprios elementos (RAPPAPORT, 1992). Assim, as estruturas clínicas seriam formas de relações entre os elementos da estrutura: o sujeito, o Outro, o desejo e a Lei. Essa estruturação se daria em um tempo lógico da constituição do psiquismo do sujeito. É um momento lógico, mas que nos parece contar com uma certa cronologia, posto que os primeiros anos do sujeito, bem como suas relações com o Outro primordial, são fundamentais na estruturação.

A estruturação psíquica ocorre, então, em uma dada cena na qual o desejo do Outro constitui o sujeito e é, segundo a teoria lacaniana, de certa forma, definitiva. Nesse sentido, nenhum neurótico, por mais enlouquecido de possa estar diante de sua angústia, não chega a, rigorosamente falando, tornar-se um psicótico, pois sua relação com o outro sempre será mediada pela fantasia ou, como quisermos por uma certa mediação desse sujeito com o objeto. Na psicose, mesmo o sujeito restabelecido de um surto, ele sempre trará particularidades em seu laço com o Outro impossível a outra estrutura. Tomando essas diferenciações lógicas entre a psicose, a neurose, a perversão, queremos, no entanto, assinalar diferenças das psicoses desencadeadas em adultos e na psicose da infância. E, além disso, pontuar que uma estruturação requer momentos que venham a confirmar.

Se, na psicose de adulto, falamos de desencadeamento, é claro que algo da ordem de um encadeamento parece ter sido minimamente possível. Esse sujeito adolescente ou adulto é um sujeito que fala, portanto, veicula de alguma forma uma palavra, é também um sujeito que tem sua imagem corporal, que o sustenta de alguma maneira. cremos que algo do significativo foi impresso nesse sujeito, mas que não se mostrou suficiente. Se o surto promove um desencadeamento, um “desprendimento das cadeias” é porque estavam atadas, de algum modo. Como apontamos anteriormente, o que permite uma amarração definitiva dos registros é a metáfora paterna. Se essa amarração não se consolida, o sujeito desprende os elos dos registros, remetendo-se ao momento da intricação – o estágio do espelho. Lacan (1958) chama isso de regressão tópica. Podemos assegurar o mesmo sobre psicose da infância? E, além dessa questão, podemos formular a idéia de uma estruturação definitiva nesse caso?

Esperamos percorrer um certo caminho no sentido de cunhar as singularidades das relações do sujeito com a linguagem na psicose e, a partir disso, discutir a posição do sujeito criança nessa estrutura.

1.4.3. A estruturação da psicose

As psicoses têm sido um dos grandes fascínios e desafios para as ciências que se ocupam do adoecimento psíquico. Assim como Freud partira da histeria em direção a uma teoria e clínica do psiquismo, Lacan inicia sua trajetória em 1932, com sua tese de doutorado, que se intitula “Da psicose paranóica em suas relações com a personalidade”. Seguindo adiante com seu ensino, profere um seminário todo dedicado ao tema em 1955, em que retoma o caso do presidente Schreber e, mais tarde, em 1975/76, realiza o Seminário sobre “Joyce”. Ao longo de sua obra, com a preocupação de voltar sempre a Freud, Lacan deixará grandes contribuições teóricas e clínicas para a compreensão do modo de adoecimento na psicose. Mediante esse retorno, foi possível pinçar e, por vezes, resgatar noções importantes para o avanço da psicanálise.

Nossa proposta é demarcar, na leitura que Lacan faz de Freud, aqueles conceitos responsáveis pela estrutura teórica que tenta dar conta da psicose. Alguns textos freudianos têm especial valor nesse sentido, embora, em grande parte da obra de Freud, possamos encontrar referências à psicose.

Um texto que apresenta uma importância especial é “As neuropsicoses de defesas” (1894), no qual Freud parece distinguir três tipos de defesas do eu diante do que chamou de representação intolerável. A representação que ameaça o eu, segundo Freud, é intolerável pelo fato de estar ligada à experiência da castração. A primeira dessas defesas opera substituindo a representação intolerável por outra, mais aceitável; é o caso da neurose obsessiva. A segunda opera transferindo a representação para uma parte do corpo que estabeleça com esta uma dada relação de significância; assim, estaríamos em presença de uma histeria. Nesses dois tipos de defesa, haveria uma substituição metafórica, ou seja, uma representação que substituiria outra representação.

Porém, quando falamos da terceira defesa do ego, não poderíamos contar com substituição. Freud, no texto citado acima, assim se pronuncia:

Há, entretanto, uma espécie de defesa muito mais poderosa e bem-sucedida. Nela, o eu rejeita a representação incompatível juntamente com seu afeto e se comporta como se a representação jamais lhe tivesse ocorrido. Mas a partir do momento em que isso é conseguido, o sujeito fica numa psicose que pode ser qualificada como “confusão alucinatória.” (FREUD, 1884, p.64).

Diante desse processo de rejeição (*verwerfung*), Freud assevera que, se o eu se separa da representação, que é sempre associada a um fragmento de realidade, assim, rejeitando a representação, o eu se separa também de uma parte da realidade.

Em 1911, em “Notas psicanalíticas sobre um relato autobiográfico de um caso de paranóia (dementia paranoides)” – o presidente Schreber (1911) –, Freud, apesar de tentar aproximar o mecanismo de projeção da paranóia ao mecanismo do recalque, próprio à neurose, indica um caminho para a diferenciação: “Foi incorreto dizer que a percepção suprimida internamente é projetada para o exterior; a verdade é, pelo contrário, como agora percebemos, que aquilo que foi internamente abolido retorna desde fora.” (FREUD, 1911, p.95).

A marca da castração certamente fora repudiada, abolida do inconsciente, mas retorna sob a forma de uma alucinação, ou de um delírio. Lacan (1955) descobre aqui a profundidade da genialidade de Freud e pontua que o que não veio à luz no simbólico aparece no real.

Assim, a abordagem freudiana de Schreber levou Lacan a destacar um mecanismo particular que explicaria o fenômeno psicótico: a forclusão – termo saído do vocabulário jurídico, que significa a abolição simbólica de um direito que não foi exercido no prazo prescrito. Portanto, o que deve ser sublinhado é a idéia de uma anulação simbólica. Trata-se da abolição de um significante – ligado à castração simbólica –, o significante Nome-do-Pai.

A forclusão do significante do Nome-do-Pai é correlata do fracasso da experiência de castração na psicose. Então, temos que a psicose é refratária ao Édipo (CABAS, 1988). Na psicose, uma ordem é abolida, ou seja, a castração. Enquanto que, nas neuroses, temos uma relação de inclusão no que se refere ao Édipo, na psicose o que se apresenta é uma exclusão.

O tempo dessa operação, nós o situaremos na relação que se estabelece entre a função materna e a criança que surgirá como um sujeito somente a partir das imagens e símbolos que, advindos da mãe, alcancem o corpo real do bebê, e o transformem em corpo imaginarizado e simbolizado. Portanto, importa ressaltar que a criança é um espaço no qual a função materna tende a realizar-se, o que é notado pelo fato de a criança ser regida pela necessidade e, por conseguinte, pelo desamparo, que a lança necessariamente na dependência de um Outro.

Depreendemos daí que a relação mãe-filho não é uma relação de apenas dois termos, mas que comporta três, a saber: a mãe, a criança e o desejo materno, no qual essa criança se inscreverá. Desejo, entendamo-lo bem, ligado sempre a uma falta referida à mãe

que, como parte da resolução de seu próprio Édipo, conduzirá seu bebê a suplantando essa falta. Esse campo constitui-se como primeiro operador na vida de todo bebê, campo de erogeneização meio do qual o filho se aliena no desejo materno. Mas, ao mesmo tempo, abre-se, para a criança, a possibilidade de substituição desse desejo pelo significante da Lei ou metáfora do Nome-do-Pai e, assim, dialetizar seu lugar junto ao Outro. Essa operação é capaz de tirar a criança da relação imaginária, a princípio, necessária, com a mãe, na qual dois se transformam em um, introduzindo a criança no registro humano do simbólico.

A mãe, referida à sua própria falta, remete o filho a uma lei que não é a sua e que o objeto de desejo da mãe é possuído por esse Outro a cuja lei ela o remete. Trata-se, antes, de um lugar no discurso da mãe. Nas palavras de Lacan:

Mas, o ponto em que queremos insistir é que não é unicamente da maneira como a mãe se arranja com a pessoa do pai que convém ocuparmos, mas da importância que ela dá à palavra dele – digamos com clareza, a sua autoridade –, ou, em outras palavras, do lugar que ela reserva ao Nome-do-Pai na promoção da Lei. (LACAN, 1958, p. 585).

É a forclusão do Nome-do-Pai, a abolição ou rejeição desse significante da Lei, que se apresenta como mecanismo próprio da psicose. À medida que entendemos sua especificidade, lançamos luz ao problema da psicose como uma estrutura tecida, por assim dizer, no seio de uma relação primordial. Com isso, podemos, desde Freud, traçar um caminho em direção à abordagem, quer da neurose, perversão ou psicose, não apenas de forma fenomenológica, mas, sim, estrutural, com a descrição de mecanismos específicos a cada um. Portanto, mesmo que encontremos graves sintomas na neurose, ela nunca deixará a especificidade de uma neurose – o recalque. Por conseguinte, sempre em uma psicose, mesmo não desencadeada, o mecanismo próprio a essa estrutura será a forclusão do Nome-do-Pai. O que não quer dizer, em nosso entendimento, que esses mecanismos descritos por Lacan sejam exclusivos de uma dada organização psíquica. Isso, no mínimo, devido ao fato de que todo sujeito tem que, necessariamente, ter sofrido a ação do recalque. Assim, embora este seja, como afirmamos, o que especifica a neurose, antes, especifica o humano, o ser falante. Há, sim, uma certa preponderância dos mecanismos, mas, para nós, não existem em estado puro. Portanto, na psicose, o sujeito estabelece uma peculiaridade com o Outro, que é a de forcluir a falta.

A psicose emergirá em uma experiência dada ulterior, freqüentemente posterior à sua estruturação (STEFFEN, 1988) e terá seu efeito determinado por aquilo que lá se desenrolou. O desencadeamento será vivido como uma catástrofe caracterizada pela

desmontagem da estrutura egóica até seu elemento mais primitivo, ou seja, a imago do corpo próprio. Schreber bem o descreve como vivência do fim do mundo (FREUD, 1911), porque, nessa regressão tópica, o que o psicótico constata é a ausência de uma matriz simbólica primitiva sem a qual o eu e o outro não mais se distinguem. Como acentua Lacan, “numa psicose, admitimos perfeitamente que alguma coisa não funcionou, não se completou no Édipo essencialmente.” (LACAN, 1955-56, p. 229).

Gostaríamos de discorrer, então, a partir de agora, sobre a definição da estrutura na criança.

1.5. A criança e a estrutura

Como evidenciamos, a psicose define-se a partir da castração. O Nome-do-Pai é foracluído do lugar do Outro, ficando o sujeito fora da lei do significante e condenado, de certa forma, a ser objeto de gozo do Outro, o que podemos constatar nos delírios e alucinações em que o sujeito é invadido pelo Outro não castrado.

Lacan (1955-56) conceitua a *Verwerfung* como mecanismo específico da psicose. Foracclusão é o nome que damos ao fato de o sujeito estar aprisionado do lado de fora da linguagem, sem a possibilidade de ser sujeito de sua própria fala. Isso significa apontar que ele mantém uma relação diferenciada com a linguagem, pois não pode portar sua fala, reconhecer-se nela.

Como sujeitos submetidos a um Outro, temos que encontrar nosso lugar no mundo já em andamento. Num certo sentido, todos “tomamos o bonde andando”, esse nos parece ser o caráter sincrônico de nossa estruturação como sujeitos. Teremos que assumir um lugar pontual na diacronia, ou seja, na história do desejo do Outro para que seja possível nosso próprio lugar. Costumamos dizer que, na psicose, o sujeito fica de fora desse “bonde”. Podemos assinalar um exílio para fora das leis da linguagem intransponíveis pelo sujeito.

Rabinovitch nos descreve esse exílio de forma poética, talvez porque só o uso de metáforas e metonímias sejam capazes de dizer do real em cena na psicose:

A foracclusão é o nome da fratura que os encerrou fora de toda inscrição, fora das pegadas na rota dos nossos sonhos, do céu dos nossos pensamentos, da casa da nossa dor ou da nossa alegria: longe do nosso *heimlich*. A foracclusão não atingiu apenas significantes fundadores do inconsciente, ela jogou fora a sua chave para sempre [...] Mais radical ainda que a supressão das marcas, a ausência de palavras para dizer a supressão abole uma não-marca. Apenas sobrevive a familiaridade de uma ausência desconhecida, a do exílio. (RABINOVITCH, 2001, p. 8)

A forclusão é o nome que inventamos para que algum sentido advenha dessa experiência chamada loucura em sua forma mais radical, que faz o sujeito navegar à deriva. Esse, o nome pelo qual chamamos essa invasão do real, quando de um surto ou na experiência com as crianças psicóticas. Forclusão é o nome que nós inventamos para a dor de um sujeito que não sabe, a rigor, as regras do jogo ou que se recusa a reconhecer as regras. Nas brincadeiras de criança, sempre que julgávamos alguém incapaz de entrar nas regras do jogo e não podíamos tirá-la de vez da brincadeira, havia uma outra regra por detrás – a carta branca. Temos a sensação nítida de que esses sujeitos, na psicose, são “cartas brancas”. Estão no jogo, mas não lhes é dada a condição de serem contados ou de se integrarem às regras.

Depreendemos, então, que essa presença constante de uma ausência – a inscrição da castração – não se faz senão às custas de um alto preço para o sujeito, pois aquilo que do simbólico fora foracluído nós o teremos retornando sob forma de uma marca da ordem do real. O que retorna sempre será da ordem do real da alucinação, do delírio ou por que não ressaltarmos, da falta de uma imagem especular que possa dar um corpo a esses sujeitos.

A forclusão desse significante ligado à castração define, de forma geral, o que está posto em jogo na psicose. Entretanto, o que dizer das psicoses da infância?

A forclusão como mecanismo específico da psicose será, como discute Juranville (1987), um estado ou um processo? Pois, como o próprio Lacan nos fez, em muitos momentos, crer, a forclusão do Nome-do-Pai seria um buraco original na constituição do sujeito. Ora, acontece que, se tomarmos a forclusão como uma rejeição à castração, então teremos que admitir, de alguma forma, a castração como mínima ou primariamente sabida pelo sujeito, para que este não queira saber nada sobre ela. A partir dessa estruturação, o desencadeamento poderá se dar cada vez que o sujeito for chamado a alguma situação que o remeta a essa experiência dolorosa, respondendo ele com a rejeição. Se o questionamento acima estiver correto, seria possível, então, pensarmos que nas psicoses desencadeadas na idade adulta, há, sim, e a teoria e a prática o dizem, uma carência desse significante Nome-do-Pai, porém uma inscrição, uma mínima amarração pareceria haver? Ao contrário das psicoses da infância, nas quais a estruturação parece diferenciar-se, poderíamos declarar que o furo apresenta uma tessitura mais radical? Já não mais “um não querer saber de nada” sobre a castração, mas um total desconhecimento desta?

Nas palavras de Juranville:

O Nome-do-Pai é foracluído em razão, justamente, daquilo que significa, ou seja, a castração. O próprio Lacan indica que o psicótico deve ter ao menos uma

“experiência” da castração, a partir da qual se efetua a forclusão (ou repúdio). (JURANVILLE, 1987, p.241).

Assim, mesmo que a estruturação da psicose se dê num tempo lógico e nas relações estabelecidas entre os elementos da estrutura, há que se levar em conta uma cronologia, também fundante para o sujeito. O que se apresenta, então, nas psicoses da infância? Um processo, estruturado a partir do repúdio do sujeito à separação, naquele tempo cronológico da relação do sujeito com o outro primordial? Se, como pretendemos assinalar, a estruturação psíquica carece de tempos para se dar, então, a psicose na infância poderia ser entendida como uma captação do sujeito à operação da alienação que impossibilitaria a criança de articular o real, o simbólico e o imaginário por meio do estágio do espelho e muito menos da metáfora paterna.

O que parece problematizar-se são os determinantes específicos que desencadeariam uma psicose no sujeito adulto, no qual a eclosão de surtos com manifestações clínicas se daria mais tardiamente e, por sua vez, a psicose infantil na qual a problemática já estivesse presente desde os primórdios de seu desenvolvimento. Se a estruturação psíquica constitui uma organização definitiva, a economia de seu funcionamento parece sujeita a variações de regime, mas o que seria responsável por essa variação mostra-se relevante.

Queremos discorrer um pouco acerca da estrutura e a criança, estabelecendo alguns aspectos que nos parecem relevantes.

A psicose da infância nos dá notícia de um sujeito que é capturado precocemente em uma posição que, embora não possa ser tomada como definitiva, traz sérias conseqüências ao seu desenvolvimento e estruturação como sujeito. Parece haver uma impossibilidade em articular minimamente o real do corpo, sua imagem e o simbólico. Essa articulação, como intencionamos salientar, exige do sujeito um tempo de constituição ainda não alcançado inteiramente na infância.

A criança apresenta-se como um sujeito no qual as insígnias do Outro deverão se inscrever. Essas insígnias, cavando um lugar imaginário e simbólico para essa criança, propiciam o surgimento de um sujeito. Portanto, compreendemos que ela se constitui assim em um sujeito, de certa forma, aberto, não só às intervenções ligadas a momentos lógicos, mas também às intervenções na linha do tempo, que possam permitir-lhe um devir em sua estruturação.

Sabemos que a condição que propicia o advento de uma criança é o desejo dos pais. Esse desejo é anterior à criança, que nasce em um dado contexto e se vê capturada nessa rede desejante de seus pais. Porém, a nosso ver, apenas isso não é suficiente para tomarmos a

estruturação dessa criança como dada. É necessário que pais e filho construam relações que possam, lógica e cronologicamente, inscrever no real do corpo dessa criança as marcas do desejo.

Jerusalinsky nos informa que “uma criança vai vivendo e, na medida em que vai vivendo, nela vão se produzindo certas inscrições. Se bem que a novela que lhe dá essa inscrição esteja escrita desde antes, que é a novela que a fantasmática parental lhe reservou ou lhe atribuiu” (JERUSALINSKY, 2002, p.39), não quer dizer que já esteja inscrito nela, criança, desde antes.

Mais adiante acrescenta:

As vicissitudes da inscrição dos significantes que vão incluir, capturar e conduzir a esta criança pelos meandros, pelos labirintos dessa novela – essas inscrições terão que ser feitas e sofrerão as vicissitudes, as irregularidades, os imprevistos que toda a inscrição pressupõe. De modo muito simples e metafórico “os pais estão escrevendo nela” [...] Porque os instrumentos que os pais dispõem para produzir essas inscrições são variáveis ao longo do transcurso da vida [...] (JERUSALINSKY, 2002, p.39).

Mesmo que os significantes advindos dos pais estejam inscritos desde antes do nascimento de um filho, entendemos que uma estruturação exige tempo e momentos que possam defini-la. O sujeito precisará de vários momentos em sua vida nos quais possa confirmar sua posição frente à palavra do Outro, justamente porque essa palavra traz em si um mal entendido, que parece permitir ao sujeito uma certa “folga” em suas respostas. Se o sujeito, em um dado momento de sua relação com o outro, pergunta-se “o que ele quer de mim?” é exatamente porque a incerteza o faz questionar sua posição frente a esse outro. Essa questão deverá sempre carregar a marca da dúvida que permite ao sujeito constituir-se. A certeza do sujeito é de que o outro quer algo, porém a incerteza essencial será o que quer esse outro. Durante todos os principais momentos da vida do sujeito, essa questão e a sua resposta estarão presentes, o que irá definir sua posição posteriormente.

Não é a mesma coisa dizermos de uma definição estrutural em um adulto que fez sua história e em uma criança que ainda está por fazê-la. Isso tem incidências profundas quando nos referimos à psicose que alcança uma criança. Se, por um lado, podemos entender que esse devir da estruturação permite que esta seja alcançada por algum tipo de intervenção que possa ajudá-la, por outro, essa psicose que surge tão precocemente apanha esse sujeito em um momento capital de sua vida, estacionando sua história.

Da clínica, temos vários relatos nos quais são apontadas intervenções feitas sobre as crianças e seus pais e que, por vezes, ocasionaram rearranjos na estrutura dessa criança.

Isso nos parece ser devido, então, a que a estrutura, mesmo que se defina num tempo lógico, fica também submetida a momentos cruciais da relação da criança com o Outro.

Na criança, a estruturação ainda não é definitiva, posto serem necessárias, no mínimo, duas séries para que possamos definir uma estrutura. Isso significa afirmar que é preciso que o desejo parental prévio – primeira cena – cumpra-se na materialidade do corpo da criança – segunda série –, que, por sua vez, não se concretiza de forma instantânea, mas pressupõe alguns arranjos e rearranjos nas relações dessa criança com o Outro. Como sugerimos, esse desejo parental deve captar a criança, mas, ao mesmo tempo, permitir-lhe um avanço em seu próprio desejo. O que torna isso possível é a incerteza de ambos os lados.

Meira sugere que, na infância, seja organizada uma certa indicação da estrutura que posteriormente poderá ser confirmada em momentos decisivos da vida do sujeito. A autora alega o seguinte:

Esse indicador de estrutura seria algo da ordem de um jogo de cartas marcadas: há uma possibilidade de mudança da situação, mas ela é reduzida, pois houve uma trapaça anterior que reduz a variação do jogo. Mas temos uma aposta: embora as cartas tenham sido dadas para que a criança advenha nesse lugar, a partida ainda tem de ser jogada. E nela podemos pensar que o encontro com o analista, bem como outros encontros que a vida proporciona, pode mudar algo do jogo. (MEIRA, 2004, p.129).

A autora conclui mencionando que esse indicador tende a se cristalizar, pois os elementos e as posições dos elementos já estão estabelecidos na primeira infância, mas embora não sejam sem consequências, essas indicações deverão se confirmar mais adiante na vida do sujeito. Daí nos vem a convicção de que um trabalho de análise que envolva a criança e aqueles que cuidam dela torna-se de crucial importância devendo alcançá-los o mais cedo possível.

Françoise Dolto, falando sobre a importância da educação fundamental, ou seja, aquela que sulca na criança os significantes primordiais ligados ao Édipo e à castração, evidencia seu caráter indelével. Explica Dolto:

Quero dizer que ela [a educação] vai estruturar a personalidade da criança, seu modo de ser na vida. E essa personalidade não poderá ser modificada. É um pouco como um troco de árvore. Uma árvore que começa é um broto muito pequeno e frágil. Mas já sabe que terá três ou quatro galhos principais. Mais tarde, a árvore poderá desenvolver sua ramagem, o tronco poderá ter dois pés de diâmetro, mas sempre terá seus três ou quatro galhos principais que constituíram sua estrutura inicial. (DOLTO, 1999, p.42).

Dolto nos informa que as marcas e impressões deixadas nos primeiros tempos da infância são de crucial importância justamente porque nesses primeiros momentos, o sujeito necessita dar sentido ao que lhe falta como ser, e esse sentido, de certa forma, cria uma matriz simbólica e imaginária com a qual o sujeito terá de lidar ao longo de sua vida. Mesmo assim, acreditamos que essas marcas e impressões precisam ser confirmadas para que tenhamos uma definição.

Lacan esclarecerá, a propósito da psicose e sua estruturação na criança:

De uma certa maneira, não se sabe se é uma boa coisa empregar a mesma palavra para as psicoses na criança e no adulto [...] A psicose não é estrutural, de jeito nenhum, da mesma maneira na criança e no adulto [...] Sobre a psicose do adulto, *a fortiori* sobre a da criança, reina ainda a maior confusão. (LACAN, 1954-55, p. 134-135).

Sabemos que a teoria lacaniana caminhou muito desde a enunciação dessa proposição. Muitos psicanalistas têm avançado nessas questões. E parece-nos vir da clínica nossa maior contribuição, pois a escuta nos abre caminho para o entendimento de que há etapas, momentos, se podemos dizer assim, decisivos para o sujeito e que estão postos em jogo na psicose da infância, exatamente porque, nessas, o sujeito parece interromper o curso de sua história, por vezes, com prejuízo de seu desenvolvimento.

É importante salientar que Lacan sempre pontuou a estruturação depende de um tempo lógico e o que da estrutura se pode apreender só se define num só-depois que, incidindo sobre um momento anterior, dá sentido a ela. Mas, por muito tempo, os psicanalistas se fecharam nessa verdade do mestre, deixando de lado aquilo que a clínica nos mostra de importante. A estruturação também depende do *cronos*, e queremos pontuar que a psicose da infância é uma prova disso. A criança interrompe sua história, da qual também depende sua estruturação, que só poderá ser retomada se houver alguma intervenção.

O que define a estrutura é a resposta do sujeito diante da castração e do complexo de Édipo, e essa resposta se reafirma muitas vezes. Diante do real da castração, resta ao sujeito adentrar nos meandros do Édipo, que, como vimos anteriormente, é a possibilidade de o sujeito dar sentido ao que, a rigor, não tem sentido. Segundo nossa leitura, a castração deve operar em três cenas, quais sejam: aquela que inclua a constituição do desejo materno, aquela que concretize esse desejo com o surgimento da criança e sua relação com o Outro materno e aquela ligada à constatação pelo sujeito da diferença dos sexos. Essas cenas desenrolam-se numa dada seqüência diacrônica, embora uma sempre retorne à outra como forma mesma de ressignificação.

Para Bernardino, complexo de Édipo e castração se desdobram em dois momentos: “[...] primeiramente, sob a forma de uma resposta “teórica” [...], no tempo ainda da infância. Depois, no momento do fim da adolescência e passagem para a vida adulta, tratar-se-ia de pôr-à-prova esta primeira definição e escolher o sintoma.” (BERNARDINO, 2004, p.39-40).

Essa resposta teórica diz respeito às marcas que se inscrevem no psiquismo e que serão reafirmadas em momentos nos quais esse sujeito tenha que se colocar de um lado ou de outro da partilha dos sexos. Assim, embora cada tempo venha dar sentido ao outro, essa resposta teórica, nós a poderíamos situar em um tempo no qual o sujeito, necessariamente, tenha que ser tomado pelos cuidados do outro.

O tempo de dependência do sujeito ao Outro materno, tempo em que a função materna é a única capaz de promover a inscrição pulsional, nós o chamaremos de infância.

Parece-nos certo que a nossa constituição de sujeito não se dá senão ao preço de uma falta ou de uma passagem à desnaturalização, podemos evidenciar, vivida com dor. Inventamos objetos a fim de que possamos reencontrá-los. A infância é uma construção contada pelos adultos e vivida pela criança atual e que diz de um tempo no qual garantimos a presença de um objeto que nos livra da falta que, na verdade, é constituinte. Freud, em “Sobre o narcisismo: uma introdução” (1914), mostra-nos que o amor tem sempre uma base narcísica, pois, dentre várias coisas que amamos, elegemos aquilo que um dia nós fomos. Houve um tempo mítico, porém historicizado pelo recalque, em que o sujeito era o que faltava ao Outro.

A infância é um tempo passado para um adulto, mais precisamente, que permite a esse adulto inserir-se na linha do tempo, mesmo um psicótico que tenha seu surto mais tardiamente. Quanto ao infantil, este é inteiramente revivido por esse sujeito, principalmente no surto. A psicose da infância faz elidir essa construção, porque nela a criança se vê aprisionada ao momento mítico do infantil parental e, nesse sentido, ela não faz história. Para que uma estruturação se dê, é preciso posicionar-se no tempo não só do desejo do Outro, mas também possibilitar ao real do corpo inscrever-se na história.

Birman define o infantil da seguinte forma:

O infantil seria aquilo que não se fez ainda história, estando colado como presença no registro do acontecimento. Como tal, o infantil seria do registro do mito, daquilo que fala de maneira circular e insistente do Mesmo, onde o Outro como alteridade radical ainda não se inscreveu pela dialética do presente, do passado e do futuro. Porém é evidente que, como mito e como origem, o infantil seria a condição do sujeito construir uma história, forjando pela ficção uma narrativa cadenciada de seus primórdios. (BIRMAN, 1997, p.33).

Parece-nos interessante notar que, embora sobre o sujeito criança, então, sejam vividas questões relativas ao infantil recalcado do adulto, e esse infantil só possa ser contado por aquele que fala ou só tenha um sentido retroativamente, essa criança, mesmo que submetida a esse infantil atemporal, certamente, necessita de um tempo para que também possa ressignificar sua posição de sujeito.

Retomando os elementos retirados da lingüística por Lacan, devemos observar que, dentro da linearidade do signo lingüístico, o tempo é de crucial importância. A cadeia de palavras desloca-se, necessariamente, numa ordem de tempo cronológica, tornando-se impossível a pronúncia de mais de uma palavra ao mesmo tempo. A cadeia significante desloca-se no tempo e só adquire seu valor de significação por retroação. Falar implica sempre o caráter diacrônico, aquele que se desdobra no tempo, caminha através do tempo. Mas, é claro, que nada do que falamos está desvinculado dos termos que vêm antes e depois – este é o caráter sincrônico do significante que nos enuncia o fato de que o ato mesmo do sujeito quando fala demonstra que esse sujeito incorporou inconscientemente as regras, as leis da linguagem. Nenhum fenômeno humano se coloca fora desses dois aspectos, desses dois eixos. O corpo da criança que se traduz em um espaço no qual as palavras e imagens irão se sobrepor, também, como ressaltamos, deverá ser temporalizado por se inscrever na cadeia significante. Mesmo que, como sabemos, o corpo da criança seja apreendido por uma imagem antecipada daquilo que ela ainda não pode ser, ainda assim, a estruturação desse corpo tem que obedecer a um tempo.

Com relação a essa sincronia e diacronia, Lacan expõe o seguinte:

[...] quando começo uma frase, vocês só compreenderão seu sentido quando eu a houver concluído. É absolutamente necessário – essa é a definição de frase – que eu tenha dito a última palavra para que vocês compreendam a situação da primeira. Isso nos dá o exemplo mais tangível do que podemos chamar de ação *nachträglich* do significante. É precisamente o que não paro de lhes mostrar no texto da própria experiência analítica, numa escala infinitamente maior, quando se trata da história do passado. (LACAN, 1957-58, p.17).

Se a cadeia significante tem uma evolução cronológica, pois obedece a um encadeamento no tempo, por sua vez, seu sentido, como explicamos, se dá num só depois. Como uma palavra só pode adquirir valor se for sancionada pelo Outro, então, o sentido é outorgado pelo Outro. Com isso, estamos aqui pontuando uma articulação necessária entre um tempo cronológico e um tempo do sujeito, entre a sincronia e a diacronia, para a estruturação da subjetividade. Além disso, quando pensamos na importância que adquire o tempo cronológico, estamos, também, considerando a necessidade de que o real biológico do corpo

seja levado em consideração. Não queremos com isso, entretanto, submeter a estruturação do sujeito ao seu desenvolvimento maturativo, mas articular os dois movimentos. A função materna faz com que o bebê preexista e funda uma condição que, a rigor, não existe. A função materna traz à existência o que não existe ainda. Porém, se o que marca o ritmo do desenvolvimento é a ordem simbólica, o desejo do Outro, como considera Jerusalinsky, “o maturativo se mantém simplesmente como limite, mas não como causa.” (JERUSALINSKY, 2004, p.29). O corpo real, biológico do bebê é tomado pelo desejo materno, que torna possível o enlace da pulsão, bem como um circuito que opera dentro das escansões que o Outro produz, dentro de uma lógica trazida pela mãe de sua relação com seu Outro primordial. Assim, mesmo que, no desejo, se antecipem imagens e símbolos, mãe e bebê “aguardam” que certas condições biológicas aconteçam e, em geral, elas acontecem porque as palavras da mãe estimulam o biológico de seu bebê.

Entendemos que o tempo cronológico é, de certa forma, imprescindível ao humano, pois, como representação simbólica, permite situar-nos num passado, num presente e num futuro. É claro que essa localização prende-se àquilo que fomos para o Outro, mas, de qualquer modo, dá-nos um lugar na história escrita pelo Outro e a possibilidade de nós podermos participar dessa escrita. Em outros termos, permite-nos representar o real inapreensível. A cronologia, para uma psicose do adulto, faz toda diferença, pois lhe proporciona uma infância, mesmo que marcada pelos sinais de sua estrutura. Lacan (1958) pontua a regressão tópica da psicose de um adulto ao momento de constituição do eu como uma das características principais advindas do surto. Isso nos propicia que, na história desse sujeito, foram sendo deixadas marcas, rastros da forclusão, que, por meio do surto, fez com que o sujeito se valesse da intricação imaginária da subjetividade. A psicose da infância não permite à criança uma infância, precisamente porque deixa o sujeito à deriva do tempo mítico do desamparo. O real, o simbólico e o imaginário não têm tempo de se intricar, permanecendo não articulados.

O tempo cronológico que estamos pretendendo articular com o tempo lógico da estrutura diz respeito a esse tempo que se desenrola, termo após termo, como acentua Lacan e que possibilita, além do tempo do Outro, apreender o circuito da pulsão. Mesmo que os ruídos de um bebê não sejam, a rigor, palavras, mas apenas sons e que a mãe tenha de fazer deles uma palavra endereçada a ela, mesmo que, nessa antecipação haja uma espera de que depois de algum tempo aquele som se transforme em uma palavra, na combinação de duas ou três, até uma frase, a mãe aguarda que o aparelho fonador de seu bebê lhe de condições de realizar seu desejo. Quase nenhuma mãe preocupa-se com seu bebê de, por exemplo, seis meses de

idade que não fala. Mas quase todas as mães se preocupariam se seu filho de dois anos não falasse. Isso porque quase todas as mães compreendem que seu bebê precisa de tempo. Essa cronologia é simbólica, reiteramos, caminha no espaço e promove a captura do desamparo da cria humana num tempo que possa torná-lo suportável.

Diferentemente da cria de outro mamífero, o bebê humano caracteriza-se por estar fora de uma predestinação instintiva justamente por sua precariedade em relação aos outros animais que se regem pelos seus instintos absolutamente bem adaptados. No bebê, isso abre uma hiância que dá espaço ao significante para impor suas marcas.

Como sugere Bernardino: “[...] as marcas de linguagem vão ser os ordenadores de suas funções anatômicas, musculares ou fisiológicas. Ao entrar desde logo no circuito pulsional, o ritmo de seu desenvolvimento vai ser regulado pelo desejo do Outro.” (BERNARDINO, 2004, p.53).

O que vemos é que esse desejo toma um corpo biológico desadaptado e imprime nele suas marcas. Portanto, dois elementos estão presentes na estruturação e, exatamente nisso, é que a hiância se apresenta: o elemento orgânico, o corpo desadaptado e o significante. Esses dois elementos devem articular-se e promover, em tempo hábil, um rearranjo que permita a esse corpo estruturar-se. Tanto *cronos* quanto tempo lógico ligam-se, portanto, às marcas do corpo real em que deverão se inscrever.

Nas palavras da autora acima:

Estamos sempre no entrecruzamento de uma maturação que é movida por uma lógica da linguagem e marca o acontecimento biológico, ao mesmo tempo em que é dependente dele – as determinações genéticas, constitucionais e ambientais vão sofrer a ação do desejo do Outro. Os tempos lógico e cronológico se conjugam ou como no caso das patologias, se “curtocircuitam”. (BERNARDINO, 2004, p.56).

Na psicose da infância, nada parece mediar o infantil atemporal, o que inviabiliza essa conjugação responsável pela inserção do real ou da pulsão no campo do Outro.

É verdade que o inconsciente é atemporal, como afirma Freud, porque sua fundação promove a clivagem do psiquismo, estando doravante o sujeito aprisionado na linguagem, no simbólico, esse o preço que se tem de pagar para ser sujeito. A palavra faz morrer a coisa, elevando-a a um estatuto de símbolo. Aliás, o aparelho psíquico descrito por Freud é um aparelho que tem por finalidade representar a coisa, pois sabemos que a ordem do real deve ser representada no psiquismo. Essa é a função do psiquismo: dar um sentido às excitações de dentro do organismo. É por meio da palavra que a coisa se presentifica, portanto esse parece ser o estatuto atemporal do inconsciente – a palavra presentifica a coisa.

Lacan, no Seminário 1 – “Os escritos técnicos de Freud”, expõe acerca da palavra:

[...] o conceito não é a coisa no que ela é, pela simples razão de que o conceito está sempre onde a coisa não está, ele chega para substituir a coisa, como o elefante que fiz entrar outro dia na sala por intermédio da palavra elefante. Se isso chocou tanto alguns de vocês, é que era evidente que o elefante estava aí a partir do momento em que o nomeamos [...] o conceito é o que faz com que a coisa esteja aí, não estando. (LACAN, 1953-54, p.275-276).

Mais adiante ele afirma:

Encontramo-nos aqui no coração do problema do que Freud avança quando diz que o inconsciente se coloca fora do tempo. É e não é verdade. Ele se coloca fora do tempo exatamente como o conceito, porque é o tempo de si mesmo, o tempo puro da coisa, e pode como tal reproduzir a coisa numa certa modulação, de que qualquer coisa pode ser o suporte material. (LACAN, 1953-54, p.276, grifo nosso).

Lacan é enfático em dizer que qualquer coisa pode ser o suporte material que comporta do tempo “puro da coisa”. Entretanto, no que se refere à criança que nasce e deve ser tomada por esse tempo, esse suporte faz muita diferença. Porque Lacan alega que é e não é? Segundo nosso entendimento, isso se deve ao fato de que é preciso um suporte material inserido no tempo e espaço para que a atemporalidade se presentifique. O corpo biológico do bebê é também um suporte material, que, apesar de já carregar em si as marcas das palavras, carrega também excitações de organismo vivo incapaz de se inscrever sem o desdobramento de um tempo. O corpo enquanto real é o que não cessa de não se inscrever.

Uma vez mais, parece-nos esclarecedor o apontamento de Zornig acerca desse tempo lógico ligado ao infantil e do tempo evolutivo, ligado à criança e que se faz presente na clínica:

[...] a clínica com crianças nos confronta com esse paradoxo, pois temos a difícil tarefa de trabalhar com o fator infantil que se presentifica na cena analítica retroativamente, e, ao mesmo tempo, acompanhar o desenvolvimento da formação desta subjetividade que nos confronta com questões complicadas, como a questão das origens, que surge acoplada ao significante criança pelo discurso parental, a relação entre o sintoma da criança e o desejo materno, enfim, com a tentação recorrente de confundir a infância com o infantil. (ZORNIG, 2000, p.121-122).

Isso quer dizer que há, sim, um tempo estrutural, no qual os elementos se combinam e se relacionam entre si, e um tempo evolutivo ligado ao desenvolvimento, todos porém, tempos ligados ao discurso. Embora entendamos que o corpo biológico faça limite, o real do corpo, pois todo humano não pode prescindir de um tempo para sua estruturação, e então pontuamos o *cronos* como também operador na constituição da subjetividade, queremos acentuar que esse real do corpo que deverá se inscrever tem que ser referido aos outros – semelhantes e ao Outro simbólico.

Assim, a fim de podermos situar a estrutura na criança, sem correremos o risco de enclausurá-la em um rótulo definitivo – o que não seria, por certo psicanalítico –, procedemos a uma articulação dos tempos lógicos e o tempo cronológico, articulação entre uma inscrição primordial dessa criança na ordem simbólica e o tempo do desenvolvimento, estes entrelaçados às escansões advindas do Outro e que alcançam a criança. Essas escansões marcam o tempo e promovem no sujeito uma ordenação de sua posição, uma vacilação da criança ante sua captura pelo Outro. As escansões ordenam a falta que faz operar a estrutura.

Kupfer (1999) diz a respeito da psicose na infância que “o que falta é a falta [...], a estrutura que as organiza pode ser comparada à de uma frase melódica sem um repouso na tônica, e que equivale a uma frase sem ponto final [...] falta-lhe esse momento de interrupção e o sentido que pode advir.” (KUPFER, 1999 apud WILLERMART, 1999, p. 107). O tempo da frase se eterniza, porque não há acento, nem momentos de parada que possam fazer vacilar o desejo do Outro. A pulsão não faz seu circuito, o que não permite ao real do corpo uma borda capaz de dar ao sujeito um traçado de seu corpo.

É por essa via de articulação que Bernardino propõe:

[...] uma definição de desenvolvimento compatível com uma abordagem psicanalítica freudo-lacaniana: o atravessamento das diferentes interseções de tempos lógicos com estados cronológicos, que permitem o processo simbólico de inscrição e de passagem de um sujeito do tempo infantil ao tempo de apropriação da estrutura, em retroação constante, passando pelos diferentes estatutos imaginários que configuram sua posição em relação ao desejo: criança, adolescente, adulto, até o envelhecimento, tendo como eixo o infantil que se repete. (BERNARDINO, 2004, p.57).

Na psicose que eclode em adultos ou adolescentes, o que temos é, na verdade, uma cena posterior à infância, na qual esse sujeito em um momento crucial de sua vida, uma escolha profissional, uma experiência amorosa, enfim, alguma situação que exija dele um saber advindo dessa inscrição que lhe falta. Essa cena posterior é o que vem confirmar, então, a cena anterior, na qual esse sujeito foraclui a castração. A infância desse sujeito promoveu suas marcas, que foram confirmadas em sua fase adulta.

Julien salienta que, na psicose, “sucede fortuitamente que um acontecimento como encontro com o real faça ruptura com as significações adquiridas; ele lhes escapa.” (JULIEN, 1999, p. 20).

E o autor acrescenta:

- de um lado, um encontro amoroso, uma próxima paternidade, uma descoberta científica ou artística, uma causa política ou militar, uma revelação religiosa;

- de outro, uma traição conjugal, um óbvio inesperado, um fracasso profissional, uma derrota política ou militar, uma desoladora noite mística.

A cada vez, uma verdade nova, falta o saber, e a interrogação permanece em suspenso.

Qual será a resposta psicótica a essa interrogação? Para que uma psicose venha responder, é preciso inicialmente a co-incidência [...] de duas “quedas”, o encontro fortuito de duas elisões, uma no imaginário, outra no simbólico: justaposição de dois furos. (JULIEN, 1999, p. 20).

O saber, que até aquele momento sustentava o sujeito, estava assentado em uma relação imaginária, que, dado o furo estrutural no simbólico não oferece condições ao sujeito de responder como sujeito. Assim, é o surto: uma resposta a um acontecimento que exige do sujeito um saber que ele não porta. É importante observar que esse sujeito que denominamos de adulto, pôde, de alguma forma, crescer e ultrapassar o momento cronológico que chamamos de infância. Esse sujeito tem uma infância a qual nos pode contar. A infância do psicótico possibilita-se trilhar o caminho da estruturação de sua psicose, que vai de suas primeiras relações até a eclosão de seu surto.

A respeito da psicose da infância, explica Kupfer:

[...] o destino de uma pessoa será certamente diferente se uma crise psicótica eclodir na infância ou na adolescência. Caso ocorra em idade precoce, é bem provável que a criança apresente atrasos significativos no desenvolvimento, coisa que não ocorreria com um adulto. A criança que se apresenta a nós não é apenas um sujeito em meio a uma crise, é também uma pessoa correndo o risco de não crescer nunca mais. Não há como negar, portanto, que a psicose infantil nos coloca diante de dificuldades que não encontramos no tratamento das psicoses no adulto. (KUPFER, 1996, p.23).

Willemart faz uma distinção entre a articulação do neurótico e a do psicótico quanto aos registros. O neurótico consegue atrelar os 3 registros e circular entre eles, enquanto que, “o psicótico esvazia ou diminui o simbólico sob a pressão do Imaginário e circula apenas do Real ao Imaginário.” (WILLEMART, 1999, p.45). Queremos salientar que, precisamente pelo curto-circuito que emerge na psicose da infância entre os dois tempos, essa criança psicótica quase não pode circular entre Real e Imaginário ou circula minimamente.

Esclarece o autor que, “quanto à criança psicótica, ela viveria exclusivamente no campo do outro, à mercê dele, sem poder barrá-lo, resistindo à vivência das pulsões oral, anal, escópicas e do ouvir.” (WILLEMART, 1999, p.47). Essas pulsões não têm tempo de serem unificadas na imagem corporal. Enquanto que, na psicose da infância, isso não se dá, na psicose do adulto, o que se tem é a regressão tópica como descrevemos.

Dessa forma, situados a respeito da importância, para nós de uma articulação entre o tempo do sujeito e o tempo cronológico que veicula também o tempo da maturação do corpo, pretendemos discutir quais os momentos lógicos e cronológicos fundamentais na

estruturação da subjetividade e que podem ser tomados por nós como aqueles que dentro de uma sincronia, podem definir a estrutura.

Quais seriam esses momentos-chave da estruturação do sujeito que, enlaçado ao real do corpo e, portanto, à maturação do organismo, submetida aos significantes advindos do Outro, quais momentos promovem a definição da posição do sujeito frente à castração? Isso parece importante, posto que são esses momentos em que a psicose mais freqüentemente pode aparecer.

Bernardino (2004) propõe uma articulação entre os momentos decisivos na estruturação do sujeito e os três tempos lógicos descritos por Lacan, o instante de olhar, o tempo para compreender e o momento de concluir. Lacan (1945) apresenta essa tripartição do tempo em que demonstra que cada passagem a uma das dimensões traz consigo um retorno à dimensão anterior e um passo à dimensão seguinte. Cada dimensão pretende a inclusão da seguinte, até que advenha para o sujeito uma asserção sobre si, na qual este se apressa em reconhecer seu lugar. Lacan reitera que há momentos de escansão, de parada, de escansões suspensivas, como nomeia ele, em que “cada um dos sujeitos evidencia que chegou à sua conclusão.” (LACAN, 1945, p.201). Esclarece que “elas só desempenham esse papel, com efeito, após a conclusão do processo lógico, uma vez que o ato que suspendem manifesta essa própria conclusão.” (LACAN, 1945, p.201-202).

Esses momentos de parada se dão cada vez que se desenrola uma das dimensões do tempo lógico. Essas escansões revelam que ao sujeito é necessário confirmar sua posição e que sua conclusão não pode ser atingida a não ser pelos outros sujeitos.

Lacan afirma ainda:

Mas, captar na *modulação* do tempo a própria função pela qual cada um desses momentos, na passagem para o seguinte, é reabsorvido, subsistindo apenas o último que os absorve, é restabelecer a sucessão real deles e compreender verdadeiramente sua gênese no movimento lógico. (LACAN, 1945, p.204, grifo do autor).

Assim, Bernardino considera:

O instante do olhar situaria o primeiro momento da **inscrição** do significante – olhar do Outro primordial, suporte do Ideal do eu, que marca aí um traço, fundando um sujeito, no entrecruzamento da introjeção simbólica com a projeção imaginária que resulta no narcisismo primário e possibilita o **estádio do espelho**. (BERNARDINO, 2004, p.80, grifo do autor).

Nós diríamos que esse é o tempo em que o psicológico se antecipa ao fisiológico, permitindo ao sujeito adquirir uma imagem unificada de si, que pré-figura a constituição do

Ideal do Eu – instância simbólica advinda das insígnias do Pai Simbólico – e possibilita a constituição da instância do Eu Ideal ligada ao imaginário ou à formação de uma imagem especular a partir do espelho que é o Outro. Nesse momento, delinea-se para a criança, uma certa identificação cuja base é a relação de alienação desta com a mãe. Esse momento se eclipsa à operação de alienação e é, para nós o momento da captura da criança à psicose que ficaria sem a possibilidade de acender ao tempo posterior.

Lacan nos relatará:

A assunção jubilatória de sua imagem especular por esse ser ainda mergulhado na impenhência motora e na dependência da amamentação que é o filhote do homem nesse estágio de *infans* parecer-nos-á pois manifestar, numa situação exemplar, a matriz simbólica em que o eu se precipita numa forma primordial, antes de se objetivar na dialética da identificação com o outro e antes que a linguagem lhe restitua, no universal, sua função de sujeito. (LACAN, 1949, p.97)

Relacionamos esse instante ao momento de alienação do sujeito, como declaramos, e o momento de hesitação ou parada suspensiva à espera de uma confirmação que venha do outro é o que lhe permite acender à dimensão seguinte. Parada suspensiva esta que não aparece na psicose da infância.

Podemos vislumbrar um segundo e um terceiro momento assinalado por Bernardino:

O tempo para compreender instalaria o sujeito no campo Simbólico – operação do **Ford!Da!** – a partir do **apagamento**, recalcque originário, resultante da inscrição do Nome-do-Pai e sua apropriação enquanto metáfora paterna, que propicia o encontro com um primeiro sentido/saber sobre si e sobre o Outro, dando lugar ao tempo do Édipo e seu corolário, a latência descrita por Freud.

O momento de concluir situaria a injunção que introduz o sujeito na **adolescência** e o apressa a concluir com uma asserção subjetiva: a **interpretação**, terceiro tempo da inscrição do significante [...] (BERNARDINO, 2004, p.80-81, grifo do autor).

Entendemos que esse segundo tempo, nomeado pela autora como tempo para compreender, é, na verdade, o momento de separação descrito por nós acima, apenas conquistado a partir a metáfora paterna. Momento no qual toda a problemática da psicose do adulto vem apontar. Queremos expor que esses sujeitos chegariam a vislumbrar uma certa instalação do simbólico por meio da função paterna, uma amarração “mal feita” dos registros que viriam a desarticular-se no momento de concluir.

No que se refere ao momento da adolescência como ponto chave para a definição de uma estrutura, Saggese (2001) aborda a idéia de que a adolescência assume um valor social dentro da sociedade moderna na qual o individuo é chamado a transitar de um meio familiar mais restrito a um espaço social mais amplo, em que é conclamado a buscar um lugar próprio. Esse lugar próprio pressupõe escolhas que só poderão ser feitas à medida que o sujeito traga

em si marcas de uma inscrição que o situem de um ou outro lado da escolha sexual. Como veremos mais adiante, em um dos casos clínicos, exatamente por faltar esse significante fálico, a eclosão da psicose se apresenta.

Saggeze explica o seguinte:

Pensando em puberdade no plano das pulsões, não abandonando o conceito mais amplo de adolescência, situado no campo social. [...] A exigência pulsional, exigência de inscrição da pulsão na ordem simbólica – *o real que não cessa de não se inscrever* –, encontra-se com as demandas feitas ao sujeito adolescente, a partir do campo do Outro, para que tome a palavra como *indivíduo*. (SAGGESE, 2001, p.111, grifo do autor).

Assim, devemos tomar a foraclusão do Nome-do-Pai como um mecanismo capaz de estruturar uma psicose após esses momentos de confirmação nos quais o sujeito ressignifica, a cada passagem, suas marcas, suas inscrições. Calligaris reitera essa idéia quando considera o conceito de foraclusão como uma certa “data de validade vencida”:

Quando falamos que a construção de uma estrutura precisa de um tempo, de fato queremos dizer que precisa de tempos. Eu conto quatro pelo menos. Primeiro, uma disposição já inscrita no Outro, e que por sua vez já precisa talvez de uma sucessão de tempos lógicos para ser eficiente. Segundo, algo relativo à primeira relação com o Outro dito “materno”. Terceiro, o tempo do Édipo. Quarto, o período de latência e a saída na puberdade. (CALLIGARIS, 1989, p.67)

Portanto, na sucessão e incorporação de cada momento, podemos chegar à compreensão do processo, pois é “na modulação do tempo a própria função pela qual cada um desses momentos, na passagem para o seguinte, é reabsorvido, subsistindo apenas o último que os absorve” (LACAN, 1945, p.204). Será o tempo para compreender que, reabsorvendo o instante do olhar, precipita o sujeito no tempo de concluir. Portanto, “passado o tempo para compreender o momento de concluir, é o momento de concluir o tempo para compreender.” (LACAN, 1945, p.206).

Dito isso, pretendemos estabelecer as especificidades da psicose na infância e como declaramos no início desta seção, procuramos levantar a questão de quais determinantes específicos permitiriam a alguém com uma estrutura psicótica, segundo essa vertente teórica, alguém por quem a função do Nome-do-Pai é completamente rechaçada, vir a apresentar uma psicose clínica numa fase posterior de sua vida e outro, por sua vez, a apresentar desde a tenra infância? Como explicar o fato de uma criança ser lançada tão precocemente em uma psicose, não podendo, mesmo que minimamente, sustentar-se, como nos casos de psicoses desencadeadas posteriormente? A partir disso, quais seriam, então, as especificidades da estrutura psicótica na infância?

2. OBJETIVOS

2.1. Objetivo geral

Pesquisar, a partir dos 3 casos tomados nesta pesquisa, a estruturação e o acontecimento da psicose da infância e do adulto.

2.2. Objetivos específicos:

1. Construir e analisar, a partir da história de vida contada pelos sujeitos, os possíveis modos de eclosão da psicose no sujeito adulto;
2. Descrever e analisar os fatores determinantes da insurgência da psicose na infância, bem como suas especificidades;
3. Construir hipóteses sobre a presença de modos de funcionamento psíquico específicos tanto das crianças e seus pais, quanto dos adultos que apresentaram o fenômeno da psicose após a infância;
4. Identificar e analisar os elementos que possibilitam à estrutura psicótica um adiamento dos sinais clínicos que a caracterizam, para além do período da infância.

CAPÍTULO III**3. METODOLOGIA**

Este trabalho pauta-se e deixa-se permear pelo método clínico psicanalítico. Apreendemos de Freud que o inconsciente é objeto de investigação da psicanálise. Poderíamos desdobrar essa afirmação e esclarecer que o sujeito com seu dito e dizer é o que, como clínicos, ouvimos e investigamos. Nossa investigação dá ouvidos à dor do sujeito que sofre. Por isso, entendemos que este trabalho de pesquisa, por meio da escuta clínica, buscou ouvir o singular que se apresentou em cada caso. Apreendemos com Freud que a pesquisa psicanalítica é ímpar, pois seu objeto é construído na interface entre o dito do sujeito e a escuta do analista. O que procuramos pesquisar, com base em nossas indagações advindas da clínica da psicose, foi o singular que cada sujeito pôde nos trazer.

Queremos salientar que a psicanálise constitui-se em um campo de investigação muito singular e, portanto, o saber produzido nele, não é nem do analista, nem do analisando, mas do inconsciente que engendra um saber que não se sabe *a priori*. Como nos ensina Rezende (1993), o campo de pesquisa psicanalítica pode ser levado a termo por nós de três lugares diferentes, quais sejam: o de exegeta, pois pelos textos freudianos, sabemos o que é o inconsciente; o de hermeneuta, no qual nós, enquanto seres de linguagem, nos deparamos com as manifestações do inconsciente na nossa experiência de vida, e o de clínico, no qual a interpretação produz um não saber que faz surgir o sujeito da psicanálise.

De uma certa maneira, pudemos, como exegetas, aprofundar nos textos nossa problemática, como hermeneutas, estar constantemente sendo perpassados por questões pelas quais não pudemos deixar de ser tomados, e, como clínicos, estivemos sensíveis às falas que se dirigiram a nós e dirigiram em nós uma angústia, um susto, um saber que se assentou nesse veículo analítico, a transferência.

3.1. Procedimentos

Nossa proposta nesse projeto foi utilizar entrevistas abertas, nas quais os pais de crianças psicóticas e os adultos psicóticos pudessem nos contar sobre sua história, a história do adoecimento, suas angústias e dificuldades. Nossa intenção foi deixar que esses sujeitos falassem livremente, tendo nossa atenção e escuta flutuante como norteadoras do processo. Não fizemos o mesmo número de entrevistas com todos os sujeitos, porque entendemos e pudemos perceber a singularidade de cada um e a facilidade ou dificuldade em falar de suas

vidas. Também levamos em conta o que essas dificuldades e singularidades provocaram em nós. A duração de cada entrevistas foi de aproximadamente 40 minutos.

Realizamos nossas entrevistas nos Centros de Atenção Psicossocial da Prefeitura Municipal de Uberlândia, e o critério de escolha dos sujeitos foi pautado pela disponibilidade dos pais e dos pacientes em conversar conosco. Tivemos o cuidado de nos certificar de que os pacientes estivessem em atendimento e, mesmo que o nosso objetivo tenha sido de entrevistá-los, constatamos, no decorrer do percurso, o valor, para esses sujeitos, de nossas conversas, pelo fato de terem sido ouvidos em suas histórias.

Analizamos 3 casos, a que demos o nome de:

- Rafael – 3 anos – 4 entrevistas
- Angélica – 9 anos – 6 entrevistas
- Marcelo – 23 anos – 7 entrevistas

Para a elaboração do caso de Rafael, entrevistamos a mãe, Marta. No caso de Angélica, estivemos com o pai, Antônio, e no de Marcelo, conversamos com ele, depois com a mãe, Marlene. Preferimos gravar as entrevistas com a permissão dos sujeitos e os trechos que utilizamos para as análises são a transcrição de suas falas. Nossos recortes e seleções, como expusemos acima, tiveram como critério nossa escuta analítica e buscaram dimensionar o lugar desses sujeitos no desejo do Outro, a fim de responder as nossas indagações acerca das especificidades da psicose do adulto e da infância.

CAPÍTULO IV**4. ANÁLISE DOS RESULTADOS**

4.1. Caso 1 – Rafael

O que é uma mãe?

Rafael e a difícil tarefa de encontrar leite na pedra.

“É disso que eu falo: conversar, beijar, ficar fazendo manha.”

Estivemos abordando a questão de que, para a criança, torna-se imprescindível ser tomada em uma estrutura de linguagem, que possa dar-lhe um lugar. Esse lugar acolhe o infante e sulca em seu corpo marcas cujas conseqüências o acompanharão ao longo de sua vida.

Mostramos também que uma resposta do sujeito apresenta-se ante esse lugar, essa palavra que o Outro lhe endereça. A posição do sujeito frente a uma palavra do Outro é o que compreendemos constituir as estruturas subjetivas. Essa posição do sujeito terá de ser confirmada em momentos cruciais de sua vida até poder ser definida. Na psicose do adulto, o surto, em um dado momento da vida do sujeito, promove toda uma desarticulação do simbólico e imaginário, confirmando, assim, a posição desse sujeito frente a essa palavra. Na psicose da infância, o sujeito carece de tempo para articular os registros, e a psicose que se apresenta mais precocemente nesses sujeitos parece paralisar a linha temporal de inscrição do corpo dessas crianças.

Por meio das entrevistas que realizamos, procuramos estabelecer algumas peculiaridades de cada caso a fim de que pudéssemos abrir a discussão sobre o que tem nos intrigado: as especificidades desse sujeito criança e a estrutura psicótica.

Para esse fim, optamos por ouvir aqueles que, como cuidadores das crianças, estivessem dispostos a dizer algo sobre elas, dar-nos sua apreensão desses sujeitos. Nesse caso que agora nos propomos analisar, foi a mãe de Rafael. Nossa escuta procurou dimensionar o lugar dessa criança no desejo, no imaginário materno e que respostas podem ser possíveis a essa criança na psicose em que se tem inscrito.

Queremos, assim, com base no caso de Rafael, discorrer sobre “o que é ser uma mãe”. Essa questão, crucial para qualquer discussão sobre a constituição da subjetividade apresentou-se a nós como conseqüência das entrevistas com a mãe de Rafael. Não estamos

em presença de um caso de autismo, mas de psicose e, portanto, entendemos que o fracasso, a rigor, não tenha sido da função da mãe, mas da função paterna. Porém, apreendemos que, na função materna, já deverão estar inscritas, de algum modo, as interdições do Pai e, como nosso intuito é traçar algumas especificidades da psicose da infância, propusemo-nos a descrever o que nos parece ter ficado a meio caminho de se inscrever, a saber: a função da mãe como não portadora da palavra do Pai, o que é próprio da psicose, mas também a função da mãe como não possibilitadora de aquisição, pelo sujeito, de um corpo captado pelo imaginário.

As entrevistas foram particularmente fecundas, tanto nas dificuldades a que nos lançaram quanto na apreensão dessa dificuldade como instrumento de análise. Essas dificuldades apresentaram-se na transferência, que, *a posteriori*, nos permitiram algumas hipóteses sobre esses dois sujeitos, mãe e filho. Estar com Marta foi uma experiência que, a todo o momento, exigia de nós uma palavra, uma repetição de uma pergunta, uma localização temporal.

Trabalhamos com a idéia de que retomar todas as questões referentes ao nascimento do filho, à sua posição de mãe e à sua própria história, embora em um curto espaço de tempo, foi pôr em ato a realidade psíquica de Marta que certamente se apodera de Rafael. Pudemos ser tomados em ato por essa pulsão, a que buscamos veicular uma palavra. Se, para o tempo *cronos*, nossas entrevistas não foram longas, para o tempo do inconsciente elas foram eternas, pois estivemos no “olho de um furacão” do desamparo infantil que não nos pareceu vir a termo.

Se, por um lado, percebemos a difícil tarefa a que a escuta nos lançou no ato mesmo da conversa, esse o enlaçamento necessário a todo trabalho analítico, por outro, desdobramos, passada a conversa, essa dificuldade vivida na “pele”. Nosso intuito foi o de apreender, no só depois, os ditos e os dizeres que na transferência nos dessem uma pista sobre os modos de funcionamento psíquico desse sujeito mãe em relação ao seu filho. Assim, intentamos, também, encontrar palavras, metáforas que pudessem traduzir as vivências sem palavras desse sujeito-filho em relação à sua mãe.

Portanto, a leitura da transferência tornou-se singularmente profícua nesse caso, pois foi um veículo possibilitador de compreensão, exatamente porque estar com essa mãe foi, para nós, muito custoso, árduo e sem fim. Um significante nos veio à mente ao fim de uma das entrevistas: tirar leite de pedra. Indagar essa mãe, permitir-lhe falar de seu filho e, ainda, ouvir o que ela pôde ou não dar a Rafael, fez-nos cunhar essa expressão que vai, certamente, além de uma expressão, denunciando uma posição, um lugar no qual estivemos captados.

Acolhemos a idéia de desdobrar o sentido dessa associação e, por isso, procuramos pensar com que recursos Marta exerce sua função de mãe e como seu filho é tomado por ela. Marta, por vezes, pareceu-nos não ter o que dar, ou ainda, recusar-se a dar. Daí a tentativa de discorrer sobre a função materna.

Se a transferência é nosso veículo em uma análise por promover o endereçamento de um saber ao analista e, nesse caso específico, não tenha sido da mãe a demanda desse saber, mas nosso de pesquisadora, compreendemos que uma palavra nos foi endereçada, pois a fala de Marta dirigiu-se a nós, além de dirigir em nós, por vezes, um incômodo, um desconforto. Essa palavra, atingiu-nos naquilo que veiculou em relação ao desamparo de mãe e filho.

Lacan (1964) compreende que a transferência é a realidade do inconsciente posta em ato. Podemos dizer que é a forma como o sujeito fez e faz seu laço com o Outro ou ainda, como o sujeito enlaça o objeto com sua pulsão. De nossa parte, preferimos uma metáfora advinda desse caso: a transferência é uma música que se dança ou que se compõe. Como dança, nós analistas, nesse caso, também pesquisadora, temos que dançar conforme a música que nosso sujeito puder escolher, se é que pode. *A priori*, não sabemos qual, nem em que vai dar, apenas somos tomados por ela e... dançamos. *A posteriori*, é que poderemos dizer qual o ritmo ou compasso, quem sabe, até escrever a partitura... Com Marta, queremos ressaltar que dançamos uma música desarticulada, meio enlouquecedora e enlouquecida. Enquanto o inconsciente dessa mãe punha em ato a sua realidade na qual o tempo parecia ser mítico, e seu filho não fazia nele sua entrada de forma precisa, nós, de nossa parte, insistíamos no tempo, nos meses, nas épocas. Marta faz uma confusão absoluta sobre os tempos e épocas na vida de seu filho, o que não o historiciza, fazendo-o permanecer em um tempo mítico. Podemos dizer que compusemos um “repente” com Marta, bem aos moldes de sua terra-mãe – o Ceará. Fomos duas repentistas insistentes.

Ficamos a indagar como Rafael entra na dança com sua mãe, que música eles compõem juntos. Arriscamos um palpite: não há dois, mas um só. Seu filho dança irremediavelmente uma música só ou quem sabe, de uma nota só e ditada por essa partitura que advém desse infantil sem fim de sua mãe. Às vezes, é uma dança frenética, e Rafael até se arrisca para logo em seguida ser drasticamente impedido de entrar na dança. Essa partitura, cujas notas veiculam a maternidade, carece, como intui a própria Marta, de significantes.

Assim sendo, nessa construção que empreendemos do caso, preferimos comentar, a partir das falas da mãe, o que julgamos importante e apontar alguns aspectos que nos pareceram relevantes ao nosso propósito.

Rafael tem 3 anos e é o primeiro filho de Marta, que tinha 14 anos ao engravidar. Teve complicações no parto, ao que parece um quadro de eclampsia, o que a impediu de cuidar de seu filho no primeiro mês de vida. No período em que a mãe ficou no hospital, Rafael foi cuidado pela tia materna. Marta afirma ter percebido que o filho apresentava algum problema quando este estava com um 1 ano de idade, pois não andava, não chorava, não ficava de pé e, depois de um certo tempo, começou a arranhar, rasgar com a própria unha o braço. Ela comenta:

Aí, eu percebi, ele tava com 1 ano só. Aí meu irmão ainda falou assim pra mim... falou: “Marta, esse menino seu, eu acho que tem problema.” Aí, eu falava assim: “Não tem não, eu acho que ele é normal, né?” Porque o pescocinho dele era mole, batia, assim nas costas [...]

Além do irmão, algumas outras pessoas haviam chamado a atenção de Marta para o filho, mas a todas respondia que o filho não tinha nada. Como evidenciamos anteriormente, o corpo real de um bebê deve, com todas as suas potencialidades de desenvolvimento, ser captado pelo olhar do Outro encarnado pela mãe, que traz à existência as condições necessárias ao sujeito. Marta não pôde ver o problema do filho, entretanto, a razão de o problema apresentar-se, parece se dever ao fato de não ter podido, a princípio, enxergar esse filho, cujo lugar se reduzia ao berço, o que exatamente impossibilitou Rafael de inscrever seu corpo na linha temporal do desenvolvimento.

Toda mãe precisa reconhecer que seu filho tem um “problema”, qual seja, um corpo cujas condições ainda não são suficientes, pois ele precisa ser sustentado, a fim de que possa dar conta das excitações advindas de seu interior e também das demandas que surgem ao seu redor. Aliás, é a função da mãe que, problematizando o desamparo de seu filho, o acolhe nos braços, promovendo recursos que possam dar uma solução a esse corpo desadaptado.

Porém, com as observações do irmão, Marta resolveu procurar “um doutor”, chegando finalmente a um encaminhamento para o Centro de Psicologia da Universidade, no qual pôde iniciar um trabalho que, pela fala de Marta, ressignificou a posição primeira de Rafael:

Ajudou ele assim... a ficar mais melhor, não ficar do jeito que ele era assim que eu falo [...] Eu acho que mudou assim, porque não caminhava, não pedia as coisas [...] Porque eu não conversava muito com ele, não conversava, tô começando a conversar agora, com ele, depois que o Fernando tá explicando comigo. E eu fui entendendo que tinha que fazer aquilo que ele tava pedindo [...]

Esse enunciado de Marta parece-nos muito interessante, pois a fez perceber que o filho precisava de algo mais, além de um sustento físico, que, às vezes, também falhava, ou seja, palavras, significantes que pudessem acompanhar seus cuidados básicos.

Perguntada por sua hipótese acerca do problema de Rafael, Marta expõe o seguinte:

Foi falta de oxigênio que deu no cérebro [...] Quando ele nasceu, já tinha passado da hora, eu tinha 14 anos, eu era novinha, né [...] Aí passou da hora, aí o menino nasceu pretinho. Nasceu sem chorar, ele só fazia respirar, ele era tipo entalado, assim, ele não chorava, ficava entalado, um negócio entalado dentro dele.

Ficamos tentados a tomar essa verdade também como uma metáfora. Talvez, isso nos ajudasse a precisar o modo de entrada de Rafael no mundo. Ele demora a fazer sua aparição na vida e olhar de sua mãe. Parece-nos muito significativo que ela eleve o fato do parto complicado à condição de explicação da problemática do filho. Rafael ficou “entalado” muito tempo. Para além de a toda realidade concreta, é da realidade do desejo que as palavras dão seu testemunho. Rafael nasceu entalado, sem voz, sem choro, o que acabou por retardar o nascimento de seu corpo pulsional. Marta adia suas palavras e seu olhar ao filho e, como conseqüências, temos o déficit no real de seu corpo, a falta de tônus muscular, a impossibilidade em andar, mas apenas se arrastar e, principalmente, a sua única ação diante dessa falta, qual seja, a de, com as próprias unhas, arranhar-se, arrancar-se, rasgar-se. O “se” reflexivo é o que nós podemos colocar em palavras, pois, a rigor, não existe o se por não existir o eu. É possível que Rafael arranque, rasgue o Outro encarnado, incorporado nele.

Ao ser perguntada sobre a primeira vez que viu Rafael, Marta responde: “Ah, eu fiquei muito, assim, alegre, tudo, depois que eu vi ele, né? Eu gostei muito de ver ele e tudo, né?”

É interessante notar que aqui começou nossa insistência com essa mãe, a fim de que ela pudesse nos dizer de suas expectativas, pensamentos e imagens acerca do filho. Entendemos que, transferencialmente, fomos tomados pelo desamparo a que esteve submetido Rafael e também Marta. Essa insistência provoca na mãe um aturdimento que a faz, de certa forma, não ter outra saída senão tentar enunciar uma resposta dentro daquilo que julga sentir uma mãe: “Ah, eu senti, assim... Eu fiquei assim, falando com minha mãe que eu nunca pensava que ia ter um filho com saúde. Que ia gostar muito... Eu fiquei doidinha assim, com ele...andava com ele só no braço. Só isso. Essas coisas eu não me lembro mais.”

A fala de Marta permite-nos entrever um certo estranhamento, quem sabe, um susto ao se tomar por mãe de um menino e ter que exercer cuidados maternos sobre ele. A esse respeito, ficamos em dúvida. Talvez o que ela nos revela seja que não se toma como mãe

de Rafael. Diríamos que, a princípio, seu filho não pôde se inserir no desejo materno. Talvez algo mais drástico tenha se passado entre mãe e filho. Mais uma vez, insistimos sobre a sua volta do hospital e seu encontro com Rafael, e ela responde: “Não, eu não lembro mais. Eu não lembro assim, por causa que depois que eu tornei [do hospital], não me lembro de mais nada.”

Em outro momento, ao falar de seus contatos com Rafael, ela nos informa o seguinte:

Não, eu não me lembro porque eu era muito novinha, eu não me lembro assim, eu não conversava muito, eu não dava conta muito [...] de menino. Depois é que eu fui acostumando, depois que eu fui ficando sozinha, assim, com ele, que eu fui acostumando.

Marta parece viver um drama com a gravidez do filho e com seu nascimento, pois está sozinha. A princípio, não pode contar com ninguém porque seus pais brigaram com ela. Marta relata que eles deixaram de amá-la. Para onde pode ir e que lugar pode dar ao filho se não há lugar para ela mesma? Como um profundo apelo Marta expõe seu dilema: está sozinha. Nossa insistência com a mãe, como já mencionamos, por vezes, impediu-nos de ouvi-la em sua própria dor.

Marta e o filho precisavam de um lugar e de um outro que pudesse acolhê-la. Queremos apontar que, quando realizamos as entrevistas, Rafael já havia passado por um período de tratamento analítico. Mãe e filho, ao que parece, puderam, ao mesmo tempo em que construíram novas posições, rever suas relações primeiras. Assim, entendemos que, como resultado das intervenções, é que Marta pode agora pronunciar uma palavra ou endereçar um olhar ao filho. Essas palavras, portanto, fazem com que Rafael tenha um certo lugar no olhar de Marta. Mesmo assim, para além de toda força de expressão do “fiquei doidinha assim, com ele”, citado anteriormente, nós compreendemos o sobressalto e apavoramento nas respostas de Marta. Ela parece oscilar entre um nada dar a Rafael e um tudo dar, entre um nada saber sobre cuidar de menino a um tudo saber sobre ele, oscilações que, evidentemente, o enlouquecem. Não queremos afirmar que essa mãe não desejasse um filho, senão que Rafael a tomou num momento de sua vida no qual algumas questões sobre sua condição de filha e de mulher ainda estavam por se dar. Essa alternância pode deixar “doidinha” uma mãe que, certamente, enlouquece também o filho.

Uma mãe deverá responsabilizar-se por sua cria ainda prematura e também sobre seu desejo em se tornar mãe. Sob o prisma da responsabilidade é que ao psicanalista cabe implicar uma mulher em seu exercício materno. Tentando estabelecer uma diferenciação entre a culpa imposta e a responsabilidade da mãe diante de seu filho é que Kupfer acentua o fato

de que não podemos culpabilizar uma mãe pela psicose de seu filho, mas podemos sim, implicá-la nessa problemática. Nas palavras da autora:

Responsabilizar uma mãe significa fazê-la perguntar-se a respeito da parte que lhe cabe na criação de seus filhos [...] Responsabilizar uma mãe significa engajá-la neste movimento de resgate do que não pôde acontecer quando seu filho era ainda um bebê, seja porque ele não facilitou as coisas por ser, por exemplo, cego, surdo, ou hipotônico, seja porque ela vivia um momento em que se encontrava “apagada” para o exercício da função materna. (KUPFER, 2000, p.5).

A psicose de um filho não depende necessariamente da estrutura clínica da mãe, pois uma “[...] mesma mulher pode criar filhos cuja organização e cujo destino sejam totalmente dessemelhantes.” (YANKELEVICH, 2004, p.38). Como exemplo, evidenciamos o próprio caso em questão, no qual o segundo filho de Marta vem apresentando outras formas de relação com a mãe, diferentes daquelas que tomam Rafael.

A psicose é um acontecimento estrutural no qual caberá levar em conta várias combinações. Será a congruência, o encontro sincrônico de uma dificuldade materna ligada a uma palavra paterna que não se faz, isso aliado a um tempo, corte diacrônico na história desses sujeitos. A realidade do nascimento de Rafael tomou Marta sem condições psíquicas de acolher o corpo real do filho. Quando fizemos menção de um tempo mítico, referíamos-nos ao fato de que a vivência do infantil de Marta não apreende a materialidade de Rafael.

Marta enuncia um saber sobre sua incapacidade em acolher o filho, sobre sua impossibilidade, naquele momento do nascimento de Rafael. Ela expõe o seguinte: “Eu não era muito prendada assim não. Porque as moças do Ceará não sabem muito bem cuidar de menino era novinha demais, né? Minha mãe que mexia mais, né? Era quem cuidava mais, né? Ela pegava ele, dava o leite, trocava ele e tudo [...]”

Em outro momento, acrescenta: “Minha mãe já tinha capacidade, assim nova que nem eu era, 14 anos. Eu não tinha capacidade porque eu nunca cuidei de menino. Eu só fazia sair de casa e tudo e não cuidei. Nem dos meus sobrinhos eu pegava, eu não dava conta, eu não cuidava [...]”

É interessante notar que ela remete-se a um saber sobre a condição materna, o qual se ancora tanto no Outro social, quanto na maternagem a que um dia esteve submetida. Isso nos deixa claro que, embora em nosso imaginário cultural ser mãe faça parte de um instinto feminino, para a psicanálise, ser mãe constitui-se em uma posição que passa, necessariamente, pela de ser filha e ser mulher.

Apesar de se remeter à mãe e reconhecer nela um saber sobre a maternidade, não consegue, nesse momento de sua história apreendê-lo como seu e tomar seu bebê como um

sujeito. Entendemos que uma mulher, para assumir sua condição de mãe, deverá fazer passar pelo recalque sua condição de assujeito frente ao Outro Primordial e disso promover um saber sobre si mesma. Marta não tem quase nenhum recurso intelectual, não sabe, inclusive, ler, embora não deixe de ser inteligente. Mas ser mãe não requer isso de uma mulher. Seu desamparo primordial deverá ser acolhido e esquecido para que dele advenha um saber sobre o que é ser uma mãe. Para além da falta de saber ler ou escrever, há algo muito mais sério e dramático: Marta tem grandes dificuldades em ler no corpo real de seu filho sentidos, desejos, significantes, imagens. Ela revive ou vive um infantil que teima em não ser esquecido para não ser lembrado, pois ela continua nos dizendo que “era muito novinha” e, portanto, como tomar seu filho, também, tão “novinho”? Ficamos com a idéia de que Rafael, em sua materialidade, com seu corpo, fica postergado, tem que permanecer calado porque o que fala é o desamparo de Marta.

Quando se justifica dizendo que não era muito prendada, são dos cuidados, podemos dizer, práticos que um recém-nascido requer que ela aponta. Porém, são exatamente nesses cuidados que a mãe poderá fazer advir um sujeito lá onde existe apenas um corpo. É sobre esses cuidados práticos que a função materna insiste e incide, provocando a passagem da necessidade puramente biológica para uma necessidade posta em palavras, ou seja, uma demanda.

Sobre esses “cuidados básicos”, justifica-se assim: “Nunca deixei meus filhos ficar sujo, nem com fome. Toda vida, eu fui caprichosa com essas coisas [...]”

Mais adiante, define, de forma espetacular, o que vem a ser a função de uma mãe. Conta-nos que hoje já “adula” o filho. Mas o que é adular, perguntamos, ao que Marta nos responde: “É disso que eu falo: conversar, beijar, ficar fazendo manha.”

É precisamente isso que faz uma mãe tendo por medida a inscrição de uma Lei capaz de mediar seus atos. Marta não. Ela conversa, beija, dá de comer, coloca-o em frente à televisão, enfim, tudo isso, sem dar a chance a Rafael de não querer ou de aprender a ter manha.

Adular tem o sentido de agradar. Assim, uma mãe agrada seu filho porque pressupõe que este deseje alguma coisa, e esse espaço da adulação cria a manha ou o desejo de outra coisa. Se no início da sua relação com Rafael não “dava conta de cuidar de menino”, agora cuida, até lhe dirige palavras e conversas, o que não é suficiente para desalojá-lo de um lugar de dependência. Não aprendeu a perguntar a Rafael qualquer coisa que seja. Isso que quase todas as mães fazem quando insistem em encontrar uma resposta, por exemplo, para o choro de seu bebê até constatarem o fato de que nem sempre sabem sobre ele. Nem sempre

podem dizer o que seus bebês querem, dando, assim, margem para que eles mesmos digam de sua falta, com isso, promovem a manha, promovem o desejo.

Rafael não chorava até antes do tratamento. Marta assim se expressa: “...ele não chorava, não era criança de ficar chorando, não, criança de ficar chorando. Nunca foi. Ele começou a chorar depois que ele foi crescendo mais, depois do tratamento dele. Ele era muito calado.”

Em outro ponto de nossa conversa ela menciona:

[...] ele não chorava não. Tirava a noite inteira dormindo, a noite inteira. Pra mim dar mamadeirinha pra ele, eu tinha de acordar ele, pra mim trocar ele eu tinha de acordar ele. Tudo eu tinha de acordar ele. Porque ele não chorava, né? Por isso, muitas pessoas falava assim: “Seu menino não é normal, porque todo menino novinho chora e seu menino não chora”. Teve uma noite que eu deixei ele dormir a noite inteira, a noite inteira sem mamar [...] Quase que ele morre. Eu tinha chegado do hospital naquele momento e eu não sabia cuidar, eu dormi a noite inteira, o sono me pegou, eu dormi a noite inteira. Aí, ele ficou lá [...] Aí, quando ele acordou de manhã cedo tava até com os olhinhos fechados, nem respirava.

Rafael ou não tem nada ou tem tudo à força. Marta parece encarnar bem um grande Outro, que tudo sabe e tudo pode sobre seu bebê. Ela, ao mesmo tempo em que não lhe deixa faltar cuidado algum, retira-o repentinamente. É nesse jogo de dar e não dar que Rafael irá tecer sua loucura. Em outro momento, esclarece:

[...] ele começou a comer, eu começava a dar comida pra ele, eu dava era à força, assim, à força que eu punha ele no meio das pernas e dava na boca dele...eu punha lá dentro pra ele que tinha que comer, né? Aí, ele viu que aquilo lá não ia dar certo, aí acho que eu pensei assim que ele pensou: “isso aí não vai dar certo, minha mãe vai é judiar comigo.” Aí, ele foi acostumando, aí hoje eu dou pra ele [...] “Rafael, sua comida tá aqui pra você, vamos lá pro sofá pra você juntar ou almoçar”. Aí ele senta lá e come a comida.

Essa fala parece-nos ilustrar muito bem a condição enlouquecida de Rafael a que nos referimos acima. Marta passa de uma posição, na qual apenas dava o mínimo necessário de cuidados a Rafael, deixando-o, nos primeiros tempos, à mercê de seu desamparo primordial, a um saber transformado, agora, em algo que cala qualquer ação de Rafael em direção a um querer, mínimo que seja. “Agora é hora de comer”, “agora é hora de brincar”, “agora é hora de dormir” são imperativos que não deixam espaços para que não sejam. Ele tem que, à força, se acostumar com esse saber absoluto de sua mãe. E o mais dramático é que Marta põe sobre ele um pensamento: “isso aí não vai dar certo, minha mãe vai é judiar comigo.” Não lhe adianta querer ou não querer. Além disso, talvez, Marta busque, com seu

gesto imperativo, tapar de si os buracos escancarados da infância louca e solitária tanto sua quanto do filho.

Marta conta-nos que ele gosta muito de ficar no portão vendo os carros passarem. Ela o põe no portão e deixa-o lá até que se lembre de ir buscá-lo. De um não saber cuidar, Marta passa então a um tudo saber fazer a Rafael. Ela promove uma passagem da escassez ao excesso de que nos fala Kupfer: “são mães que se apresentam hoje como, digamos, ‘excessivas’, alicerçaram para seus filhos uma subjetivação que partiu do autismo e rumou para a psicose.” (KUPFER, 1999, p.106-107).

Yankelevich nos declara:

Assim, se esse limite entre uma e outro [entre mãe e filho] tiver uma efetividade, a mãe não será obrigada a crer que traz consigo a obrigação de tudo saber sobre o filho, ou, se disso se demite, o que é seu contrário idêntico, que não sabe absolutamente nada. Ela vai se permitir interrogá-lo, supor que ele tem um saber que lhe é singular, com isso dando a si mesma a possibilidade de ser a sua intérprete. (YANKELEVICH, 2004, p. 41)

Mais adiante, acrescenta:

As balizas estão assim situadas em quatro termos, entre nada supor e tudo supor de um saber que não é partilhável. Entre a *Unheimliches* de um filho que não traz em si saber algum, a quem nada é emprestado e aquela em que é ele quem supostamente sabe tudo. Nesses dois casos, os cuidados da mãe, por razões e com conseqüências diversas, tornam-se rapidamente ineficazes, a questão do nascimento da erogenidade estando intimamente ligada à questão do saber. (YANKELEVICH, 2004, 41p.)

É interessante notar o fato de que ela diz entender o que quer o filho e conversa com ele. Como ela mesma enuncia, “só falta falar”. O que falta a Rafael para que fale? Não será a própria falta?

O autor acima aponta o que parece tornar possível à criança uma fala:

Para permitir ao filho incorporar a voz, tomar a fala, uma mãe [...] faz uma *aposta inconsciente*: que o objeto que ela carrega *será sujeito*. Então, *ele o é* ... É precisamente esse julgamento inconsciente que lhe permite lhe falar, longamente, tomando *como resposta de linguagem suas manifestações corporais*. Essa capacidade espantosa de *antecipação* cria, com esse corpo, um diálogo que faz de sua fala o cuidado mais precioso, o carinho erógeno por excelência (YANKELEVICH, 2004, 39p, grifo do autor)

Rafael come, brinca, dorme conforme a hora estipulada por Marta, que, talvez, não tenha mais que isso a dar. Portanto, essa pode ser uma explicação possível para o fato de a todo o momento reiterar: “ninguém me falava nada, ninguém me explicava nada”. Mas também pode apontar sua tentativa em se eximir de sua responsabilidade em não querer dar.

Marta carece de que alguém lhe diga o que fazer com Rafael, porém, ao mesmo tempo em que se diz, apressa-se em tomar sempre ao pé da letra o saber do outro. Se o analista lhe instrui que deve conversar com ele, ela o faz de tal forma a não deixar caminho para o advento de sua própria fala. Se o médico lhe diz que não deveria dar a ele o leite porque estivera doente, ela não lhe dá o seio com o acolhimento necessário. Se a médica lhe explica para administrar o remédio, ela acaba por fazer uso conforme sua angústia, sua necessidade de que ele não a perturbe, aumentando a dose por conta própria até que ele fique “mais calmo”. Ninguém dentro de Marta lhe fala da criança que tem nos braços e, ninguém lhe fala da criança que tem em si. Há “ninguém” falando à Marta e, conseqüentemente, a Rafael. Seu corpo aguarda as palavras e as imagens que possam alcançá-lo. Não estarão, mãe e filho, em posições parecidas frente ao Outro?

Esse estar à disposição do Outro é o que nos parece aprisionar Rafael em sua psicose. Além disso, queremos acentuar que Rafael, de certa forma, adia sua entrada no desejo materno, entrada no tempo da alienação necessária a todo sujeito. Mas, fazendo sua inserção nesse tempo, fica, entretanto, aprisionado a ele, sem recursos imaginários e simbólicos para sair. O que pretendemos apontar é que, sem a mínima dialetização desse tempo, não será possível uma imagem ao sujeito que o possa minimamente situar frente ao Outro. A rigor, não há uma distinção entre o eu e o outro, porque não há o eu, instância tecida na articulação entre o corpo da criança e o olhar do Outro.

4.2. Caso 2 – Angélica

O que é um pai? Angélica e ... o amor perfeito.

É, mais do que de pai. No sentido assim: porque o pai, ele tem os filhos aqui, ele cria, educa, depois ele se separa, né? Eu já não queria que a Angélica nunca se afastasse de mim. Sempre ficasse [...]

Temos apresentado a idéia, fundamentada nas contribuições de Lacan sobre a constituição da subjetividade, de que os registros – real, simbólico e imaginário – articulam-se, imbricando-se pelo estádio do espelho, e que se amarram com a metáfora do Nome-do-Pai. A constituição da imagem do corpo, contemporânea à operação de alienação, permite ao sujeito enlaçar-se ao Outro como referência e tesouro de suas significações.

Como característica geral da psicose, temos o sujeito preso a essa alienação, sem a chance de barrar a presença do Outro, que permanece maciça mediante um inflacionamento

do imaginário. Este funciona ao modo de uma amarração precária, no lugar do vazio deixado pelo simbólico, que, ou não tem tempo de se instaurar ou, em se instaurando minimamente, se desarticula.

O caso que pretendemos discutir, a partir de agora, ao contrário do caso de Rafael, apresenta uma semelhança com a psicose do adulto. Essa é uma criança que tem sua psicose percebida aos 2 anos e meio de idade, um pouco mais tardia em relação à Rafael. Ao que nos parece, esse adiamento da manifestação de sua psicose, proporcionou-lhe uma inscrição do real do corpo ao registro do imaginário e, portanto, um prenúncio de constituição. Entretanto uma das questões importantes pinçadas por nós é que essa relação imaginária ao outro especular, ao outro semelhante, e que se faz necessária, não foi suficiente para a constituição do sujeito. Essa criança está, desde muito cedo, enlaçada a um outro – o pai –, que vem, por sua vez, ao longo de sua história de vida, buscando uma forma de tamponar um furo simbólico sobre o qual intencionamos discorrer.

Angélica é o nome de daremos a essa menina captada de forma brutal pelo imaginário de seu pai, cuja história aponta para um arranjo em sua estrutura subjetiva insuficiente para garantir a transmissão do Nome-do-Pai à filha caçula. É possível que a esse percurso do pai se junte também a história da mãe e que, na intersecção entre esses dois percursos, a loucura alcance Angélica. Mas, à fala da mãe, não pudemos ter acesso senão por alguns indicativos nas palavras do pai. O fato mesmo desse não acesso à mãe pareceu-nos significativo, pois enquanto esta quase se exime de toda responsabilidade, o pai o faz sem a medida da castração simbólica. Ousamos até afirmar que essa castração pelo lado do pai é, de certa forma, desmentida, denegada e, como consequência, fica foracluída em Angélica.

Antônio não revela as mesmas dificuldades de Marta, mãe de Rafael. Ele consegue contar sua história mais facilmente e também a de Angélica. Discorre sobre sua vida de forma mais prolixa. Marta fala de seu desamparo de filha quase sem palavras e por meio do desamparo a que está submetido Rafael. Nós o escutamos pela leitura da transferência. Antônio fala da loucura inscrita em seus ascendentes, de seu dilema em ser filho, da transmissão do legado de pai. Essa questão crucial com a qual esse homem se depara o faz responder de duas maneiras segundo nossa escuta: ou se faz silenciar ou se põe a amar para além de um pai, com um amor perfeito. Esse, o amor que captura a filha.

Angélica começou a apresentar alguns problemas aos 2 anos e meio de idade. Não respondia ao chamado dos pais, o que fez os médicos pensarem na possibilidade de surdez, além de um intenso nervosismo sem causa aparente. O primeiro episódio que chamou atenção é descrito assim:

É, estávamos sentados, numa mesa, né? E ela derrubou uma cadeira e essa cadeira bateu num móvel [...] E eu fiquei chateado até agredi a Angélica, bati nela, repreendi. Mas como ela tinha dois anos e meio, eu deixei, né? E o olhar dela, o comportamento, que ela chorava muito, ficava nervosa, né? Aí, então eu resolvi tomar providências procurando um médico, lá em Foz do Iguaçu.

O pai, então, empreende todos os esforços no sentido de saber qual o problema da filha até ser encaminhado a um tratamento em Brasília, onde passa a residir por 3 anos com Angélica e a esposa. Devido a vários problemas com os parentes que moravam também nessa cidade, Antônio resolve voltar para a cidade em que morava anteriormente e, de lá encontrar algum outro lugar que pudesse atender sua filha. Vem morar em Uberlândia, quando fica sabendo dos Centros de Atendimento. Comenta que o desenvolvimento de Angélica, nesses tempos, têm sido surpreendentes.

Antônio é quem cuida da filha. A mãe trabalha em uma função que lhe exige constantes viagens, e sua ausência não é rara. Parece haver, como pudemos perceber, um certo “acordo” entre os pais, no sentido de que a filha esteja sempre sob os cuidados maternos do pai. Declaramos maternos porque Antônio é quem tem exercido uma função materna em relação à Angélica. Pelo menos é isso que pudemos ouvir na fala do pai. E, como ele mesmo acentua, “cuida muito bem”, sabe tudo sobre sua filha mais do que qualquer pessoa, inclusive a mãe.

Ele diz: “A Angélica é o seguinte: eu observo ela mais [...] às vezes eu falo pra minha esposa que, eu digo: ‘Olha, você na realidade colocou a Angélica, mas quem estudou mais a vida da Angélica fui eu, quem mais entende da vida da Angélica fui eu, porque eu discuti com vários médicos’.”

Em outro ponto, ele acrescenta: “Eu acho que eu tenho mais amor por a Angélica do que [...] aqui na Terra, do que talvez a mãe dela, né? [...] Mas eu sou mais apegado com ela como se fizesse parte totalmente tudo de mim, ela fizesse, ela se parece em muita coisa comigo, né?”

Angélica tem 9 anos de idade, é uma menina que adquiriu o recurso da fala, muito embora ainda não possa referir-se a si como um eu. Não é necessariamente de si que ela fala porém, de um outro. Ela não pode dizer “eu quero”, senão “A Angélica quer”. Fato interessante, pois uma das possibilidades da fala e da linguagem é exatamente poder fazer separação entre o tu e o eu. Seu amálgama ao outro, que se encarna no pai, não pode lhe garantir uma separação, mas, ao contrário, assegura-lhe uma imagem de corpo que é reflexo

do olhar e desejo do pai. Se o pai gosta, como ele mesmo revela, de tomar remédio, Angélica também. Se apresenta uma compulsão em vomitar, Angélica também.

Como já descrevemos, nossa constituição passa necessariamente por traços, imagens e identificações advindas do semelhante, como por um espelho, que nada mais é do que olhar do outro. Há uma identificação a esse olhar e àquilo que é do outro, a fim de que, posteriormente, o sujeito passe a dizê-lo seu. Poderíamos pontuar que Angélica ainda não se reconhece como um eu que se separa do outro. Ela reflete em seu corpo os signos e rastros referentes à história da constituição psíquica de Antônio quase sem mediação simbólica, o que acaba por impossibilitá-la de crescer. Enquanto ouvimos novamente as entrevistas, ficamos a nos perguntar: Onde está Angélica? E agora, na escrita do caso, percebemos que como sujeito ela custa a aparecer. E Antônio, na última entrevista, diz desse enlaçamento de sua história à filha de um jeito muito comovente:

São coisas que eu sinto, embora a gente tá misturando as palavras, entrando noutros assuntos, né? Como já passamos pra outro passado. Mas sempre estamos atravessando no meio deles, né? É uma estrada, é uma estrada cheia de traço, é traçada. É um labirinto, não tem entrada e nem saída. Eu volto dentro dele e eu vou caminhar sempre dentro desse labirinto. Penso que tô saindo, mas tô sempre voltando pra trás. Talvez seja lá que começa [...]

Antônio descreve assim nosso percurso, porque lhe intriga o fato de ter sido convidado a falar sobre Angélica e, entretanto, se surpreender falando mais de si ou de sua história. Ele não sabe mesmo onde termina a sua história e começa a da filha, precisamente porque essa não começa, pois a loucura a interrompe. “A gente tá misturando as palavras”, é a forma desse pai de dizer que suas palavras misturam-se às de Angélica – quem sabe, talvez nem existam ainda as palavras de Angélica. É a forma de desvelar que sua história não poderia deixar de sulcar também na filha suas marcas. É a forma de revelar que seu modo de entrada no mundo como sujeito liga-se necessariamente ao de sua filha. De que sua história se faz presente na história de Angélica, que ainda está por ser escrita, mas que todavia não se escreve. É dessa verdade desvelada que temos notícias em suas palavras, verdade que também é encoberta pelo amor perfeito voltado à Angélica. Essas palavras misturadas falam da condição de todo sujeito, porém também falam do drama de pai e filha tão juntos, sem começo nem fim, sem distância.

Antônio descreve sua ligação com a filha dessa forma:

Se ela leva uma pancada, eu sinto uma dor como se fosse aquele sangue meu que tá trabalhando lá na frente. É um sangue que trabalha na corrente. O coração, que talvez, bata de lá pra cá, é um só. Eu acho que a Angélica ... eu e a Angélica, nós

somos um só. Nós nascemos um só. Todos aqueles que eu tive, que aconteceu, juntou e fez com que eu amasse num só.

Antônio é enfático em afirmar que não há dois e, ainda, pretende que Deus lhe dê a filha para sempre: “Se achares que eu mereço ter a Angélica que tu me dê ela pra mim viver o resto da vida com ela.” Seu pensamento está posto em Angélica constantemente, chegando até a descrever momentos em que pressente a presença da filha. Em seu carro, no trabalho, no quarto fazendo suas orações, enfim, em toda parte, a visão de Angélica o acompanha, protege-o. Esse homem também nos fala do novo sentido obtido em sua vida a partir do nascimento da filha e, principalmente, de seu adoecimento:

Eu tive um problema de coração, fiz cateterismo, já tive dois enfartos, eu tive depois disso. Eu tive dois enfartos, esses problemas da Angélica, quase morri, né? E eu, me deu muita força pra mim chegar a vencer foi isso, olhando pra ela. Ajuda, eu não me cuidava muito, né? Agora hoje em dia, eu já me cuido, pra manter o corpo, manter o físico, manter caminhada, manter a força para agüentar a Angélica, porque ela é um pouco grande, pesada e eu tô um pouco de idade, tô com 48 anos. Então procurei a me cuidar mais, pra eu viver mais, pra conseguir cuidar da Angélica. Chegar bem, normal, né?

Mais adiante reafirma:

Eu acho que eu vivo, passei a viver mais ainda, como eu expliquei pra sra., aquele lado, que eu passei mais a conviver, eu voltei mais a ser mais forte por causa da Angélica (inaudível), preparo físico, eu pesava 70 kg, eu diminuí. eu comecei a ficar doente há uns 2 anos atrás, até 1 ano atrás eu tava mal. Eu tinha uma doença que eu ia no médico e não era nada. Uma dor muito grande de cabeça, uma dor na perna. Aí eu comecei a fazer (inaudível), ortopedista, fiz exame, não deu mais nada. Que a Angélica consegui fazer eu ficar mais jovem. Por dentro, não na aparência. Na aparência eu continuo com 48 anos. Ela fez que eu ficasse mais jovem e ter mais força, que o próprio jovem mesmo [...] levantar cedo, dormir pouco. Eu durmo muito pouco, tomo remédio controlado pra dormir, 4 ou 5 horas por noite só. Eu levanto de manhã faço física, tem uma academia pequena onde eu moro. Faço abdominal, flexões. Faço todo tipo de física, né? Que aprendi no Exército, quando fui militar por 6 anos, o que eu aprendi no Exército eu voltei a praticar. Hoje em dia eu levo minha vida com muito amor por ela, pela Angélica.

A gravidez de Sônia, mãe de Angélica, vem atravessada por um sonho, quase uma visão que Antônio recebeu. Ele tem certeza de que pressente coisas ruins que acontecem e, no caso do nascimento da filha, seu sonho o alertava para o fato de que esta nasceria com problema:

Quando a Angélica nasceu eu tive uma visão, uma espécie de um sonho muito ruim, que eu tive [...] E eu dormindo ali, eu tive um aviso, mas forte mesmo, uma coisa que eu fiquei apavorado, né? Diante daquele aviso que eu tive da Angélica, que eu ia ter uma filha, a filha tava num canto, eu ia pegar e eu queria puxar o pescoço, né? Tirar a vida. E no sonho eu digo: “Olha, ela não pode nascer porque vai nascer com problema.”

Com o adoecimento de Angélica, Antônio passa, então, a dar um sentido premonitório ao sonho que teve. É interessante notar que essas visões nas quais vê a filha morta ou machucada não são raras. Elas ainda persistem na mente de Antônio. Às vezes, vê acidentes de carro e Angélica morta ou machucada, o que o faz transtornar-se e cobri-la ainda mais intensamente de cuidados. Ele se expressa assim:

Aí, eu começo a pensar na Angélica, nela assim, talvez como se ela tivesse morrido, né? Acordo meio assustado e aquilo durante o dia, certo horário, eu não tiro aquilo da minha cabeça, né? Com medo parece que eu fico imaginando o jeito que ela vai, o jeito que ela caiu, que vai morrer de acidente de carro [...]

Se, por um lado, o pai revela essa forma de amor perfeito, por outro, revela um desejo de morte por ela, duas coisas que, aliás, parecem ser uma só. É possível que à Angélica, filha, seu desejo seja de morte, dada a questão complicada para Antônio em ser pai. Em suas visões, reitera a morte da filha. Ele reitera a morte de todos os filhos. Seu amor perfeito e intenso atinge o que Angélica vem encarnar em seu desejo.

Temos a impressão de que Angélica é uma filha de propriedade exclusiva do pai. Transforma seu desejo inconsciente em crença de que Deus mesmo deu a ele a incumbência de olhar por Angélica, e ele o faz com tal esmero e devoção como se pagasse por algum pecado cometido contra Deus, o Pai. Aliás, é desse lugar mesmo que Antônio vem alojar Angélica: “Foi porque Deus quis assim, então talvez nos meus erros, eu tava pagando aquilo. E a Angélica nasceu e hoje ela pra mim, eu considero a Angélica um anjo.”

Em outro ponto da entrevista, comenta:

E depois sinto, também que Deus me deu uma pessoa na vida que é um anjo pra mim [...] Alguma coisa que eu esteja pagando, né? E, Deus me deu a Angélica pra que eu tivesse [...] arrepender de alguma coisa que eu fiz, né? No passado, com aqueles problemas que eu já falei pra sra., dos dois filhos que eu tirei, né? E acho que vieram ao mundo, de uma forma ou de outra eles vieram, voltaram, né? [...] Deus colocou pra me defender.

E afirma:

Eu falo muito isso na frente dela. Eu digo: “Angélica, você é um anjo que veio salvar, talvez minha ida pro inferno, né? Talvez a minha ida pra outro lugar, você foi um anjo ...” E na realidade é mesmo. Eu vejo ela na minha mente como se fosse um anjo [...] suspenso no ar. Eu olho pra Angélica e vejo isso.

Será que Angélica o salva da loucura inscrita em sua constituição, e que vem, definitivamente, escrita no real do corpo de Angélica?

Em outro ponto da entrevista, conta-nos de sua oração a Deus, o Pai:

[...] como eu não pude assumir aqueles outros passados, fugi daqueles passados, Tu me mostrou que a força de cima era maior, né? [...] achei que eu deveria agora cuidar dessa menina. Porque eu achei que tudo isso, dessas pessoas, são tudo elas, tudo a Angélica. Então pra mim a Angélica é todos aqueles que eu não deixei vir.

Qual é a dívida que Antônio paga através de Angélica? Duas questões parecem-nos importantes. A primeira diz de sua condição de filho e do desejo de que a filha seja a mãe, o que ele nos revela com todas as letras. Por esse desejo, pede perdão a Deus, o Pai, ao mesmo tempo em que lhe pede a filha para sempre. A segunda é sua condição de pai, a qual temos começado a apontar. Conta-nos o seguinte: “Eu sempre fui solteiro, nunca convivi, nunca fui apegado em conviver com mulher, né?” E quando vivia com elas pensava: “[...] tinha medo que mulher tivesse filho e nascesse com defeito. Sempre evitava. Não queria filho nenhum [...] vinha aquilo na minha mente direto.” O que será “aquilo” na sua mente, responsável pelos constantes abortos dos filhos que surgiram? E também responsável pelo “abortamento” em vida de Angélica?

Antônio sempre evitou ter filhos porque teve medo de que nascessem com problemas. Mas evitou-os por meio de alguns abortos, inclusive uma tentativa, no caso de Angélica, que, apesar disso, nasceu, como ele acentua. Além de Angélica, tem mais dois filhos com outras duas mulheres, que, certamente, não cederam aos seus apelos para abortar. Porém, como nos parece ter ficado claro, são filhos com os quais não mantém uma posição de pai. Um filho que apenas ajuda financeiramente e uma filha que não registrou, está no “nome de outro”: “Daniel que é registrado e a outra é a Raquel. Mas a Raquel não foi registrada porque a mãe dela era casada, né? [...] O marido dela resolveu ficar e assumiram a minha filha. Não deixaram registrar no meu nome. Então ficou aquele registro sem eu poder...”

Para Angélica, “é mais que pai”. E o que significa ser mais que pai senão que não o pode ser? Ele intui que a função de um pai é ter os filhos, criá-los, educá-los e, depois, separar-se, deixá-los ir. Porém à Angélica não deixa que se separe dele. Ela é a representação cabal de sua mãe. Antônio enxerga em Angélica a mãe que nunca lhe deixará:

Minha mãe, ela tá de idade e cortou o cabelo. Tipo... é idêntica à Angélica, minha mãe. A aparência da Angélica é ver minha mãe quando era nova. A Angélica parece, assim, que às vezes eu fico pensando, a Angélica é como se fosse, segunda minha mãe que vou ter novamente, depois de minha mãe morrer. Vou ter a Angélica futuramente, né? Então eu sinto aquele prazer, hoje em dia, de ter minha mãe duas vezes praticamente. Eu fico ligado à Angélica, na minha mãe futuramente. Ela parece muito com minha mãe [...] Tem hora que ela olha assim, fico olhando, tipo minha mãe. Fica assim, pára pra pensar. Tem hora que ela fica olhando igual como se fosse minha mãe. Às vezes, até falo: “É, Angélica, acho que eu vou ter minha mãe duas vezes”, vou ter ela envelhecendo, depois eu vou ter a Angélica que vai ser

minha mãe que vai cuidar de mim, futuramente a minha mãe que vai ficar. A Angélica é cópia da minha mãe. Até o andado, o porte dela, o jeito de andar é da minha mãe. O jeito dela olhar. Então eu falo assim, a Angélica parece com minha mãe.

E afirma: “É, uma na aparência e outra nos modos de olhar, né? O jeito dela falar, o jeito dela olhar [...] igual a minha mãe, ela olha assim, sinto ela como se fosse minha mãe, uma segunda vez”. Não será a sua impossibilidade em exercer a paternidade um fato mesmo ligado à questão de não fazer “morrer” a mãe como objeto primeiro de seu amor? Ou ainda, captado no lugar de objeto de amor da mãe não lhe fica impossível o legado do pai? Angélica, não sendo filha, eterniza a presença do objeto mítico. É possível que, assim como Angélica, tenha se prendido ao desejo materno.

Todos os filhos mortos estão vivos em Angélica. Ela resume as paternidades levadas a termo. Em Angélica, residem todos os filhos mortos para esse homem impossibilitado de exercer a paternidade. Nessa menina estão postos todos os delitos e culpas a serem expiados perante Deus. Então, ele comenta:

Deus sabe que não é um amor leviano, vai e volta. Ele é amor certo dentro de mim, não é um amor, assim, eu diria como se fosse assim, que a gente... claro que eu tenho muito amor por Jesus, né? Jesus Cristo, né? Seria um amor talvez assim (que a gente não pode nem falar, é desrespeito falar isso) como se fosse entre Deus e o homem.

Talvez pudéssemos pontuar que, como Deus, é também que Antônio ama e cuida da filha, de forma onipresente e onisciente. E que deve, também, dizer de sua forma de ter sido cuidado, tomado pelo Outro primordial. Antônio tem constantes “cismas” com pessoas, com o que elas falam, com o que estão pensando ou com as visões que tem. Acha que pretendem lhe fazer mal, prejudicar-lhe, ou que as visões trazem o anúncio de coisas muito ruins, como comenta nesse trecho:

Eu sou muito perturbado. Tenho muita perturbação, que eu fico preocupado: “Será que esse problema vai causar isso?” Então eu ponho isso na cabeça e eu tenho aquelas desvantagens que às vezes minha mulher fala: “Você não deve comentar essas coisas que você pensa, que você vê.” Que eu vejo coisas. Eu vejo coisas diferentes, de outro mundo.

Tudo isso nos permite entrever o inflacionamento imaginário na estrutura de Antônio e que transforma Angélica em um arremedo de filha, posto ser ele também um arremedo de pai. Antônio funciona ao modo de um paranóico, sem termos a certeza de que ele o seja estruturalmente.

Outra questão importante chama-nos a atenção em sua fala. Antônio tem urgência em nos contar seus desacatos às autoridades. É numa posição de desafio que ele se põe

perante qualquer pessoa que represente um lugar de autoridade: padres, policiais, representantes do governo. Está sempre pedindo perdão a Deus por sua raiva e ódio, por seu amor imenso à Angélica, pois entende que esse amor transgride o primeiro mandamento, que ele sabe de cor: amarás ao Senhor teu Deus sobre todas as coisas. Antônio parece sempre apontar para seu desejo de transgressão quer em relação à essas autoridades, quer por seu amor à Angélica. Ele faz um movimento de transgressão à Lei de Deus, ao mesmo tempo em que se põe a pagar sua dívida. Parece-nos que oscila entre a representação simbólica do Pai – que está do lado da Lei simbólica – e a representação imaginária do Pai –, esta, do lado da rivalidade e transgressão. Ficamos nos perguntando quais os pecados, então, ele precisa expiar?

Se não pode transmitir aos filhos seu nome, sua inscrição paterna que, como rastro deixa suas marcas no sujeito, é devido, sobretudo, à sua inscrição que se fez, porém com dificuldades. Se da mãe lhe vem o legado da loucura que aparece no avô, cujas marcas Antônio nos revela também na mãe, do avô paterno vem o rastro da função paterna que pôde, de alguma maneira, alcançá-lo. Em um momento emocionante conta-nos:

É o que eu vi, assim [...] Que eu chegava na roça, eu via ele tossia pra mim, eu falava: “Vô!” [...] Eu guardei um rastro dele durante mais ou menos 1 ano esse rastro. Quando ele pisou no dia, um dia antes de dar o derrame dele, teve um rastro que ele pisou na lama, né? Ele pisou naquele rastro, que pisava, né? Aí eu me lembrei daquele rastro. Depois que ele morreu, eu fui lá na roça e guardei aquele rastro. Eu cerquei, fiz um cercado, falei pra meu pai e minha mãe pra ninguém mexer, naquele rastro. E guardei aquele rastro durante quase 1 ano, eu guardei aquela pisada dele lá. Então quando eu queria matar a saudade dele, eu ia naquele rastro [...]

Esse rastro, como temos indicado, são as marcas, os traços advindos do avô paterno, que lhe permitiram não enlouquecer, mas que não foram suficientes para garantir a transmissão de seu nome. Se foi capaz de livrá-lo da loucura, não foi, entretanto, contundente ao ponto de não enlouquecer a filha. Curioso, pois não toma nenhum dos filhos como seu e aquela a quem toma para amar com “amor além de pai”, essa enlouquece.

Se, como pudemos perceber, da mãe Angélica acaba por receber pouco, pelo lado do pai, recebe tudo. Todo amor, todo carinho. Este não deixa que nada lhe falte. Tem colocado as coisas de tal forma que até o futuro de sua filha está sendo assegurado por ele no presente. Expressa seu medo de morrer e deixar a filha desamparada, porém é a filha que vem tomada no lugar de seu desamparo. Angélica é descrita como um anjo que veio salvá-lo do inferno. Como anjo, tem tido a função de viver para o pai ou, mais intensamente, ser um com o pai. Angélica é presa de uma palavra que não lhe permite duvidar do que quer seu pai, não

lhe dá folga para desejar, pois o imaginário que a toma lhe dá um sentido – o anjo do pai, mãe pela segunda vez...

A fim de lembrar as palavras de Antônio, sempre estivemos, nós e o pai, atravessando insistentemente essa estrada que leva à sua condição de filho e homem, sobre o que recai nosso recorte, mas que, certamente, aponta tantos outros caminhos e muitas outras questões. Será o labirinto desse significante “pai” que estivemos circulando. Talvez seja lá que começa... no Pai.

Lacan (1955-56) nos apresenta uma metáfora na qual pretende deixar claro como age o significante que nos permite ser sujeito – o significante Pai: Ele sugere a idéia de que esse significante é uma estrada principal na qual vários caminhos secundários vem se juntar. Explica Lacan que, mesmo nos distanciando dele por esses outros caminhos, ainda assim, não nos perdemos, se sua inscrição estiver demarcada. Como estrada principal ou como rastro é que o Pai nos aparelha como uma bússola que nos norteia. Nas palavras de Lacan:

A estrada principal é algo que existe em si e que é reconhecido imediatamente. Quando vocês saem de uma trilha, de um bosque, de uma via lateral de pedestres, de um pequeno caminho vicinal, sabem logo que ali é a estrada principal. A estrada principal não é algo que se estende de um ponto a outro, é uma dimensão desenvolvida no espaço, a presentificação de uma realidade original. (LACAN, 1955-56, p. 327)

Essa estrada, esse rastro é como significante que nós o apreendemos. Assim, mesmo em todas as dificuldades que vêm se colocar para Antônio, quanto ao que é ser um pai, elas não indicam tão somente essa função homologada por nossa cultura. Mas aponta para aquela palavra que transmite ao sujeito seu nome próprio e, portanto a sua invenção de sujeito que poderá advir desse nome.

Para a psicanálise, o pai será aquele que introduz uma Lei simbólica à mãe e, nesse sentido, não será preciso, necessariamente, um pai real para que isso aconteça, apesar de poder ser este o portador dessa Lei, sem ser dela seu usurpador. Como sustenta Dor (1991), o homem, na condição de pai real, poderá ser o agente diplomático que represente o Pai simbólico.

Lebrun objetiva que:

Se nos fosse preciso definir simplesmente o que é um pai, poderíamos dizer que é o primeiro *estranho*, que é e sempre será o estranho no mais familiar, e isso para-além de quaisquer afinidades e companheirismos que possam existir entre o pai e seu filho. É essa alteridade irreduzível que o define e da qual ele nunca se afastará inteiramente; ele é e permanecerá sendo um outro radical. Sem dúvida não podemos dizer o mesmo da mãe, e é bem por isso que podemos também definir o pai dizendo que é outro que a mãe; com efeito, se podemos também dizer que a mãe é outra que

a criança, nos é preciso reconhecer que também podemos dizê-la mesma; a mãe é esse outro mesmo de que será preciso que a criança se separe para se tornar sujeito e, nesse trajeto, é atribuído ao pai, esse outro outro, vir fazer contrapeso. (LEBRUN, 2004, p.27, grifo do autor)

O que o autor expõe é, exatamente, essa posição de estranho do pai frente à relação mãe-filho. Deverá ser um estranho interditor e privador familiar na constituição psíquica da mãe. Sem essa condição de estranho, mas, ao mesmo tempo, familiar não pode haver sujeito. A loucura se produz a partir desse estranho não familiar. Não há nada, palavra nenhuma, interdição alguma que faça anteparo ao outro mesmo que é Antônio para Angélica. Essa função paterna, rastro guardado por Antônio, não o faz portador da função, o faz portador apenas de identificações, de imagens. A insígnia do pai lhe vem por meio da doença do coração. Esse nos parece ser o rastro imaginário que o mantém na berlinda. O avô, com problemas de coração, o pai e ele também. Se da mãe recebe a loucura, do pai recebe o coração adoentado. A Angélica restam a loucura e estar presa ao coração adoentado do pai.

Lebrun, mais uma vez, esclarece-nos:

A intervenção paterna que evocamos aqui é inteiramente identificável nos primeiros momentos da criança, do *infans*, “aquele que não é falante”. Quando a criança entra no círculo familiar, acontece-lhe chorar, e a mãe dirá, no primeiro dia, que a criança está triste, no dia seguinte, que está passando mal, no outro lhe perguntará por que chora. No quarto lhe dirá ainda outra coisa, e todas as palavras que forem ditas irão “definir” essa criança; vão etiquetá-la, vão dizer o que ela é.

Podemos perfeitamente entender “o pai” como aquele que vem dizer “Não, ela não é tudo o que você diz dela!”, ou “Sim, mas...”; ou seja, dar à criança as armas que lhe permitem fazer de modo que não haja adequação entre o que sua mãe diz e o que ela é como sujeito. (LEBRUN, 2004, p.32).

Diante da palavra que não veio fazer peso à palavra da mãe, ou que ficou a meio caminho disso, Antônio, como filho, também responde com a anorexia e Angélica com a psicose:

Eu arrumei uma doença de vomitar, né? Eu já tinha ela antes. Eu vomitava com o dedo, né? Eu ficava nervoso, como a Angélica tá sendo igual a mim, também já tá com esse problema. A Angélica chegou a ver, quando ela viu eu vomitando, eu usava o dedo pra vomitar, eu fiz um calo aqui, de tanto forçar de tanto forçar o dedo. Aí, depois não conseguia mais vomitar com o dedo, eu usava uma escova. Eu ficava nervoso com esse problema da Angélica e usava a escova.

Quer dizer que, de alguma forma, a falta precisa apresentar-se. De alguma maneira, essa palavra onipotente do outro precisa ser mediada. O autor acima conclui que, diante, por exemplo, da palavra do outro, “come, come, tudo que eu tenho a lhe dar”, “[...] só restará a esta [a criança] recusar se alimentar para refazer o furo indispensável ao sistema.”

(LEBRUN, 2004, p. 32). Antônio revela sua falta através dos vômitos, e Angélica não faz falta, faz loucura.

Com efeito, podemos asseverar que, ante o impossível de suportar – o real – e, ainda, o real da castração, ao sujeito resta o que de possível se apresenta – as malhas do Édipo (YANKELEVICH, 2004). Então, entre o impossível, que é a castração, e o possível, que é lançar-se nas malhas das significações do Outro, interpõe-se o Pai, que, transmitindo seu nome ao filho, o desaloja de um lugar necessário, e dá-lhe a possibilidade de invenção de um lugar contingencial.

Se, como representante dessa função, Antônio não pode se ver é, também e exatamente, porque é um herdeiro sem esse quinhão. Herda do avô um rastro suficiente apenas para não fazê-lo louco, mas que se apaga com o tempo. Essa herança não pode ser transmitida à sua geração.

4.3. Caso 3 – Marcelo

O que é ser um filho?

Marcelo e os buracos da vida.

Aí, depois, ele já foi crescendo, eu olhava no rostinho dele assim, e eu pensava: “Nossa, mas eu pensava tanto que era uma menina, e era homem, né?” Entendeu? Então, veio assim desde a minha barriga, era uma menina que eu esperava, era uma menina [...]

A forclusão do Nome-do-Pai constitui-se como um conceito universal cunhado por Lacan para se referir à psicose. Nos surtos psicóticos, podemos vislumbrar a importância desse significante e as consequências do “defeito” no simbólico provocado por essa inscrição que falha. Da psicose vem-nos o desafio de pôr em letras essa experiência que arrasta o sujeito a uma vivência profundamente dolorosa do real. À deriva, resta, ao sujeito, lançar mão do imaginário, que, sem a mediação necessária, tenta dar sentido ao que a rigor é da ordem do não sentido.

Nosso presente caso procura dimensionar os meandros pelos quais o sujeito-filho constitui-se. Com ele, temos a pretensão de discutir sobre a psicose do adulto e o desencadeamento de um surto. Como temos descrito, a psicose por aquilo que nela não se dá, torna-se um campo privilegiado para a compreensão da constituição do sujeito, que precisa responder às suas questões de origem, de identificação e de exercício da sexualidade.

Marcelo tem 23 anos e teve seu surto aos 20. É o segundo e último filho de Marlene e Natanael. Nesse caso, foi possível ouvir o que o sujeito tinha a nos dizer sobre sua história, como respondeu ao lugar que lhe foi endereçado desde seu nascimento, e também sua mãe. Esta pôde dar a sua “versão” do adoecimento de seu filho, pôde dizer de seu momento tão especial nos primeiros dias de Marcelo e do lugar em seu desejo que esse filho veio ocupar. Será a junção dessas falas, aquilo que da mãe pudemos ouvir e o que do sujeito se fez desvelar, que nos permitirão discorrer sobre esse caso.

A psicose de Marcelo desencadeou-se, como costuma ser na psicose dos adultos, em um momento fundamental de sua vida. Preparando-se para prestar vestibular, conhece um rapaz – Gabriel – em um ponto de ônibus. A princípio, encanta-se pela beleza do rapaz cuja vida procura conhecer. Começa a juntar algumas conversas que ouve dele com outras pessoas no ponto de ônibus para concluir que sua preferência não era pelas mulheres. Como sabia em que colégio Gabriel estudava, pois o via sempre ao final das aulas, empreendeu uma busca por informações na internet. Não é preciso dizer que todas essas informações obtidas cooperavam para que tanto sua paixão crescesse, quanto a certeza de que seria correspondido. Porque passa a freqüentar mais assiduamente o ponto e a embarcar no mesmo ônibus, Marcelo tem oportunidade de conversar com Gabriel. São conversas muito curtas, mas que, acrescentadas aos olhares que Marcelo interpreta dentro de sua lógica, o faz se apaixonar perdidamente. Fazemos questão da expressão perdidamente, pois ela nos parece ilustrar bem o que foi essa captação de Marcelo por Gabriel. Embora, por toda sua adolescência, tenha se apaixonado assim, essa paixão provocou “o princípio das dores” em Marcelo. Resolve escrever uma carta e entregá-la ao rapaz que não lhe deu resposta alguma. Depois disso, nunca mais conversou com Gabriel. Isso o fez perder-se na vida, desorientar-se, vagar sem rumo. Essa paixão, associada à doença de um tio, ao fim de seus estudos no colegial, e à procura pelo primeiro emprego foram os ingredientes responsáveis por seu surto. Ele nos declara:

Tipo quando eu era da 1ª, eu sabia que no próximo ano eu ia tá na 2ª. Aí, quando tava na da 2ª, aí, no próximo ano eu sabia que ia tá na 3ª... E depois, de repente, acaba o colegial e começa a fazer cursinho e não consegue nada. E uma vez, eu tinha tentado entra na ACS, nesse ano mesmo, eu não consegui, eu não passei na dinâmica. Aí, eu perdi totalmente o sentido de viver, pelo fato de ter acontecido essa decepção com o Gabriel, eu não conformava, não conformava nem um pouco. Aí, eu perdi a fé em Deus, eu acho. E perder a fé em Deus, pra mim, é a mesma coisa que tá perdendo a vontade de viver. Porque pra mim, Deus significa que existe justiça no mundo, sabe? Em algum lugar longe daqui, onde a gente mora, vai pra algum lugar onde só existe justiça, pessoas boas, algo assim, eu perdi essa fé.

Essa etapa da vida de Marcelo parece ser, também, um momento fundamental para todos nós. Um momento em que novas perspectivas se abrem e novas escolhas acontecem. Marcelo o descreve de forma árida e desiludida. E agora, o que fazer, se tudo em sua história é uma desilusão, uma descrença? Como viver, se sua fé no Outro, em Deus, está perdida? Mas por que afirma ter perdido sua fé? Talvez porque o Deus em quem Marcelo crê se lhe mostrou enganoso. Enganoso não da mesma forma que para os neuróticos, que podem confiar ao mesmo tempo em que desconfiam. O neurótico tem olhos para não ver e ouvidos para não ouvir o que do Outro lhe chega. Não parece ser assim com Marcelo, cujos ouvidos e olhos verdadeiramente ouvem e vêem. A cada vez que se apaixonava, pedia confirmações a Deus que lhe respondia. Aliás, Marcelo tinha certeza de que eram respostas de Deus. Uma palavra, um olhar, uma conversa. Tudo era tomado por Marcelo como respostas vindas de Deus. Sempre foi assim, desde suas primeiras paixões. Um Deus que promovia tantas coincidências, tantos sinais que não lhe deixavam dúvidas de que seria correspondido, mas que, no fim das contas, não sustentava “sua resposta”. Um Deus que brinca com sua criatura e em quem Marcelo põe sua fé, porém, que lhe dá “rasteiras”. “Em que acreditar?” É o que se pergunta.

Marcelo faz acordos com Deus, como, por exemplo:

Um tanto de coisa me passava pela cabeça. Aí, eu fui e fiz um trato com Deus. Naquele dia era pra mim entrar no Pampulha e o Pampulha era pra cruzar com o Saraiva e eu ver o Gabriel lá dentro do Saraiva, do Pampulha. E assim foi. Eu entrei dentro do Pampulha. Aí, foi, chegou lá. O Pampulha foi, desceu na rua do Cajubá e nada. Aí, virou a rua do Bretas (e o Gabriel desce no Bretas) então já era. E tava nesse dia, subi na Nicomedes e foi pra rua, pra ir pro Terminal, só que nesse dia tava chovendo muito, tava chovendo forte. Aí, quando o Pampulha, antes do Pampulha entrar dentro do Terminal, quase entrando dentro do Terminal, o Pampulha cruzou com o Saraiva. Aí, quando eu olho pra dentro do Saraiva, o Gabriel lá sentado no mesmo banco de sempre. Tá vendo? Isso tudo é de deixar qualquer um louco, sei lá. Ou seja, aquele dia choveu tanto que o Gabriel não desceu no ponto, lá no Bretas. Ele deve ter pensado: “Não, não vou descer aqui não, porque tá chovendo, eu vou descer na volta. Que aí, o Saraiva vai pro Terminal Central, e na volta o Saraiva passa e desce no ponto do Bretas de novo, só que do lado de lá.” Ele pensou: “Até lá a chuva já parou e eu desço.” E aconteceu que nesse dia tinha acontecido isso, né? Que eu pedi pra Deus, pros ônibus cruzar e do ônibus eu ver ele lá dentro e foi o que aconteceu.

Essas constantes “rasteiras” sofridas por Marcelo acabam por lançá-lo diretamente no surto que se faz pontual sua psicose. Marcelo, com seu modo de existência, com sua forma de realizar seu laço com o Outro/outro, foi, em sua vida, anunciando uma falência e a precariedade de sua posição. Esse rapaz, dando sentido a tudo à sua volta e fixando sua existência na ordem das paixões necessárias, só pôde mesmo sucumbir diante desse Outro enganador. Seria impossível a Marcelo não deixar de ver as provas cabais que Deus lhe dava.

Até que tudo perde o sentido. Viver acorrentado, constantemente acudido, quase que inteiramente pelo imaginário tem seu preço. Essas paixões “platônicas”, como chama Marcelo, funcionaram ao modo de um amparo ao que parece ter faltado. Em sua história, a nosso ver, faltou o sujeito Marcelo. Além disso, o que falta à psicose senão uma inscrição simbólica eficaz que se responsabilize por traçar um certo caminho a Marcelo, um significante que, como pontuamos no caso anterior, possa se constituir em estada principal que permita norteá-lo aos 20 anos?

Marcelo sempre esteve envolvido com o teatro em sua escola e, por causa disso, escreveu uma peça na qual tratava dos percalços na vida de alguns adolescentes. Chamou-a de “Os Buracos da Vida”. Então, se sua existência é marcada por um laço tão precário e se como sujeito não pode ter acesso a uma verdade contingente, como produzir um saber que lhe permita não sucumbir diante dos buracos de sua vida?

Quando estivemos com Marcelo pela primeira vez, de imediato, ele nos perguntou se já sabíamos que ele era homossexual ou, como ele diz, que ele era “aquilo”. Esse “sou homossexual” soou-nos como uma âncora necessária. Ao descrever suas dificuldades comenta assim:

É, pra mim foi difícil. A vida inteira foi difícil pra mim aceitar isso, mesmo. Não tá em mim. Lá pelos meus 12 anos, 13 anos, eu vi que eu sentia atração era por homem mesmo. Desde pequeno eu já notava que eu era meio diferente. Aí, lá pelos 12, 11, 13 anos eu vi que realmente me interessava era por homem mesmo e isso era difícil pra mim.

E acrescenta:

E aí, a vida inteira, o problema é que eu me apaixonava por alguém, e ficava guardando tudo comigo. Mas mesmo assim, eu tentava gostar de mulher, eu tentava, eu olhava as mulher no clube, eu olhava elas de biquíni. Meus amigos do grupo, falava: “Nó, aquela mulher ali é gostosa e tal.” E falava que a mulher era gostosa, era isso e isso e aquilo e eu não sentia nada.

Essa atração por homem o fez reincididas vezes apaixonar-se por pessoas com as quais acabava por manter uma relação à distância, por meio de olhares que ele sempre elevava à condição de um sinal quase irrefutável de correspondência pelo outro, pelo menos por um certo tempo. Seu dilema sexual, ou seja, a questão de dizer-se de um ou outro lado da partilha dos sexos e, ousamos até afirmar que, para Marcelo, não há partilha, pois se a resposta a esse dilema se impõe, ele só pode responder com a paixão pelo “mesmo”. Suas paixões são pelo “idêntico”, pelo familiar, pois ao estranho não pode se ligar. Então, ele nos declara:

Assim, eu olhava os seios dela, na bunda, nas coxa, olhava pra ver se eu sentia mesmo, mas eu não sentia nada. Eu sentia atração era por homem mesmo. E eu tentava acabar com isso, mas eu nunca consegui. E eu me apaixonava sempre era por homem, eu via um homem assim, achava bonito e me apaixonava e a minha vida inteira foi assim. Na 8ª série, eu me apaixonei por um amigo meu, o Alexandre. Aí, como sempre, eu vi que não tinha como, que não dava, que não era, tal. E eu também era muito novo, tinha 14, 15 anos na época, não sei. Depois apaixonei no Guilherme, meu melhor amigo, do Clube Olímpico. A gente ficava sábado, domingo, o dia inteirinho junto, escutava um ao outro, só que eu nunca tinha coragem de falar. Aí, depois do Guilherme passou pro Geraldo lá do Bueno Brandão. Aí, eu já tava no colegial, depois o Kadu, pulou pro Paulo, do Paulo já pulou pro Geraldo e sempre foi assim. Uma paixão atrás da outra e aquilo não me supria. Porque eu pensava: “Nossa, nunca deu certo, um dia tem que dar certo.”

Como podemos perceber, Marcelo é um peregrino na terra da paixão. Ele parece deslizar de uma a outra paixão, que, a nosso ver, pôde dar-lhe uma certa condição de manter-se na vida. Dizer-lhe homossexual lhe possibilitou, a duras penas, equilibrar-se. Essa foi sua imagem de sustentação na vida. É interessante notar que Marcelo, principalmente no surtos, põe-se desesperadamente, a dizer, a contar que é homossexual. Será que o agarramento a esse significante lhe permite dizer quem é? Marcelo expressa seu sentimento: “Porque eu acho tão injusto [...] De eu ser assim. Eu queria ser normal, sabe? Eu queria poder sentir atração por mulher. Ter uma namorada, sair por aí, abraçado e tal, como todo mundo faz, mas eu não sou desse jeito.” Suas lamentações parecem ser no sentido de que sua condição de não “gostar de mulher” não lhe vem de uma escolha, mas de uma impossibilidade.

Como pretendemos discorrer ao longo do caso, “gostar de mulher” ou “gostar de homem” não se constitui, de fato, em uma escolha tão livre assim. Serão as identificações e respostas tecidas no seio da relação com o Outro/outro que irão permitir o exercício da sexualidade. Entretanto, o que queremos apontar é que em Marcelo, essa questão torna-se mais dramática. Ele procura um sentido para ser o que é. Por que Deus lhe fez “gostar de homens”? Por que suas tentativas de ser feliz sempre fracassam? Marcelo sempre se perguntou “por que sou assim?” Mas, ao mesmo tempo, a resposta e certeza de Marcelo em “ser gay” faz surgir nele um saber sem brecha e uma verdade “verdadeira”, sem ficção.

Ele nos conta sobre sua infância:

Eu não sei. Assim, eu tinha um jeito meio meiguinho, sabe? Assim, da pra perceber quando tem um menino pequeno, tem uns menino que é mais meiguinho que os outro. Mas assim, eu nunca gostei de brincar muito de brincadeira de homem, nunca, nunca fui de gostar de futebol.

Esse “jeito” desde criança lança uma certa luz às indagações de Marcelo sobre suas infelicidades. Aquilo que se firmou, de certa forma, em sua adolescência, “gostar de homem”, vem-lhe desde menino. Ele esclarece:

E a minha mãe, ela quis mexer nas minhas coisa. Eu acho que como mãe ela via que eu não, talvez ela ficou preocupada: “O Marcelo já tem 18 anos e nunca vi ele com namorada.” Mas acho que ela meio que começou a preocupar e também, quando eu era pequeno, eu meio que dava na cara um pouquinho.

E porque a mulher que lhe deu a vida também lhe deu um nome e um lugar no mundo, Marcelo intui que, como mãe, ela via... A nossa questão é “o que via a mãe em Marcelo?” Como consequência, o que Marcelo dava “na cara um pouquinho”? Na entrevista com Marlene, pudemos ter uma idéia. Ela nos conta que: “Como eu tinha te falado antes, né?, da gravidez do Marcelo, apesar que eu só conversei com certas pessoas que não tem nada a vê. Quando eu fiquei grávida do Marcelo eu esperava uma menina, então pra mim era uma menina, era uma menina [...]”

Mais adiante, acrescenta:

É porque eu tive o mais velho, é o Ricardo, é o pai da menininha, né? Aí, veio o Marcelo. Aí, eu ia no doutor R. e ele falava: “agora é uma menina”. O doutor R. mesmo falava pra mim, “agora é uma menina, ih mas é menina mesmo”. Ele olhava a minha barriga que era menina, então era uma menina, então eu já pus até o nome da menina, era Ricardo e Aline, sabe? Aí, eu esperava, eu fiz enxoval pra menina, e era uma menina, mas só que se fosse homem também, eu não ia recusar não, entendeu? Nunca na vida pra mim era, ou seja, foi bem vindo. Aí, bom, Aí, o Marcelo nasceu. Eu lembro direitinho quando ele nasceu, eu ainda falei pro doutor: “Doutor e Aí, é uma menina?” Ele ficou nervoso, sabe? Nem me deu resposta. E era um menino. Aí, lá no quarto a enfermeira veio e falou: “Ah, e agora? Tem que colocar o nome no menino.” Eu olhei bem pra enfermeira e falei assim: “Nossa, eu não tenho nenhum nome pra pôr nele!” Ela falou assim: “Mas não acredito!” Eu falei assim: “Não, porque eu tava esperando uma menina. Era Aline. Agora veio menino homem.” Aí, ela falou pra mim assim: “Ah, põe Marcelo ou Leonardo, põe um dos dois.” Aí, eu falei: “Ah, então eu vou por Marcelo.” Aí, o Natanael foi e registrou.

Marlene não esperava por Marcelo. Como toda mulher, esperava um filho que seria tomado em seu desejo. Entretanto, no desejo de Marlene, havia Aline e seu “rosto” de “menina mulher”. Seria impossível não ser assim. Essa mãe não queria ter dúvidas de que nasceria uma menina, embora, às vezes, pensasse na possibilidade de não ser. Mas em seu desejo era uma filha que tinha um lugar nesse momento específico de sua vida. Todavia, diante do nascimento de um menino, essa mulher tem que se rearranjar com seu desejo, como quase todas as mães. Estas insistem na realização de seu desejo nos filhos, mas o sujeito que nasce deverá surpreendê-las. Marlene parece acolher o menino, mas não vê nesse menino um rosto de menino. Então, diante do nascimento do filho, o que fazer? Que nome dar a ele, que lugar lhe conferir? Não havia outro nome, nem outra possibilidade. Só havia Aline... Que “cara” dar a esse filho? Resta acolher a sugestão da enfermeira e tentar tomar seu filho.

Marlene não o fez sem muitas pedras pelo caminho e sem dor. Quando ainda estava de resguardo de Marcelo, sua mãe, tão próxima, morre. Não pudemos investigar mais a relação das duas o que talvez nos ajudasse a entender seu profundo abalo pela morte e, porque não dizer, pelo nascimento de um menino. A morte da mãe foi o ponto máximo de sua dor e, não podendo suportá-la, cai em um quadro de depressão que dura 4 anos. Seus filhos são deixados com uns parentes em outra cidade, e ela adoece pela morte da mãe. Marlene comenta: “Não, os primeiros momentos do nascimento do Marcelo, ele foi muito sem sorte, porque assim que ele nasceu, eu perdi minha mãe, eu tava de resguardo dele. E aí, daí, ele tinha, ele tinha trinta dias quando eu perdi minha mãe.” Em outro momento, falando de sua depressão, explica: “Foi depois que a minha mãe faleceu. E ainda pegou assim, eu de resguardo, eu tinha ligado, o Marcelo tinha nascido e eu tinha ligado, né?” Marlene parece nos contar que não lhe restou senão a depressão ante essas três “fatalidades”: o fato de não poder mais ter uma filha, pois estava “ligada”; o fato de ter nascido um menino; e a morte da mãe, que lhe era inseparável. Responde aos buracos da vida com a depressão.

Marlene não consegue prosseguir com a vida, e seus filhos ficam distantes por cerca de 1 mês. O que põe fim a esse período de afastamento é um sonho de Marlene com a mãe:

[...] eu só lembro que eu queria só chorar, só morrer, mais nada, sabe? Eu queria embora também. Então... Eu ficava vendo minha mãe sem parar, eu ficava achando que ela tava sentando no sofá, escutava o rastro do chinelo dela, sabe? O tempo todo, era 24 horas. Eu dormia e sonhava com ela. Aí, um dia, até eu mesmo sonhei com a minha mãe. Aí, eu acho que nem era minha mãe não, porque ela já morreu. Era Deus mesmo, sabe? Porque ela disse que era pra mim buscar meus meninos, que eu tinha que criar meus filhos. Era um sonho, ela falava assim: “Olha, eu vim aqui em nome de Deus minha filha, porque você precisa buscar seus filhos, eles precisam muito de você, E vai lá pra você ver que eu vim aqui em nome de Deus, vai lá no Prata, busca eles.

Essa mulher se vê perturbada com a presença constante da mãe, presença que ela ouve e pressente. Nos primeiros 4 anos de vida de Marcelo, Marlene está tomada pela angústia da morte da mãe. Ou será tomada pela presença desta? O que angustia mais, a morte ou a presença do outro que não lhe dá trégua?

Não estamos aqui pontuando algo da ordem de uma rejeição de Marlene por Marcelo. Estamos buscando responder em que lugar Marcelo foi acolhido para que desde pequeno desse “na cara um pouquinho” a sua condição. Marlene não deve ter tido dificuldades em amar seu filho. Só que o ama ou o vê, reconhece-o de um lugar que não é nem da filha sonhada, nem do filho que lhe nasceu. Quem sabe até seja do lugar de uma paixão. Seu amor, seu agarramento ao filho são inquestionáveis. Ela sempre teve o filho sob

suas vistas. Depois do sonho, nunca mais deixou seu filho. Marcelo declara-nos que é um homem, tem corpo de homem, porém não tem atração por mulheres. Esse rapaz parece viver errante. Deixa-se apaixonar “pelas pessoas erradas”, como ele afirma. E sua errância é exatamente essa – estar entre ser um menino ou uma menina, uma filha ou um filho.

Que nome dar a esse desejo que não nasceu? Marcelo? E que “cara” dar a ele? A mãe acrescenta: “Aí, depois, ele já foi crescendo, eu olhava no rostinho dele assim, e eu pensava: ‘Nossa, mas eu pensava tanto que era uma menina, e era homem, né?’ Entendeu? Então veio assim desde a minha barriga, era uma menina que eu esperava, era uma menina [...]”

Em outro momento, revela-nos:

Não, não é porque eu achava ele diferente. Assim, ele tinha um traço de mulher, não sei é eu que sonhava que era mulher, assim, já veio, vinha na minha mente. Não sei se até eu também, pensava assim: “Nossa...” parecia que tinha hora que eu olhava pro rostinho dele assim, parecia assim, que era menina, sabe? Até eu, acho que até eu fiquei com aquilo na mente.

Marlene intui que algo do seu desejo provoca marcas em Marcelo, como não poderia deixar de ser. Mas, infelizmente, isso lhe vem sob forma de culpa que todos à volta procuram minimizar. É certo que essa mulher empreende grandes esforços no sentido de fazer surgir no filho aquilo que o real de seu corpo lhe traz. Mas seu desejo lhe comunicava outra coisa. Essa também a errância da mãe: “[...] porque pra mim o Marcelo é assim, tão macho, tão homem, que eu não esperava. Aí, eu pensava: ‘Ah, será que foi porque eu esperava uma menina, será que ficou na cabeça dele e tal’?”

Mesmo Marlene acolhendo o filho, aquilo que seu desejo lhe fazia ver continuou insistindo na “cara” de Marcelo. Ficou com ela e passou a ser também o jeito do filho:

É, às vezes eu imaginava. Eu não sei se tava na minha mente, ou se realmente era dele. Depois de adulto ele vem e me fala isso, mas ele nunca assim, demonstrou, ele nunca, ele nem, sabe? O Marcelo é muito reservado. Então, desde novinho, sabe? Ele estudava, ele era um menino normal, ficava com os colegas dele, sabe? Mas assim, sempre olhava nele assim, e pensava assim: “Nossa, ele parece, ele tem o jeito de uma menina mesmo.” Assim, eu não sei se isso ficou comigo, e se ficou com ele também, sabe? E que veio acarretar na vida dele, sabe? Eu não sei, até hoje eu não sei [...]

O desencadeamento da psicose de Marcelo parece vir no momento em que “nada mais dá certo”, e o sentido que o sustém até ali, torna-se um não-sentido. É assim que Marcelo põe em palavras sua desilusão: “Eu perdi o sentido de viver, eu perdi a ilusão de viver. Por mim eu queria morrer. Sabe quando você chega num ponto que você não tem mais sentido pra viver?”

Marcelo, com o surto, vive uma experiência que costumamos chamar catastrófica e de desmoronamento. Ele descreve assim os primeiros momentos do surto:

Aí, essa noite, eu comecei a conversar minha vida inteira. Era como se alguém me perguntasse e eu falava. Eu passei a noite inteira conversando sozinho. Minha vida inteira, desde pequeno. Das paixões que eu já tive. Eu falava um por um. Eu falava um por um como aconteceu, a história [...]

Diante do impasse, da errância que pontuamos há pouco, Marcelo revê sua história. Não podendo mais prosseguir na vida, repassa a história das paixões e de sua infância.

Começa por perder o sono e a enxergar nas pessoas rostos de outros conhecidos seus. Ele explica-nos:

Só que quando eu olhava na minha mãe lá na cama dela, eu não olhava, eu não via a minha mãe, eu via era o rosto do Gabriel. Sério! Não era bem o rosto dele nítido assim, mas era, era, eu lembro que era assim, uma imagem branca com óculos, cabelo meio castanho assim, um pouco meio castanho assim. E assim, tava, ela tava toda encolhidinha no cobertor. Então, só dava pra ver o rosto assim. E eu, eu via o rosto dele. Eu conversava com ela, mas eu olhava, parecia que era ele. Aí, eu, eu olhava assim e ria. Pensei que era ele que tava o tempo todo ali, sabe? Eu não sei te explicar. Eu já tava, eu tava tendo alucinação também antes.

Ficamos pensando, por que nesses sinais do surto, é exatamente o rosto de sua última paixão lançado, projetado em sua mãe? Como reverso idêntico, Marcelo lança um rosto, uma “cara” sobre a mãe e que diz de sua impossibilidade em ser um sujeito homem ou mulher. Projeta sob forma de alucinação esse desejo materno que o tomou, impossível a Marcelo subjetivar. Marcelo não pode ser feliz amando, por isso, é um peregrino da paixão. Só um sujeito pode amar. Só aquele que se desloca das malhas do desejo do Outro pode amar como prova mesma de sua separação e falta. Talvez a paixão da mãe pela “menina mulher”, e que vem tomar Marcelo por aquela que ele não é, não lhe tenha dado a chance de ver na “cara” deste as marcas de um “menino homem”.

Ele nos conta que, no dia do surto, passou a andar, vagar, literalmente, sem rumo pela cidade. Vagou até à exaustão, até seu corpo ficar moído de dor e cansaço. Parecia estar fora de seu corpo. Não sabia se estava morto ou vivo, mortificado no corpo pelas suas andanças errantes. Devia estar morto, pois tudo era tão diferente. Estava no inferno. Ele comenta: “Aí, eu saí. Aí, eu fui andando, andando, andando. Aí, eu não sabia pra onde que eu ia.” Para onde pode ir Marcelo? A psicose nos confronta com essa morte em vida do sujeito que o impele a vagar.

Ele continua:

Porque eu, pra mim eu tava no inferno, né? Se eu tivesse no inferno, então, eu só podia ter morrido, sei lá. Eu queria achar uma resposta pra aquilo tudo, pra aqueles sofrimentos tudo que eu já passei na vida. Assim, pelo fato de ser o que eu sou, sabe? É difícil! Eu não sei te explicar, é tanta coisa. Assim, eu tô te contando, assim a partir, mais ou menos dessa história que... Que a minha infância toda, assim, sabe? Foi, foi muito sofrida, assim pelo fato de, sabe? Não sei te explicar.

E acrescenta:

Aí, eu, eu andando assim, de repente deu a sensação que eu tava no inferno mesmo. Parece que eu até sentia isso, gente do meu lado assim. Só que eu não via, eu sentia do meu lado assim, gente andando um pouco comigo. Só que eu não via nada. E eu pedindo pra Deus, pra me tirar de lá, daquele inferno. O que que tava acontecendo? Que eu não tava entendendo mais nada! [...] E pra tudo eu queria achar resposta, né? Pra ver se alguém me dava uma luz, pra o que tava acontecendo.

Se a luz que vem do Outro lhe falta, Marcelo vive o inferno. E o que é o inferno senão esse lugar habitado pelo sujeito sem a presença do Outro simbólico, sem a presença de Deus, o Pai? É interessante que, depois de ter andado por toda a cidade, Marcelo chega em casa e dá pela falta do pai e sua sensação é de que este morreu. Ele confessa que não lhe ocorre outra possibilidade para a ausência do pai, a não ser da morte. Quando Natanael chega e Marcelo já está em seu quarto, conta-nos algo muito importante: “E aí, parece que, do meu quarto eu ouvia uma mulher conversando com o meu pai lá de fora, tipo fazendo uma entrevista com ele. Falando ‘quem era o Marcelo’, ‘como que o Marcelo era’ [...] eu tava ouvindo coisas. Eu não sei se eu tava ouvindo coisa a mais ou se realmente tava acontecendo.” O surto traz à tona todas as questões cruciais de Marcelo, aquelas que poderiam lhe permitir prosseguir na vida, mas que, ao contrário, retornam a ele na forma de desmoronamento. Pelas das alucinações e distorções de Marcelo, desvela-se a verdade de sua história ou a verdade de cada ser. O pai possui um saber sobre o filho que lhe permite dizer à mãe quem e como é o sujeito. Ou dizer que ele não é só o que ela vê. Ficamos tentados a interpretar assim esse episódio contado por Marcelo.

O pai aparece pouquíssimas vezes tanto na fala de Marcelo quanto na fala da mãe. Enquanto escutávamos a mãe nos relatar sobre a escolha do nome do filho, perguntamos-nos pelo pai. Quando Marlene resolve separar-se dos filhos por um tempo, também nos perguntamos pela palavra do pai. Não por sua presença, que, não temos dúvidas, sempre foi muito constante, mas por sua palavra. Marcelo e Marlene referem-se a ele como bondoso, um “coitado”. Ou será um cortado dessa história?

Marcelo se diz homossexual sem nunca ter, de fato exercido sua sexualidade. Esse exercício lhe é, de certa forma, impossível, pois o transporta ao seu impasse como sujeito.

Não lhe basta ser tomado pela mãe como um menino que lhe nasceu, deveria, também, tornar-se um “menino-homem”, e essa representação não é dada geneticamente. O biológico determina um macho e uma fêmea. Mas o simbólico, esse é o que, cavando no sujeito uma inscrição, situa-o como homem ou como mulher.

Lacan enfatiza essa idéia, quando declara “que as vias do que se deve fazer como homem ou como mulher são inteiramente abandonadas ao drama, ao roteiro, que se coloca no campo do Outro – o que é propriamente o Édipo.” (LACAN, 1964, p.194). Poder tornar-lhe um filho é um roteiro escrito por quem o possa tomar para-além do imaginário unificador.

O sujeito sempre terá que aprender como ser um homem e como ser uma mulher e esse significante deverá advir do Outro. Um filho só o poderá ser se colocado de um lado ou de outro da partilha sexual. Como acentua Lacan, “a sexualidade se instaura no campo do sujeito por uma via que é a da falta.” (LACAN, 1964, p.194). Por isso, a psicose dá-nos notícia de um sujeito que não é nem homem nem mulher, porque a falta responsável pela fundação do sujeito não se instaura. Na condição de objeto fálico do Outro, o sujeito não pode significar sua própria falta e amar. Amar “é dar o que não se tem” na medida mesma em se busca o que o Outro, sem tê-lo, pode nos dar.

Ainda uma última consideração. Marcelo conta-nos outro episódio que também não pudemos deixar de tomar para ilustrar nosso caso. A mãe, certa vez, permitiu a um parente consultar-se pelo seu convênio usando o nome do filho. Isso veio a ser descoberto pelo médico quando da internação de Marcelo, que diante desse fato comenta:

“Eu achei assim, né? Foi, até foi bom ter acontecido isso porque, pelo menos, tirou uma coisa que não era verdade, entendeu? Eu precisei entrar lá dentro como louco pra tirar uma coisa que não era verdade [...] Aí, eu até pensei: “Nó, que legal, né? Só precisou de eu, de eu passar de, de doidão, eu meio que ficar doido, pra chegar a alguma coisa que não era a verdade.”

Foi preciso a loucura em Marcelo para que a verdade do desejo mostrasse sua “cara”. O que não era verdade? Talvez o surto demonstre, de forma trágica, que Marcelo não pode ser usurpado por Aline.

CAPÍTULO V**5. DISCUSSÃO DOS RESULTADOS**

Estivemos, ao longo deste trabalho, buscando lançar luz sobre a questão da estruturação da psicose da infância e do adulto. Como nós descrevemos, uma pergunta inquietava-nos: Por que os adultos conseguem prosseguir até um certo ponto de sua vida e, depois, em momentos cruciais, vêm a surtar e uma criança foi, desde a mais tenra idade, levada à uma vivência da psicose? Por que um “espera”, adia a manifestação de uma psicose e

o outro não? Percebemos que essa questão, que, a princípio, nos fez investigar, mostrou-nos, então, que a estrutura de uma psicose diferencia-se entre os adultos e as crianças. Há especificidades destas em relação àquelas que, com os casos, procuramos apreender.

Por meio de nossa análise dos casos, pudemos perceber que quanto mais cedo uma psicose atinge uma criança, mais prejudicada ela estará em seu desenvolvimento e constituição psíquica. Como expusemos, Rafael parece ter estado desde sempre nas malhas da loucura. Ele apresenta muito mais déficit em sua estruturação do que Angélica que tem, inclusive, um certo recurso da linguagem. Rafael vem, desde seu nascimento, à espera de um “berço” que o acolha como morada, no seio do desejo de sua mãe. Um lugar imaginário para dormir e encontrar-se. Um olhar que possa dar a ele mais do que o berço real que faz descansar a carne, porém um lugar que pudesse produzir nele uma alma, uma subjetividade. Angélica, um pouco ao contrário, nasce acorrentada pelas visões e premonições do pai. Seu corpo vai se moldando com a forma que lhe dá Antônio: carrega no real do corpo o anjo protetor, a mãe nunca perdida e os filhos mortos. Em seu corpo, está entalhado o imaginário paterno que não lhe dá folga. Se em Rafael há uma dificuldade em se talhar uma imagem, em Angélica, esse entalhe lhe rouba o corpo próprio.

A loucura de Rafael é quase loucura de pedra, porque lhe é difícil um lugar no mundo humano. Marta, absolutamente desamparada pelo Outro que há nela, não possui uma voz simbólica que possa lhe dizer ou dizer nela o que fazer com sua cria. Antônio, com o rastro que se apaga, com seu Deus que o pune por causa dos mortos que vivem intensamente em sua mente, ouve, sem nenhuma dúvida, a voz enlouquecida de suas visões, de sua paranóia, de sua loucura. O peso da falta, do desamparo em Marta, e o peso da morte, transgressão em Antônio, acabam por fazer sucumbir os sujeitos Rafael e Angélica em vida. Rafael, sem ser autista, carrega as marcas de uma função materna mal exercida, exercida sem recursos. Angélica carrega as marcas de um inflacionamento dessa função.

Explicamos que é preciso que o sujeito ainda por vir já esteja presentificado pela mãe. Não pode deixar de ser visto, sonhado como quase foi com Rafael, mas também não poderá ser apanhado inteiramente nesse sonho, à semelhança de Angélica. A materialidade do corpo da criança precisa inscrever-se, precisa ser enxergada por aquilo que ainda não, mas pode vir a ser. Quem promove isso é a função paterna. Função que, como estranho, mas familiar, dê alguma indicação, trace algum caminho para esses pais e dê às crianças um lugar próprio a partir do desejo. Esse lugar só pode ser apontado por consequência de terem eles, os pais, um apontamento de seus próprios lugares. Marta vive algo muito radical. Seu Outro, na condição de alteridade, não lhe diz, não lhe fala de seu lugar, não lhe confere maternagem.

Esta lhe fica estranha, não familiar. Esperar um filho aos 14 anos parece roubar-lhe os sonhos, a meninice. Então, não tem o que dar ou tem muito pouco a dar a Rafael, que, vivendo à deriva do real, quase não inscreve seu corpo no imaginário. Não há palavras, não há objetos imaginários para dar ao filho, porque não houve algo a ganhar. Quase tudo que Rafael ganha da mãe é furtivo. Por isso, Rafael fala, não com letras ou palavras, porém com gritos e com seu arrancar, que apavoram a mãe, enlouquecem a mãe. A dor de não ter um corpo imaginário, um corpo de palavras, faz-lhe arrancar com a unha a carne que não se escreve. Ele fica irremediavelmente preso ao corpo, e o corpo quase preso ao nada. Arranca, em vão, o corpo. É trabalhar em pedras, não há o que encontrar. Por trás da pele, da carne, não há Rafael. Ele deveria ser uma aposta materna. Com o tratamento, foi uma aposta do terapeuta que, como alteridade, disse à Marta o que “ninguém dizia”. Faltou Outro que apostasse em Marta como sujeito e mãe. Sua resposta ressoa em nós e em Rafael: “ninguém me falava nada.” Ela fica sem ter o que dizer de Rafael e a Rafael.

Antônio diz demais. Sabe demais da filha. Faz tudo por ela, cuida de Angélica para que ela possa cuidar dele, para que ela esteja sempre com ele. De forma mais dramática, enfatizaríamos, que cuida para que ela esteja nele, seja sua extensão. Angélica é vista pelo pai como anjo, “suspenso no ar”, como declara ele. Ela é posta por Deus para defender Antônio de seus “erros”, de seus desacatos ao Outro. Talvez ela seja, também, a vingança do Pai. Ela o salva do inferno porque é ela própria “todos aqueles” que Antônio não deixou vir, todos os filhos, a cuja gravidez pôs termo. Enquanto “suspensa no ar”, fica a meio caminho do céu e da terra, da vida e da morte. Seu corpo também não lhe é seu, é inteiramente do pai, porque precisa portar as “alucinações” de Antônio. Angélica é morta como sujeito, e Antônio faz viver nela todos os seus mortos vivos. Há, em Antônio uma recusa em passar adiante seu legado. Não quer ter com as mulheres filhos que o substituam. Como filho e como homem, quer continuar amando a mãe e, até como desacato ao pai, continuar ocupando seu lugar junto a ela. Antônio é único em sua geração, pois o rastro, como quinhão, como herança, não atinge sua descendência. Angélica veio apesar de seu desejo de morte. Veio como prova de seus crimes e de seu delito contra Deus, que lhe deu Angélica para lhe ser anjo que, se, por um lado, o protege, por outro, não o deixa esquecer-se dos mortos.

No que se refere a Marcelo, temos entendido que sua estruturação psíquica, sua relação com o desejo materno permitiu-lhe construir uma imagem que tentou dar conta de sua questão de sujeito, qual seja, quem é Marcelo? Essa questão toma, primeiramente, a mãe com sua paixão por uma “menina mulher”. Marlene sabe que Marcelo nasce menino e, por isso, tenta acolher seu filho. Mas, como referimos, seu desejo imprimiu suas marcas e cunhou em

Marcelo uma “cara” de menina em um corpo de menino. Esse imaginário materno que capta o filho parece-nos apresentar-se de forma diferente em relação ao caso de Rafael e, principalmente, em relação à Angélica. Em Angélica, há uma captura drástica, radical. Mas, em Marcelo, é possível que esse imaginário materno fique, de alguma maneira, mediatizado por aquilo que Marlene podia ver no filho, ou seja, seu corpo de menino, certamente não um corpo de “menino homem”. Se a teoria nos esclarece que, na psicose, o que temos é um sujeito colocado em lugar de objeto fálico do outro, a princípio, isso fica fácil de apreender na relação de Angélica e Antônio. Em Marcelo e Marlene, ficamos a nos perguntar como isso se dá e se podemos dizer que se dá. É possível que, diante do fato de não lhe ter nascido uma menina, Marlene, após os primeiros momentos de Marcelo e tendo da mãe um recado para buscar seus filhos, tenha-o tomado por aquilo que ele não era, o objeto de sua falta, uma menina? Marcelo cresce, constrói uma história na qual o jeito “meiguinho” sempre o acompanha. Na adolescência, precisa definir seu modelo para o exercício de sua sexualidade e, então, diz-se homossexual. A partir daí, “nada mais dá certo” ou “tudo perde o sentido”, até que, aos 20 anos, sucumbe à psicose. Marcelo, em nosso entendimento, mantém-se até esse momento porque uma imagem lhe foi oferecida, não como em Angélica, laçada e amarrada definitivamente. Enquanto Antônio nos diz que a filha é seu anjo, é sua mãe pela segunda vez, “é todos aqueles que não deixei vir”, Marlene nos declara que Deus lhe mandou um menino, mas “tinha hora que eu olhava e parecia menina”. A menina continuou insistindo com uma certa mediação, insuficiente, entretanto, para não estruturar a psicose. Estamos salientando que essa folga do imaginário é o que parece permitir à psicose seu adiamento, apesar de ir, ao longo do percurso, deixando marcas de uma estruturação que se definiu com o surto.

Assim, os registros – real, simbólico e imaginário – não estão articulados da mesma forma nos casos analisados por nós neste trabalho. Para nós, nos casos de psicose da infância, eles não chegam a articular-se, mais especificamente, eles não se juntam. Como tínhamos asseverado em nossa parte teórica, é no momento do estágio do espelho que os registros se juntam, a partir da constituição do eu. A psicose da infância carece dessa constituição, pois nela o real do corpo não se articula ao imaginário e simbólico. As crianças psicóticas, especialmente as analisadas por nós, não têm trânsito entre os registros. Circulam minimamente entre o real e o imaginário. Rafael circula minimamente, dá-nos a impressão de estar quase totalmente preso ao real. Angélica fica, por sua vez, presa quase totalmente ao imaginário. A psicose do adulto, que, embora com o surto, fique assemelhada a da infância, tem a especificidade de permitir ao sujeito um mínimo de trânsito pelos três registros até a sua eclosão. O surto promove uma des-articulação, um des-encadeamento dos registros e uma

vivência de esfacelamento do eu. Diremos que os registros se juntaram pela constituição do eu e se amarraram precariamente. Para onde se lança o sujeito com o surto? Precisamente para esse momento de intricação do estádio do espelho. Se falha a função paterna e, portanto, a psicose é confirmada, o sujeito tem também sua imagem de eu desmantelada, por isso, é que Marcelo, reiteradas vezes, contou-nos do estranhamento em seu corpo e da sensação de que estava morto, estava no inferno. Não podia parar de andar, todos os sentidos lhe foram tirados, o Outro passou a invadi-lo penosamente e a conversar com ele. Não havia freio possível aos significados que o invadiam, por isso, andou a esmo, sem termo e sentiu-se moído de dor. O que, em sua história, veio se desenhando, veio se firmando, ou seja, a falência de um significante que pudesse lhe dar um nome, um lugar no mundo, um sexo, foi irremediavelmente confirmado.

O sujeito, na psicose do adulto, tenta valer-se de sua história, do *cronos* para dar sentido ao seu surto, à sua psicose. Lacan insiste no fato de que os registros mantêm uma ligação tal que, se um deles se desarticula, toda a estrutura se esvai. Sendo assim, pudemos perceber que a psicose do adulto denuncia um furo no simbólico, que desarranja toda a estrutura, mas com certa insurgência do imaginário que “costura”, de alguma forma, a estrutura. Ou seja, mesmo que a imagem venha depois, com o surto, mostrar-se esfacelada, ela é uma imagem corporal que mantém o sujeito de alguma maneira. Parece haver uma certa “folga” na relação que o Outro estabelece com o sujeito. É como se o sujeito fosse atravessando suas principais questões, de ser filho, de ser sexual e de ser homem ou mulher, de maneira atrapalhada, tentando dar a elas uma resposta simbólica que falha, mas que o faz prosseguir.

Em contrapartida, o furo no imaginário, se assim podemos nos expressar, caracteriza a psicose na infância. Não é uma imagem que não se dá, mas uma imagem que fica a meio caminho de se dar. São crianças que necessitam de intervenção analítica e, também, quem cuida delas. Aliás, uma das coisas de observamos é a dificuldade em se instaurar uma demanda de ajuda nesses pais. Há um conformismo enlouquecedor naqueles que ouvimos. Suas hipóteses para o adoecimento de seus filhos quase não os implicam.

Nas crianças, o que se inscreve, de maneira radical, em seus corpos é o infantil de seus pais. Não se escreve uma história. Por exemplo, o que o pai de Angélica escreve nela senão as marcas de sua loucura? Angélica é atravessada pelas questões do pai. O que se escreve em Rafael senão o desamparo radical de Marta? Em Marcelo, escreve-se uma infância contada por ele, cujos rastros que não se apagam da “menina mulher”, como já objetivamos, foram também firmados.

Lançamos a idéia de que a forclusão específica, como nos diz a literatura psicanalítica, a psicose de forma geral. Porém, ela é um processo que deverá ser reiterado ao longo da história do sujeito. A forma de o Outro estabelecer sua relação com o sujeito fará toda a diferença, pois é preciso haver um anteparo ao infantil parental, caso contrário, a forclusão virá desde cedo sendo confirmada.

De maneira geral, a psicose é especificada pela impossibilidade de o sujeito dialetizar a alienação e a separação, momentos fundamentais da constituição da subjetividade. Queremos afirmar que a psicose do adulto faz o sujeito vislumbrar minimamente a separação, a castração, para não querer dela saber nada.

Descrevemos, em nossa introdução, a articulação, estabelecida por Bernardino (2004), entre os momentos chave da estruturação e os três tempos descritos por Lacan (1945), instante de ver, tempo para compreender e momento de concluir. Ao instante de olhar, aproximamos o momento de alienação e, ao tempo de compreender, o momento da separação. A psicose do adulto, de uma forma geral, estacionaria o sujeito no tempo de compreender sem que este tivesse condições de receber do Outro a escansão suspensiva necessária para dialetizar sua posição. No sujeito dá-se uma certa inscrição simbólica que o encaminha ao momento de concluir, no qual a psicose poderá aparecer como confirmação dessa inscrição a meio caminho.

A psicose da criança se situaria no instante de olhar, momento em que uma primeira inscrição do significante se faz. A confirmação, a escansão vinda do Outro não lhe permite ascender ao tempo de compreender e ela, então, se estacionaria nesse instante de captação do real a uma primeira inscrição e a uma primeira articulação entre o corpo e o imaginário. A criança parece-nos captada, aprisionada em uma posição que não lhe permite, também, antever uma hesitação propriamente no Outro. Esse momento, como ressaltamos, é constituinte de todo humano que, pelas paradas suspensivas e as respostas também hesitantes do Outro, pode subjetivá-lo assumindo, assim, uma posição de sujeito. Nessas crianças, isso não foi possível, pois o Outro não titubeia, nem tosqueneja. A criança vive o que pretendemos chamar de eternização do momento de alienação. Não há parada suspensiva, não há história a ser vivida, não há possibilidade em alcançar o tempo de compreender. Nelas, o Outro materno não se ausenta. Ele está encarnado na criança que fica à mercê desse Outro. Isso se assemelha de algum modo, ao que invade o sujeito adulto no momento do surto. Que podemos então depreender disso? Parece-nos que o surto psicótico relança o sujeito a essa condição primeira com o Outro materno, o que não fica nem tão evidenciado, nem tão sofrido fora do surto. Se temos a impressão de que o re-lança, podemos, então, pensar na possibilidade de apreensão de

um tempo mais adiante ou de um tempo que pudesse, de alguma forma, ressignificar o primeiro. Nos casos das crianças estudadas por nós, essa presença maciça é constante e não permite ao sujeito caminhar em direção a um outro tempo.

Se, na psicose do adulto, o sujeito ainda se debate com esse lugar, mesmo aprisionado a ele, acaba por estar numa certa posição que lhe possibilita alguma “saída”, mesmo que seja a suplência ou o delírio, na linguagem. Isso, em nossa opinião, porque, ao sujeito e ao Outro, resta um mínimo de dúvida sobre esse lugar de objeto. De longe, parecem vislumbrar a castração. A forclusão é realmente confirmada, é fato, mas, de algum modo, ela incide sobre o sujeito. A criança psicótica, mesmo que necessite de tempo para uma confirmação, vive uma cena mais drástica. Não há dúvida do Outro acerca do lugar desse sujeito. Não se coloca uma questão, não se coloca a questão do sujeito, nem a materialidade do corpo do sujeito.

Na criança psicótica, a nosso ver, e por meio de nossa escuta dos casos, uma imagem do eu não finca suas raízes. É como se essas crianças necessitassem ainda de um passo a mais para aquisição de uma imagem de eu. Embora tenham, em relação ao autismo, dado esse passo a mais no sentido dessa imagem, ainda assim, fica a desejar. É possível que seja isso mesmo, essas crianças ficam a desejar – isso como força de expressão, porque, a rigor, o que falta é o desejo – que a função materna promova um circuito pulsional eficaz e capaz de fundar uma imagem que possa vir a articular-se ao simbólico. A pulsão não bordejia o real do corpo, o que permitiria um corpo. Aliás, poderíamos dizer que, enquanto no autismo, o sujeito, a rigor, não tem um corpo pulsional, na psicose da infância, o Outro detém, irremediavelmente, a posse desse corpo. A pulsão parece assumir maciçamente o furo do Outro e não circundá-lo. A psicose da infância parece-nos calar definitivamente o furo, o buraco do outro. Isso se dá tanto quando a mãe faz o que quer de seu filho, porque não pode fazer o que precisa, como no caso de Rafael, ou quando o pai/mãe de Angélica, elevando-a a condição de anjo, faz dela seu objeto de uso próprio por excelência.

A psicose é um paradigma da constituição da subjetividade à medida que todo sujeito teve seu corpo alienado ao desejo do Outro como condição de sua estruturação. Poderíamos dizer que nossa pré-história é esse momento especificado pelo infantil recalcado no sujeito e vivido intensamente nos psicóticos. Por isso, somos constantemente tomados por esse estranho familiar que o trabalho com a psicose suscita e que suscitou em nós nesta pesquisa. Com os pais das crianças psicóticas, vivemos algo mais dramático e drástico – a alienação levada ao seu extremo. Não há história, não há a materialidade do corpo do sujeito. Não há dialética possível entre um narcisismo nascente da criança e um narcisismo renascente

dos pais. Há apenas o infantil sem fim destes. Então, posto dessa forma, a psicose da infância se traduz em uma antítese da constituição da subjetividade. Ela é o avesso da constituição do sujeito. Na constituição da subjetividade, é necessário que o corpo, em sua materialidade, seja “mortificado” pela letra, pela linguagem. A linguagem trabalha na interface entre o real da criança e o simbólico e imaginário da mãe. Não há interface nessas crianças. Como indicamos, o espírito da letra tem tudo a ver com isso, ao contrário do que Lacan enunciou. O barro moldado pela palavra, o corpo tomado pela linguagem, tem que receber do Outro, do espírito, o sopro que lhe dê a alma, que dê a novidade que se chama sujeito. Isso é o que não se dá na psicose da infância. Ela traduz um barro quase sem forma e, uma forma sem sujeito, pois o espírito e a letra parecem falhar.

CAPÍTULO VI**6. CONSIDERAÇÕES FINAIS**

Enquanto a psiquiatria sai em busca de fenômenos que indiquem um suposto processo orgânico como base da loucura, fenômenos que valem como índice clínico e, ainda, como norteadores para um diagnóstico, a psicanálise toma a mesma palavra do psicótico, porém como portadora, como produto de um sujeito que por intermédio dela enuncia sua verdade, enuncia um sentido. O rompimento da psicanálise com o discurso psiquiátrico está fundamentado em uma nova forma de conceber a subjetividade.

Como temos apontado, a psicanálise se interessa em ouvir o sujeito que se apresenta nas escansões da fala, nas “frestas” do dito que o sujeito enuncia. Esse sujeito se constitui, assim, em uma estrutura de linguagem, que não podendo apreender tudo sobre esse sujeito, propicia, paradoxalmente, que este advenha a partir do furo do Grande Outro.

Se o que permite ao ser acender à condição de humano é esse dado a priori de que temos notícia – o Grande Outro –, o que, por sua vez, dá ao ser um estatuto de sujeito, é aquilo que, como falta pode ser percebido nesse Outro. A estrutura de linguagem deverá tomar o ser e dar-lhe um lugar, um nome. Mas ela não pode, por definição, dizer tudo desse ser ou a esse ser, o que faz restar algo que possa possibilitar-lhe, agora, na condição de sujeito, a criação e a invenção.

Essas questões parecem estar no cerne da discussão acerca daquilo que temos traçado sobre a constituição da subjetividade. A psicose, como pontuamos, se traduz em um paradigma na medida mesma de que nos dá notícias desse fracasso do advento do sujeito na estrutura. O Grande Outro, na psicose, não promove furo, nem falta, nem buraco. Essa estrutura toma o ser, humaniza-o, porém não lhe dá a permissão de fazer de seu nome um nome próprio. Essa função é, por certo, materializada naquela ou naquele que cuida e a que chamamos de função materna.

Assim, ao final deste percurso, acreditamos que tenhamos alcançado nossos objetivos que foram o de considerar a estruturação da psicose do adulto e da infância e descrever algumas especificidades destas. Mas esse final passa, agora, a constituir-se, também, em um novo começo, pois, intencionados empreender esforços no sentido de dar continuidade às nossas questões salientadas aqui. Intentamos continuar, de alguma maneira, permitindo que as questões do sujeito levadas às últimas conseqüências na psicose possam ter um lugar em nós, possam continuar a fazer, em nós, questão.

Com essa pesquisa, passou a surgir em nós algo que já se delineava há muito tempo. Por um lado, o desejo de constituir um núcleo, em nossa instituição, Clínica Freudiana, de pesquisa da psicose e da infância. Por outro, o desejo de trabalhar, ouvir os pais desses sujeitos. Trabalho árduo, pois é preciso subjetivar a demanda que se instala, quase que, exclusivamente, nos filhos como sintomas, como rastros, ainda, das questões sérias vividas pelos pais. Sabemos que o desejo exige de nós trabalho, porque também a constituição, nossa, de sujeito, deu-se às custas de muitos movimentos, muitas ausências e presenças, muitas perguntas...

Assim, esperamos que nossos leitores tenham sido, também, de alguma maneira, tocados pelas questões que procuramos levantar, fazendo delas questionamentos e interrogações que possibilitem ao desejo uma forma, um contorno.

CAPÍTULO VII**REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS**

BERNARDINO, L.M. F. *As psicoses não-decidas da infância*: um estudo psicanalítico. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2004.

BIRMAN, J. Além daquele beijo? – sobre o infantil e o originário em psicanálise. In: SANTA ROZA, E. *Da análise na infância ao infantil na análise*. Rio de Janeiro: ContraCapa, 1997.

CABAS, A.G. *A função do falo na loucura*. Tradução de Cláudia Berliner. Campinas: Papirus, 1988.

CALLIGARIS, C. *Introdução a uma clínica diferencial das psicoses*. Porto Alegre: Artes Médicas, 1989.

_____. *Curso e discurso da obra de Jacques Lacan*. Tradução de Maria Lúcia Baltazar. São Paulo: Mores, 1982.

CHECCHINATO, D. (Org). *A clínica da psicose*. Campinas: Papirus, 1988.

DELEUZE, G. Em que se pode reconhecer o estruturalismo. In: CHATELET, F. (Org.). *História da filosofia*. Rio de Janeiro: J. Zahar, 1980. v.8.

DOLTO, F. *As etapas decisivas da infância*. Tradução de Maria Ermantina Galvão. São Paulo: Martins Fontes, 1999.

DOR, J. *O pai e sua função na psicanálise*. Tradução de Dulce Duque Estrada. Rio de Janeiro: J. Zahar, 1991.

DOSSE, F. *História do estruturalismo, v.1: o campo do signo, 1945-1966*. Tradução de Álvaro Cabral. Campinas: Ensaio, 1993. v. 1.

FERNANDES, L.R. *O olhar do engano: autismo e o outro primordial*. São Paulo: Escuta, 2000.

FIGUEIREDO, L. C. *Elementos para a clínica contemporânea*. São Paulo: Escuta, 2003.

FINK, B. *O sujeito lacaniano; entre a linguagem e o gozo*. Tradução de Maria de Lourdes Sette. Rio de Janeiro: J. Zahar, 1988.

FREIRE, M.M. *A escritura psicótica*. Rio de Janeiro: Companhia de Freud, 2001.

FREUD, S. A interpretação dos sonhos (1900). In: _____. *Edição standard brasileira das obras psicológicas de Sigmund Freud*. Rio de Janeiro: Imago, 1994. v. 4.

_____. As neuropsicoses de defesa (1894). In: _____. *Edição standard brasileira das obras psicológicas de Sigmund Freud*. Rio de Janeiro: Imago, 1994. v.3.

_____. História de uma neurose infantil (1918). In: _____. *Edição standard brasileira das obras psicológicas de Sigmund Freud*. Rio de Janeiro: Imago, 1994. v.17.

_____. História do movimento psicanalítico (1914) In: _____. *Edição standard brasileira das obras psicológicas de Sigmund Freud*. Rio de Janeiro: Imago, 1994. v.12.

_____. Notas psicanalíticas sobre um relato autobiográfico de um caso de paranóia (*dementia paranoides*) (1911). In: _____. *Edição standard brasileira das obras psicológicas de Sigmund Freud*. Rio de Janeiro: Imago, 1994. v.12.

_____. Notas sobre um caso de neurose obsessiva (1909). In: _____. *Edição standard brasileira das obras psicológicas de Sigmund Freud*. Rio de Janeiro: Imago, 1994. v. 10.

_____. O ‘Estranho’ (1919). In: _____. *Edição standard brasileira das obras psicológicas de Sigmund Freud*. Rio de Janeiro: Imago, 1994. v.17.

_____. Os chistes e sua relação com o inconsciente (1905) In: _____. *Edição standard brasileira das obras psicológicas de Sigmund Freud*. Rio de Janeiro: Imago, 1994. v.3.

_____. Sobre a psicopatologia da vida cotidiana (1901) In: _____. *Edição standard brasileira das obras psicológicas de Sigmund Freud*. Rio de Janeiro: Imago, 1994. v.6.

_____.S. Sobre o narcisismo: uma introdução (1914) In: _____. *Edição standard brasileira das obras psicológicas de Sigmund Freud*. Rio de Janeiro: Imago, 1994. v.14.

_____. Totem e tabu (1913). In: _____. *Edição standard brasileira das obras psicológicas de Sigmund Freud*. Rio de Janeiro: Imago, 1994. v. 13.

GARCIA-ROZA, L.A. *Freud e o inconsciente*. Rio de Janeiro: J. Zahar, 2002.

GUIMARÃES, D.M. *Vazio iluminado: o olhar dos olhares*. Rio de Janeiro: Garamond, 2004.

JAKOBSON, R. *Linguística e comunicação*. São Paulo: Civilização Brasileira, 1988.

JORGE, M. A. C. *Fundamentos da psicanálise de Freud a Lacan: as bases conceituais*. Rio de Janeiro: J. Zahar, 2000.

JERUSALINSKY, A. Desenvolvimento e psicanálise. In: _____. *Psicanálise e desenvolvimento infantil*. Porto Alegre: Artes e Ofícios, 1999.

_____. *Seminários II*. Universidade de São Paulo. Instituto de Psicologia, 2002.

JULIEN, P. *As psicoses: um estudo sobre a paranóia comum*. Rio de Janeiro: Companhia de Freud, 1999.

_____. *Psicose, perversão, neurose: a leitura de Jacques Lacan*. Rio de Janeiro: Companhia de Freud, 2002.

JURANVILLE, A. *Lacan e a filosofia*. Rio de Janeiro: J. Zahar, 1987.

KUPFER, M.C. A presença da psicanálise nos dispositivos institucionais de tratamento da psicose. *Estilos da Clínica*. Instituto de Psicologia, Universidade de São Paulo, v.1, n.1, p. 18-33, 2º semestre de 1996.

_____. Cristina M. *Notas sobre o diagnóstico diferencial da psicose e do autismo na infância*. *Psicol. USP*. [online]. 2000, vol.11, no.1 [citado 10 Janeiro 2005], p.85-105. Disponível na World Wide Web: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0103-65642000000100006&lng=pt&nrm=iso>. ISSN 0103-6564.

LACAN, J. A carta roubada (1966). In: _____. *Escritos*. Tradução de Vera Ribeiro. Rio de Janeiro: J. Zahar, 1998.

_____. A coisa Freudiana ou o sentido do retorno a Freud em psicanálise (1955). In: _____. *Escritos*. Tradução de Vera Ribeiro. Rio de Janeiro: J. Zahar, 1998.

LACAN, J. *A identificação: seminário 1961-1962*. Tradução de Ivan Corrêa e Marcos Bagno. Recife: Centro de Estudos Freudianos do Recife, 2003.

_____. A Instância da letra no inconsciente ou a razão desde Freud (1957). In: _____. *Escritos*. Tradução de Vera Ribeiro. Rio de Janeiro: J. Zahar, 1998.

_____. A ciência e a verdade (1965). In: _____. *Escritos*. Tradução de Vera Ribeiro. Rio de Janeiro: J. Zahar, 1998.

_____. De um desígnio (1966). In: _____. *Escritos*. Tradução de Vera Ribeiro. Rio de Janeiro: J. Zahar, 1998.

_____. De uma questão preliminar a todo tratamento possível da psicose (1958). In: _____. *Escritos*. Tradução de Vera Ribeiro. Rio de Janeiro: J. Zahar, 1998.

_____. Formulações sobre a causalidade psíquica (1946). In: _____. *Escritos*. Tradução de Vera Ribeiro. Rio de Janeiro: J. Zahar, 1998.

_____. O estádio do espelho como formador da função do eu (1949) In: _____. *Escritos*. Tradução de Vera Ribeiro. Rio de Janeiro: J. Zahar, 1998.

_____. O tempo lógico e a asserção de certeza antecipada (1945). In: _____. *Escritos*. Tradução de Vera Ribeiro. Rio de Janeiro: J. Zahar, 1998.

_____. *O Seminário, livro 4: A relação de objeto*, 1956-1957. Rio de Janeiro: J. Zahar, 1995.

_____. *O Seminário, livro 5: As formações do inconsciente*, 1957-1958. Rio de Janeiro: J. Zahar, 1999.

_____. *O Seminário, livro 3: As psicoses*, 1955-1956. Rio de Janeiro: J. Zahar, 2002.

_____. *O Seminário, livro 1: Os escritos técnicos de Freud*, 1953-1954. 3.ed. Rio de Janeiro: J. Zahar, 1986.

_____. *O Seminário, livro 2: O eu na teoria de Freud e na técnica da psicanálise*, 1954-1955. 3.ed. Rio de Janeiro: J. Zahar, 1985.

LACAN, J. *O Seminário, livro: 11: Os quatro conceitos fundamentais de psicanálise*, 1964. Rio de Janeiro: J. Zahar, 1995.

_____. *Da psicose paranóica em suas relações com a personalidade*. (1936), Rio de Janeiro: Forense – Universitária, 1987.

LEBRUN, J. *Um mundo sem limite: ensaio para uma clínica psicanalítica do social*. Tradução de Sandra Regina Felgueiras. Rio de Janeiro: Companhia de Freud, 2004.

LEITE, M. P. S. O inconsciente está estruturado como uma linguagem. In: CESAROTTO, O. *Idéias de Lacan*. São Paulo: Iluminuras, 2001.

LEITE, N. *Psicanálise e análise do discurso: o acontecimento na estrutura*. Rio de Janeiro: Campo Matêmico, 1984.

LEPARGNEUR, H. *Introdução aos estruturalismos*. São Paulo: Herder; EDUSP, 1972.

LÉVI-STRAUSS, C. *As estruturas elementares do parentesco*. Tradução de Mariano Ferreira. Petrópolis: Vozes, 1982.

MAFRA, T. de M. *A estrutura na obra lacaniana*. Rio de Janeiro: Companhia de Freud, 2000.

MEIRA, Y.M. *As estruturas clínicas e a criança*. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2004.

MILLER, J. *O percurso de Lacan: uma introdução*. Tradução de Ari Roitman. Rio de Janeiro: J. Zahar, 2002.

QUINET, A. *Teoria e clínica da psicose*. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1997.

RABINOVITCH, S. *A forclusão: presos do lado de fora*. Tradução de Lucy Magalhães. Rio de Janeiro: J. Zahar, 2001.

RAPPAPORT, C. R. *Psicanálise: introdução à práxis Freud e Lacan*. São Paulo: EPU, 1992.

REZENDE, A.M. A investigação em psicanálise: exegese, hermenêutica e interpretação. In: SILVA, M.E.L. *Investigação e psicanálise*. Campinas: Papirus, 1993.
SAFOUAN, M. *Estruturalismo e psicanálise*. São Paulo: Cultrix, 1968.

SAGGESE, E. *Adolescência e psicose: transformações sociais e os desafios da clínica*. Rio de Janeiro: Companhia de Freud, 2001.

SANTOS, T. C. dos. *Quem precisa de análise hoje?: o discurso analítico: novos sintomas e novos laços sociais*. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2001.

SAUSSURE, F. de. *Curso de lingüística geral*. São Paulo: Cultrix, 1995.

SIMANKE, R. *Metapsicologia lacaniana: os anos de formação*. São Paulo: Discurso Editorial; Curitiba: UFPR, 2002.

SOUZA, Aurélio. *Os discursos na psicanálise*. Rio de Janeiro: Companhia de Freud, 2004.

SOUZA, N. S. *A psicose: um estudo lacaniano*. Rio de Janeiro: Revinter, 1999.

STEFFEN, R. A tópica do imaginário. In: CHECCHINATO, D. (Org). *A clínica da psicose*. Campinas: Papirus, 1988.

SOBRINHO, O. R. A função da mãe. CHECCHINATO, D. (Org). *A clínica da psicose*. Campinas: Papirus, 1988.

VORCARO, A.M.R. *Crianças na psicanálise: clínica, instituição, laço social*. Rio de Janeiro: Companhia de Freud, 1999.

WILLEMART, P. Repensar os conceitos de psicose e de autismo. *Estilos da Clínica*. Instituto de Psicologia, Universidade de São Paulo, V. 4, n. 7, p.43-51, 2º semestre de 1999.

YANKELEVICH, H. *Do pai à letra, na clínica, na literatura e na metapsicologia*. Tradução de Procópio Abreu. Rio de Janeiro: Companhia de Freud, 2004.

ZORNING, S.A. *A criança e o infantil em psicanálise*. São Paulo: Escuta, 2000.

TRANSCRIÇÃO DAS ENTREVISTAS

CASO 1 – RAFAEL

Idade: 3 anos

1ª Entrevista com a mãe – 21/06/2004

Shnaider - Marta, eu queria que você ficasse bem à vontade, então bem do jeito que eu te falei. Eu queria que você contasse como é que é a história do Rafael. Como é que você começou a perceber alguma coisa nele... Aí, você foi procurar ajuda, como que foi?

Marta - Quando eu percebi que ele tinha problema, ele tinha 1 ano. Já tinha 1 ano de idade, né?

Shnaider - Ele tá com 4 anos agora?

Marta - Tá com 3 anos, vai fazer 4, o ano que vem. Aí, eu percebi, ele tava com 1 ano. Só Aí, que meu irmão ainda falou, assim pra mim (que eu morava em Uberaba), falou: “Marta esse menino seu, eu acho que tem problema.” Aí, eu falava assim: “Não tem não, eu acho que ele é normal, né?” Porque o pescocinho dele era mole, batia, assim nas costas, né? Ele era mole, batia nas costas. Aí, eu falei: “Nossa, acho que tem, vou dar um jeito de caçar um doutor pra ele.” Aí, em Uberaba eu não consegui. Aí, eu cheguei aqui em Uberlândia, eu consegui. Aí, primeiro foi encaminhado do... agora eu esqueci, como é o nome lugar?... de crianças? Ele foi encaminhado de lá, agora eu esqueci o nome....

Shnaider - Não tem problema...

Marta – Aí, fui encaminhado lá pro Fernando.

Shnaider - Lá na Universidade?

Marta - É, o Fernando. Aí, do Fernando eu fui encaminhada pra Cidade Jardim, no CEU. Porque lá eu ir levar o Rafael na escolinha lá. Só que o Fernando falou assim pra mim que não adiantava eu levar o Rafael agora... “Eu sei que ele vai precisar de uma escolinha, já tá no tempo de estudar e tudo, só que por causa de não saber falar, ele fica muito nervoso e vai ficar mais agitado com as crianças.” Aí, mandou eu ligar lá e falar pra ela esperar mais um pouco pra ver o que eles vão falar aqui, né? Se eu posso levar ele de novo ou como é que vai ser. Aí, eles ligaram de lá pra mim essa semana, falando: “E você não vai trazer o Rafael aqui não, tava tão bem?” Aí, eu falei: “Não, eu tô levando ele lá no CAPS, eu vou esperar eles falar qualquer coisa pra mim, se vai precisar de uma escolinha. Aí, se ele, meu menino, precisar de uma escolinha, aí, eu levo ele de novo.” Só que lá não tava adiantando. Eu achava que não tava adiantando nada. Eu vi o Rafael numa sala lá trancado (inaudível). Eu via era criança que não sabia falar, criança mais pequena que ele lá. Vi que tava adiantando não. Aí, eu parei, né? Eu liguei lá e mandei guardar a vaga pra mim. E ficou pra mim retornar a ligação hoje pra eles. Aí, vai falar se precisa ou como é que vai ser, né? Porque lá ele tava muito agitado, acho que é porque ele ficava muito trancado, não tinha ninguém pra ele brincar, né? Ele fica muito nervoso.

Shnaider - Sei. Aí, você levou lá pro Fernando, como que foi? Como é que é... como que foi o nascimento do Rafael?

Marta - Foi falta de oxigênio que deu no cérebro, já nasceu. Foi falta de oxigênio que deu no cérebro. Quando ele nasceu, já tinha passado da hora, eu tinha 14 anos, eu era novinha, né? Aí, era pra ser cesária, meu parto e fizeram normal. Aí, passou da hora. Aí, o menino nasceu pretinho. Nasceu sem chorar, ele só fazia respirar, ele era tipo entalado, assim, ele não chorava, ficava entalado, um negócio entalado dentro dele. Aí, ele ficou 2, 3 dias na incubadora no Ceará. Aí, depois foi normal de chorar. E que ele voltou ao normal de chorar, né? Ele não chorava, que ele nasceu muito pretinho ele. Passou da hora de nascer.

Shnaider - E você pode me contar, depois que ele nasceu como que eram os cuidados com ele?

Marta - Não, na época que eu tive ele lá no Ceará. Me deu, eu tive assim uma doença assim em mim, eu fiquei muito doente. Eu fiquei 3 meses na UTI. Na hora que eu tive o Rafael eu dei uma inchação muito forte no meu corpo, eu fiquei tudo inchada. De repente, eu nem falava nada e nem enxergava nada. Aí, eles me colocaram na UTI. Aí, meu menino, assim, ele nasceu no hospital, tava com 2 dias, ficou na mão da minha irmã. Minha irmã cuidava dele. Eu não tinha capacidade pra cuidar dele. Fiquei 3 meses na UTI.

Shnaider - Você sabe o que você teve?

Marta - Ah, é tipo “eclipse” que deu em mim que eles falaram, né? Eu fiquei toda inchada, né? Fiquei toda inchada, não falava, não comia mais. Aí, eles me deixaram lá na UTI. Aí, a hora que eu vim pra casa, que eu voltei que eu vim embora pra casa, meu menino, já tava, já tava gordinho e tudo. Minha irmã cuidando dele bem e pronto. Aí, ele nunca mamou em mim porque o doutor falou assim pra mim que não era bom dar mamar pra ele por causa da doença que eu tive, a inchação, não era muito bom dar o peito pra ele. Aí, assim que ele nasceu eu não tinha capacidade de cuidar dele porque eu já fiquei doente lá.

Shnaider - E depois que você saiu do hospital, como que foi?

Marta - Depois que eu sai do hospital, aí é que eu comecei a cuidar dele, né? Aí, eu passei 3, 2 meses e vim de lá pra cá com ele, pequenininho.

Shnaider - Como que era cuidar do Rafael? Como que era o seu dia a dia com ele?

Marta - Assim, pra mim cuidar dele? Eu cuidava bem... Eu não era muito prendada assim não. Porque as moças do Ceará não sabe muito bem cuidar de menino e era novinha demais, né? Minha mãe que mexia mais. Minha mãe quem cuidava mais. Ela pegava ele, dava o leite, trocava ele e tudo. Mas minha mãe que cuidava mais, até eu acostumar. Quando eu acostumei.... eu dava comida pra ele, trocava ele, arrumava ele e tudo.

Shnaider - Mas você lembra, assim, o dia em que você saiu do hospital, que você já tava boa e aí você foi pegar o Rafael, que você não tava tendo contato com ele... Você lembra como é que foi pra você?

Marta - Não, eu não lembro mais. Eu não lembro assim, por causa que depois que eu... não me lembro mais de nada e (inaudível).

Shnaider - Você o quê?

Marta - Que eu tornei ...

Shnaider - Ah, entendi.

Marta - E o doutor de lá não falava nada pra mim. Eu sei de lá, eles me deram alta e eles não me explicaram nada pra mim. Eu chequei em casa e pronto. Aí, quando eu tive uma melhorinha, aí, eu vim embora pra cá, fugindo do pai dele. Nós não deu certo, o pai dele judiava muito de mim. Aí, meu pai falou assim: “Marta, vai passar uns tempo com seu irmão no Uberaba, pra ver se seu marido se esquece de você.” Aí, já tá com 3 anos que eu vim do Ceará. Tô aqui tratando do meu filho, já tive outro, tô muito bem, graças a Deus! Aí, eu não lembrei mais de nada, né? Que agora eu tô bem, não lembrei de nada mais.... Eu perdi até a fala, não abria meu olho, não comia nada. Minha mãe pensou que eu ia morrer, que eu não ia nem tornar. Eu sofri muito...

Shnaider - Pois é, e que mais? Aí, você lembra do dia que você voltou do hospital e viu o Rafael?

Marta - Se eu me lembro do dia que eu voltei?

Shnaider - Isso.

Marta - Eu lembro A data que você fala?

Shnaider - Não, a data não. Você lembra assim, como é que foi pra você ver o Rafael depois de você ficar doente?

Marta - Ah, eu fiquei muito, assim, alegre e tudo. Depois que eu vi ele, né?... Eu gostei muito de ver ele e tudo, né?

Shnaider - Mas você lembra o que você pensou?

Marta - Não.

Shnaider - O que você sentiu?

Marta - Assim, o que eu senti por ele?

Shnaider - É...

Marta - Ah, eu senti, assim... eu fiquei assim, falando com minha mãe que eu nunca pensava que ia ter um filho com saúde. Que ia gostar muito.... Eu fiquei doidinha assim com ele.... andava com ele só no braço. Só isso. Essas coisas eu não me lembro mais.

Shnaider - Mas o que é isso que você falou que as mulheres lá do Ceará não tem muito jeito? Você falou....

Marta - Com criança (inaudível), né? Com criança (inaudível). As pessoas já de idade, mais velha assim, como minha mãe, que já criou muito filho. Minha mãe já tinha capacidade, assim, que nem eu era, 14 anos. Eu não tinha capacidade porque eu nunca cuidei de menino. Eu só fazia sair de casa e tudo e não cuidei. Nem dos meus sobrinhos eu pegava, eu não dava conta, eu não cuidava. (inaudível) Minha mãe criou muito filho, ela que tomou de conta de meu menino.

Shnaider - Mas você pode explicar pra mim assim, que dificuldades você teve, então, com o Rafael? Assim, depois que você foi cuidar dele? As dificuldades simples, as coisas do dia a dia que você tinha, já que você falou que não tinha experiência.

Marta - Assim, como que você fala, assim?

Shnaider - Por exemplo, você tinha dificuldade com o Rafael de lidar com ele. Se ele chorava muito e tal ... A hora de mamar, se você, a hora de trocar...

Marta - Isso aí, ele não chorava não. Virava a noite inteira dormindo, a noite inteira. Pra mim dá a mamadeira pra ele eu tinha de acordar ele, pra mim trocar ele eu tinha de acordar ele. Tudo eu tinha de acordar ele. Porque ele não chorava, né? Por isso, muitas pessoas falava assim: “Seu menino não é normal, porque todo menino novinho chora e seu menino não chora.” Teve uma noite que eu deixei ele dormir a noite inteira, a noite inteira sem mamar (inaudível) quase que ele morre(inaudível). Eu tinha chegado do hospital naquele momento e eu não sabia cuidar, eu dormi a noite inteira, o sono me pegou, eu dormi a noite inteira. Aí, ele ficou lá (inaudível). Aí, quando ele acordou de manhã cedo ele tava até com os olhinhos fechados, nem respirava. Eu falei: “Nossa gente, ele vai morrer.” Aí, eu corri, comecei a dar leite, a alimentar ele. Aí, que ele voltou ao normal. Mas, pra tudo, pra fazer tudo com ele tem que ter, pra mim fazer assim com ele, tinha de acordar ele. Acordava ele, dava tudo pra ele, mamadeira, trocava ele, tudo.

Shnaider - Aí, ele foi crescendo... Como que foi?

Marta - Aí, do mesmo jeito. Até hoje eu quem troco ele, eu quem dou comida. Tudo é eu que faço. Ele depende tudo de mim. Eu consigo ensinar pra ele. Um dia eu fui ensinar pra ele fazer xixi, lá no vaso, ele quase caiu. Ele fica mais nervoso, ele não gosta (inaudível). Aí, eu tô ensinando. Eu deixo ele mais de cuequinha em casa, mais de shortinho e ensinando. Só que ele é muito inteligente. Tudo que você fala pra ele, ele entende tudo. Tudo ele entende. Ele tá comendo muito bem, graças a Deus! Porque teve uns tempos, assim uma época, uns meses, que ele só bebia leite, leite. Ele era fraquinho, não tinha como sustentar assim os ossinhos pra caminhar nem nada. Eu comecei a dar comida, alimento pra ele, ele foi ficando forte (inaudível). Só não faz falar mesmo. Come de tudo que você dá pra ele.

Shnaider - E você saiu lá do Ceará e veio pra cá, quantos meses ele tinha?

Marta - Eu acho que ele tinha só 1 mês. Só um mês.

Shnaider - Então foi logo depois que você saiu do hospital?

Marta - É, já vim pra cá. Que eu tive uma miorinha e já vim embora pra cá, né? Pra cá, quer dizer não, pra Uberlândia eu demorei um mês ou mais, né? Eu morava em Uberaba. Só que no Uberaba eu não sentia assim, eu não cacei doutor, que eu pensava que ele não tinha nada, né? Que era normal e tudo. Aí, quando eu cheguei aqui, em Uberlândia, é que as pessoas foi falando pra mim que eu tinha... Eu fui caçar, pra fazer exame de cabeça, aí, deu que ele tinha. Eu comecei tudo...

Shnaider - Mas que primeiro médico que você procurou? A primeira pessoa que você procurou pra ver o que ele tinha, quem foi?

Marta - No exame de cabeça dele? Foi lá onde eu morava, em Uberaba.

Shnaider - Um médico que você procurou?

Marta - Foi. Só que eu não lembro o nome dele. Tá num papel lá em casa, né? Que eu guardo tudo. Mesmo que eu não sei lê, eu guardo tudo. Aí, o primeiro exame que eu fiz foi lá em Uberaba.

Shnaider - Você lembra que exame foi que o médico pediu?

Marta - De cabeça:

Shnaider - É?

Marta - É de cabeça. Só esse. E parece que de sangue...

Shnaider - E você sabe o que o médico falou pra você?

Marta - Não, não falou nada pra mim. Eu não lembro se falou nada. Só fez o exame. Chegou, entregou para mim e pronto. Aí, no exame, tem tudo escritinho, que eu tenho tudo guardado lá em casa. Só que eu não tô lembrada, assim. Porque nossa, eu sofri demais, né? Eu não tava lembrada de nada, né? (inaudível) Eu não lembro tudo que ele falou pra mim.

Shnaider - Como foi seu sofrimento?

Marta - Ah, meu sofrimento é que eu sofri mais porque eu vivia com o pai do Rafael e ele judiava muito de mim. Eu com a barrigona do Rafael, grávida do Rafael, ele batia muito em mim, batia na minha barriga judiava demais. Eu passava muita raiva com ele. No começo, foi isso. Que não dava muito certo porque ele judiava demais de mim.

Shnaider - Mas vocês se casaram?

Marta - Não. Ele também era novinho. Só tinha 20 anos, só. Eu não casei, não. Só amigado mesmo.

Shnaider - E como você conheceu o pai do Rafael?

Marta - O pai do Rafael eu conheci lá, né? Que as mocinha nova é assim: elas vão pra festa, lá tem muita festa e tudo. Forró, esses trem. Aí, lá você se conhece assim, dançando, conhece assim... Porque lá as pessoas se conhecem tudo, né? É uma cidadezinha. Eu morava na roça. Tem muita gente. Tem muito rapaz, muita moça. Você vai conhecendo e começa a namorar. Quando que fui namorar com ele eu tinha 14 anos. Aí, eu peguei, não sabia nada, não tomava remédio, nem nada. Peguei já engravidei do Rafael. Aí, eu falava assim: “Minha mãe não pode descobrir, que quando ela descobrir, Nossa Senhora!” Eu vou ter que ficar junto com ele de qualquer jeito. Aí, minha família brigava demais comigo. Minha mãe ficou 2 meses sem falar comigo, né? Por causa que não queria que eu vivesse com ele. Porque pra nós, já era conhecido que ele não prestava. Só que ninguém não falava pra mim, né? O povo falava que era uma pessoa boa. Aí, eu tinha medo de meu pai não querer me apoiar, com meu filho, eu falei: “Eu vou ter que ficar com ele.” Mas foi pior. Mas antes eu tivesse ficado com minha família e tivesse grávida (inaudível) ter ficado com ele. Porque fui sofrer mais com ele. Porque foi judiar mais de mim ainda.

Shnaider - E quando você ficou sabendo que tava grávida do Rafael, como que foi?

Marta - Ah, como é que foi assim? Ah, que a minha menstruação ficou 2 meses, sem vir. Eu falei: “Isso não é normal.” Aí, eu peguei e fiz o exame. Aí, o exame deu que eu tava.

Shnaider - O que você pensou? Como que foi?

Marta - Aí, eu pensei assim: “Meu Deus do céu! Como que vai ser de mim agora, como que vai ser da minha vida agora? Minha família tá com raiva de mim. Como é que vou viver com esse menino sozinha?” E ele, ele não trabalhava, a mãe que sustentava, como é que vai ser agora? Aí, falei: “Eu vou entregar pra Deus, Deus toma conta.” Deus dá muita força, né? Aí, eu entreguei pra Deus e pronto. E até hoje toma conta. Ele toma conta e pronto. Tô com meu filho aí.

Shnaider - Mas você contou pra ele que tava grávida?

Marta - Se eu contei? Conte, né? Aí, (inaudível) “Tá, não.” Eu digo: “Tô.” Aí, pronto. Viu que eu tava mesmo de verdade, eu comecei a comprar o enxoval pra ele. E a minha família não fazia nada. Não olhava pra mim. Não gostava de mim não, porque de primeiro eu gostava dele, né? Aí, eu achava ele (inaudível) eu fiquei, fiquei junto com ele. Só fiquei, junto 2 meses ou 1 mês que eu tô lembrada assim. Eu separei e vim embora. Ele não conhece o Rafael. Rafael saiu de lá e ele nem viu o Rafael. Conhece não.

Shnaider - E como que foi sua gravidez? Como você passou? Além disso, você falou que a sua família nem conversava com você, mas e depois?

Marta - Assim, como que você fala?

Shnaider - Por exemplo, aí, como é que você foi se sentindo durante a sua gravidez até o Rafael nascer?

Marta - Me sentindo mal ou bem?

Shnaider - É, uma das duas coisas.

Marta - Não, não senti mal não, senti bem.

Shnaider - Pois é, mais teve alguma coisa, assim, na sua gravidez que você lembra que te marcou...

Marta - Bom, eu lembro que eu nunca fiz pré-natal. Foi muito difícil, né? Eu nunca acompanhei com doutor. Porque é muito difícil. Lá as mulheres não faz pré-natal. As mulheres tem até as crianças em casa. Não vai pro médico, é em casa, né? Tem muitas mulheres que tem as crianças em casa. Eu não lembro...

Shnaider - Sim, mas aí, depois a sua família?

Marta - Aí, depois minha família voltou comigo, depois começou a conversar comigo. Depois que meu menino nasceu. Daí, viu que não dava certo com ele, aí falou que (inaudível). Então falou: Marta, você vai ter de separar dele.” (inaudível). Eu peguei e separei. Quando me separei dele, eu fiquei muito pouco tempo com minha família, eu já vim embora pra cá.

Shnaider - Mas, aí, durante o tempo que você tava grávida você ficou morando onde? Na casa de sua mãe?

Marta - Eu morava junto com ele.

Shnaider - Vocês foram morar juntos? Com quantos meses você tava quando vocês foram morar juntos?

Marta - (inaudível) 1 mês.

Shnaider - Você estava de 1 mês? 1 mês de gravidez?

Marta - Tava

Shnaider - Então foi rapidinho?

Marta - Foi rapidinho.

Shnaider - E como que era sua vida com ele?

Marta - A minha vida era muito mal com ele. Eu não sentia bem, não. Eu sofria demais, eu passava precisão das coisas, tava com vontade de comer uma coisa e não podia porque ele não comprava pra mim, né? E eu ficava com vontade, só isso. Ele não comprava, era minha mãe que comprava, era minha mãe depois que começou a falar comigo, né? Eu passava... Nossa! Eu sofria demais. Não gosto nem de pensar...

Shnaider - Como que você pensava no Rafael? Como que você pensava no seu bebê?

Marta - Ah, eu pensava assim, eu pensava: “Meu Deus, será que meu filho vai nascer normal?” Eu pedia a Deus, né? Pra nascer. Falei: “Nossa, todo sofrimento que eu já passei, será que meu filho vai nascer normal?” Aí, minha família, falava: “Não é pra você esquentar a cabeça não. Vai dar tudo certo.” Só que eu ficava, parece era uma coisa que me avisava, assim: “Nossa, você vai sofrer muito (inaudível).” Só que eu ficava assim, quebrava a cabeça (inaudível).

Shnaider - Mas como assim, uma coisa te avisava?

Marta - Ah, eu ficava pensando, né? Sentada na cadeira e ficava pensando. Olhava pra minha barriga e passava a mão. Falava: “Nossa, será que meu filho vai nascer perfeito, vai nascer sadio?” Aí, eu ficava pensando, assim, pensando como é que ele ia nascer, se ele ia nascer sadio... Como é que ia ser. Aí, que eu ficava pensando, eu entregava pra Deus. Deus toma de conta. Ficava aí, o tempo todo (inaudível) nascer sadio. Só isso que eu ficava pensando (inaudível).

Shnaider - Aí, você passou mal, antes do Rafael nascer?

Marta - Se eu passei mal? Eu tive uma inchação nas pernas, né? Me deu uma inchação (inaudível). Toda mulher fica inchada, muitas mulher fica inchada, né? Aí, com pouco tempo, poucas semanas foi acabando a inchação. Aí, (inaudível).

Shnaider - Mas aí, você fez parto normal?

Marta - Se foi parto normal? Foi.

Shnaider - Aí, deu a hora, você começou a sentir dor...

Marta - Eu comecei a sentir dor em casa de madrugada, parece que 1 hora da madrugada. Aí, meu pai me levou pra lá. Pai teve que me levar de carro. Só que em chegando no hospital, eu não ganhei o nenê nesse dia, eu ganhei ele no outro dia. Eu tava achando que era pra ser cesária (inaudível). “Não, eu vou deixar você mais 2 dias ainda, pra ver se dá normal, né? Se não der nós faz o parto.” Aí, quando passou 2 dias que eu fiquei lá no hospital, eu ganhei normal, mas eu sofri demais. Que era pra se cesária, eu era muito novinha, né? Agora esse menino, meu foi cesária, né?

Shnaider - Aí, você ficou mais quantos meses no hospital, você falou? Quanto tempo, aliás?

Marta - 3 meses. Aí, depois de 3 meses é que eu vim embora pra casa.

Shnaider - Então no dia que o Rafael nasceu, aí, o Rafael foi pra casa.... Sua irmã ficou cuidando dele e você ficou 3 meses no hospital?

Marta - Foi. Aí, depois que eu fui embora pra casa.

Shnaider - E você ficou 3 meses no hospital e você estava acordada?

Marta - Não, eu não via nada. Eu fui acordar depois que eu fui embora pra minha casa, né? Eu não tava me sentindo muito bem, eu tava tonta, o meu corpo tudo tonto. Não tava me sentindo muito bem, porque tava me alimentando muito pouco, tava fraca. Depois que eu fui alimentando mais bem é que eu fui ficando mais forte.

Shnaider - E qual foi a primeira vez que viu o Rafael?

Marta - A primeira vez que eu vi, foi depois que eu cheguei em casa (inaudível). Fui na casa da minha irmã, eu já fui lá, cheguei na casa da minha irmã, já fui até pegar ele. Ele era tão gordinho, eles cuidaram dele muito bem (inaudível) Eu fiquei bobinha de ver. Eu falei: “Nossa, ele saiu, bem dizer, ontem do hospital e era tão miudinho, agora já tá gordinho (inaudível).” Cuidava muito bem dele, né? Aí, chegava lá não ficava nem preocupada com ele, minha irmã cuidava muito bem. Não adianta eu ficar preocupada com ele. Porque se eu ficasse preocupada com ele ia ser mais pior pra mim, porque eu não ia sarar. Eu ia ficar mais doente.

Shnaider - Pois é. Aí, eu tinha te perguntado se nesse dia, quando você olhou pra ele pensou o quê?

Marta - Ah, eu olhei para ele e pensei assim: “Nossa, esse meu filho é meu futuro. Você veio sadio, graças a Deus, meu filho.” Falei assim, pra ele, né? Só isso.

Shnaider - E quem que foi que escolheu o nome dele?

Marta - O pai dele. Ele falou assim: “Eu vou por o nome de Rafael.” Aí, eu falei: “Eu não quero que põe o nome dele de Rafael não”. Então vai ser Rafael. Aí, ele registrou, deixou Rafael. Só que eu não queria. Mas o pai já registrou e já pôs, né? Aí, eu deixei.

Shnaider - Quer dizer então que o Rafael tava com 3 meses, quando você saiu do hospital?

Marta - Tava com 3 meses de idade? Agora eu não lembro. Eu lembro que eu saí do Ceará, ele tava com 1 mês. Agora eu não tô lembrada, né? Porque eu nem lembro quanto tempo que eu fiquei lá, porque quando eu (inaudível) nem perguntei, porque eu tinha passado por aquilo. Eu nem lembrei. Nem quis mais lembrar o que aconteceu comigo. Aí, eu não tenho lembrança. Eu não guardei a lembrança na cabeça. Se eu passei 2 ou se foi 3 meses. Eu não lembro mais.

Shnaider - Você veio pra Uberaba?

Marta - Passei 1 mês em Uberaba. Aí, de Uberaba eu vim pra Uberlândia. Eu sei que já faz, já vai fazer 3 anos o ano que vem que eu moro aqui...

Shnaider - Então, você começou a perceber que o Rafael precisava de algum tipo de ajuda, lá em Uberaba?

Marta - Lá em Uberaba que minha cunhada me falou assim: “Marta, seu menino tem problema.” Eu falei: “Tem não.” Eu não acreditava, né? E falava, assim: “Não, parece que tem. Você pode marcar consulta pra ele e tudo.” Aí, “então eu vou, aqui é muito difícil, aqui as coisas não é fácil conseguir tratamento no Uberaba.” O povo parece que não gostava. Eu falei: “Então vou pra Uberlândia pra ver se é mais fácil pra mim.” Aí, eu morei com meu irmão aqui em Uberlândia e consegui rapidinho. Comecei levando primeiro pro Fernando, né?

Shnaider - Quantos meses tinha o Rafael quando você levou lá, por Fernando?

Marta - Quantos mês ele tinha? Que eu lembro, que eu levei o Rafael, pro Fernando, o Rafael, ele arrastava pelo chão. Que eu lembro é isso. Ele não caminhava ainda não. Depois que ele começou a caminhar depois, né? Eu me lembro que ele arrastava, que eu lembro assim, que eu levei ele lá, ele sentava e arrastava no chão. Porque eu me lembro que eu levava ele só no braço, né? Aí, teve uns dias, um tempo assim, que eu comecei a pegar na mãozinha dele e falei: “Oh Rafael. Você tá começando a caminhar agora”. Aí, o Fernando falou: “Que beleza, então”. Aí, depois, o Fernando viu que ele tava forte, já tava caminhando. E falou: Aí, Marta, o Rafael na época que entrou aqui na minha sala, eu me lembro dele que ele sentava e arrastava só.” Que me lembro assim, né?

Shnaider - E como que foi o trabalho lá com o Fernando?

Marta - Ah, o trabalho?

Shnaider - É, o atendimento com o Fernando.

Marta - Ah, ele conversa comigo, que nem nós tamos conversando aqui (inaudível) ele põe assim, um tanto de brinquedo na sala e ficava brincando com ele e conversando com ele. Era isso, que ele fazia lá.

Shnaider - E o que você achou?

Marta - Ah, eu achei que ela tava indo muito bem. Depois que eu comecei a levar lá, o Rafael mudou muito. Ia muito bem lá...

Shnaider - Mudou como?

Marta - Assim, porque era muito nervoso, ele rasgava (inaudível). Teve vez dele rasgar a mãozinha. Quando eu levei ele no Fernando, eu me lembro como hoje, a mãozinha dele era na carne viva. Ele rasgava direto. Com a unha dele ele rasgava (inaudível). Ele não gostava de ficar na sala trancado. Se ele ficava lá trancado ele era nervoso, assim parece que ele, assim, ele não queria ficar, ele chegava, chora e rasgava a mão. Se a gente tava na sala,

como nós tá aqui, o Rafael, você não dava conta... Seu ouvido dóia, de tanto que ele gritava na cabeça. Porque ele ficava muito agitado, parece que ele não gostava de ficar com as pessoas, não gostava de ficar com ninguém, ele gritava muito, ele gritava demais mesmo. Aí, o Fernando, na época que eu levei ele lá, o Fernando falou (inaudível) fui dando os remedinhos pra ele, aí, o Fernando falou: “Que tá acontecendo com o Rafael, que ele mudou demais? O Rafael não tá fazendo nem tá gritando mais, tá ficando calmo?” Eu falei: “Tô dando remedinho pra ele, agora, que a doutora passou, tô dando tudo certinho, os remédios e ele não tá ficando mais nervos (inaudível).” O Fernando falou que eu tinha que conversar bastante com ele que é por causa que ele não sabe falar. Aí, (inaudível) conversar com ele porque se eu não ajudar ele nunca vai aprender as coisa, vai ficar mais agitado. Agora, tem vez, aqui e acolá, não é todo dia não, que ele tá agitado, que eu dou de 3 a 1 gotinha pra ele. Aí, ele começa a rasgar a mão. Mas não é toda vez que ele rasga, com as outras vez. Ele rasgava dia e noite direto.

Shnaider - E você dá todo dia você dá as gotinhas?

Marta - Hoje de manhã eu dei 6 gotinha pra ele, porque ele começou a ficar nervoso. Aí, antes dele ficar nervoso, rasgar assim a mão, tem que aumentar mais a dose. Aí, teve uma época que eu passei a dar até 10. Se eu der 10 gotas pra ele e não tiver fazendo efeito, eu tenho que ligar pra a neurologista, que eu levo aqui, eu pego o Martins e levo aqui no Martins. Aí, eu tenho que ligar pra ela e falar que não tá fazendo efeito. Aí, eu marco uma consulta, aí, ela já passa outro.

Shnaider - Mas você conversou com o Fernando sobre as gotinhas? O que o Fernando falou para você?

Marta - Ele falou assim pra mim... Eu falei assim que ele tava dormindo muito, quando eu comecei a dar pra ele essas gotas. Aí, o Fernando falou assim, pra me dar uma gotinha. Aí, se numa gota não tivesse fazendo efeito, pra mim dá 2. Aí, em 3 e 4, até fazer efeito. Aí, agora eu tô dando 10 gotinhas pra ele.

Shnaider - Você dá 10 gotinhas por dia?

Marta - É, por dia. 3 vezes ao dia. Pra ele ficar calmo, né? Porque não pode deixar ele ficar nervoso. Ele fica muito agressivo se ele ficar nervoso, fica querendo morder as pessoas, não pode. Tacar as coisas nas pessoas. Aí, agora eu tô dando, Aí, vendo se tá fazendo efeito, tô olhando se tá fazendo. Aí, se não fazer efeito, porque tem uma hora que ele fica muito nervoso. Aí, nas hora que ele tá muito nervoso é que pode aumentar mais. Aí, eu tenho que ligar pra doutora, doutora mesmo. Eu tenho que ligar pra ela. Aí, ela vai, conversa comigo pra mim aumentar a dose. Aí, se na dose que eu aumentar, não tiver fazendo efeito é pra mim ir lá, já pra dar outra receita. Acho que já tá com 3 ou 4 meses que ele toma esse remédio. Acho que não tá fazendo muito efeito não, eu tô achando que não tá não.

Shnaider - Porque você acha que não tá? O que você acha que tá acontecendo com o Rafael?

Marta - Não é todo dia. Tem dia que ele amanhece muito nervoso, eu dou pra ele, ele fica muito nervoso à tarde. Por isso que tô falando. Aí, como ele tá aumentando as gotas agora, tá aumentando, mais assim, aumentando é que ele tá ficando nervoso, né? Mas tem hora, não é todo dia (inaudível) ele fica muito agitado. A natureza da pessoa não amanhece muito boa (inaudível). Ontem ele começou a rasgar a mãozinha dele. Eu cortei a unha dele, e comecei a aumentar a gotinha. Aí, hoje ele amanheceu calmo.

Shnaider - Quando ele começa a ficar mais nervoso, que você fala?

Marta - Ah, eu falo assim, eu chego nele e falo assim: “Rafael, pára de ficar nervoso, não pode ficar assim, nervoso!” Que ele começa a rasgar a mão. Eu falo: “Rafael, não pode rasgar a mão, você vai machucar você mesmo!” Aí, ele fica escutando. Aí, ele pára e fica chorando. Aí, ele não rasga mais. Aí, ele para.

Shnaider - Mas ele ouviu você falar pra ele não rasgar?

Marta - Ele escuta muito bem. Chego pertinho dele e falo. Meu marido também fala assim: “Rafael, não pode rasgar a mão, olha o que você fez com a sua mão, sua mão toda rasgada, não pode!” Aí, ele fica quietinho escutando. Aí, ele largar a mãozinha e fica só chorando, só chorando. Não faz mais nada... Mas o Fernando falou pra mim que esse nervoso dele é por causa que ele não fica com as crianças. Fica muito sozinho. Eu não saio quase com ele. Em casa lá, ele fica mais no portão. Ele gosta de ver os carros passar, não tem criança pra ele. Aí, o Fernando falou assim: “Lógico que ele fica muito nervoso porque não tem criança pra ele brincar, ele vai ficar mais agitado ainda. Você tem que ajudar ele. Você tem que conversar com ele. Passear muito com ele, pra ele ir aprendendo as coisa.”

Shnaider - E você não sai com ele?

Marta - Assim, é muito difícil eu sair de casa com ele porque (inaudível). Eu passeio na rua da minha casa, mas assim pra mim sair é muito difícil, não tem como eu sair com os dois.

Shnaider - E antes quando você não tinha... Como chama o seu outro filho?

Marta - Paulo.

Shnaider - Quando você não tinha o Paulo...

Marta - Se eu passeava?

Shnaider - Como era tua vida com o Rafael?

Marta - Eu não passeava não. Porque na época que eu cheguei aqui, eu tinha medo de passear aqui. Eu tinha medo de sair de casa, eu não gostava (inaudível). Meu irmão me levava, ficava mais dentro de casa.

Shnaider - Que medo era o seu?

Marta - Assim, eu falava que tinha medo de andar na rua assim, (inaudível), hoje tá o mundo, as pessoas mata e tudo, né? E a minha mãe falou assim pra mim que não era pra mim andar sozinha não, que era muito perigoso. Aí, eu fiquei com medo, assim. Aí, eu falei: “Eu não vou sair mais sozinha não, é perigoso pra mim.” Aí, eu ficava só em casa. Não saía. Aí, até hoje, assim eu não saio de casa (inaudível) no calçamento com ele, ando com ele. Fico pouco lá fora com ele. Levo ele na casa da minha sogra. Minha sogra mora pertinho, né? (inaudível) por perto, não vou longe, não (inaudível).

Shnaider - Pois é. Aí, quando você chegou aqui, que você falou que não saía, ficava só dentro de casa com o Rafael. Como que era o seu dia-a-dia com ele? Por exemplo, quando levantava...

Marta - Ah, levantava, arrumava mamadeira pra ele e ficava sentada no sofá assistindo televisão e o Rafael ficava sentadinho no chão (inaudível) eu só lá com ele (inaudível).

Shnaider - O dia todo?

Marta - O dia todo. Não saía. Assistia televisão. Às vezes só ia no portão da minha casa e pronto, não saía não.

Shnaider - O Rafael ficava fazendo o quê?

Marta - Ah, eu dava brinquedo pra ele brincar, ele ficava brincando.

Shnaider - Você falou assim que o Fernando falou pra você conversar muito com o Rafael. Você conversava com ele nessa época?

Marta - Não, na época que ele falou foi agora. De uns tempos pra cá, né?

Que começou a caminhar (inaudível). Agora que ele falou pra mim. Aí, eu falei pro Fernando “O Rafael tá tão nervoso hoje”. Ele falou assim: “Sabe o que é esse nervoso do Rafael?” Eu falei: “Não sei não” “Por causa que o Rafael não sabe falar, você tem que conversar com ele e deixar ele brincar com crianças. Lógico que ele vai ficar nervoso. É porque ele não sabe falar. E você tem que ajudar ele.”

Shnaider - Pois é. Aí, quando você veio pra cá e você ficava sozinha com ele na casa você não conversava com o Rafael? Você lembra?

Marta - Não, que eu me lembro eu não conversava não. Não adianta mentir.

Shnaider - E aí, ele chorava?

Marta - Não, não chorava fácil não. Ele só chorava quando tivesse sentindo qualquer coisa, senão não chorava.

Shnaider - E se ele não tivesse sentindo alguma coisa ele continuava brincando com os brinquedos e você continuava assistindo à televisão?

Marta - É. Quando eu não tava assistindo, eu tava arrumando a casa, era assim. Ele ficava lá brincando.

Shnaider - Passava lá muito tempo, assim, o Rafael brincando e você fazendo as suas coisas?

Marta - Passava. Tinha vez que ele não queria, que ele chorava (inaudível) eu punha ele no berço, né? Ele ficava deitado lá. Só que ele nunca foi menino de chorar (inaudível).

Interrupção.

Marta - o que eu tava falando mesmo?

Shnaider - Você tava falando que às vezes passava muito tempo ele começava a chorar...

Marta - Ah, passava muito tempo, assim... ele não chorava, não era criança de ficar chorando. Nunca foi. Ele começou a chorar depois que ele foi crescendo mais, depois do tratamento dele. Ele era muito calado.

Shnaider - Então, ele começou mais a chorar quando ele começou o tratamento?

Marta - Foi.

Shnaider - Que você achou que aconteceu, assim que ele começou a chorar mais depois do tratamento?

Marta - Ah, assim ... eu não me lembro, assim. Como que foi ... Por causa de que ajudou ele (inaudível). Hoje ele tem o choro normal. Teve uma época que ele não tinha não. Só fazia gritar, hoje que ele tem choro normal. Ele gritava demais.

Shnaider - ... começou a ajudar E você pensa que o tratamento ajudou como?

Marta - Ah, ajudou ele sim, ajudou ele a ficar melhor, não ficar do jeito que ele era. Eu acho que mudou sim, porque não caminhava, não pedia as coisas. Eu acho que por isso que depois que o Fernando (inaudível), o que é que ele é?

Shnaider - É psicólogo.

Marta - Eu acho que depois que começou a conversar com ele, o Fernando, acho que o Rafael (inaudível) eu assim, né? Porque eu não conversava muito com ele, não conversava, tô começando a conversar agora, como ele, depois que o Fernando tá explicando comigo. E fui entendendo que tinha que fazer aquilo que ele tava pedindo (inaudível) . Agora (inaudível) não fica mais agitado...

Shnaider - Não, não fica não?

Marta - Que hora que ele ficava na sala aqui, ficava aqui (inaudível)? Lá no Fernando quando eu levava ele, ficava num choro, gritava tanto que tinha hora que eu ficava até nervosa, minha cabeça doía de tanto que ele chorava. Aí, eu ia pedindo força, pra Deus me dar paciência pra mim e aí, eu ia criando paciência com ele.

Shnaider - Você lembra o que a sua irmã falava pra você sobre o Rafael do tempo que ela ficou cuidando dele...

Marta - Não. Ela não falava nada pra mim. Não falava nada.

Shnaider - Você não amamentou ele?

Marta - Não.

Shnaider - Você disse que tava no hospital...

Marta - É.

Shnaider - Aí, depois que você saiu de lá, você nunca mais voltou por Ceará?

Marta - Pro Ceará? Não, nunca mais voltei não.

Shnaider - E que coisas você conversa com o Rafael hoje em dia?

Marta - Hoje? Agora? Ah, fico conversando sobre as coisas assim com ele (inaudível). Se eu vou dar uma comida para ele, eu falo que vou dar comida. Se eu vou dar uma água, eu falo que vou dar comida... dar água. Eu vou dar o mamá dele eu falo. Isso ele vai só escutando só. Eu falo: “Senta lá no sofá que eu vou dar comida pra você.” Ele só come comigo só. Ele pega e vem comer. Ele gosta muito de televisão, rádio, ele adora...

Shnaider - Marta, aí, antes de o Fernando falar pra você conversar com ele, quando você ia dar comida pra ele, por exemplo você não conversa com ele?

Marta - Não, eu não conversava com ele (inaudível). E na época que ele começou a comer, eu começava a dar comida pra ele, eu dava era à força assim, à força que eu dava, era eu punha ele no meio das pernas e dava na boca dele (inaudível) eu punha lá dentro pra ele, que tinha que comer, né? Aí, ele viu que aquilo lá não ia dar certo, aí, acho que eu pensei assim que ele pensou: “Isso aí, não vai dar certo, minha mãe vai judiar comigo.” Aí, ele foi acostumando, aí, hoje eu dou pra ele (inaudível). “Rafael, sua comida tá aqui pra você, vamos lá pro sofá pra você jantar ou almoçar.” Aí, ele senta lá e come a comida. E alimenta muito bem, graças a Deus! O que ele come com a mãozinha dele é bolacha. A mamadeira ele pega, a mamadeira (inaudível). Mas se for pra pegar a colher, ele não pega. Eu tô ensinando pra ele.

Shnaider - E o que mais (inaudível) você veio pra cá ... Levou o Rafael pro médico, né? Chegou lá, pro Fernando ficou fazendo tratamento lá ... Aí, como você conheceu o seu marido de agora?

Marta - Ah, quando eu conheci ele eu tava já morando em Uberlândia, com uma cunhada minha. Só que essa cunhada era casada com meu irmão. Só que eles separaram. Meu irmão foi embora pra Uberaba. Só que meu irmão falou assim pra mim: “Marta, você quer ir comigo pra Uberaba?” Eu falei “Eu não vou mais pra Uberaba não (inaudível) eu vou ficar aqui.” Aí, minha cunhada falou assim: “Não Pedro se você quiser deixar ela aqui, pode deixar, pode deixar ela morar aqui comigo.” Aí, eu fiquei morando com ela. Aí, nessa casa que eu morava lá no Luizote, pertinho da casa da minha sogra hoje, aí, esse que é meu marido hoje, ele morava de frente. Aí, tinha um barzinho lá, ele ficava lá, sentado. Aí, eu comecei a conhecer ele lá, né? Aí, a gente começou a namorar. Mas a gente começou a namorar já, aí, eu já fiquei logo morando junto com ele, eu morei junto. Aí, eu já engravidei do Paulo. Aí, eu fiquei com medo, falei: “Nossa, e se ele não assumir, como que vai ser?” Aí, ele falou assim: “Não Marta, eu sou homem, eu vou assumir.” Aí, até hoje eu vivo com ele. Tive um filho, vivo muito bem. Ele trata muito bem o Rafael e o Rafael é muito apegado com ele.

Shnaider - O Rafael é apegado de que jeito com ele?

Marta - Assim, o Rafael, a hora que chega, o Rafael sobe no braço dele, só que ele é desses menino que não gosta de ficar no braço. Tem de ficar agarrando ele, ele não gosta disso não. Aí, ele vai sobe no colo do meu marido, meu marido fala: “Não, Rafael, você não gosta de ficar no colo o papai, você desce e sobe, mas não fica quieto!” Aí, meu marido brinca com ele, subindo ele assim, pra riba. Ele gosta, arrasta ele no chão, ele gosta muito. Dá até risada...

Shnaider - Tem quanto tempo que você está com seu marido?

Marta - Vai fazer 3 anos no ano que vem. 3 anos.

Shnaider - Então foi logo que você veio pra Uberlândia?

Marta - Foi.

Shnaider - E o seu marido é ... Você diz “Vem com o papai” ele fala assim?

Marta - É, ele fala ... “Vem aqui com o papai, Rafael.” Ele escuta, ele entende, mais as coisas do Geraldo, que é o meu marido, que eu. Ele escuta mais o meu marido do que

eu. Se eu falar alguma coisa pra ele, ele faz de conta que não escuta, se meu marido falar uma vez: “Não pode mexer com isso aí,” ele escuta e não mexe. Ele tem medo do meu marido, ele tem medo. Se eu falar 10 vezes com ele: “Rafael, não mexe, não pode mexer”, que ele gosta muito de fazer bagunça, destruir as coisas (inaudível) Eu falo: “Rafael, eu acabei de arrumar seu quarto, você tá bagunçando, não pode fazer isso!” (inaudível). “Pera aí, que eu vou pegar o Rafael e vou bater nele!” Mas nunca encostou o dedo nele, meu marido só faz ameaça, né? Aí, ele fica com medo, ele sai lá do quarto correndo e senta no sofá e não vai fazer aquilo mais. Ele escuta mais o meu marido do que eu.

Shnaider - Então o Paulo tem quantos anos?

Marta - O Paulo tem 6 meses.

Shnaider - Ah, tem 6 meses o Paulo. Então, você namorou um tempo grande com o Geraldo. Você namorou um tempo, aí, depois de um tempo é que você ficou grávida do Paulo?

Marta - Sim, depois que eu fiquei grávida dele.

Shnaider - E a sua 2ª gravidez? Como que foi?

Marta - Ah, foi bem. Foi normal, fiz o pré-natal. Foi tudo certinho, graças a Deus! Deu tudo certo (inaudível) só não fiz normal por que eles não quis fazer (inaudível) cesariana. Hoje eu não sinto nada mais do meu parto. Meu menino nasceu muito sadio. Não tem nada ...

Shnaider - E o Rafael com o Paulo?

Marta - Ah, o Rafael com o Paulo é muito ciumento. Na época que eu cheguei do hospital, o Rafael nem chegava perto dele de tanto ciúme. Hoje o Rafael chega, mas só que o Rafael não gosta dele não. Se deixar o Rafael puxa o cabelo e belisca ele (inaudível) ele tem ciúme. Só que eu pego um pouco o Rafael e pego o Paulo. Meu menino é tão inteligentinho. Ele já senta já, ele fica assim de olho no Rafael, olhando, parece que ele quer falar qualquer coisa com o Rafael, né? Quando eu tô dando comida pro Rafael, ele fica lá observando, o meu menino pequeno. Observa o Rafael. Tem hora que o Rafael olha dentro do olho dele.

Shnaider - E você, quando o Paulo nasceu, você falou alguma coisa pro Rafael?

Marta - Eu falava assim: “E Rafael, vai nascer teu irmãozinho, você vai aceitar?” Aí, eu chegava, punha no colo e falava pra ele passava a mão na minha barriga, ele queria morder a barriga. Eu falava: “Rafael é teu irmãozinho que vai chegar.” E quando eu cheguei do hospital, ele não chegava perto dele de jeito nenhum, ficava longe, olhando, tinha um ciúme (inaudível).

Shnaider - E o Rafael não falava nada, nada

Marta - Nada (inaudível) dá esse gritinho, ele quer me falar as coisas, ele quer falar as coisas, mas não fala.

Shnaider - Como que você sabe que ele quer falar uma coisa, como que é?

Marta - Como que eu sei que ele quer falar? Porque tem hora, eu fico perto, pertinho assim dele e tem hora que ele dá um grito e sobe perto de mim e quer falar alguma coisa. Aí, (inaudível) “Você quer comer alguma coisa Rafael, vamos lá?” Aí, ele pega na minha mão. Aí, eu chego na cozinha, aí, eu pego uma bolacha. E digo: “Você quer bolacha, Rafael?” Aí, eu pego pra ele. Parece que ele quer é bolacha mesmo, aí, eu dou a bolacha e ele vai pro sofá comer. Tem horas que ele vê uma coisa que ele quer e puxa na minha mão. Eu vou lá ver o que ele quer. Aí, eu pego pra ele e dou a ele, ele vai lá pro sofá, senta e come. A comida, do mesmo jeito. Enquanto eu não ponho a comida pra ele num prato ele não sai de perto, fica perto do fogão direto, enquanto eu não ponho, ele não sai.

Shnaider - Nesses últimos dias, como o Rafael tem passado, tem estado?

Marta - Ah, esses dias assim? Graças a Deus, ele tá indo bem, né? Tá indo bem, graças a Deus. Ele mudou bastante.

Shnaider - Você agora vai passar a trazer ele aqui?

Marta - Aqui.

Shnaider - E você já tinha conversado isso com o Fernando, né?

Marta - Já, o Fernando é quem encaminhou pra lá. Agora tem que ver os dias, porque 2ª feira eu vim, eu saí daqui 11 horas com ele. Aí, hoje, eu não sei o horário que eu vou sair daqui com ele. Aí, deve que ela vai explicar os dias que eu vou trazer ele aqui. Até agora não falaram nada pra mim. Capaz que vai falar, né? Quantos dias que eu vou trazer, que hora ...

Shnaider - E você perguntou pra ela?

Marta - Se eu perguntei? Eu perguntei pra ela. Capaz que ela vai falar hoje ainda pra mim, né? Porque eu tenho que saber (inaudível) à tarde pra mim seria melhor que de manhã. Porque de manhã é mais difícil pra mim. Aí, eu vou ver se eles conseguem pôr meio dia ou à tarde pra mim. Parece que aqui é só de manhã (inaudível).

Shnaider - Então, aí, é bom você perguntar, a Célia pode explicar pra você direitinho, né? Tá bom, Marta, por hoje a gente vai terminar. Podemos continuar depois, da outra vez que você vier?

Marta - Pode.

2ª Entrevista com a mãe – 28/06/2004

Marta chega dizendo que não está muito bem. Ela havia faltado na semana anterior.

Shnaider - O que o doutor falou que você tem?

Marta - O que ele falou que eu tenho?

Shnaider - Você faltou na semana passada, não pode vir?

Marta - Não, ele não falou nada. Ele falou se eu voltar a ter de dor de cabeça era pra mim voltar lá.

Shnaider - Mas ele falou porque que era a sua dor de cabeça?

Marta - Não. Eu quando tô com dor de cabeça eu vomito. É tipo assim, é ... Eu esqueci o nome. Que dá (inaudível) amarelo (inaudível). Na dor de cabeça forte que dá, que a gente vomita, né? Aí, eu vomitei, aí eu fui lá. Aí, eu... Também quando eu passo muita raiva, assim, que às vezes, que eu discuto com meu marido, né? Eu fico muito nervosa, fico muito agitada. Aí, começa a dor de cabeça em mim. Ele falou que eu passei raiva. Eu falei: “Passei, às vezes eu brigo com meu marido, né?”

Shnaider - Me conta, que raiva foi que você passou?

Marta - Ah, de discutir, né? Porque às vezes ele bebe e eu brigo com ele, pra ele não ir pro bar, pra não beber, né? Briga de casal, né? Aí, eu briguei com ele, xinguei ele, aí depois ele me xingou e aí eu fiquei nervosa. Aí, tenho muita dor de cabeça. Aí fiquei passando mal, né? Aí, eu peguei e fui no UAI, lá perto da minha casa. Ele falou que se voltasse de novo era pra mim voltar lá, no hospital. Só que não voltou mais a dor de cabeça (inaudível). Ele falou que acha que é fraqueza. Tô muito fraca. Eu tava alimentando meu menino, né? Muito fraca. Agora eu parei de dar leite pra ele, porque ele falou que o meu menino já tá com 10 meses, falou que eu já posso parar. Dar só mamadeira pra ele e comida, aí eu tô dando.

Shnaider - Mas assim, você não come bem?

Marta - Eu como, só que muito pouco, né? Eu como pouco. Eu não como muito, é pouquinho minha comida. Eu como fora de hora, também eu não gosto de comer muito cedo.

Shnaider - Mas, normalmente você e seu marido brigam, “briga de casal”, como você falou, por conta dele sair pra beber?

Marta - É. Eu fico muito agitada, né? (inaudível) aí eu brigo com ele. Eu sou muito nervosa. Nós começa a brigar, eu começo a xingar ele. Sou dessas pessoas nervosa até. Não agüento nada. Eu falo muita coisa pra ele, eu xingo ele.

Shnaider - E você fica nervosa...

Marta - À toa mesmo. Ah, eu fico nervosa, assim... Ah, porque eu não gosto que ele bebe. Eu não dou certo com aquilo, eu não gosto de jeito nenhum! Ele não é muito viciado em beber, não. É difícil ele beber. Quando, às vezes, tá de folga que ele bebe. Mas ele não bebe direto. Aí, eu não gosto. Eu acho melhor ele beber em casa do que ficar no bar bebendo, eu não gosto (inaudível).

Shnaider - Você falou das tontices, você sempre teve?

Marta - (inaudível) já tive tonticha desde pequena. Só que o doutor nunca falou nada. Agora, quando eu sentir de novo, eu vou perguntar pra ele, o que é.

Shnaider - O que você sente?

Marta - Ah, o mundo fica rodando comigo, escurece a minha vista, só.

Shnaider - Desde pequena, você lembra que sentia isso?

Marta - Ah, (inaudível) 10 anos eu lembro que eu tinha isso. Eu era muito fraquinha (inaudível). Morava no Ceará, era magrinha demais, não tinha sangue, eu tinha muita anemia, né? Só que agora eu consultei, fiz exame, ele falou que não tô com anemia, mas eu tô achando

que tô com anemia. (inaudível) muito branco demais lá no hospital, muito branca. Eles não falaram nada.

Shnaider - E como foram esses últimos dias com o Rafael, me conta um pouquinho?

Marta - Foi tudo bem, graças a Deus! Não ficou mais nervoso não, ficou calminho. Tô dando o remédio pra ele agora direto, tá calmo.

Shnaider - Mas você conversou com médico pra saber se tem que dar o remédio direto ...?

Marta - Não. Não conversei ainda não. Porque eu tô esperando, assim ... Eu tô dando do jeito que ele falou. Ele falou, passou pra mim dar 1 gotinha, se 1 não tiver fazendo efeito, eu começo dar 2 gotinhas. Aí, de 2 eu passei pra dar 5. Aí, nas 5, eu tô achando que tá fazendo muito efeito pra ele, né? Tô achando que tá fazendo muito efeito. Agora, nas 5 gotas que não tiver fazendo efeito, aí eu começo a dar 10 gotas pra ele. Se tiver muito agitado, rasgando a mão, né? Só que agora, aí, se eu tiver dado 5 gotas e tiver muito nervoso eu tenho que ligar pra ela e avisar, porque é neurologista. Aí, por isso que eu não liguei pra ela.

Shnaider - Mas quando ele fica nervoso, que as gotinhas não estão fazendo efeito, como que ele fica?

Marta - Ele fica, assim, rasgando a mãozinha, né? Ele rasga a mão, fica agitado. Parece que não é todo dia que a gente fica com a natureza boa, né? Fica mais agitado. Mas essa semana, graças a Deus, tá muito bem. Não está muito nervoso, não. Em vista do que ele era, né? Ele não tá nervoso não. Eu dou o remedinho certo pra ele, 3 vezes ao dia. Dou de manhã, dou (inaudível).

Shnaider - Cinco gotinhas, 3 vezes ao dia?

Marta - É. Eu dou na hora que ele acorda, mamadeira pra ele primeiro. Aí, escovo os dentinhos dele e dou pra ele, né? 5 gotinhas. Meio dia, na hora do almoço, antes do almoço já dou, aí dou o almoço pra ele. Aí, só de noite, na hora que dorme, eu dou. Que eu já dou ao meio dia e dou à noite, pra ele amanhecer no outro dia calmo. Hoje de manhã eu dei 5 gotinhas para ele vir pra cá.

Shnaider - Então ele toma 5 gotas por dia? Você sabe qual é o remédio?

Marta - É, eu até trouxe aqui, só que eu esqueci o nome, eu não tô lembrando. Na vez que eu vim a mulher perguntou, a moça que fica com ele, né? Aí, eu trouxe. Ela sabe o nome do remédio. Eu trouxe ele. Ele é numa caixinha vermelha, de gotinha. Eu gosto de andar com ele, só que hoje eu esqueci.

Shnaider - Quer dizer que você costuma andar com ele porque, assim?

Marta - Ah, porque eu costumo andar com ele, assim, porque eu falo pra elas que se tiver muito agitado, assim, que chegar com ele na sala e ele tiver muito agitado, pra elas dar as gotinhas para ele. Porque elas me pede, né? Pra gente trazer os remédios e tudo. Aí, eu trago. Só que agora eu não trouxe hoje. Mas eu gosto sempre de trazer dentro da bolsa, porque a gente não sabe, às vezes sai bom de casa e outra hora, chega lá agitado, né? Aí, toma. Ele dormia bastante com esse remédio. Parece que agora ele acostumou, ele não tá dormindo tanto, ele dorme um soninho, é normal. Na hora do almoço, na base de 1 ou 2 hora da tarde. Ele dorme um soninho até de tardezinha, até 5 horas da tarde. Normal. Que de primeiro ele dormia o dia interiro, sem parar. Agora não. Agora, parece que ele tá acostumando com o remédio.

Shnaider - Quando nenê ele dormia muito, também?

Marta - Ah, ele dormia, dormia o dia inteiro. Eu precisava acordar ele pra dar mamadeira pra ele. Ele dormia o dia inteiro

Shnaider - Quando ele fica, assim, agitado, você falou, o que você faz? Como que você costuma fazer com ele, assim?

Marta - Assim. Eu falo assim pra ele que não pode ficar agitado, “Rafael não pode rasgar a mão. É tão feio rasgar a mão. Aí, meu filho, que feiúra a mão dele.” Teve uma época

em que a mão dele era em carne viva. Aí eu olhava, pegava na mãozinha dele e falava e meu marido também: “Aqui, Rafael, que feiúra você rasgando a mão, não faze isso não”. Aí, na hora que ele tá rasgando a mão, eu falo sério com ele: “Rafael, não pode fazer isso, tá?” Aí, ele fica com muito medo do meu marido, meu marido fala sério: “Pera aí, eu vou pegar um chinelo pra te bater, não pode rasgar a mão, viu Rafael?” Aí, ele pára de rasgar.

Shnaider - Você lembra as primeiras vezes que ele começou a ficar nervoso?

Marta - Não, eu acho ... As primeiras vezes que ele ficou nervoso? Eu não me lembro muita coisa, não. Eu lembro que ele já tinha quase 1 ano, né? Quando ele ficou assim, quando ele começou o tratamento dele, né? Porque na época que ele tava sem o remédio, mas depois que eu consultei, que eu comecei a dar, que ela passou o remedinho que eu fui dando, é que ele foi ficando melhorzinho, não foi ficando mais agitado.

Shnaider – Mas, nas primeiras vezes que ele foi ficando nervoso, o que você lembra que você fazia, como que você ficava, quando ele ficava nervoso. Porque o médico ainda não tinha contado pra você...

Marta - Ah, eu ficava assim, assim, eu ficava, eu ficava muito assim ... Não sei, desinquieta, sem saber o que eu fazia, né? Eu não sei o que fazia, punha ele nos braços, andava com ele (inaudível) mas não sabia nada. Porque eu não entendia, eu não sabia de nada, então (inaudível) pra depois você descobrir, né?

Shnaider - E qual o problema que você acha que o Rafael tem?

Marta - Ah, assim, o problema dele que eu acho, assim, é, foi a falta de oxigênio que deu no cérebro. Fora isso, eu não acho mais nada. Até muita gente olha pra ele e fala que assim para mim: “Marta, esse menino seu, a gente jura que não tem nada. Jura que ele é perfeito.” Ele te olha assim, aparecendo que não tem nada. Porque ele caminha bem, caminha tudo certinho, só não faz falar ainda, né? Ele não fala ainda. Mas o problema dele é falta de oxigênio que deu no cérebro, né? Vamos ver se sara. Eu tenho muita fé dele sarar.

Shnaider - Mas assim, quanto tempo que você ficou lá na universidade fazendo trabalho, terapia lá com o professor? Quantos anos ele já tinha?

Marta - Eu não sei. Eu tô lembrada que tá com 3 anos, aquele dia eu falei que vim do Ceará, né? Eu acho que tá com quase 3 anos que eu levo ele lá. Não, 3 anos não. Deve tá com 4 meses que eu levo ele lá. Porque não sou muito de lembrar Eu não marquei os dia que eu levei. Ou uns 4 ou 5 meses que eu lembrava, assim que não tô muito lembrada que a minha cabeça não é muito boa, também. Tem hora que eu esqueço, assim das coisas. Aí, eu tô achando, ou 4 ou 5 mês, porque foi na época que ele completou um ano. Que eu vi que ele tinha problema. Eles me encaminharam primeiro pra ... Não é APAE não, eu esqueço o nome do lugar. Que trata de ... Ah, AACD. AACD encaminhou pra Cidade Jardim primeiro, né? Na época que eu levava ele lá.

Alguém faz barulho na porta e Marta diz: “Deve ser ele que tá batendo, ele gosta de mexer na porta.”

Marta - Aí, da AACD encaminhou pra Cidade Jardim. Aí, da Cidade Jardim, eles encaminharam pro Fernando. Aí, eu não me lembro (inaudível) tudo certinho lá no (inaudível) porque eu guardo tudo. Mas deve ter ficado uns 3 ou 4 mês, uma base assim.

Shnaider E como que foi ... todo o dia que o Fernando atendia o Rafael, você tava junto?

Marta - Só um dia na semana que ele marcava comigo. Só dia de 3ª, só.

Shnaider – Isso. Aí, você tava junto?

Marta - Tava. Às vezes eu não ia. Assim, era muito difícil. Às vezes eu não ia porque não tinha com quem deixar o menino. Mas das “tripas” e ia. Às vezes, não tinha mais com

quem deixar, né? Mas eu ligava e avisava porquê. Mas era muito difícil eu falhar um dia pra levar ele.

Shnaider - E como que era?

Marta - Ah, com ele? Não, era bom, uai! Dava um tanto de brinquedo pra ele ... Ele ficava sentado na cadeira. Ficava brincando com ele no chão. Ele arrastava no chão, balançando a cabeça, porque de primeiro ele tinha um “cessinho” de balançar assim a cabeça (inaudível) Aí, o Fernando ficava imitando ele.

Shnaider - Quem tem um “cessinho”?

Marta - O Rafael (inaudível) balançando a cabeça. É muito difícil, né? Aí, ele gostava de balançar lá com o Fernando e o Fernando ficava repetindo tudo que ele fazia. Aí, ele ficava lá, só no chão brincando com ele.

Shnaider - Mas assim, aí vocês conversavam ...?

Marta - Eu ficava, assim, calada. Eu só conversava, assim, se ele falava alguma coisa, né? (inaudível) como tava o Rafael... Eu falava que tava tudo bem. Aí, eu ficava só observando lá, ele com o Rafael.

Shnaider - E esse tempo todo, além de falar que ele teve problema de “oxigênio”, né? No cérebro. O que mais que as pessoas falaram pra você que pode ser que o Rafael tenha tido ou teve ou tenha ...?

Marta - Não, eles não falavam. Só lembro que fiz exame de pezinho, né? Mas não sei se adiantava não. Eu nunca fiz. Eu sei que as pessoas falavam lá, que moram lá na rua, minha vizinha, falou que se eu tivesse feito o exame do pezinho é capaz de acusar o que ele tinha ou ele não tinha nascido desse jeito. Mas eu falei assim: “Se Deus mandou assim, acho que o exame do pezinho não ia adiantar nada.” Mas ele nunca fez também exame de pezinho. Ele nunca fez.

Shnaider - Como é que é o nome de seu filho mais novo?

Marta - Paulo

Shnaider - O Paulo tem quantos meses?

Marta - 10

Shnaider 10 meses? Quando o Rafael tava com 10 meses você já tava aqui? Aqui em Minas?

Marta - Quando o Rafael tava com 10 meses? Eu não tô lembrada. Quando eu trouxe ele do Ceará ele era pequenino (inaudível). Mas eu não tô lembrada com quantos mês eu trouxe ele. Não tô mais lembrada, faz tanto tempo! Mas ele era novinho. Ele deve, tava nem com 1 mês ainda (inaudível). Deve que tava com 2 ou 3 meses. Um trem assim que eu lembro. Ele tava pequenino ainda (inaudível).

Shnaider - O jeito de você, por exemplo, de você cuidar do Paulo agora, é parecido com o jeito que você lembra de cuidar do Rafael? O jeito do Paulo é parecido com o jeito do Rafael ...?

Marta - Eu lembro assim, do Paulo, porque agora eu tô treinada em cuidar deles, que eu acostumei. Mas, como eu ia falar aquele dia, que eu falei com você. Que o Rafael ficava mais no braço da minha mãe. Depois que eu vim embora pra casa, eu fui cuidar do Rafael, mas minha cunhada também me ajudava. Aí, que fui treinando, né? Aí, hoje eu sou desse jeito, com Paulo, eu cuido dele bem, porque eu sei o jeito de cuidar, né? E, do Rafael ... ainda hoje eu brinco muito com ele, adulo ele, faço dengo nele... Tem hora que ele fica até manhoso, ponho ele no colo (inaudível) só isso mesmo.

Shnaider - Mas quando você fala assim, “aprendi o jeito de cuidar, assim bem, do Paulo”, como que é esse jeito que você aprendeu ...

Marta - Assim, de pôr nos braços, brincar com ele, conversar com ele. O Rafael deitado no sofá, eu converso: “É seu irmão.” Ponho Paulo perto dele, ele fica pegando no

cabelo do Rafael, porque ele já é custosinho, ele já tá sentando já. Só falta sentar no chão. Senta no carrinho ... tá doidinho já.

Shnaider - Mas com o Rafael você não se lembra de conversar com ele?

Marta - Não, eu não me lembro porque eu era muito novinha, eu não me lembro assim, eu não conversava muito, eu não dava conta muito de lutar com menino. Depois é que eu fui acostumando, depois que eu fui ficando sozinha, assim com ele, que eu fui acostumando. Que eu vi que eu era mãe. Que eu saí de perto da minha mãe e não tinha jeito, tinha que ser eu pra cuidar dele, não tinha outra pessoa, né? Aí, eu cuidava. Só que era normal. Ficava com ele, eu não fico com ele nos braços (inaudível) . Só que eu não lembro se eu adulava ele, se eu fazia, porque eu não tinha muita prática, com esse trem, né? Assim, porque cearense é assim, cearense se tiver assim no braço (inaudível) as crianças já nasce e as pessoas cuida, ele não adula nem nada, nem conversa, é assim. Cearense é tudo assim.

Shnaider - Adular pra você é o quê? E conversar?

Marta - É, disso que eu falo: conversar, beijar, ficar fazendo manha.

Shnaider - E você não lembra de fazer com o Rafael?

Marta - Não, não lembro. Isso eu não lembro.

Shnaider - Me conta, assim, como que você lembra. O Rafael tava dormindo, chegava a hora dele mamar, chegava a hora dele comer ...

Marta - Eu acordava. Acordava e falava assim: “Vamos mamar, Rafael. Tá na hora de você mamar, já”. Falava assim com ele. Aí, dava o mamá... Trocava ele e ele dormia de novo. Aí, na hora do banho, eu dava banho nele.

Shnaider - Assim foi durante quanto tempo?

Marta - Foi durante todo o tempo que eu vim pra cá, né? Aí, depois que ele foi ficando mais grande, eu foi, que eu descobri que ele tinha um problema, que eu comecei a levar, eu fui fazendo mais, dei mais carinho pra ele, fui acostumando ele. As pessoas falando: “Você tem que dar carinho pra ele, Marta, porque você tem que dar muito carinho pra ele, porque ele tá muito pequeno ainda, né?” Aí, eu fui dando carinho pra ele, carinho que a gente dá, que a mãe dá pro filho, né? Aí, foi com carinho, graças a Deus, até hoje, dou do mesmo jeito.

Shnaider - E quando e dormia durante o dia, o que você pensava, você achava que tava certo?

Marta - Eu achava que tava normal. Falava que tava normal, né? Só isso.

Shnaider - E aí, no tempo em que ele dormia, como era sua vida?

Marta - Ah, eu ficava parada lá, porque eu não podia fazer nada, que as mulher de resguardo lá, passa um mês sem fazer nada. Ficava deitada (inaudível).

Shnaider - E aí, quando você veio para cá? Ele também passava o dia dormindo muito?

Marta - Que eu me lembro, não. Que eu me lembro ele não dormia tanto assim não.

Shnaider Isso foi lá no Ceará, então?

Marta - Lá no Ceará, porque lá ele era muito pequeno. Quando eu me lembro que eu vim pra cá, eu não dormia ... Eu punha ele no berço, mas ele ficava brincando (inaudível), ficava brincando.

Shnaider - E, aqui no berço durante o dia todo?

Marta - Ficava. Eu pegava ele (inaudível) meus irmão também pegava, a mulher dele, minha cunhada.

Shnaider - Como é que é o dia do Rafael, hoje? Bem de manhãzinha quando ele levanta até a hora que ele vai dormir, como que é?

Marta - Ah, ele gosta muito de bagunçar o quarto dele, tem muito brinquedo, bola bonequinho, carreta, carro, destrói tudo, joga no chão. Porque ele assim, ele gosta de pegar o

brinquedo e jogar no chão e depois pegar de novo. Aí, quando ele acorda de manhãzinha, a porta dele fica encostada, ele abre a porta, aí divertindo com os brinquedos. Aí, na hora que eu levanto vem lá pra sala, que vê que eu vou mexer com a mamadeira pra ele, né? Que ele vem.

Shnaider - E depois? Aí você dá a mamadeira ...

Marta - Dou a mamadeira, aí ele vai lá pro portão, do portão pra dentro de casa. Aí fica andando pra lá e pra cá. Porque lá a área não é grande. Ele gosta de andar e ver os carros passar, né? Ele fica lá.

Shnaider - Fica lá até que horas?

Marta - Ah, eu não marco a hora, porque ele não pára...

Shnaider - Sim, mais ou menos.

Marta - Uma meia hora porque ele vai e vem. Aí, pra dar comida eu chamo, aí ele vem. Mas tem hora que ele fica, muito tempo dentro de casa, brincando (inaudível) porque eu fico mexendo na cozinha, ele fica no meu pé. Aí, que enquanto eu não dou qualquer coisa pra ele comer, ele não sossega.

Shnaider - Isso é antes do almoço?

Marta - É. Antes do almoço, eu dou uma fruta pra ele só. Fora a fruta eu dou comida.

Shnaider - E depois do almoço? Aí, ele come e ele faz o quê?

Marta - Depois do almoço ele come e passa um pouco, uma meia hora, brincando lá no sofá, sentado, brincando assim que eu falo é deitado, assim com os brinquedinhos dele, brincando (inaudível) nos bonequinhos que ele gosta. Aí, depois ele vai e dorme. Vai lá pra cama dele, lá no quarto e (inaudível) dorme.

Shnaider - Você disse que ele dorme até de tardezinha ...

Marta - Tem dia que ele dorme. Não é todo dia não que ele dorme. Tem dia que ele dorme até de tarde.

Shnaider - Depois que ele acorda ...

Marta - Aí, eu dou o lanchinho pra ele. Quando não é pão, é bolacha, é fruta, é leite.

Shnaider - Aí, ele fica acordado até “muito tempo”?

Marta - Fica. Aí, ele vai dormir, já é lá pelas 8 ou 9 horas da noite. Ele gosta muito de televisão. Ele liga a televisão (inaudível) “Rafael pode deitar, vai lá, deitar que (inaudível) desligar a televisão.” Aí, ele vai lá pro quarto dele, pronto, fica lá. Só acorda no outro dia.

Shnaider - Você fala pra ele ir deitar? Aí, ele vai?

Marta - Vai. Eu abro a porta, né? Falei: “Rafael, tá na hora de dormir, tá tarde. Já é mais de 9 horas. Vai deitar no seu quarto.” Aí, ele pega e vai e deita.

Shnaider - Você põe ele lá na cama?

Marta - Não, ele vai sozinho. O que eu faço é pegar na mãozinha dele. Falo: “Rafael, vai lá pra sua cama.” Ai, ele vai direto.

Shnaider - E você? Você ainda fica muito tempo acordada?

Marta - Não. Eu fico lá no meu quarto deitada com o outro, fazendo o outro dormir. Aí, já apago as luz e pronto, aí já vejo se tá certinho lá, aí vejo que tá dormindo ... Eu levanto de madrugada e vou olhar ele.

Shnaider - Você chega a levantar de madrugada pra ir ver?

Marta - Ah, eu enrolo ele na hora que dorme. Ele não gosta de coberta. Ele joga tudo fora. Aí, na hora que tá dormindo quietinho, eu falo assim por meu marido: “Vou lá pôr a coberta em cima dele”. Aí ele fala: “Nem adianta você pôr Marta, porque a manhã amanhece tudo no chão.” Porque ele joga tudo fora, ele não gosta de coberta. Eu vou lá de madrugada, falo que vou lá no banheiro e olho ele lá. Mas de manhã ninguém vê mais coberta em cima

dele. Joga tudo fora. Porque ele não gosta de coberta e que a gente enrola ele. Mas eu ponho roupa de frio, né? Nele pra ele dormir bem agasalhado.

Shnaider - Eu queria que você me contasse um pouco de sua vida, antes de você casar com o seu primeiro marido, antes de ter o Rafael. O que você lembra?

Marta - Ah, antes de eu conhecer o pai dele? O pai do Rafael, que foi o primeiro que eu vivi? Ah, eu não me lembro de muitas coisas não (inaudível). As moças não casa ... Eu era muito nova. Eu tinha 14 anos (inaudível)

Shnaider - Mas vocês namoravam quanto tempo?

Marta - Ah, namoramos só 1 mês.

Shnaider - É? Você namorou só 1 mês e você descobriu que tava grávida ... Que você me contou ...

Marta - Aí, eu fugi com ele ...

Shnaider - Ah, você fugiu? Essa parte você não tinha me contado (risos).

Marta - Eu fui pra fugir com ele, porque me pai não queria que eu casasse com ele, né? (inaudível) com medo de meu pai bater em mim, porque meu pai não queria, que eu era muito nova. Aí, eu peguei e vi que tava grávida, aí eu falei pra ele que eu não queria ficar na casa do meu pai, porque senão meu pai ia desconfiar. Aí, ele falou: “Vamos fugir comigo.” Eu pequei e fugi. Ele me levou lá pra casa da mãe dele.

Shnaider - Aí, você ficou morando na casa da mãe dele?

Marta - Fiquei. Até arrumar uma casa pra nós. Até minha família gostar de mim e voltar a amizade comigo e pra mim morar perto deles. Aí, depois que eu tive o Rafael que eles voltaram a amizade que eu fiquei lá morando perto deles.

Shnaider - Você tinha me contado que vocês brigavam muito. E em que parte da história que você nem gosta muito de lembrar, porque você falou que tinha sofrido muito... Mas assim, se você se lembra agora porque vocês brigavam?

Marta - Ah, brigava assim, porque ele era muito... Não, falava alguma coisa com ele, ele falava 10, ele era muito bruto. Muito mal-criado e tudo. Qualquer coisa era na ignorância, queria bater fazer tudo. Era isso (inaudível). Ele não pensava de casar, nem nada, já assumir uma família. Aí, ele fazia isso, ficava brigando, essas pessoas que falam que mata. Só que não mata não. Ele nunca me matou, graças a Deus! Só que eu tinha medo, né? Só que ele judiava de mim. Ele batia, sem precisão, empurrava e batia. Minha família não gostava de entrar no meio, que era briga nossa. Aí, minha família até me fez separar até hoje. O Rafael nem conheceu.

Shnaider - E ele ficou sabendo que você tava grávida. Aí, como que foi a reação dele?

Marta - Ah, eu falei, né? Ele ficou calado. Ele falou: “Tá mesmo?” Falei: “Tô”. Aí ele falou assim: “Então (inaudível)” depois acostumou.

Shnaider - E ele nunca procurou saber do Rafael?

Marta - Quando eu pergunto assim, por ele, minha família falou que ele nunca falou do Rafael. Já arrumou outra mulher já. Nunca falou no nome do Rafael. Meu marido também não gosta que eu falo no nome dele. Que o Rafael é criado com ele, capaz que quando o Rafael crescer, o Rafael vai chamar ele de pai. Apesar que foi ele que criou, né? Porque foi criado desde pequeno com ele né? Eu conheci ele aqui, logo que eu cheguei. É capaz que o Rafael, a hora que ele tiver começando a falar, vai chamar ele de pai. Vai. Vai pensar que esse é o pai verdadeiro. Porque ele é muito apegado com meu marido. Ele nunca procurou também, por ele não, nesse tempo que tô aqui eu nunca perguntei. Às vezes minha mãe fala: “Teu ex-marido já casou.” Fala só isso.

Shnaider - E quando você ficou sabendo que tava grávida, você me contou que ficou muito preocupada porque a sua família não queria. Você tinha me falado da outra vez, que pensava assim: “Ah, Deus vai me dar força e vou dar conta de cuidar do meu filho”. Mas

aí, a sua barriga foi crescendo ... Que coisas iam passando na sua cabeça ... Você pensava no seu bebê antes dele nascer? O que você pensava?

Marta - Pensava. Pensava assim, que ele ia nascer perfeito, sadio. Só isso, né?

Shnaider - Mas, mais alguma coisa?

Marta - Não, que eu lembro não. Tem muitas coisas que eu não lembro, eu esqueço. Que é muito tempo também, né?

Shnaider - Tem quanto tempo?

Marta - O Rafael tá com 3 anos. Tá com 3, vai fazer 4 o ano que vem.

Shnaider - Então, tem 3 anos isso, 4 anos mais ou menos.

Shnaider - E, antes de você conhecer o pai do Rafael como era sua vida?

Marta - Ah, vivia dentro de casa. Eu gostava de dançar forró. Mas eu não namorava não porque depois... O primeiro namorado foi ele, que meu pai não deixava eu namorar, porque eu era muito novinha. Eu tinha medo de namorar as pessoas, era assim, as pessoas lá tem medo, né? Eu, não posso (inaudível) aí depois eu comecei a conhecer ele, que eu fui ficando mais maduro, mais já, assim, 14 anos, já namora lá é tudo. Aí depois que eu fui vendo minhas colega namorando, elas foram explicando pra mim, como é e tudo, pra mim sair. Aí, por influência delas eu comecei a namorar ele. Mas eu namorava escondido, meu pai não podia descobrir, porque eu era muito novinha...

Shnaider - É? E você, não tem quantos irmão?

Marta - (inaudível)

Shnaider - quantos?

Marta - 31 irmãos

Shnaider - 31 irmãos? Mesmo?

Marta - De duas família. A primeira mulher do meu pai morreu. Aí, ele casou. Eu sou das novas.

Shnaider - Você é a mais nova ou ...

Marta - Eu sou a mais nova.

Shnaider - Você é a mais nova? Você é a última filha de seu pai?

Marta - É. Eu sou a caçula.

Shnaider - Quantos filhos seu pai teve com a sua mãe?

Marta - Meus irmãos é dez.

Marta - Dez filhos.

Shnaider - E que você pode me contar, assim, um pouquinho sobre sua vida ... você tá contando que gostava de ir ao baile, você já tinha 14 anos, começou a ir pro forró, e tal, mas antes?

Marta - Antes como assim?

Shnaider - Antes, quanto você era pequena, você foi crescendo, como era sua vida?

Marta - Não. Minha vida era boa. Minha família era muito boa pra mim. Eu andava bem arrumada e tudo. Só que eu não me lembro muita coisa não.

Shnaider - Não, você não se lembra?

Marta - Não. Eu lembro assim, quando eu era pequenina? Não, não lembro.

Shnaider - E quando você foi crescendo?

Marta - Quando eu fui crescendo, né? Quando eu fui crescendo mais, que eu fui entendendo mais as coisas ...

Shnaider - O que as tuas amigas foram te ensinando, assim, que você falou que elas foram te explicando?

Marta - Ah, conversando, assim, falando de namorado, né? “Ah, Marta, aquele rapaz ele é bonito, namora com ele.” E tudo... Eu falei: “Você já namora, já?” Eu falei: “Você namorou ele? Aí, elas falava assim: “Não, a moça pra namorar, a moça tem que ser moça

primeiro. Menstruar primeiro que eles fala lá. Aí eu falei: “Nossa, eu não sou moça ainda não. Não sou moça de namorar, porque até agora eu não menstruei não. Eu só vou namorar o dia que eu menstruar.” Aí, minhas colegas dava muita risada. Porque lá, a moça que pode namorar só depois que a moça menstruou, se a moça não menstruou elas falava que é criança. Aí, depois que eu menstruei que eu fui namorar, né? Os outros namoros era assim, namoro escondido, assim, dava um beijinho, agarrava e só. Só isso. Firmava namoro, não firmava, porque eu era muito nova ainda e eu não sabia que era esse negócio de namorar, eu achava que era brinquedo. Depois que as meninas foi falando que era coisa séria (inaudível) namoro não era brincadeira

Shnaider - O que te chamou atenção, assim, no pai do Rafael, que você quis namorar com ele?

Marta - Ah, porque eu achava ele bonito. Eu gostava ... Que ele falava assim, que eu era bonita, um rapaz muito bonito. Eu gostava dele, né? É tudo (inaudível).

Shnaider - Você gosta dele antes?

Marta - Gosta assim, eu, as meninas lá falavam assim: “Marta, esse rapaz é tão bonito!” Aí eu comecei a conhecer ele (inaudível). Aí depois conversando, eu fiquei gostando dele, já. Aí, depois que eu fiquei gostando dele, eu ia apaixonando por ele, ele ia apaixonando por mim. E começamos a namorar.

Shnaider - E isso foi com um 1, mais ou menos?

Marta - Foi.

Shnaider - E como você conheceu o seu marido de agora? Você falou que morava perto ...

Marta - Morava perto da casa dele. Não, nós começamos a namorar, assim, ele (inaudível) eu não lembro. Assim, ele tava na casa do colega dele, tinha uma festinha, lá, né? Na casa do colega, é de um colega dele. Aí, eu cheguei lá e comecei a dançar com ele. Aí, ele começou a gostar de mim e perguntou se eu queria namorar com ele, aí eu falei que sim. Aí, começamos a namorar. Só que o nosso namoro durou uma semana, só umas 2 semanas. Aí, já invocou comigo. Aí, já separou casa e ficamos morando junto, até hoje, ele assumiu. Nós nunca separamos, assim, de separar. Às vezes nós briga, (inaudível), eu nunca separei. Aí, quando eu conheci, eu namorei ele pouco tempo. Aí, já ficou gostando de mim, porque ele era caminhoneiro. Ele falou que ele namorou uma moça, mas era difícil, ele ficava, era difícil assumir uma mulher, só eu mesmo que ele gostava. Já teve muitas e ele nunca teve coragem de falar assim: “Eu vou colocar dentro de casa e vou assumir. O dia que eu encontrar uma que gosta de mim e que eu gosto dela, eu assumo.” (inaudível) começou a comprar os móveis. Aí, hoje nós vive.

Shnaider - E quando você ficou grávida do Paulo, como foi?

Marta - Ah, quando eu fiquei grávida do Paulo, eu não sabia que tava grávida dele. Eu passei dois meses sem minha menstruação descer. Aí, eu já falei assim pro Geraldo: “Geraldo, eu acho que eu tô grávida.” Aí, ele falou: “Será?” Falei: “Tá.” (inaudível) ter relação com ele a gente não usava nada, nem camisinha, nem tomava remédio. Aí, rapidinho eu engravidei dele. Aí, eu fiquei: “Nossa, eu tô grávida, meu Deus do céu! Agora cuidar de dois menino? Mas Deus dá força.”

Shnaider - Mas, assim, você ficou ... o que achou? Falou assim: “Ah, cuidar de dois menino?” O que mais que você pensou?

Marta - Ah, eu acho que, ia ser muito difícil pra mim, sem família, sem nada. Falei: “Não, mais a gente dá conta, Deus dá força.” Tem muitas pessoas que mora longe da família (inaudível) longe e dá e eu dou. Aí, pronto. Eu falei que dava conta, dei. Até hoje, (inaudível). Eu cuido deles sozinha, faço tudo lá em casa, trago o Rafael aqui, rumo minha casa, lavo roupa quase todo dia e meus menino é limpinho, não falta nada pra eles, roupa limpa direto. Graças a Deus, consegui aposentar ele. Não falta nada. De tudo eu faço pra eles.

Shnaider - Conseguiu o quê?

Marta - Aposentar ele ... Já é um benefício...

Shnaider - Ah, o Rafael, né?

Marta - O dinheiro que eu pego, eu compro trem, todo lugar ele anda bem arrumado. Nunca deixei meus filhos ficar sujo, nem com fome. Toda vida, eu fui caprichosa com essas coisas (inaudível).

Shnaider - Mas, como que foi na sua gravidez do Paulo, do Rafael você me contou?

Marta - Ah, do Paulo foi bem. Eu fiz pré-natal, do Rafael eu nunca fiz. Foi bem a gravidez, eu passei muito bem, graças a Deus!

Shnaider - Você pensava no seu bebê?

Marta - Pensava: “Agora vai nascer outro, outro irmãozinho seu, pro Rafael. Né, Rafael?” Aí o doutor Fernando falava pra mim lá na medicina: “Eh, Rafael, vai nascer um irmão, será que vai ser homem?” Aí, eu falei: “Não sei, vou fazer ultra-som pra saber.” Aí, ele falou: “Agora, Rafael, vai ter um irmãozinho pra te ajudar. Na hora que você crescer mais, vai fazer você falar as coisas, e tudo, né?” Ficava conversando com o Rafael. Ele ficava: “Passa a mão na barriga da sua mãe, Rafael (inaudível) irmãozinho pra você.” Aí, o dia que eu falei do ultra-som, que deu que era homem, ele falou: “Eh, Rafael, vai ter dois homens, lá.” O Rafael ficava só escutando.

Shnaider É? Você via no semblante do Rafael

Marta - Não, nunca fiz do Rafael. Assim, eu nunca fiz ultra-som dele não, pra saber se era homem, nem nada. Não sabia, né?

Shnaider - E aí, quando você ficou sabendo do Paulo... Você pensava como é que era seu bebê?

Marta - Não. Como assim?

Shnaider - Você pensava, imaginava como que podia ser?

Marta - Não. Ah, eu imaginava assim, por causa que eu sou anêmica, será que não vai dar problema na minha gravidez, será que vai ser tudo bem? Porque o Rafael já nasceu com problema, se esse nascer (inaudível) acontecer isso, como que eu vou dar conta de cuidar de dois? Aí, eu, muita gente rezava pra mim. Eu rezava, falava: “Não Deus dá força.”. Aí nasceu perfeito. Não teve nada. Não teve problema.

Shnaider - Você também não teve problema na hora do parto?

Marta - Não, graças a Deus! Só que eles lá, minha doutora já ficou com medo. Porque eu contei da outra vez do Rafael, aí eles ficou com medo lá. Aí, antes, era pra ser cesária mesmo. Aí, faltava um dia pra mim adoecer, pra mim ganhar, aí eu cheguei lá no hospital e falei pra ela fazer meu parto. Eu tava com medo já. Porque o menino não tava mexendo. E eu não tava sentindo dor, eu tava com medo, né? Aí, ele falou: “Não, Marta, vamos esperar mais um dia, então, pra ver se é normal.” Eu falei: “Não, não quero esperar não, porque eu tenho medo, o Rafael nasceu com problema, é meu menino, tenho medo”. Aí, a doutora falou assim: “Se é assim, então, vou fazer seu parto.” Aí, fez a minha cesária. Tava tudo bem, a criança lá dentro, não tinha passado do dia. Só que ela queria que eu esperasse porque, eu fui como é hoje e era amanhã que completava a data de eu ganhar. Aí, eu falei: “Não, não vou esperar não (inaudível).” Já arrumei minha bolsa, ela já faz o parto lá hoje mesmo ...

Shnaider- E você... Aí, você já teve contato logo com ele, o Paulo? Você viu o Paulo no mesmo dia que você teve ele?

Marta - Vi. Eles levaram ele lá, a parteira me mostrou já, eu fiquei deitada... “Ô, Marta, seu menino nasceu perfeito, não tem nada. Nasceu sadio.” Eu falei: “Graças a Deus!” Porque (inaudível) “Você vai ter esse, Marta, vai nascer sadio, pra daqui alguns dias ajudar você e ajudar o Rafael. Que ele vai ajudar o Rafael a conversar, brincar muito com o Rafael ...

Vai explicar as coisas pro Rafael. Aí, capaz que o Rafael vai aprender tudo com ele, né? Porque ele vai explicar as coisas, pra ele. Vai conversar com ele.”

Shnaider - Você lembra a primeira vez que você viu o Rafael, depois que você saiu do hospital?

Marta - Quando eu saí do hospital, que eu tava doente?

Shnaider - Isso.

Marta - Eu lembro que ele tava no braço da minha irmã (inaudível) Quando eu encontrei ele, ele era gordinho e tudo, né? Eu vi ele.

Shnaider - Você tinha me contado que a sua irmã cuidava dele, né? E a sua irmã falou alguma coisa dele pra você, como que é?

Marta - Falou: “Marta, aqui, não deu trabalho. O dia inteiro só dormindo, eu dava comidinha pra ele.” Só que ele tava tão gordinho na mão dela (inaudível) Ela cuidava muito bem da criança, banhava, punha roupinha, tudo bem, né? Aí, minha irmã falava que ele era caladinho, né? Não chorava muito não, ele era calado.

Shnaider - Ele você não amamentou?

Marta - Não, porque o doutor falou (inaudível) do meu problema aquele que tive, ele falou que não era muito bom dar o seio pra ele não. Aí, ele mamou um dia no peito da minha irmã. Minha irmã tinha menina pequena. A menina dela tava com um ano, mas ela mamava ainda. Aí, minha irmã foi dar, mas ele não quis não.

Shnaider - Eu tinha te perguntado da outra vez, mas assim, você lembra mais ou menos como foi a sua reação, o que você pensou, o que passou pela sua cabeça quando, a primeira vez que você viu ele “gordinho” nos braços de sua irmã?

Marta - Ah, eu falava assim: “Graças a Deus, meu filho tá muito gordo e é sadio!” Eu falava assim, né? Pra ela. Minha irmã também nunca descobriu que tinha nada, nunca levei ele em doutor, né? Eles não falavam nada, depois que eu vim descobri, aqui. Aí, eu falava: “(inaudível) meu filho é sadio.” Só que quando ele era pequeno ... mais firme, o pescoço dele era mole, não firmava. Por isso que eu via que ele tinha problema. Parece que tinha os ossos tudo mole, né? Batia, assim nas costas. Falei: “Não, meu filho não é sadio.” O menino ia fazer 10 mês já e esses menino com 10 mês é durinho, né? E o Rafael não era. Eles põem ele em pé assim, o pescoço dele era assim... Ele dormia com o pescoço embolado. Eu falei: “É estranho isso aí, não pode ser normal.”

Shnaider - Quem foi que escolheu o nome dele?

Marta - O pai dele.

Shnaider - Ele escolheu antes dele nascer, então?

Marta - Foi. Falou assim: “Vai ser Rafael.” Eu queria (inaudível) pôr outro nome.

Shnaider - Ah, é verdade, você me contou.

Marta - É. O nome dele vai ser Rafael. Aí, eu queria mudar o nome dele. Aí, o pai dele foi registrar, falou assim: “Vai ser Rafael.” Aí, meu pai falou: “Pra não dar confusão então, Marta, deixe.” Então peguei e deixei o nome dele.

Shnaider – Então, seu ex-marido chegou a registrar o Rafael?

Marta - Registrou. Ele é registrado no nome do pai dele.

Shnaider - E ele chegou a ver o Rafael?

Marta - Ele viu o Rafael pequenino, o dia que ele registrou, né? Só no dia.

Shnaider - E quem foi que escolheu o nome do Paulo?

Marta - O pai dele também. Se fosse mulher ia ser Paula.

Shnaider - Paula?

Marta - Como era homem é Paulo.

Shnaider - E que você achou dos dois nomes, assim?

Marta - Ah, eu achei bonito. Eu queria que o nome do Paulo fosse igual com o do Rafael, mas eu não sabia que eu ia ter outro menino.

Shnaider - Como, eu não entendi?

Marta - Que o nome deles fosse, assim, tudo perto, quase tudo igual, mas só que eu não sabia que ia ter outro, né? Aí, foi por isso que eu pus. Ficou Rafael e Paulo.

Shnaider - Tá bom Marta, vamos terminar por hoje, a gente continua uma outra vez, se você não se importa, tá?

Marta - Se eu lembrar mais coisa, aí eu falo pra você.

Shnaider - Tá bom, tá bom.

3ª Entrevista com a mãe – 12/07/2004

Marta - (inaudível) porque tá tão difícil pra mim vir quase todo dia, por causa do meu menino pequeno.

Shnaider - É? Com quem ele fica, o Paulo, não é?

Marta - Hoje ele ficou com o pai, dele, que o pai (inaudível) às vezes ele não tá em casa, também (inaudível) tem que vir na 2ª, na 3ª, na 6ª, não é fácil. 3 dias.

Shnaider - Ela falou pra você, a semana passada, que se você quisesse você poderia vir quase todos os dias?

Marta - É. Mas eu falei que não dava por causa do outro, porque é difícil pra mim sair, não tem como eu trazer.

Shnaider - E como você fez a semana passada? Quantos dias que o Rafael veio?

Marta - Ah, todo dia, né?

Shnaider - A semana passada você veio todos os dias?

Marta - Vim na 2ª, na 3ª, na 6ª. Só na 4ª que não teve.

Shnaider - Na 4ª e na 5ª você não veio?

Marta - Quer dizer, na 5ª... Não. Eu vim a semana inteira.

Shnaider - Não veio na 4ª?

Marta - Na 2ª, na 3ª, na 5ª e na 6ª. Eu queria que ela passasse 3 dias pra mim só, pra mim. Aí eu falho 5ª e não venho na 4ª. Aí eu venho na 2ª, na 3ª e na 6ª. Porque tá muito difícil pra mim

Shnaider - A semana passada o Paulo ficou com quem?

Marta - Ficou lá com a vizinha, né? Mas não é todo dia que ela tá em casa (inaudível) ela tá doente, ela não vai poder cuidar dele. Se eu arrumasse um transporte, eu trazia, mas é difícil.

Shnaider - Pra você trazer o Paulo?

Marta - Dá pra mim trazer. Se eu arrumasse transporte, dava pra mim vir todo dia, né? Eu não consegui arrumar.

Shnaider - A sua sogra, ela te ajudava?

Marta - Assim, não era direto não. Quando ela podia. Porque ela tem outra netinha, ela cuida dessa netinha. O filho dela trouxe, né? Pequenina também. Às vezes ela ficava, mas não era todo dia não.

Shnaider - É? Quando o Paulo nasceu, Marta, você quem cuidou dele desde o começo?

Marta - Cuidei sozinha.

Shnaider - Sozinha?

Marta - (inaudível) ficava só cuidando dele dois.

Shnaider - Você tinha me contado. Aí, você já tinha um pouco mais de experiência. Você falou que as mulheres lá do nordeste, lá do Ceará, você falou ... É... como você disse? Elas são ... como que é?

Marta - (inaudível)

Shnaider - Aí, você vê diferença no jeito que você cuidou do Rafael pro jeito que você cuidou do Paulo?

Marta - O Paulo eu cuido mais. Do Rafael, minha mãe que cuidava mais. Não tinha muito jeito de pegar, de cuidar dele (inaudível). Agora sou diferente, que cuido mais, né? Agora, depois que o Rafael cresceu que eu tô dando conta de cuidar mais bem dele.

Shnaider - Mas quando você fala “agora que eu cuido melhor” é em que sentido que você dá conta mais de cuidar do Rafael?

Marta - Ah, que eu falo assim, que é cuidar bem, é dar comida pra ele. É (inaudível) dar banho nele deixar arrumadinho. É isso que eu faço. Cuidar é isso, né? Dar carinho pra ele, beijo, brinca com ele, converso (inaudível) chamar meu nome, mãe, papai, essas coisas assim.

Marta - Ele e o Rafael também. Ele tá acostumado chamar papai, mamãe não. Primeiro papai (inaudível) aí depois (inaudível) chamar mãe. Aí eu chamo perto do Rafael, pro Rafael aprender. O Rafael entende tudo também.

Shnaider - Aí quando o Rafael era pequeno, da idade do Paulo, que você tava me contando, você tinha dificuldade de dar comida, de ... Qual foi a dificuldade, assim que você lembra?

Marta - Eu dava leite. Leite eu dava conta de dar um pouco. Porque ele só mamava, só leite, né?

Shnaider - Na mamadeira?

Marta - Na mamadeira. E dava fruta (inaudível). Eu comecei dando comida pra ele à força, assim, meu marido pegava na mãozinha dele e eu dava na boca dele. Ele foi acostumando, né? Foi acostumando, agora já dá conta de comer sozinho, assim, que eu falo, depende de mim. Sozinho que eu falo é comer, dou na colher, dentro da boca e ele come. Mas pegar na colher, não.

Shnaider - É? Você mesmo que

Marta - É. Eu mesmo dou com minha mão.

Shnaider - Você não sabia como cuidar de nenê, como cuidar de criança, assim... Quando você teve o Rafael, você conversava com sua mãe, com sua irmã?

Marta - Sobre o quê?

Shnaider - Sobre cuidar de nenê ...

Marta - Não. Lá, que eu lembro, não conversava não (inaudível). Sabia cuidar, né?

Shnaider - Aí, o Rafael ficava sempre por conta da sua mãe e da sua irmã? Mesmo depois que você saiu do hospital?

Marta - Ficava. Minha mãe ajudava a cuidar dele, minha irmã.

Shnaider - Você voltou pra sua casa, Marta? Eu tinha entendido que quando você

...

Marta - Eu voltei, assim, pra minha casa ... Eu ficava dormindo nela, eu ficava o dia inteiro, né? (inaudível). Porque ela era pregada com a casa da minha mãe. Eu dormia na casa da minha mãe todo dia.

Shnaider - Que era a casa que você tava morando com seu ex-marido? É isso?

Marta - É.

Shnaider - Você lembra ... Depois que você saiu do hospital até vir pra Uberlândia, quanto tempo você ainda ficou morando na sua antiga casa?

Marta - Ah, eu lembro que eu fiquei morando só 1 mês.

Shnaider - É? E você ficava o dia todo na sua casa, que era pertinho da sua. E aí, o Rafael ficava junto com você?

Marta - Ficava. Às vezes, ficava comigo. Outras vezes minha mãe levava (inaudível) minha mãe era muito apegada com criança. Aí, ela ficava com ele.

Shnaider - Foi o primeiro neto da sua mãe?

Marta - Não. (inaudível) tinha 3. Mas ela é apegada demais com criança...

Shnaider - Os outros 3 eram dos teus irmãos mais velhos?

Marta - Dos mais novos, né? Mais velho que eu falo assim, mais perto de mim, né? Porque eu sou a mais nova. Dos mais novo ... Da parte do meu pai já era mais velho.

Shnaider - Da parte do seu pai, você não tinha muito contato com eles?

Marta - Não. Tem uns que eu nem conheço (inaudível) eles moram (inaudível) São Paulo, Rio de Janeiro (inaudível).

Shnaider - Depois que você saiu de lá, do Ceará, você não voltou mais lá? Nem viu sua mãe, nem seu pai?

Marta - Não.

Shnaider - Você ainda conversa com eles, assim?

Marta - Converso por telefone.

Shnaider - É? Como foi sua semana, me conta? A semana do Rafael ...

Marta - Foi bem.

Shnaider - Bem de que jeito, assim? Me dá detalhes ...

Marta - Ah, bem que eu falo, tudo calmo, na paz, né? De Deus. Tudo calmo assim que eu falo, o Rafael não ficou agitado e eu também não fiquei nervosa, só isso.

Shnaider - ... não ficou nervosa?

Marta - Tem hora que eu fico.

Shnaider - É?

Marta - Tem hora que meu marido (inaudível) sou muito nervosa com ele ...

Shnaider - E como, assim, você fica nervosa?

Marta - Aí, eu fico brigando com ele e xingando ele.

Shnaider - Mas assim tem momento? “Ah, quando faz isso, eu fico muito nervosa”?

Marta - Ah, quando ele bebe, eu fico muito nervosa, eu não gosto.

Shnaider - Você tinha me falado a semana passada. Além da bebida, tem alguma coisa que te deixa muito nervosa?

Marta - Não. Só isso mesmo.

Shnaider - O Rafael também, ele fica muito nervoso. Ele se arranha, você me contou. Você fica nervosa?

Marta - Com ele? Não, eu fico tentando acalmar ele. Eu não fico nervosa não. Eu fico, assim, eu não gosto de ver ele fazendo aquilo com a mão. Aí, eu fico falando: “Rafael, não pode fazer isso! Vai ficar tão feia a sua mão rasgada, não pode!” Aí, eu brigo sério com ele que não pode rasgar a mão. Ele sabe que eu vou bater nele, aí, ele pára de rasgar, ele chora, mas não rasga mais. Agora ele parou, não tá rasgando mais.

Shnaider - Mas além de ficar preocupada, nervosa, você não fica ...

Marta - Ah, eu ficava calma, né? Não ficava muito agitada não. Eu não podia fazer nada porque ele era muito pequeno, eu não podia ficar nervosa com ele, porque ele não entendia nada. Eu tinha que ficar calma.

Shnaider - Você ficava muito sozinha com o Rafael? Cuidava dele sozinha?

Marta - Comecei a cuidar dele depois que eu vim embora pra cá (inaudível). Não tinha ninguém pra cuidar.

Shnaider - Só para eu tentar entender melhor. Aí você veio pra cá e você passava os dias, só com o Rafael, não era? Na casa onde você morava? Você morava com quem?

Marta - Quando eu vim embora pra cá? Com minha cunhada. Casada com meu irmão.

Shnaider - Casada com seu irmão. Ele mora aqui?

Marta - Não, ele foi embora, ele separou dela.

Shnaider - Aí, como era o seu dia com o Rafael?

Marta - O que eu fazia (inaudível)?

Shnaider - Me conta passo a passo o seu dia.

Marta - Normal. Eu ficava (inaudível) eu tinha medo de sair (inaudível) tinha medo de sair sozinha. Eu ficava só em casa com ele.

Shnaider - E o que vocês faziam em casa?

Marta - Nada. Eu ficava só com ele, assistindo televisão. Tinha hora que ele dormia, ficava no berço, dava brinquedo pra ele brincar, ele não gostava de brinquedo. Aí, (inaudível)

Shnaider - E você conversava alguma coisa com o Rafael?

Marta - Não. Não lembro de conversar nada não.

Shnaider - Você ficava sentada assistindo televisão. E o Rafael chorava muito?

Marta - Não chorava não.

Shnaider - É essa época que ele dormia muito que você disse que tinha que acordar ele pra poder dar mamar?

Marta - É.

Shnaider - Eu te perguntei na semana passada o que você achava que o Rafael tem, né? Aí, você tinha dito que ele tinha tido problema de oxigênio. O que mais você acha, quando você olha pro seu filho, quando você olhava antes, o que você acha?

Marta - Ah, quando eu olho assim pra ele, eu acho que ele não ... Eu penso, eu olho assim pra ele e trato como um (inaudível) não. Eu acho que ele não tem problema não. (inaudível) eu trato ele como um menino sadio. (inaudível) se eu criar como um menino doente, ele nunca ia entender as coisas e nunca ia aprender. (inaudível) eu não criei não. Eu, como menino sadio, né? Muita gente fala assim (inaudível). Não tem problema ele, porque a gente olha assim pra ele (inaudível) um menino sadio, não trata ele como menino doente.

Shnaider - Lá, quanto ele tava pequenino, junto com sua irmã e sua mãe, antes de vir pra cá, eles notavam alguma coisa com ele?

Marta - Elas nunca falaram nada pra mim.

Shnaider - Você notava alguma coisa?

Marta - Não. Também não. Eu não notava nada. Pra mim ele não tinha nada.

Shnaider - Você veio perceber se tinha alguma coisa diferente, quando ele foi crescendo. Que coisas diferentes?

Marta - Ah, dele com o pescoço mole ... Ele chorava muito pouco. Não chorava muito bem. O choro dele não era normal. Agora o choro dele mudou, agora ele chora mais normal. O choro dele não era, ele só resmungava, não chorava, assim. Eu fui descobrir. Aí, depois que a minha cunhada falou que ele tinha problema. Porque eu nunca acreditei, eu falava que não.

Shnaider - A sua cunhada é que falava pra você que tinha alguma coisa?

Marta - É. E meu irmão também. E umas das colegas: "Marta eu acho que seu menino tem que procurar um doutor." Eu fiz exame de cabeça. Aí deu que ele tinha (inaudível) .

Shnaider - O médico falou que ele tinha o quê?

Marta - Falta de oxigênio no cérebro (inaudível). Só isso mesmo que deu nele.

Shnaider - Mas, assim, você não notava nada?

Marta - Não.

Shnaider - Mesmo quando ele caia o pescocinho, assim. O choro dele?

Marta - Eu achava que ele era novinho, tava novinho ainda.

Shnaider - Você lembra mais ou menos que idade ele tinha nessa época?

Marta - Não, lembro (inaudível) ele tinha 4 ou 5 ou 2 mês. Eu não tô lembrada. Ele era muito novinho.

Shnaider - Você falou pra mim outro dia quando eu pedi pra você assinar, que você quer estudar, que você quer aprender a escrever?

Marta - É. Na hora que eles crescer mais um pouco.

Shnaider - É? Você pensou sobre isso?

Marta - Meu marido que falou pra mim se eu queria estudar. Eu falei que queria. Ele falou que eu era muito nova e dá tempo. Aí eu falei que eu ia esperar os meninos crescer mais um pouco. A hora que eles crescer eu vou (inaudível). Lá tem uma escola pertinho.

Shnaider - Você tem vontade?

Marta - Eu tenho. Não sei se eu aprendo.

Shnaider - Porque você não sabe se aprende?

Marta - Ah, não sei se eu tenho interesse. Eu não tenho muito interesse de ler não. Meu marido fica falando pra mim, eu não (inaudível).

Shnaider - Você já tinha ido alguma vez na escola?

Marta - Eu ia pra escola, sentava numa cadeira, nem pegava num lápis, num caderno. Eu não queria aprender de jeito nenhum.

Shnaider - Você era pequena?

Marta - Era. Tinha 10 anos.

Shnaider - Porque você não pegava no lápis, no caderno?

Marta - Não gostava, eu gostava de ficar brincando (inaudível) com as crianças. Não gostava de aprender. Meu marido fala que é pra mim ir pra escola. Falei que a hora que os meninos crescer mais eu vou ver se eu volto.

Shnaider - Com 10 anos que você foi pra escola ou foi antes?

Marta - Com 10 anos. As crianças lá estuda com 10 anos, porque a escola só pegava criança com 10 anos pra frente.

Shnaider - E os irmãos da parte de sua mãe, os mais novos ...

Marta - Nem eles sabe ler.

Shnaider - Não? Eles também não foram pra escola?

Marta - Não. Do mesmo jeito que eu.

Shnaider - Você é a única filha de sua mãe?

Marta - Não, tem 3 filhas.

Shnaider - Três com você? E quantos homens?

Marta - Tem 7.

Shnaider - 7 homens, 3 mulheres, mais você?

Marta - É.

Shnaider - Então são 11. Só da parte de sua mãe?

Marta - É.

Shnaider - Como que é a sua mãe e o seu pai? Se você puder falar, assim um pouquinho deles.

Marta - Ah, meu pai (inaudível) já é velho, ele já é de idade. Minha mãe (inaudível) mas o cabelo dela é pretinho, ela é nova ainda. Meu pai é velho (inaudível) mesmo jeito meu, tranqüilo (inaudível) não é nervoso, é calmo.

Shnaider - Mas do jeito seu?

Marta - É, assim que eu falo, do jeito que eu falo tudo, né? Ele parece muito comigo.

Shnaider - Mas assim, você tá falando da aparência, qual o jeito deles de ser com as coisas?

Marta - Ele não é bruto, não é.

Shnaider - E como você lembra que era você com ele, assim?

Marta - Ah, eu era muito apegada com ele, né? Tudo que eu queria ele fazia, os meus gostos, se eu quisesse uma roupa ele me dava (inaudível). Ele me dava de tudo que eu pedia pra ele, ele me dava (inaudível), não deixava faltar não. Eu era a caçula e tudo que eu precisava pedir, ele me dava tudo (inaudível).

Shnaider - Ele era muito apegado com você então?

Marta - Não.

Shnaider - E você era com ele?

Marta - Era.

Shnaider - Ainda é?

Marta - É.

Shnaider - Como?

Marta - Ah, porque eu gosto muito dele. Eu gosto (inaudível) mora longe, né? Eu falo por telefone. Eu falei que eu vou passear no final do ano. Eu falei com ele. Falou que sente muita saudade de mim. Eu também falei que sentia muita saudade dele.

Shnaider - Você fica pensando muito neles lá?

Marta - Fico.

Shnaider - E com sua mãe? Como que é com ela?

Marta - Com minha mãe é do mesmo jeito que com meu pai. Apegada do mesmo jeito. Minha mãe, também fazia pra mim tudo. Ela é mais agitada, ela gostava de bater. Qualquer coisa ela batia.

Shnaider - Você acha que você parece com o seu pai?

Marta - Eu pareço, eu gosto mais (inaudível). Mais apegado comigo. Que minha mãe judiava de mim, ela batia. Aí, ele ficava nervoso com ela e eu falava que não gostava dela. Só que eu falava brincando, né?

Shnaider - Mas ela judiava com você porquê?

Marta - Ah, tudo que ela falava eu repetia, eu ficava xingando ela. Ela ficava agitada e me batia. Ela falava uma coisa, eu falava 10.

Shnaider - E o seu pai?

Marta - Meu pai, não era assim. Porque (inaudível) minha mãe batia em mim, ele ficava nervoso e falava que ia embora e nunca mais ia vir. Eu xingava ela.

Shnaider - Marta, quando você nasceu seus pais já eram aposentados?

Marta - Não, eles aposentaram agora.

Shnaider - Então seu pai trabalhava quando você era pequena?

Marta - Trabalhava na roça.

Shnaider - Você ficava muito junto deles?

Marta - Ah, eu não lembro, eu era pequena.

Shnaider - Tem muita diferença de idade entre você e os outros irmãos?

Marta - Não. Se tiver é 1 ou 2 anos.

Shnaider - Então você convivia muito com seus irmãos?

Marta - Ah, convivia, ficava tudo junto dentro de casa, né? Nós brigava, né? Quando eu era pequena eu brigava com eles.

Shnaider - Mas, você com seu pai, era a mais apegada? Seu pai era mais apegado com você?

Marta - É. Era. Minhas irmãs tinha ate ciúme de mim, falava que ele só gostava de mim.

Shnaider - Essa sua irmã que cuidou do Rafael era uma delas?

Marta - É. Que mora lá pertinho (inaudível).

Shnaider - Ela já é casada?

Marta - É. Tem 3 filhos.

Shnaider - Ah, são os filhos que a sua mãe... os netos antes do Rafael.

Marta - Os meus irmãos tem (inaudível) um tem 3, o outro 1.

Shnaider - Os seus irmãos ficavam chateados, falavam que tinham ciúmes de você?

Marta - Ficavam dizendo assim: “Meu pai só dá as coisas pra Marta, não dava nada pra mim.” Meu pai falava: “Para de bobagem, eu dou pra todos!” Que eles tinham ciúmes. Meu pai fazia mais pra mim mesmo.

Shnaider - Você acha?

Marta - Eu acho não, faz.

Shnaider - Até hoje ele faz?

Marta - Faz.

Shnaider - O que ele faz até hoje?

Marta - Ah, ele faz assim, ele não manda nada pra mim não. Faz assim que eu falo, ele fala comigo por telefone, ele fala como é que eu tô, pra ver se tá bem e tudo. Falou assim que tá doidinho pra me ver. Ele fala as coisas assim, quer me ver, gosta de mim (inaudível) quer que eu vou lá no Ceará. Ele me ajudava muito, ele dava tudo. Até da vez que eu tive o Rafael, eu briguei muito com meu marido. Ele me dava, nunca deixou faltar nada.

Shnaider - E você pedia alguma coisa por seu pai?

Marta - Não, ele sabia que tava faltando as coisas e dava. Quando eu era criança, assim, quando eu fiquei com eles, eu pedia. Depois que eu casei, eu não pedia nada. Gosto de pedir não, porque eu tenho meu marido (inaudível) trabalhar e comprar. Mas só que meu pai via que tava faltando alguma coisa e dava. Ele e minha mãe sempre gostou muito de ajudar os filhos.

Shnaider - Quando você começou a namorar, quantos anos você tinha?

Marta - 14 anos.

Shnaider - Você está com quantos anos agora?

Marta - Vou fazer vinte anos.

Shnaider - Seu pai ficou sabendo que você tava namorando?

Marta - Não, namorava escondido. Mas depois que eu engravidei do Rafael que ele descobriu que eu tinha namorado. Aí, eu peguei e fugi com o pai do Rafael.

Shnaider - Como foi que seu pai reagiu?

Marta - Ele ficou muito nervoso, ficou doidinho, porque ele não queria, ficava chorando, desesperado, não queria que eu casasse, eu era novinha. Segundo ele, eu tava fazendo uma coisa muito errada. Aí os vizinhos falou pra ele que não podia ficar assim. Aí com o tempo ele foi melhorando e aceitou.

Shnaider - Como você se sentiu quando seu pai falou que não queria mais você dentro de casa?

Marta - Ah, eu fiquei muito chateada. Falei: “Agora como vai ser? Eu sou apegada demais com a minha família, né? Minha família não vai querer saber de mim. Aí, eu vou ter que passar assim mesmo sozinha.”

Shnaider - E a sua mãe como ele reagiu?

Marta - Mãe ficou do mesmo jeito, mãe ficou muito nervosa também. Mesmo jeito do meu pai, não queria não.

Interrupção. Alguém chama Marta.

Marta - ... Que na hora que seu saí, ela ligou, falou que ia viajar 3 horas da tarde. Aí, agora já falou que ele viaja agora.

Shnaider - Ele veio te chamar aqui na porta agora, pra te avisar que o Paulo está com sua vizinha?

Então, aí você estava me contando, antes do seu marido te chamar, como foi que a sua mãe reagiu com seu namoro.

Marta - Minha mãe também não queria não. Minha mãe era do mesmo jeito que meu pai. Só que eu tinha a cabeça muito dura, eu falava assim: “Vou namorar, vou ficar com ele.” Se a pessoa gostar não tem jeito não. Mas depois eu me arrependi e disse que deveria ter ficado com minha família. Me arrependi porque engravidei. Porque eu sofri, né? Aí, eu me arrependi porque tinha engravidado. Me arrependi por ter ficado com aquele homem lá.

Porque aquele homem não era homem. Aí, já tava tarde, não tinha jeito. Se arrependeu tarde. Tinha agora de cuidar do Rafael e viver a vida, assim, que eu falo e viver a vida com ele.

Shnaider - Como você contou pra seu ex-marido?

Marta - Ah, eu falei assim, que eu tava grávida, aí, ele ficou calado. Falou: “Tá?” E parece que ele não interessava muito por criança não. Eu falava e ele não falava. Não era muito apegado com o Rafael. Porque todo pai é apegado. Com esse que eu vivo agora, ele é muito apegado com meu filho.

Shnaider - Com o Paulo?

Marta - É. O pai do Rafael não é não. Ele pega o Paulo, brinca com o Paulo. É muito apegado com ele e o Rafael.

Shnaider - Mas, aí você contou pra ele que estava grávida. O que vocês resolveram fazer?

Marta - Ah, nada, ficou ... Falou mais nada, só isso mesmo.

Shnaider - Aí, vocês já estavam juntos, morando juntos?

Marta - Não (inaudível) que eu engravidei? Tava morando na casa da mãe dele (inaudível). Depois que a gente comprou uns trens, aí depois, é que separamos casa. Fiquei poucos dias também. Aí depois, minha mãe aceitou mudar pra perto da casa dela e eu voltei.

Shnaider - Você dois mudam?

Marta - É.

Shnaider - E você ficou grávida, você lembra? Em quanto tempo você ficou sabendo?

Marta - Fiquei sabendo porque a minha menstruação ficou 2 meses sem descer, né? (inaudível). Depois que eu fui desconfiar que eu tava grávida.

Shnaider - Quando sua barriga começou a crescer, que você pensou que poderia estar grávida?

Marta - Foi.

Shnaider - Você conversou isso com sua mãe?

Marta - Não. Não conversei nada não.

Shnaider - E você sabia que quando a menstruação falhava ...

Marta - Eu sabia porque minhas colegas falava pra mim ...

Shnaider - Ah, suas amigas lá do Ceará?

Marta - É.

Shnaider - O que elas comentavam com você?

Marta - Só isso mesmo.

Shnaider - Você comentava do seu namoro?

Marta - Não. Não comentava não. Não gostava de comentar.

Shnaider - E a sua barriga foi crescendo ... Você viu sua barriga crescer ... Quando você percebeu que sua barriga tava crescendo, você imaginava que você tava grávida ou não?

Marta - Ah, eu falei: “Nossa, será que eu tô grávida?” Aí, eu fui conversando com as pessoas, lá com as colegas, as pessoas já que tem filho, né? Aí, eu falei que minha menstruação tinha passado 2 meses sem vir. Falou: “Marta, você tá grávida, certeza.” Eu falei: “Então vamos esperar.” A barriga foi crescendo, eu fui descobrir que eu tava grávida.

Shnaider - E quando a sua barriga foi crescendo o que foi passando pela sua cabeça?

Marta - Nada. Eu ficava quieta. Não passava nada. Pensava não, que eu lembro não.

Shnaider - Mas você pensava, eu tinha te perguntado isso uma vez, você pensava assim no nenê, pensava?

Marta - Pensava.

Shnaider - Como?

Marta - Ah, eu pensava assim: “Nossa, será que vai nascer uma menina ou vai ser um menino?” Pensava isso.

Shnaider - E antes dele nascer, você tinha idéia de que podia ser um homem?

Marta - Não. Não achava nada. Eu ficava em dúvida se era homem ou se era mulher. Não sabia. Lá não tinha ultra-som, não tinha como saber, né? Aí, depois que ela nasceu foi homem.

Shnaider - E quando... Você lá casada com ele, você ficou junto com ele até o Rafael nascer, não foi?

Marta - Foi.

Shnaider - Vocês dois, como vocês viviam? Vocês conversavam sobre o nenê? Sobre a barriga crescendo?

Marta - Não lembro. Não lembro mais não.

Shnaider - Como era a vida de vocês?

Marta - Ah, era diferente, assim. Ele era uma pessoa diferente. Nem lembro mais, faz tempo, né?

Shnaider - Faz tanto tempo assim?

Marta - Tem muita coisas que eu não lembro não.

Shnaider - É? E você nem lembra se ele falava sobre o nenê?

Marta - Falava não. Ficava calado. Nunca falou nada pra mim. Ele não tinha coração.

Shnaider - Você acha?

Marta - Eu achava que ele não tinha. Porque homem que tem coração fala dos filhos. Eu vejo esse marido meu, passava a mão na minha barriga, falando, conversando com meu menino.

Shnaider - É, Marta? Ele fazia isso?

Marta - Meu marido ele faz. Ele fazia quando eu engravidei do Paulo. Agora do Rafael, o pai dele não fazia não. Eu quem passava a mão na minha barriga.

Shnaider - Você passava?

Marta - Ficava conversando, assim: “Será que vai ser homem ou vai ser mulher?” Pensava assim.

Shnaider - E você nem lembra direito como é que ficou sendo a vida de vocês nesse tempo que você ficou morando com ele? Você falou que ele era muito bruto, né?

Marta - Ele era ignorante. Eu não me lembro mais de nada, porque (inaudível) muitas coisas eu esqueci.

Shnaider - Você vê diferença da sua gravidez do Rafael com a gravidez do Paulo?

Marta - A diferença que eu acho assim, é que na gravidez do Rafael eu sofria muito. Era muito judiada. Do Rafael (inaudível) eu me alimentava muito mal. Do Paulo eu me alimentava muito bem e não sofria o tanto que eu sofri na do Rafael. É só isso mesmo.

Shnaider - E você pensava também sobre o Paulo?

Marta - Ah, eu pensava assim: “Nossa, todo dia eu peço a Deus. Será que ele vai nascer com problema? Acho que não. Se Deus mandou só o Rafael. Deus não vai mandar outro”. Ficava falando assim, né? Eu me pegando com Deus e pedindo a Deus pra ele nascer perfeito. Pra ele nascer e ajudar o Rafael a falar, ajudar o Rafael a entender as coisas. Isso. Eu pensava assim.

Shnaider - Você está falando assim: “Se Deus mandou o Rafael com problema?”

Marta - Eu falei se Deus mandou o Rafael com problema. Acho que Deus não é capaz de mandar outro pra mim sofrer mais, né? Porque já basta o Rafael que já sofre, o sofrimento dele assim, porque ele nasceu assim. As crianças que nasce, não sabe falar e tudo (inaudível). Foi falta oxigênio que deu no cérebro. Porque eu não trato ele como menino doente. Eu falo, assim, ele não nasceu sadio. Porque ele nascendo sadio, ele vai ajudar o

Rafael. Ele vai brincar com o Rafael. Ele vai ensinar as coisas pra ele, isso, que eu queria. Porque se fosse pra cuidar de dois se tivesse assim, o problema do Rafael (inaudível) não ia ser muito fácil não (inaudível).

Shnaider - Tá bem. A gente vai terminar por hoje.

CASO 2 – ANGÉLICA**Idade: 9 anos****1ª Entrevista com o pai, Antônio – 05/10/2004**

Shnaider - Você pode me contar a história do jeito que você quiser. Você estava me contando do Paraná. Pode começar me contando desde a hora que você estava falando...

Antônio - É, doutora, eu, desde o Paraná, que eu trabalhava no Paraná e um certo tempo, nós tivemos a Angélica, né? Com idade de (inaudível) nós descobrimos que ela tinha uma maneira diferente. É, estávamos sentados, numa mesa, né? E ela derrubou uma cadeira e essa cadeira bateu num móvel, era um móvel (inaudível) muito, né? E eu fiquei chateado até agredi a Angélica, bati nela, repreendi. Mas como ela tinha 2 anos e meio, eu deixei, né? E o olhar dela, o comportamento, que ela chorava muito, ficava nervosa, né? Aí, então, eu resolvi tomar providências procurando um médico, lá em Foz do Iguaçu. E foi um outro médico que chama Dr (inaudível) que acompanhou, foi o primeiro médico, foi o Dr (inaudível), que era neurologista, né? E ele tentou ver que problema era e não foi possível de dar o diagnóstico dela, o que seria.

Shnaider - Eles falaram o quê?

Antônio - É, eles falaram que não dava pra entender o que ela tinha, esse nervosismo que ela não controlava. Aí, ele tentou dar alguns medicamentos pra ela, no início era (inaudível) e ela passou a tomar esse medicamento, mas mesmo assim ela continuava nervosa. Depois disso ele achou melhor, depois de 30 dias, me dar autorização pra mim ir a Brasília fazer um diagnóstico melhor. Eu fui a Brasília. Aí, lá eu procurei um neuropediatra, que era médico (eu me esqueci o nome dele), mas é muito bom. Também, todo o diagnóstico dele não acusou nada, que ela tinha problema mentalmente, normal. Bateu o eletro, bateu a ressonância, fez tudo pra ver se ele tinha problema, se ela é surda, né? Não ouvia que a gente chamava ela e não atendia, ela não obedecia, né? Foi feito todo o diagnóstico dela. Daí pra frente, ele disse: “Olha, de mim já o diagnóstico foi feito, agora você deve procurar uma psiquiatra. Porque já não é mais comigo, não tem nada pra mim, ela tá normal.” (inaudível) no início uma surpresa muito grande pra mim e minha mulher. Minha mulher até ficou desesperada e eu também, né? Fiquei muito (começa a emocionar), né? (inaudível) uma filha com esse problema, né? Minha esposa também. Nós continuamos com esse tratamento dela. Aí, fomos atrás da psiquiatra, lá em Brasília, dra B.G., morava em Brasília. E aí, inclusive é um tratamento muito caro, né? Mas como eu tava disposto a fazer o tratamento dela, digo: “Não importa o preço (inaudível) nós vamos gastar pra descobrir o que seria isso que ela tem, esse comportamento, né?” Eu não gosto muito de tocar nesse problema dela, me lembra muito o passado. Aí, continuamos o tratamento. Aí, foi acusado que ela tinha, tava entre um sintoma que chamava de (inaudível) e o autismo, né? Aí, eu fiquei mais apavorado, né? Que seria autismo e não teria cura, né? Como o autista realmente não tem cura. Cura pra essa doença ninguém ainda descobriu, porque ninguém sabe de onde vem esse comportamento que eles têm, né? Os médicos ainda não descobriram, né? Mas foi dado esse diagnóstico. Ela, eu tenho até hoje o relatório médico (inaudível), continuamos o tratamento durante 3 anos, onde eu passei 3 anos em Brasília de licença. Fiquei fora do emprego, né?

Shnaider - Você trabalhava na Receita?

Antônio - Trabalhava na Receita, mas o delegado me liberou 3 anos, né? Sem vencimentos, né? Fiquei sem vencimento, vendi algumas coisas de valores meu e gastei, na época em torno de 30 a 40 mil, lá com ela lá em Brasília. Só com psiquiatra, né? E ela, 3 anos tratando. Era 3 dias por semana, durante 3 anos. E ela foi desenvolvendo, né? E a dra B. desenvolvendo, desenvolvendo. Aí, depois, eu não agüentei mais o tratamento, eu voltei pra

Receita, depois de 3 anos. Voltei pra Foz de Iguaçu pra trabalhar. Aí, ela já voltou mais (inaudível) já entendendo tudinho. E depois disso, daí eu continue meu trabalho lá, voltei, fiquei mais 1 ano e pouco. Isso o tratamento tava muito atrasado. Aí, a escola, o tratamento liberou ela pra estudar numa escola normal, com crianças comuns, que ela poderia estudar. Mas infelizmente eu procurei uma escola, que era muito boa, São José em Foz do Iguaçu e essa escola fez o diagnóstico, uma psicóloga. Aliás, (inaudível) tive até um problema com ela, que respondi, digo: “Olha, eu acho, doutora, que a senhora como psicóloga entende menos que eu, porque fazer um diagnóstico de uma criança dessa e colocar uma criança numa série que ela não teria condição, pra mim, eu acho que seu diagnóstico foi péssimo.” Ela era uma irmã, freira. E ela disse: “Você tá debatendo, discutindo comigo? Eu sou formada. Digo: “Bom, eu não sou formado em psicologia. O que eu entendo, em outra área, que a senhora fez o diagnóstico errado. Não calculou onde a Angélica podia estar. Que existem muitos perigos na escola, escadaria alta, que a Angélica não tem entendimento e pode cair. Então, e você, no caso, colocou ela na escola e a professora abandonava ela lá, como se ela fosse normal e ela não era.” Ela tinha um tratamento especial, diferente. E com isso, também me revoltei. Aí, pedi transferência da Receita Federal. Demorei a pedir pro delegado pra ele me transferir pra um órgão que eu tinha recebido informação que era muito bom e ainda pequeno. O custo de vida era melhor, menos pra mim, gasto menos aqui. E que teria um tratamento aqui. Eu vim pra cá sozinho, na frente. Deixei minha família lá e ela saiu do colégio São José, onde ela foi discriminada, colégio de padre. Na verdade, ela foi discriminada pela professora e pela psicóloga e pela freira que era diretora dessa escola. Apesar de eu ser católico, mas eu afastei, senti um pouco de ... Não posso falar muito, sou católico nunca abandonei minha religião, mas não gostei dos modos dos padres e das freiras. Até discuti com eles e eles disseram que eu não discutisse com um servo que servia a Deus, né? Eles eram servos de Deus, tudo bem. Aí, eu larguei isso pra não acrescentar mais problema. Digo: “Então, eu vou embora, você não tem competência pra tratar da minha filha, fizeram o diagnóstico mal e eu vou tirar a minha filha daqui realmente. Não vou nem tirar, vocês já discriminaram e mandaram eu tirar. Fizeram eu gastar em torno de 1000 reais (inaudível). Só de matrícula (inaudível). A escola é (inaudível) o tratamento, eu tô pagando, o tratamento (inaudível) colocaram 2ª, baixaram pra a 1ª, baixaram pro jardim e não resolveram nada. Vocês não sabem o que é uma pessoa com esse problema, que é autista e vocês não sabem nem que é isso. Não sabem nem fazer o diagnóstico desse, como é que seria esse tratamento, como vocês teriam que agir com essas crianças. Eu vou procurar outro lugar que tenha competência, que tenha bons profissionais.” Aí eles (inaudível) “Onde seria?” Eu digo: “Minas Gerais, eu vou pra lá, pra Uberlândia e vou encontrar, com fé em Deus.” Quando cheguei aqui, fiquei 3 meses (inaudível) tive um amigo meu que trabalhava na Universidade que ele me indicou pra eu ir até a Universidade, trabalha na Receita, né? Que é o M., né? Então, através de um amigo meu e dele, não foi nem o M., um amigo meu que me concedeu (inaudível) na Universidade e me chamou. Aí me apresentou pro reitor, diretor da Faculdade, da Universidade. E eu falei com ele, ele me indicou pra mim vir até o CAPS. Aí, eu vim até o CAPS, fiz uma entrevista com a assistente social. A assistente social reservou a vaga pra ela. E reservando essa vaga, esperou que eu trouxesse a Angélica. Aí, eu fui em Foz do Iguaçu, pedi a minha transferência. Cancelei tudo, pedi pra ficar aqui em definitivo. Fiquei na Receita, o delegado me aceitou. E continuei o tratamento na escola, o tratamento (inaudível) na outra escolinha lá em baixo. E os profissionais todos são muito bons aqui no CAPS. Os profissionais atendem muito bem. E minha filha, depois que tá aqui, ela desenvolveu de uma maneira que quando dá 6 horas da manhã, eu levanto pra ir pra Receita, ela se levanta e não quer perder a hora aqui. Ela acha até pouco 2 dias. E ela veio pra cá por causa do tratamento que é muito bom. E aqui, conseguiu desenvolver, de maneira que hoje ela já se comunica muito bem comigo, chama papai.

Ela tem medo de travessar a pista. Realmente ela não tem noção do limite, o que pode causar um carro, bater, matar, né? E eu ensino muito para ela: “Angélica, aquilo ali pega, mata, ali machuca, em escada ...” Eu vivo ensinando pra ela: “Você cai, quebra um dedo, uma perna, vai ter que tomar agulha, injeção.” Ela tem muito medo, assim dessas coisas: agulha e injeção. Quando ela tá pro lado de doente, ela sempre quer uma cadeira de rodas (inaudível) boneca e mexer com injeção. Ela sempre fala assim. Aí, daqui, já tem quase 1 ano. Aí, a Cláudia consegui ver como ela ia desenvolvendo, né? Já que foi desenvolvendo, conseguiu essa escola.

Shnaider - Onde?

Antônio - (inaudível) a escola. Aí consegui uma escola integrada, que é a (inaudível). Aí, fui lá, matriculei. Pago uma mensalidade lá. E a Angélica continua nessa escola e a professora lá, ela é uma boa profissional, também. Muito bem ela é, pedagoga muito boa, ela atende muito bem, sabe trabalhar com essas crianças, e ela é um pouco dura com a Angélica, que ela diz que tem que ser. Como a S. falou pra mim: “Ó, com o jeito dela, tem que ser assim.” Ia ter que negociar. Realmente funcionou muito bem. Ela tá indo bem no tratamento, lá na escola. Tá no jardim (inaudível) ainda. Mas tá indo bem com as outras crianças, se integra bem, ela se integra muito bem com o atendimento lá de dentro. E ela não comete agressão com ninguém. Inclusive ela é muito mole, tenho medo de até outras crianças baterem nela. Ela é grande, mas tem medo, né? Portanto, graças a Deus, essa escola ajudou muito. Primeiramente a Deus, depois aqui, que eu consegui, o maior tratamento que ela avançou mais foi aqui, Brasília (inaudível) e depois aqui.

Shnaider - Que tratamento foi feito lá em Brasília?

Antônio - É, lá em Brasília, foi feito tratamento, uma terapia com a psiquiatra, que é a dra B. Ela trabalhou com ela durante 3 anos. Ela ia 3 vezes por semana. Como era muito cara as sessões, eu só agüentei 3 anos realmente. Depois o governo não me deu mais ajuda, né? Aí, eu tive que voltar pro trabalho e procurar ganhar pra poder manter as escolas que eu tô hoje, manter a Angélica. Foi muito caro, eu tive que vender um imóvel que custava 40.000 reais, vendi, pra investir nela. Investi esse dinheiro todo nela, né? Coisas que (inaudível) às vezes, eu não posso até falar (inaudível). Seria meu esforço, meu trabalho, eu me virar e ganhar o dinheiro pra investir nela. E investi realmente 40.000 reais (inaudível) hoje ela tá aqui e veio pra cá já mais ou menos e daqui ela progrediu e está progredindo bem. A Cláudia é uma ótima profissional, né? Tanto quanto você mesmo, né? Então, estes seriam os tratamentos da Angélica que eu fiz durante toda a minha vida foi isso. Gastei uma vida inteira. Eu cheguei a um ponto que eu ... Cheguei um homem que vai saber de problema, de ... Existe muito homem na minha idade que abandonaria a família, né? Até arruma namorada, mas eu, apesar de viver um pouco longe da minha esposa, assim, porque minha esposa tem que trabalhar também, porque tem que ajudar, porque o salário é pouco, eu ganho 2.000 reais, não dá pra fazer o tratamento alto. Minha mulher pra (inaudível) na representação de medicamento, da (inaudível). Ela tem uma distribuidora junto com o meu irmão, em sociedade, montada. Estão indo muito bem. E ajuda a fazer o tratamento, pagar escola, pagar algumas coisas. Fora que essa escola aqui, se não fosse aqui, eu não agüentava. Porque aqui, se eu fosse fazer esse tratamento aqui fora, particular, eu iria gastar mais de 1.000 reais por mês, em torno disso aí, por aí. É claro que é caro.

Shnaider - Que evolução você viu, assim, na Angélica, no momento em que ela chegou até agora? Me conte um pouco dos detalhes em relação à Angélica com vocês. Enfim, o que você percebeu?

Antônio - A Angélica aqui ela ... Daqui, em primeiro lugar, eu tenho aqui (inaudível). Agora daqui eu sei. Daqui ela desenvolveu aqui e depois que ela tá aqui (não tem nem 1 ano) ela teve um tratamento, assim, que ela trata nós de “papai”, “isso daqui eu posso fazer”, ela já faz, pergunta se pode: “Papai (inaudível) pra Angélica”, só que ela continua

chamando de Angélica, né? “Isso aqui faz mal pra Angélica.” “Papai, eu posso comer essa comida gordurosa?” Eu tirei gordura dela que eu vim aqui na pediatria e ela tava comendo gordura. Ela tava com colesterol um pouco alto. Tava mesmo, né? E ela já pergunta: “Pai, eu posso comer isso? Digo: “Olha, Angélica, isso faz mal”. Massa demais eu não quero que ela coma (inaudível). Eu tive um problema de coração, fiz cateterismo, já tive 2 enfartos, eu tive depois disso. Eu tive 2 enfartos, esses problemas da Angélica, quase morri, né? E eu, me deu muita força pra mim chegar a vencer foi isso, olhando pra ela. Ajuda, eu não me cuidava muito, né? Agora, hoje em dia, eu já me cuido, pra manter o corpo, manter o físico, manter caminhada, manter a força para agüentar a Angélica, porque ela é um pouco grande, pesada e eu tô um pouco de idade, tô com 48 anos. Então, procurei a me cuidar mais, pra eu viver mais, pra conseguir cuidar da Angélica. Chegar bem, normal, né?

Shnaider - Você falou que você teve 2 enfartos. Eu queria saber um pouco como foi?

Antônio - É. Porque eu tive 2 enfartos, porque assim que Angélica nasceu, teve esse problema e eu tive muita luta pra frente pra poder chegar lá. E eu tive que investir dinheiro, eu tinha errado (inaudível) perdi aquele capital, né? E depois que eu perdi o capital, comecei a ficar nervoso com funcionário, que nós tínhamos uma drogaria em Brasília, era muito grande.

Shnaider - Quando você estava de licença?

Antônio - É, quando eu tava de licença, nesse período, eu tive uma firma, uma empresa. Não eu, porque eu sou funcionário público e não posso ter. Mas fui como sócio (inaudível) e minha mulher a dona, né? E eu administrava a empresa todinha e tive funcionários maus. Eu cuidava dela, da Angélica. E além disso tinha maus funcionários que me roubavam. Tiraram de mim e eu ficava agoniado, como que eu faria pra combater aquela coisa, pra aquela firma não ir água abaixo. Como de fato não teve jeito, foi. Depois eu resolvi vender e voltar pro trabalho, né? Aí, nisso aí, eu comecei a acumular doença em cima de mim. Eu sou muito perturbado. Tenho muita perturbação, que eu fico preocupado: “Será que esse problema vai causar isso?” Então eu ponho isso na cabeça e eu tenho aquelas desvantagens que, às vezes, minha mulher fala: “Você não deve comentar essas coisas que você pensa, que você vê.” Que eu vejo coisas. Eu vejo coisas diferentes, de outro mundo. Eu via sempre na Angélica. Eu olhava e via coisas me falando que eu tentasse ver que não era daquele modo, que eu agia diferente e minha mulher achava que eu tava com problema mental. Mandava eu procurar até psiquiatra. Eu digo: “Bom, eu não preciso procurar o psiquiatra, porque eu não sou louco.” Eu sou um cara inteligente. Eu sei onde eu entro, onde eu saio. Eu sei conseguir controlar minha doença. Então, eu fiz esforço e de eu mesmo controlar minha doença. Eu arrumei uma doença de vomitar, né? Eu já tinha ela antes. Eu vomitava com o dedo, né? Eu ficava nervoso, como a Angélica tá sendo igual a mim, também já tá com esse problema. A Angélica chegou a ver, quando ela viu eu vomitando, eu usava o dedo pra vomitar, eu fiz um calo aqui, de tanto forçar de tanto forçar o dedo. Aí, depois não conseguia mais vomitar com o dedo, eu usava uma escova. Eu ficava nervoso com esse problema da Angélica e usava a escova. Aí, eu quase não ia mais ao banheiro. Até hoje, eu tô com problema de intestino, porque, justamente devido a isso. E eu continuei com esses problemas, vomitando, né? E foi acumulando doença, entupiu veia, né? Aí, quando eu fui descobrir, tava com veias entupidas. Agora (inaudível) deu mais uma veia que continua entupida, eu não posso desentupir. Aí, eu tive um enfarto, em Foz do Iguaçu, quando eu voltei. Porque ela não conseguia arrumar tratamento pra Angélica. Aí, depois disso, eu vim pra cá sozinho. Fiquei muito estressado aqui, morei sozinho 3 meses. Morei em um pensionato, num quartinho, né? Morei sozinho até arrumar, ter estabilidade pra poder trazer toda minha família. Minha mulher e minha filha pra cá. A mulher, nem tanto, porque a minha mulher já tinha o trabalho dela em Brasília, que era essa firma. Ficava mais lá, né? Mas eu preocupei mais em trazer tudo. Aluguei um

apartamento aqui na rua 5, que eu moro aqui pertinho. E consegui, com a ajuda de Deus e o governo também me ajudou. Eu consegui alugar esse apartamento, trouxe ela pra cá e consegui colocar aqui. E depois que eu, aqui também tive outro enfarto, tive um enfarto lá e aqui também tive outro há um 1 mês e pouco, no trânsito, né?

Shnaider - É mesmo, Antônio?

Antônio - É, tive dirigindo aqui, né? Tava até com carro oficial que eu vou muito na Justiça. Nesse dia, eu peguei muito peso, processos que são muitos, aí, eu peguei muito peso e tive um infarto. Aí, meu médico é (inaudível) é um bom médico aqui da cidade. Aí, disse: “É, Antônio, vamos refazer o diagnóstico seu, fazer uma investigação, uma perícia e ver o houve, o que causou esse ...” O médico ainda falou: “Você teve ...” E eu tive que encostar o carro, porque durante 1s ou 3s, por aí, eu desmaie na direção do carro, né? Tava dirigindo o carro da Receita Federal e desmaiei dirigindo. Aí, encostei o carro num canto dessa avenida aqui (inaudível) encostei e de repente, voltei ao normal. Tava perturbado um pouco com a Angélica, porque ela tava dando uns trabalhos, né?

Shnaider - Me fala, então desse momento, exatamente desse 1 mês atrás, que você teve o enfarto. Que preocupação que você tava tendo?

Antônio - É, eu tava tendo preocupação, porque eu tenho, doutora, umas outras coisas (inaudível). Eu tenho alguns bens, que eu batalhei muito na vida, usei muita sabedoria pra poder conseguir. Apesar de ter pouco estudo, mas tenho sabedoria pra isso. E consegui alguns bens em Brasília que hoje, espero que vá pertencer tudo pra Angélica, apesar de eu ter um outro filho, tá registrado em meu nome, que eu pago pensão pra ele. E tenho outra filha que tá em Brasília faz Direito. Ela não é registrada no meu nome, é registrada no nome de outro, a mãe registrou. Mas eu (inaudível) mas não registrei. Porque tava na justiça, aí eu deixei. Não mexi mais. E tenho filho. Então, eu comecei a ficar ...

Shnaider - Você diz que apesar de ter dois filhos, vai ficar tudo pra Angélica?

Antônio - Eu pretendo deixar a maioria do que eu tenho, lutei muito e pedi a Deus pra mim adquirir isso, pra mim deixar pra ela, porque eu não sei como vai ser o futuro dela pra frente. Os outros tá estudando, tem muita inteligência. Sabem tudo que fazem. Não têm problema. E eu pensei na Angélica no futuro. Eu deixo ela com uma certa quantidade que ela, depois que eu morrer, que ela possa ... Que ela pede muita coisa. Angélica: “Eu quero isso ...” Ela exige muita coisa de mim. Que se eu não tiver condição, eu não posso comprar, um carrinho de empurrar boneca. Ela pede um carrinho de cento pouco, 200 reais. De modo que é difícil de comprar, né? Então eu consegui. Com meu salário não daria pra fazer tudo isso. Ia fazer faculdade porque não pude mais estudar, fazer Direito, né? Então, parei um pouco, agora que vou começar o ano que vem, agora em janeiro, eu já devo começar na faculdade de novo. Então, eu senti que, tive que largar todo esse lado, pra deixar, consegui adquirir esses bens pra Angélica. Como de fato, eu adquiri alguns bens em Brasília, capital, que hoje em dia não dá (inaudível).

Shnaider - Você tá me dizendo que há 1 mês e meio atrás, então, você estava preocupado com algumas coisas dessas?

Antônio - Então, eu tava preocupado com, justamente, (inaudível) imóvel. Eu tinha um imóvel, eu comprei de um homem e achei, a mulher dele morreu, foi pra inventário, mas eu comprei com alvará do juiz, que ela tinha um filho menor e era separada do marido. Aí, o homem não queria me devolver mais o apartamento. Eu tinha a escritura, mas não tinha o registro. Eu fiquei nisso 3 anos. Esse apartamento rolou mais ou menos em torno de 2 e meio a 3 anos. Essa semana, graças a Deus, eu consegui receber a notícia, tive que contratar um advogado pra poder resolver a questão do apartamento que eu tinha compro e pago pra minha filha, Angélica. Então, deu problema, num desses imóveis. Então, eu preocupei muito, fiquei tão estressado que eu digo: “Será que vou perder? O que que vai acontecer? Acho que se eu perder, eu vou acabar com esse cara que me vendeu.” Fiquei até pensando besteira, né?

Todas ignorâncias, mesmo da vida. Eu pensei e agi de modo errado. Mas consegui, através de um advogado, que me ajudou muito: “Antônio, você se concentra, fica tranquilo que eu vou resolver isso pra você, essa questão.” Entreguei o inventário na mão dele, esse problema, ele conseguiu o alvará, o alvará de licença eu já tinha conseguido. Eu consegui todos os documentos, escreituri. Faltava o registro. Aí, esse advogado meu, o dr. A., ele conseguiu o (inaudível) que o homem não queria me dar. Eu consegui através do juiz, alegando que eu tinha minha filha, eu precisava, eu comprei pra ela. O juiz teve compaixão de mim e o oficial de justiça, através do 2º ofício, teve compaixão. E disseram: “Eu vou andar rápido com o caso do rapaz, o Antônio, porque ele pode, ele já deu infarto, poderá dar outro problema e nós vamos...” E eu consegui receber a notícia ontem à noite que: “Ó, tá legalizado.” Aí, eu falei pra minha mulher: “Olha, mais um (inaudível) agora acabou, tô mais tranquilo. Que agora eu tenho certeza que é meu aquele imóvel e pertence pra Angélica.” Então, eu pretendo fazer assim, (inaudível) não é que eu vou deixar os outros sem nada. Mesmo essa filha que não tá no meu nome eu (inaudível) pretendi deixar a Angélica com uma outra quantidade, batalhar na minha vida, que eu já tenho um emprego, o dia que eu morrer ela também recebe. A Angélica vai ter esse direito do meu salário passar pra ela. Porque ela tem problema, com fé em Deus, acho que ela nunca vai casar, né? Então, ela vai continuar recebendo o que é meu, né? Meu salário. Vou deixar umas 3 ou 4 coisas pra ela e o restante pra os outros. Mas, mais eu pretendo deixar alguma coisa mais pra ela. Às vezes eu falo pra minha mulher: “Se eu morrer primeiro, como tá tudo legalizado, já tá declarado, eu botei no seu nome pra declarar e a Angélica – uso fruto seu – e a Angélica seria dona de 3 ou 4 partes aqui dentro e 2 partes seriam pra os outros 2 filhos (minha mulher também tem outra filha) e mais uma parte pra você. E (inaudível) se eu morrer você passa pra Angélica. Não deixe ela desamparada. E ajude outro filho que tenho, ajude outra filha e tua filha. O restante você faz isso pra ela.” Então, (inaudível) me ajudou a lutar mais pra trabalhar, pra ajudar ela. Porque eu sinto que ela é uma pessoa que tem 9 anos, mas como a senhora vê, continua como uma criança, não sabe nem andar direito, (inaudível) no trânsito, em rua. Provavelmente, com o tempo, que talvez quando ela tiver com 20 anos, ela vai corresponder a 15, né? Ou a 13 anos. A idade dela vai sempre, eu já tô consciente que não tem cura, o autista não tem cura, né? Ele consegue ambientar-se no nosso meio. Mas o autista, não adianta falar que quem tem problema de autismo ele tem cura. Não existe tratamento que cure o autista. Dele deixar de ser autista, não existe (inaudível). Ela vai carregar isso pro resto da vida. Ela vai, vão ter que colocar ela no mundo pra conviver com a gente, ensinar pra ela aprender se isso é errado, se isso não é e se é certo. E vai levando, até a Angélica ter um entendimento, saber... Ela poderá até cuidar muito bem de uma casa. Poderá estudar, se formar, às vezes, naquilo que ela gosta, né? Ela não vai entender tudo. Ela poderá gostar de desenhar ou outra coisa.

Shnaider - Você sabe de que coisas que ela gosta?

Antônio - A Angélica é o seguinte: eu observo ela mais ... Às vezes, eu falo pra minha esposa que, eu digo: “Olha, você na realidade colocou a Angélica, mas quem estudou mais a vida da Angélica fui eu, quem mais entende da vida da Angélica fui eu, porque eu discuti com vários médicos.” Inclusive o médico que eu discuti em Brasília (inaudível) só tem 200 no Brasil. Só tem 200 médicos, psiquiatra só tem 200 no Brasil todo. Pode ter mais algum que tá se formando agora. Até eu falei pra psiquiatra daqui, ela até não gostou. “Como 200?” Eu digo: “Porque só existe 200 que estudou igual ela, porque eu já me informei através de internet, só tem 200. Na época só tinha esses 200. Só se a senhora, agora, daqui pra frente ficar igual à B. (inaudível).” Porque a Angélica, ela mandava até exame, ela mandou amostra de sangue pros Estados Unidos. Mandaram pra saber, né? Que grau seria e a Angélica tava no autismo leve. E hoje ela tem é autista mas é como se ela não tivesse mais nem um leve. Ela, foi dado o diagnóstico, ela não tem nem mais o autismo leve, né? Seria autista mas, já normal, né? Não tem mais nada de médio e nem leve.

Shnaider - Você tava falando que você estuda mais a Angélica do que a própria mãe?

Antônio - É.

Shnaider - Que coisas que você vê que ela gosta?

Antônio - É, as coisas que eu vejo que ela gosta muito é de brincar com (inaudível) de boneca quando ela gosta de uma. Ela tem um Piu-Piu que ela gosta, que eu tive que comprar e tem uma boneca que ela começou a gostar, mas não gosta de tudo, de brinquedo. Cadeira de roda. Pronto! Ninguém tira da cabeça dela até hoje. Ela gosta de muleta, eu consegui tirar a muleta dela. Depois da muleta, ela entrou na cadeira de roda. E ela gosta, ela vai ao hospital pra sentar na cadeira de roda, pra ser empurrada com os doentes. Então, ela gosta muito da cadeira de roda. E gosta de colocar as bonecas, ela pega uma injeção que eu comprei pra ela e coloca a injeção. “Pai aqui é soro.” Ela pendura lá em cima põe uma mangueirinha, põe ela enfiada na boneca. Mas eu não dou agulha pra não furar os olhos. Ela pega só a seringa, né? Ai eu falo: “Que tem Angélica?” “Não, ela tá deitada, papai, ela tá doente e eu tô tratando dela, dando soro pra boneca.” Ela gosta disso aí e gosta do desenho. Ela desenha um pouco errado. Às vezes, quando ela vai fazer um desenho, eu digo: “Angélica, desenha isso aqui. Que cor é o sol?” Aí ela pergunta: “Amarelo é fogo, né?” Aí desenha azul (inaudível) distinguir as cores ... Então, ela é muito mais pra cuidar das pessoas, dos doentes, parece que ela quer cuidar, ela gosta da cadeira de rodas, mas a gente não pode deixar, né? A psiquiatra até: “Não compre cadeira de roda, você vai fazer uma coisa... Não compre, tenta tirar.” E eu tô tentando tirar isso há 2 anos e não consegui tirar a cadeira de rodas, não.

Shnaider - Mas ela fica numa cadeira de rodas?

Antônio - Fica. Se mostrar a cadeira de rodas, ela não quer mais entregar.

2ª Entrevista com o pai – 18/10/2004

O pai chega contando que no dia anterior ele quase bateu o carro.

Shnaider - ...Angélica, e perguntei a ela o que tinha acontecido, ela disse: “Bateu, a Angélica gritou.”

Antônio - Outro desespero, nisso aí, muito grande que eu tive, né?

Shnaider - Tava com ela?

Antônio - Tava e ela saiu logo de traz do Gol, quase bateu no banco da frente e machucou (inaudível).

Shnaider - Então, eu queria que você continuasse me contando, você estava me falando das dificuldades... Eu queria que você ficasse livre pra me contar...

Antônio - (inaudível) aquelas sessões que eu recebi a notícia, né? Fiquei desesperado, né? Pensei em cometer algumas (inaudível) suicídio, essas coisas, né? Até pensei nisso, nessas coisas, em usar arma, mas depois eu tirei da cabeça (inaudível). A Angélica necessitava muito de mim, né? E a mãe dela também ficou desesperada. Não aceitamos aquilo que o psiquiatra tinha falado pra nós. Não aceitamos aquela, diagnóstico dela (inaudível) achou ruim aquilo ali, né? Ter uma filha daquele jeito, ia ser muito ruim pra gente, né? (inaudível) a gente conviver, né? Com ela. Difícil a gente conseguir educar a Angélica. Mas depois, eu fui me acostumando, como até hoje eu ainda, eu não aceito que a Angélica tenha esse problema, né? (inaudível) esse lado que ela é diferente das outras crianças (inaudível), né? (inaudível) daquele jeito, né? Seria normal com as outras crianças, né? O diagnóstico em Brasília, nós fomos acostumando (inaudível) tanto que hoje eu tenho um grande amor pela Angélica. Eu acho que eu tenho mais amor por a Angélica do que... Aqui na Terra, do que talvez a mãe dela, né? Apesar de que a mãe gosta muito dela, né? Mas eu sou mais apegado com ela como se fizesse parte totalmente tudo de mim, ela fizesse, ela se parece em muita coisa comigo, né?

Shnaider - Em que ela se parece com você?

Antônio - Eu acho que o jeito, os meus modos de agir, meu sistema nervoso, ela parece comigo, ela é nervosa (apesar de que é uma coisa rápida), eu também gosto de fazer as coisas rápidas. Eu não gosto de esperar muito pro amanhã, gosto de fazer hoje ... Aí ela quer, tem coisas que ela quer: “Ah, papai eu quero isso hoje.” Eu digo: “Angélica, vamos esperar amanhã ou depois.” “Não, tem que ser logo, a Angélica precisa disso logo, quer logo.” Ela sempre, pressa das coisas. Remédio, eu gosto muito de tomar medicamento, que eu tomo, né? Ela toma (inaudível) vitaminas, essas coisas, xarope, quando ela tá gripada, ela: “Tá doendo, tá doendo (inaudível).” Os remédios que eu tomo, ela pode e eu compro pra ela, né?

Shnaider - Mas você disse que gosta muito de tomar remédio?

Antônio - É, eu tenho medicamento porque eu tenho problema de coração, né? Tive aqueles problemas de vomitar. Agora tem uns 3 meses que eu larguei (inaudível) com a ajuda de um gastro, né? E um psicólogo, daí eu consegui, tô largando, né? Tomando os medicamentos pra ansiedade, né? E não consigo parar de vomitar, eu tenho muita ansiedade, né? E ansiedade é nervoso, né? Então, faz prender o intestino. E a Angélica também tem isso, prende o intestino. Fica nervosa, sente vontade de vomitar, ela fica vomitando. Eu tô tentando tirar isso dela, eu parei de vomitar (inaudível) e agora, quando ela que tá meio cheinha (inaudível) “Papai, quer vomitar.” Eu digo: “Angélica, não pode, isso é doença.” Ela diz: “Então, só um pouquinho.” Aí, eu negocio com ela, cedo algumas vezes (inaudível). Mas ela também tá conseguindo largar, aos poucos, né? E depois que vim pra cá, eu acompanhei mais o tratamento dela (inaudível). Eu trabalho (inaudível) 17 ou 18 anos (inaudível) pra fazer esse tratamento dela, né? Eu tenho tido acompanhamento, assim, com ela mais que a mãe dela. Porque a mãe dela é (inaudível) fica quase sem tempo, né? Às vezes é que eu peço pra ela vir

This document was created with Win2PDF available at <http://www.daneprairie.com>.
The unregistered version of Win2PDF is for evaluation or non-commercial use only.